Este *O Faxineiro*, novo romance de Álvaro José dos Santos Silva, é um misto de ficção e realidade. Jornalista, seus escritos literários incluem sempre uma boa dose de pesquisa factual, a exemplo de *Madrugada em Piedade*, seu romance anterior.

O autor, membro da Academia Espírito-santense de Letras, tem escritos nas áreas de biografia e memórias; jornalista especializado em esportes, tem também trabalhos publicados sobre o tema, inclusive na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, de que é associado e jornalista responsável pelas publicações da Casa.

Em *O Faxineiro* Álvaro José Silva narra, em primeira pessoa, uma história passada entre São Paulo e Vitória: a de um homem que, ao descobrir um grave problema de saúde, anda pelas ruas da capital capixaba, procurando rever os lugares onde cresceu. Paralelamente, com o auxílio de documentos e recortes de jornais, relembra o passado, especialmente sua militância nos protestos contra o governo militar, nos idos de 1968, quando conheceu de perto o aparato da repressão. A visão de uma pessoa com quem parece já se ter cruzado anteriormente leva-o ao interesse obsessivo na real identidade daquela, uma descoberta que poderá vir a emergir justamente daquele período de sua vida.

Revivendo neste romance os tempos da repressão política, Álvaro José Silva acrescenta à sua bibliografia obra de relevância nos dias atuais, em que a conjuntura política fez recrudescer o interesse pelos acontecimentos daquela época da História do Brasil.

Getúlio Marcos Pereira Neves
Presidente do IHGES

O FAXINEIRO

Romance de
Álvaro José Silva

Governo do Estado do Espírito Santo

Governador
José Renato Casagrande

Vice-Governador
Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura
Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura
Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural
Rita Sarmento

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas
Nádia Alcure Campos da Costa

Instituto Sincades

Presidente
Idalberto Luiz Moro

Gerente Executivo
Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos
Ivete Paganini

Coordenador de Projetos
Danilo Pacheco

Jornalista
Silvana Sarmento

Analista de Projetos
Livia Caetano Brunoro

Assistente de Projetos
Patrícia Soares

Álvaro José Silva

O FAXINEIRO

Copyright © Álvaro José dos Santos Silva — 2014
Todos os direitos reservados ao autor.
Permitida a citação de partes, desde que identificada a fonte.
Proibida reprodução parcial ou total sem consentimento do autor

Revisão: *João Batista Zuccaratto*
Projeto gráfico, capa e editoração do miolo: *Caco Appel*
Impressão: *Grafitusa*

Palavra do Governador

Palavra do Secretário

Palavra do I. Sincades

Antígona

Antígona julgava não haver suplício maior que ver os dois irmãos se matarem um ao outro. Mas enganava-se. Um garrote de dor estrangulou seu peito já ferido ao ouvir do novo soberano, Creonte, que apenas um deles, Etéocles, seria enterrado com honras. Polinice deveria ficar onde caiu, para servir de banquete aos abutres. Desafiando a ordem real, quebrou as unhas e rasgou a pele dos dedos cavando a terra com as próprias mãos. Depois de sepultar o corpo, suspirou. A alma daquele que amara não seria mais obrigada a vagar impenitente durante um século às margens do Rio dos Mortos.

Antígona, personagem de Sófocles, mestre da tragédia grega.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

Carlos Drumond de Andrade

Dedicatória

No auge da ditadura militar, tínhamos no jornal *A Gazeta*, naquele que se chamaria Caderno Dois, uma página de "Toques". Textos curtos, sobre assuntos diversos, mas que tinham de passar pelo crivo do Editor Chefe Paulo Torre. Para evitar prisões e outros dissabores. Gastei meia hora de ladainha com ele para que o meu fosse liberado. Afinal consegui.

VIVA

É preciso viver. É preciso ver, ouvir, sentir, anotar e guardar. É preciso que todos estejamos vivos ao depor um dia. (Álvaro José Silva)

O texto saiu na edição do dia 14 de novembro de 1976. Guardei meu "toque" comigo e hoje dedico esse livro a todos os que sobreviveram. E também aos mortos, equivocados ou não, na luta por uma vida de homens dignos. Mais particularmente a dois amigos: Jairo Araújo Régis (*in memorian*) e Dionary Sarmento Régis.

Apresentação

Li "O Faxineiro", romance de Álvaro José Silva, de um fôlego, da mesma maneira como, talvez, deva ter sido escrito. Obra memorialística, aborda fatos ocorridos durante a repressão estudantil, no período mais tenebroso da ditadura militar (1964-1968) e que as recém-criadas "Comissões de Memória e Verdade" pretendem não deixar cair no olvido da memória social.

A história se inicia com as andanças do personagem central, narrador em primeira pessoa, que caminha pela parte alta da cidade de Vitória, seu Centro Histórico, em direção ao consultório do oncologista, enquanto sua memória recua ao período do golpe militar, em 1964, quando, jovem estudante, enfrentava soldados das forças de repressão com bolas de gude.

Alternando dois tempos, o passado histórico (1964-1968), dois espaços (Vitória e São Paulo), dois momentos de vida do personagem central (juventude-maturidade/vitalidade-morbidez), o romance do jornalista Álvaro José Silva pode ser lido como um thriller policial, muito bem construído como esse tipo de narrativa que coloca como embate a luta entre o bem (o mocinho justiceiro) e o mal (o torturador do título).

No entanto, o romance não tem a estrutura simples e maniqueísta desse tipo de narrativa consagrado por grandes autores do romance policial, do western ou das histórias tão apreciadas pelo público juvenil, pois coloca em cena um personagem em estado terminal, cujo principal objetivo não é o de apenas fazer justiça com as próprias mãos, diante da falência dos órgãos públicos responsáveis pela lei e pela ordem públicas.

O que torna esse romance mais significativo, a meu ver, é seu caráter metalinguístico e referencial, pois o narrador, ao optar por não cuidar da própria vida, para registrar os fatos da história, lutando contra o pouco tempo que lhe resta de vida, quer perpetuar a memória social, como um vômito. Anistia é palavra de origem grega que significa esquecimento, per-

dão. A Lei da Anistia, promulgada em 1979, fez cair no fosso comum do esquecimento todos os crimes dos que lutaram em prol da ditadura militar (1964-1985) ou contra ela.

Álvaro José Silva, além de escritor premiado, é jornalista e sabe que as informações jornalísticas são voláteis, caem facilmente no esquecimento, ao contrário da literatura, que, mais do que a expressão do homem, é a da sociedade. Não por acaso, as epígrafes escolhidas pelo autor, "Antígona", de Sófocles, e "No meio do caminho", de Drummond, são índices iniciais para a leitura e a compreensão de sua obra.

Em "Antígona", tragédia de Sófocles, de 442 a.C., a heroína defende as leis "não escritas" do direito moral contra a falsa justiça da razão do Estado e das sociedades humanas. A "pedra no meio do caminho" tornou-se um símbolo criado pelo maior poeta modernista brasileiro de referência a tudo que não pode ser esquecido.

"Nunca me esquecerei desse acontecimento/na vida de minhas retinas tão fatigadas" é o mote de todo escritor para recriar o passado social, pela memória, buscando, como Antígona, fazer a justiça "pelas próprias mãos" diante da falência da memória humana e social. Obra indispensável para se conhecer a história recente do País, ainda que não cheire bem, e incomode, como o vômito e o câncer do protagonista.

Prof. Dr. Francisco Aurelio Ribeiro (AEL-IHGES)

Prólogo

"O Faxineiro" não é um libelo político. Ao contrário, é um romance que mistura realidade com ficção e sem que a fronteira entre os dois tópicos seja claramente identificada ao longo da narrativa. É proposital. Como a ditadura militar é real, e tudo o que consta do livro de forma ficcional existiu na realidade em outros episódios ou pessoas, a fusão do real com o imaginário não deturpa os fatos. Ao contrário, reforça na narrativa a realidade que vivemos durante os duros 21 anos de entre 1964 e 1985.

Mas devo uma explicação para que não pairem dúvidas: a narrativa dos últimos capítulos, salvo no que tange a relatos históricos, é totalmente ficcional. Até onde se saiba, depois de encerrado o clico ditatorial do Brasil, nada igual ou parecido com os fatos narrados por mim aconteceu em qualquer Estado brasileiro, apesar das sequelas deixadas pelo regime de exceção que se instalou no País em 31 de março de 1964. Esse esclarecimento torna-se oportuno numa época de cicatrização de feridas emocionais.

A narrativa do romance se passa em dois Estados brasileiros: Espírito Santo e São Paulo. E muitos dos fatos descritos o autor precisou buscar na memória, pois eles não constam de livro algum. Portanto, se, apesar de todos os esforços, restarem algumas imprecisões, escusas antecipadas. Mas não acredito que nada possam interferir com os fatos históricos — eles foram todos checados e rechecados — e nem comprometer o ficcional.

De qualquer forma, "O Faxineiro" criado para esse romance existiu em muitas pessoas e em diversos lugares. Não apenas nas que adotaram a ditadura por acreditarem nela, quanto nas que se tornaram sanguessugas porque eram oportunistas e buscavam obter vantagens pessoais ou de grupos, aproveitando-se de uma época de falência do Estado de Direito e de estupro da democracia brasileira, tão duramente construída.

Conheço vítimas desses tempos. E já conversei com muitas delas

não apenas sobre seus sofrimentos, como também li os principais e mais exatos relatos sobre o período. Convido o leitor a ler "Tortura Nunca Mais", "Brasil: Nunca Mais", "Perfil dos Atingidos", "A vez e a voz dos vencidos" e "A hora do lobo, a hora do cordeiro". Não há ficção neles. Também é essencial o livro "Tortura", do norte-americano Edward Peters.

Em 1874, Victor Hugo declarou: "A tortura cessou de existir." Ledo engano. Ela sobreviveu aos tempos e em pleno século XX ganhou vigor, sobretudo durante guerras ou em épocas de mudanças político-sociais ou de grandes crises nos mais diversos países, independente de ideologias.

Há um consenso geral de que os torturadores, afora psicopatas ou sádicos constitucionais, são pessoas "privadas de personalidade" ou "desumanizadas", já que são forçadas a torturar frente a um grupo de outros torturadores ou diante de superiores, como enfatiza Peters. E ele, o torturador, pode surgir até mesmo de um meu ou um seu vizinho. Tanto faz.

Homenageio, com este livro, terminando este texto, aqueles que souberam lutar a boa luta, sem subterfúgios nem loucuras. Milhares de brasileiros morreram ao longo daqueles 21 anos, muitos sem ter ideia de que haviam batalhado contra a ditadura usando armas que eram ineficazes frente a armamento pesado. Não os critico nem tenho o direito de fazer isso. Eles tentaram, como nós. Ao final, todos vencemos, porque o regime de exceção caiu de podre. E era inevitável que caísse após tanto tempo.

Capítulo 1

Na véspera do "Dia D" para mim, sonhei longamente com o ano de 1968 e com tudo o que havia acontecido naqueles 365 dias já tão distantes. Foi um sonho contraditório, porque ele manipulava a realidade, misturava fatos com não fatos e até mesmo criava fantasmas na minha história. Quando acordei, por volta das cinco horas da manhã, não sabia se ria ou chorava.

Tinha certeza de uma coisa: ia manter toda a programação, principalmente a da caminhada na cidade dos meus sonhos. Andar pela cidade é muito gostoso principalmente quando a gente revê lugares com história pessoal, que dizem muito, quase tudo, de fatos remontados aos primeiros tempos de nossa família, daquele núcleo original do qual surgimos; do qual nascemos.

Comecei pela Cidade Alta de Vitória, pelas proximidades do Palácio Anchieta, o antigo colégio de jesuítas que, no início do século XX, foi totalmente descaracterizado em relação ao prédio original, quando a Igreja de São Tiago, construída deum de seus lados, praticamente acabou sendo deitada abaixo para que o prédio de mais de três séculos pudesse ter uma cara, uma roupagem, mais moderna. Está lá ele, imponente, no alto da co-

lina, dominando a Escadaria Bárbara Lindenberg e olhando para o Cais do Porto, com seus armazéns e guindastes.

O hoje Ginásio Maria Ortiz tem saudosa memória. A partir dele, da lateral do Palácio Anchieta, se ganha a Rua Francisco Araújo, que desemboca no viaduto sobre a Rua Caramuru, ou então faz acesso à Rua General Osório, por escadaria, e ao Centro de Saúde. Era ali que morava um velho português, seu José Maria. No que seria a garagem da casa do número 23, ele construiu, quem sabe, a primeira sorveteria com máquina para fazer picolés existentes em Vitória, máquina fabricada nos Estados Unidos e trazida para o Espírito Santo graças à intermediação do genro, então residente em São Paulo.

Para chegar à Escola Normal Dom Pedro II, o atual Maria Ortiz, as normalistas precisavam subir a Francisco Araújo. Muitas paravam na sorveteria para comprar picolés. Depois, terminavam de subir a ladeira vestidas com seus uniformes de saias com pregas. A garotada ficava sentada ao chão, próxima da sorveteria, esperando que o vento, sempre comum em Vitória, surpreendesse algumas delas antes que tivessem tempo de segurar a barra da roupa. A espreita, vira e volta, dava bons resultados...

Parei em frente ao prédio antigo, que hoje nem sequer lembra mais a casa dos amigos de outrora, e um sorriso aflorou nos meus lábios. Era gostoso rever o passado enquanto fazia hora para ir ao consultório médico ouvir dele o resultado da biópsia feita dias antes. Seria uma carta de alforria ou uma condenação à morte?

Poderia ter ido pegar esse maldito resultado eu mesmo no laboratório, mas, quando a recepcionista me ofereceu a possibilidade de mandar tudo diretamente ao consultório do oncologista, sem passar por mim, concordei. E não era pelo conforto de economizar gasolina ou passagem de ônibus. Sei que, no fundo, estava sem coragem de pegar aquele envelope nas mãos e ler o conteúdo.

Naquele dia, eu não havia ido trabalhar. Tirei folga por conta própria porque, afinal, as empresas são quase nossas depois de certo tempo de

trabalho, de dedicação integral a elas. Almocei com amigos no shopping center da Enseada do Suá, perto de tudo. Durante mais de uma hora, tempo de sobra, jogamos conversa fora sobre todos os assuntos. A gente começa reclamando do governo — nos três níveis —, passa pelos processos jurídicos nos quais os políticos são personagens principais e depois desemboca em papos sobre mulher e os relativos ao dia a dia de cada um. Sem esquecer as piadas, politicamente corretas ou incorretas, não importa, e para as quais meu concurso sempre foi muito solicitado.

A algazarra chegou a chamar a atenção das pessoas nas demais mesas. Uma senhora idosa olhou para nós em sinal de reprovação ao notar que as anedotas não eram o que se pode chamar de "piadas de salão". Fizemos como que não estávamos vendo, embora o repertório tenha ficado mais civilizado. Com o copo de uísque em mãos, sorvendo sempre devagar aquele néctar escocês, cumpri minha tarefa de provocar gargalhadas enquanto, aos poucos, a mesa ia ficando vazia. Todos, menos eu, precisavam trabalhar.

Foi então que, vendo-me sozinho às 13h30m, decidi-me por ir ao Centro, à Cidade Alta, para o passeio que acabo de narrar. Por sorte, encontrei lugar para estacionar. Ao lado do meu carro, enquanto eu saída e fechava a porta, deparei-me com a sempre inconveniente presença de um lavador de carros. Eles agem em todos os lugares de quase todas as cidades, como ao lado do Palácio do Governo Estadual e do Tribunal de Justiça, sem que ninguém faça absolutamente nada.

— Vou vigiar seu carro, doutor. Senão o vagabundo risca a pintura!

O ideal é não falar nada. Fingir que não ouviu. Mas, na hora de ir embora, ou a gente deixa o trocado para esse membro daquela gangue, ou é melhor não voltar lá para estacionar. Caso contrário, "o vagabundo" risca mesmo a pintura do carro, diante do Palácio do Governo e do Tribunal de Justiça. Sem que ninguém faça absolutamente nada.

Aliás, ninguém faz coisa alguma em lugar nenhum. A cobrança pelas vagas nas ruas constituiria um problema social. Dos incontáveis com os quais homens públicos penalizam a sociedade, já que nada fazem para

resolver a questão. Pelo menos pensava assim enquanto caminhava pelas ruas, curtindo paisagens bonitas de zona urbana e fazendo hora.

Quando, enfim, fui buscar o carro para ir à Praia do Canto, bairro considerado nobre na Ilha de Vitória, e ao consultório do oncologista, aproximei-me pensando no que fazer. Pagar ao flanelinha ou não? Melhor pagar. Afinal, vai ser sempre necessário voltar ao Centro para resolver algo, visitar alguém, ver como andam as coisas nos lugares conhecidos. Ou para dar outro mergulho no passado, pois isso sempre faz bem à autoestima. Como minha avó costumava dizer, esse tipo de coisa faz um bem danado à alma.

Era para andar mais depressa, mas optei por dirigir devagar. Alguns motoristas buzinaram atrás de mim, mas não reclamei. Dei passagem quando era possível e fiz sinal de "calma" quando não era. Não ouvi palavrões, mas notei gestos de impaciência, movimentos de braços e mãos. Acabei chegando à Praia do Canto quando ainda gostaria de estar longe, bem longe.

Mais uma vez estavam lá os flanelinhas, sempre eles, à espera do carro. Flanelas rasgadas nos ombros, latas de água colocadas ao alcance das mãos, faziam sinais anunciando vagas. "Aqui, doutor — dizia um. "Estaciona, tio" — dizia um garoto, aprendiz dessa arte pouco louvável, a da extorsão. Pensei um pouco e achei melhor não engordar o cofrinho da contravenção — ou crime, sei lá. Dirigi mais adiante, até um pequeno shopping comercial com a placa de "Estacionamento rotativo" na entrada da garagem e passei pela cancela. Peguei o ticket com a funcionária de sorriso fácil e saí do carro.

Pelo meu relógio, ainda faltavam 15 minutos para o horário oficial da sentença. Parei no quiosque e pedi um café expresso. Fui servido e sorvi a bebida com vagar. Gosto muito de degustar café e não apenas engolir. A cafeteria não era lá essas coisas, pois não servia um pouco de água com gás antes da bebida quente, nem qualquer coisa depois. Mas, pouco importou na ocasião. Saí do shopping de bairro, atravessei a rua e estava diante do

prédio do médico. Num instante, saindo do elevador, dei de cara com a sala e um novo sorriso, desta feita da secretária, na entrada do inferno.

Ela me pediu o cartão do convênio médico e entreguei. Apontou-me uma poltrona para sentar e me acomodei. Enquanto ela tomava as providências burocráticas de toda consulta, olhei para o local das revistas e jornais. O jornal do dia já havia perdido um dos cadernos e estava todo amassado. A revista mais nova era de um mês atrás. Por que os médicos fazem isso conosco? Um dia, ainda encontro num consultório qualquer algum exemplar com a notícia da morte de Tancredo Neves! Vou comemorar e pedir ao Livro dos Recordes que anote mais esse.

Justamente na hora marcada, dessa vez sem atrasar um minuto, e logo agora que eu não reclamaria, ela me mandou entrar. Ao mesmo tempo em que a atendente fechava a porta às minhas costas, dei de cara com o velho conhecido sentado à sua mesa. Estava solene como sempre, o jaleco branco impecavelmente lavado, sem um amassado ao menos. Com vagar, olhando-me nos olhos, fez sinal para que eu me sentasse.

Começou a falar. Primeiro, sobre o calor incomum nessa época do ano. Depois, sobre a violência que toma conta das cidades brasileiras. Em seguida, sobre a oscilação das taxas de desemprego, que não dão segurança nem a empresários nem a empregados. Quando começou a discursar sobre o momento político que o País vive, ergui a mão como que pedindo para parar. Ele parou e eu fui rápido ao gatilho:

— Doutor, o resultado da biópsia.

O médico se arrumou na cadeira e pegou o papel de sobre a mesa, como se ainda não o tivesse olhado. Passou os olhos por ele como se ainda não o tivesse lido. Depois, o pousou novamente sobre a escrivaninha. Por um instante, olhou para mim e disse baixo, como quem não faz a menor questão de ser ouvido pelo interlocutor:

— Câncer linfático. Mas não é o fim do mundo.

De repente, aquilo era tudo o que eu não queria ouvir, mas sabia que ouviria. Tinha essa certeza ao ir almoçar com os amigos, depois ao fa-

zer o passeio pela Cidade Alta, em seguida durante o trajeto até o bairro do consultório dele e, finalmente, nos momentos que antecederam a entrada no consultório e a falação feita antes da informação do resultado. Ou seria melhor dizer a informação do veredito?

Fiquei parado. Conhecia aquele consultório de longa data. Além de oncologista, o médico era urologista. Passei grande parte da vida indo lá, sobretudo depois dos 50 anos, para os exames de próstata que são necessários, pois minha família tem um longo histórico nessa área. Eram PSA, exame de sangue e o toque retal, sempre seguidos de um sorriso de final de consulta que se contrapunha à solenidade da entrada no consultório.

— Você está como um garoto de 18 anos.

E lá ia eu lépido para casa ou para o trabalho, com a certeza de que a tragédia de outras pessoas da minha família não seria a minha. Agora, sabia que estava certo: não seria mesmo. Divagava quando o médico levantou a mão para voltar a falar, mais uma vez solenemente.

— Posso pedir um café para nós dois?

— Não seria melhor dois uísques?

— No consultório, não! E, além disso, essa consulta vai demorar porque eu tenho uma série de informações a passar a você. Vamos começar?

— OK!

O médico chamou a atendente pelo interfone e pediu dois cafés. Solicitou também para informar aos outros pacientes de uma demora de cerca de 20 minutos. Depois, buscou alguns impressos em suas gavetas, selecionou três ou quatro e reservou. Com a chegada dos dois cafés, quis também água e ele se ajeitou na poltrona antes de começar a falar, dando um tom professoral à sua voz:

— O câncer linfático é um tipo onde o sistema linfático, o órgão responsável pelas defesas do corpo, é a parte atacada. Ele, o sistema linfático com câncer, apresenta sintomas como o aumento dos gânglios linfáticos, o que pode ser percebido em um exame de imagem como o que você fez, ou

pela apalpação local. No seu caso, o tratamento vai depender da gravidade do tumor, mas, geralmente, ele inclui radioterapia e quimioterapia. Como já olhei bem os exames, iremos por esse caminho mesmo. Vou indicar um colega meu, que será quem vai cuidar dessa parte. Mas estarei por trás, sempre buscando informações, e às suas ordens. Entendido?

— Entendido. Mas onde fica esse negócio, esse tal de câncer linfático?

— O câncer linfático fica localizado num ou em vários gânglios linfáticos. Estes, por sua vez, encontram-se espalhados pelo corpo. Os maiores ficam no pescoço, nas axilas, no abdome, virilha, atrás dos joelhos e no tornozelo. Quando um câncer atinge estas células, pode rapidamente espalhar-se por todo o organismo através da circulação sanguínea e afetar qualquer outro órgão. Por isso a gente precisa atacar o problema logo.

Ele sorveu um gole de café, que já começava a ficar frio, e continuou:

— Para diagnosticar esse tipo de câncer, é necessária uma inspeção clínica como a que fizemos, com o auxílio de exames como o de sangue, o de urina, a tomografia computadorizada, a ressonância magnética e a biópsia do órgão afetado. Ela é essa que você me trouxe agora. Alguns dos exames eu não pedi porque achei desnecessários. Mas talvez meu colega peça. Se ele pedir, faça. Ele será o responsável pela sua cura e esse tipo de mal é curável. Vou repetir em alto e bom som: C-U-R-Á-V-E-L. Entendido?

— Estou entendendo. Mas como essa coisa chegou assim, sem mais nem menos, e me tomou de assalto?

— Tomou de assalto porque, inicialmente, ele não apresenta sintomas. Mas, com o passar do tempo, podem surgir febre, emagrecimento, suor noturno, coceira na pele e aumento dos gânglios linfáticos. No seu caso específico, foi isso o que me fez suspeitar. No último exame que você fez comigo, reclamou justamente dessa parte.

Acabamos de tomar nosso café, dessa vez em silêncio. O médico encheu novamente a xícara enquanto eu, sem falar nada, aguardava que

ele acabasse. Determinei a mim mesmo que iria procurar pelo especialista indicado por ele ainda no curso da semana. Queria ter uma ideia mais aproximada do que me reservava aquela tal de sobrevida a que os médicos se referem quando alguém está doente de câncer, e também quanto me custaria levar a termo o tal tratamento, por mais duro que fosse.

Quando ele terminou seu segundo café, imediatamente se levantou. Levantei também e nos despedimos não de maneira tão efusiva, mas respeitosa. Ele me deu um abraço, disse-me que tivesse confiança, porque meu caso justificava, isso e passou às minhas mãos os papéis que havia separado no início da consulta, antes de toda a conversa que se seguiu à leitura ou à mise-en-scène do resultado da biópsia. Prometi que manteria contato com ele após a consulta inicial com o novo médico e nos despedimos.

Passei pela recepção como quem corre. Entrei no elevador lotado de gente que vinha ou ia para negócios e me dirigi ao térreo. Na portaria do prédio havia uma saleta com sofás e poltronas. Escolhi uma das segundas, sentei- me e comecei a folhear as páginas entregues a mim. Não queria deixar para depois a leitura das partes que me interessavam. Levei algum tempo, mas depois cheguei a elas. Passei a ler com calma:

"Não se sabe com exatidão quais são as causas do câncer linfático. Os hábitos de vida, a exposição à radiação, fatores genéricos e idade, todos esses podem ser os fatores desencadeadores e agravantes para o linfoma."

Logo mais abaixo vinha a parte que explicava o mais interessante para mim: "Como tratar o Câncer Linfático". Passei a ler:

"O tratamento do câncer linfático é feito com o uso de quimioterapia e, caso essa não se manifeste eficiente para impedir o crescimento e desenvolvimento do tumor ou tumores, também de radioterapia. Os dois métodos podem ser feitos em conjunto, mas costumam causar efeitos colaterais tais como perda de peso, vômitos, náuseas e queda de cabelo, todos eles muito desagradáveis. A imunoterapia, como é chamada, vem sendo usada em diversos tipos de câncer, inclusive neste em particular, e consiste na aplicação de vacinas e anticorpos que ajudam a fortalecer as defesas naturais do organismo.

Na maioria dos casos, o câncer linfático tem cura quando descoberto a tempo e se o tratamento for seguido".

Estiquei um pouco as pernas para frente ao final da leitura e fiquei divagando. Só me levantei quando percebi que estava sendo alvo da curiosidade dos funcionários da portaria e seguranças do edifício. Então, me dirigi à calçada e atravessei a rua em direção ao estacionamento rotativo onde havia deixado meu carro guardado.

Cheguei a pensar em parar em um bar para beber mais um uísque, mas desisti. Tinha bebida em casa. Também imaginei a hipótese de ir ao cinema no shopping center mais próximo, mas igualmente abortei a ideia. Com certeza, no estado de espírito em que me encontrava dificilmente um filme seria capaz de atrair minha atenção. Era final de tarde e conclui que o melhor a fazer era ir diretamente para casa. Fiz isso.

Telefonei logo para o consultório do oncologista que daria início ao meu tratamento, expliquei que se tratava de algo urgente e consegui marcar a consulta para o início da semana seguinte. Deixei com a atendente o nome do meu médico encaminhador e a promessa de que levaria à nova consulta o resultado da biópsia. Desliguei e fui para o quarto. Restavam as opções de ver TV ou ler um livro, nos dois casos ao lado de uma caprichada dose de uísque, antes de dormir. Decidi-me pela segunda opção, a que mais gosto.

Quando a gente tem um bom tempo pela frente antes de encarar a consulta que determinará o tratamento, vale divagar. Até que ela chegue, ensinam os mais antigos, o melhor a fazer é ocupar a mente com coisas menores, as que normalmente desprezamos quando tudo vai muito bem, obrigado. E nada como uma boa dose de uísque para ajudar nessa tarefa!

Capítulo 2

É interessante, mas, nessas horas, a vida da gente é mostrada como um filme. A gravidade da situação de saúde nos faz rever os anos, os acertos e os erros. Sentado à poltrona da sala depois de uma noite quase insone, olhando para o café da manhã ainda morno e para dentro de mim, sinto medo. De morrer, talvez, mas, principalmente, de não ter coragem para lutar.

Vêm à mente, como num passe de mágica, até mesmo leituras do passado das quais a gente não se recordava mais. Aquelas que marcaram a infância, ditadas no Curso Primário ou no Ginásio, denominações de então, por professores que gostariam de contar com alunos mais cultos em sala de aulas. Como a poesia *A Partida*, de Augusto Frederico Schmidt:

Quero morrer de noite —
As janelas abertas,
Os olhos a fitar a noite infinda.
Quero morrer de noite —
Irei me separando aos poucos,
Me desligando devagar.
A luz das velas moldará meu rosto lívido.

Quero morrer de noite —
As janelas abertas,
Tuas mãos chegarão água aos meus lábios
E meus olhos beberão a luz triste dos teus olhos,
Os que virão, os que ainda não conheço,
Estarão em silêncio,
Os olhos postos em mim.
Quero morrer de noite —
As janelas abertas,
Os olhos a fitar noite infinda.
Aos poucos me verei pequenino de novo, muito pequenino.
O berço se embalará na sombra de uma sala
E na noite, medrosa, uma velha coserá um enorme boneco.
Uma luz vermelha iluminará o dormitório
E passos ressoarão quebrando o silêncio.
Depois na tarde fria um chapéu rolará numa estrada...
Quero morrer esta noite —
As janelas abertas.
Minha alma sairá para longe de tudo, para bem longe de tudo.
E quando todos souberem que já não estou mais
E que nunca mais voltarei,
Haverá um segundo, nos que estão
E nos que virão, de compreensão

Paro de relembrar. Meu foco agora é uma Vitória que não conheci, pois dela mal me recordo. Sei apenas que nasci nessa capital e, até 1955, vivemos todos aqui. Mas meus pais se mudaram para São Paulo e lá fui eu com eles, às vésperas de fazer cinco anos. Fiz-me naquela cidade. Mas Vitória era meu porto seguro para as férias, quando viajava para a casa de meus avós.

Ali, no Centro da Cidade, vivi meus dois meses de glória todos os anos, com os amigos, mas, sobretudo, com vida pacata. Em 1964, meus pais

permitiram-me vir morar na cidade onde havia nascido. Assim, talvez, eu me convencesse de que era necessário estudar para um dia chegar à universidade.

E foi nesse ano, um belo dia 1º de abril, que os alunos foram chamados ao pátio do Colégio Americano Batista, que ficava no Porque Moscoso. Voz grave, o diretor geral da instituição, professor Alberto Stange Júnior, anunciou a todos que tropas do Governo Federal haviam impedido uma perigosa revolta comunista no Brasil. Essas tropas já estavam se dirigindo para Brasília, o presidente tinha fugido para o Uruguai e seria preciso que todos nós fôssemos para casa, ficar ao abrigo de nossas famílias. Não deveríamos permanecer nas ruas de forma alguma. Era perigoso. O trajeto seguro, repetiu o diretor, era o de casa. E todos foram dispensados.

"Quem são os comunistas?" — Recordo-me de ouvir essa pergunta por parte de uma coleguinha, no frescor de seus 12 ou 13 anos, já bonita para a idade. "Não sei, mas a gente não precisa estudar hoje graças a eles" — disse eu. E a garotada foi para casa. Os que moravam mais distantes do Centro tiveram que esperar pelos pais ou responsáveis do lado de dentro dos muros do colégio. Ninguém queria que eles pegassem ônibus sozinhos.

Não me lembro porque fui para casa pelo Parque Moscoso porque, já que era um caminho incomum. O correto seria subir a Rua Dom Fernando e, depois, passar pelo viaduto. Mas, pelo Parque Moscoso, pude ver uma cidade aos poucos se recolhendo. As ruas, que naquele horário deveriam estar fervilhando, já contavam com um movimento pequeno de pessoas.

De repente, dois veículos militares passaram em direção à Vila Rubim, de onde certamente seguiriam para Vila Velha e para o 3º Batalhão de Caçadores, o 3º BC [*atualmente, 31º Batalhão de Infantaria*]. Somente anos depois tomaria conhecimento de que aquele momento era o do início das atividades dos caçadores de cabeças. E eles iriam caçá-las pela totalidade dos próximos 21 anos, sem dó nem piedade.

Com medo de que minha avó e meu avô estivessem preocupados, fui para casa. Ao terminar de subir a escadaria de acesso à Rua Francisco

Araújo, já pude ver minha avó na varanda, rosto preocupado voltado para a esquerda. Sorriu um sorriso aberto a me ver e chamou-me para entrar em casa.

Daquele momento em diante, a "Revolução", como era chamada, com maiúsculas, passou a ser o assunto de todos. Os capixabas tinham TV desde 1962, mas era incipiente, muito fraca. A TV Vitória, repetidora dos Diários Associados, e que tinha no político João Calmon seu comandante em terras capixabas, retransmitia a TV Tupi geralmente das 17 às 22 horas, com péssima qualidade de vídeo, e sem acesso a noticiário nacional. Logo, logo, os militares encontrariam nas grandes empresas de comunicação os parceiros mais seguros para o trabalho de legitimação do golpe de Estado.

Nas casas e em outros estabelecimentos da cidade, portanto, as pessoas se reuniam em torno dos aparelhos de rádio na busca por informações. Faziam o mesmo com os jornais de circulação nacional que chegavam ao Espírito Santo. Lendo jornais locais, como A Gazeta, na época o de maior circulação mas ainda com péssima qualidade de impressão — o offset não havia chegado ao Estado —, as notícias de cunho nacional eram captadas por um rádio poderoso colocado na redação da Rua General Osório.

Desta feita, seria difícil os capixabas se manterem bem informados sobre os acontecimentos. Mas o desfilar de veículos militares pelas ruas, além de outros, policiais civis, denunciava como era grave a situação que logo levaria o governador Francisco Lacerda de Aguiar, o Chiquinho, à renúncia.

Chiquinho, por sinal, pouco antes do golpe de Estado, havia dado declarações de apoio ao presidente constitucional João Goulart. Depois que este foi deposto, surgiria um boato dando conta de que o comandante do 3º BC, colocado lá logo após o 31 de março, telefonara para o Palácio Anchieta e perguntara a Chiquinho de que lado ele estava. "Estou do lado da Escola Normal" — teria respondido ele antes de desligar.

Na casa dos meus avós, fomos todos dormir cedo no 1º de abril. E o apoio ao golpe militar era irrestrito entre os familiares. No dia seguinte, eu

deveria voltar à escola normalmente, escoltado por minha avó, com ordens expressas de não me envolver em discussões de quaisquer espécies.

Naquela manhã de depois da consulta, mais de quatro décadas após, eu ainda pensava nisso com o choque da pós-descoberta do câncer. E o filme ia passando pela cabeça. Até que chegou a hora do principal capítulo: o da volta do colégio, a parada no Bar Dominó, no Parque Moscoso, e o testemunho da conversa entre três homens e uma garota, que falavam sobre a derrubada do Governo e a caça aos seus companheiros de partido, o PCB — o Partido Comunista Brasileiro, ou Partidão.

Parei no bar, que também era lanchonete e, aproveitando que tinha dinheiro no bolso, pedi um refrigerante e um sanduíche. Sentei-me à mesa e, somente depois do garçom me servir, notei as pessoas ao lado. Estavam agitadas, procuravam falar baixo e o assunto era a tomada do poder por parte dos militares que haviam deposto o presidente João Goulart.

Para um adolescente, era difícil acompanhar a conversa e a lógica entre os três adultos. Mas um deles disse que prisões estavam acontecendo e era preciso "mergulhar". O outro concordou, falando mais: as pessoas iriam ser pressionadas a relatar suas atividades e nominar amigos ou companheiros. De que modo? Com violência. "A gente sabe que vai haver tortura" — falou a moça em voz baixa, olhando ao redor. Nesse momento, optei por abaixar a cabeça para que eles não notassem que prestava atenção à conversa.

Eles bebiam cerveja. Procuravam demonstrar calma, mas não conseguiam. A moça, então, perguntou aos dois amigos se eles acreditavam que o "Partidão" seria perseguido. "Claro!" — respondeu o que parecia ser o mais velho de todos. "Eles não vão poupar ninguém." O outro emendou: "Na Assembleia, já estão acontecendo discursos do pessoal da direita. Agora, todo mundo quer ser amigo dos militares. Os jornais também estão elogiando o golpe. Quem não quer se aproveitar da situação está com medo."

A moça era bonita. Estava bem vestida. Dos dois homens, o mais velho estava trajado de terno e gravata. O outro vestia roupa bem mais sim-

ples e falava errado. Muito provavelmente, era pessoa de pouca instrução, operário. Mas todos pareciam se conhecer fazia muito tempo. Tratavam-se por nomes de guerra? "Heloísa" era o da garota. "Hermes", o do homem de pouca instrução. O de terno só havia sido chamado pelos demais de "camarada".

Depois de algum tempo, se calaram. Fiquei por poucos minutos mordiscando meu salgado até olhar para o lado, como quem não quer nada. Todos olhavam para mim. Com certeza, notaram que eu estava prestando atenção na conversa. A moça sorria de forma educada. Os dois homens estavam sérios. Ninguém disse mais nada. Chamei o garçom, paguei minha despesa e fui embora.

De longe, enquanto me afastava na calçada do Centro de Saúde em direção à escadaria e à rua onde morava, ainda pude notar que eles reparavam em mim. Por último, a moça levantou o braço, como se me desse um adeus. Ninguém iria acreditar que um pirralho poderia ser motivo de perigo para o grupo. Desde quando naquela idade?

Eu apenas queria saber o que eles tratavam. O que era o "Partidão"? Por que os militares que haviam tomado o poder, ou então a Polícia, iria prender e torturar pessoas? Sentados à mesa do bar e lanchonete, nenhuma daqueles três figuras parecia, pelo menos para um garoto perto de completar 14 anos, minimamente perigosa. Subi as escadas pensando naquilo. Queria voltar ao Dominó, como realmente o fiz no dia seguinte, e em mais quatro ou cinco dias seguidos, mas não vi mais nenhum dos três. Certamente, não veria mais, e somente quatro anos depois saberia por quê.

Quando cheguei em casa, minha avó me esperava com o almoço à mesa. Pensei em dizer que não estava com fome, mas desisti. Sentei-me, comi o que era possível e, depois, minha atenção se voltou para o jornal a Gazeta — era o que meus avós compravam — sobre a mesa da sala. Peguei-o — era do dia anterior — e fui para o quarto. A manchete, em duas linhas, tomava grande parte da primeira página: *Sumamente grave a situação em todo o País: rebeladas guarnições do Exército em Minas.*

Li aquilo e tentei entender. Deposto, o presidente havia fugido para o Uruguai, embora seu cunhado, Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, pregasse a resistência. Acompanhei os jornais do mês todo.

Dia 3 de abril: *Forças Armadas assumiram o comando do País e logo entregaram o Governo ao Poder Civil*. Dia 4: *Próxima a constituição do Ministério Mazzili: vários nomes em cogitações*. Dia 5: *Forças militares querem instalação imediata de um governo capaz de impedir conturbações*. Dia 8: *Dentro de 48 horas escolherá novo Presidente: Castelo Branco é o mais indicado*. Dia 9: *PSD fechou questão em torno do nome do General Castelo Branco: Presidente*. Dia 10: *Proclamado pelo Ministro da Guerra o Ato Institucional* (o ministro da Guerra era Arthur da Costa e Silva, que seria o substituto de Castelo Branco). Dia 11: *Congresso (sem comunistas) elegerá hoje Castelo Branco*. Dia 12: *Eleição de Castelo Branco para a Presidência efetiva retorno do País à trilha democrática: posse no cargo ocorrerá quarta-feira próxima*. Dia 15: *Sexta República nasce Festejada*; *Povo brasileiro receberá o nôvo Presidente em manifestações de aplauso nunca vistas*.

Nos dias seguintes, as edições eram de festas e com grande aporte de publicidade. Praticamente todas as empresas festejavam o novo Governo. No dia 24, o assunto era a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que ocorreria em seguida. Cerca de 30 mil pessoas, segundo o jornal, deveriam participar somente em Vitória. No dia 27, nova manchete: *Milhares de Pessoas na Marcha da Família*.

Confuso, eu tentava entender, sem conseguir, o que acontecia. Meu avô, preocupado, procurava me manter em casa. Mas eu saía sempre que possível. E o desfile de veículos policiais ou militares era uma constante. Para quem teve condições de ver ou ler, a montanha de adjetivos prosseguia nos informes dos demais meios de comunicação, sobretudo nos grandes centros. De Norte a Sul, vivas à Contra-Revolução.

Desde ontem se instalou no País a verdadeira legalidade... Legalidade que o caudilho não quis preservar, violando-a no que de mais fundamental ela tem: a disciplina e a hierarquia militares. A legalidade está conosco e não

com o caudilho aliado dos comunistas. (Editorial do Jornal do Brasil — Rio de Janeiro — 1º de Abril de 1964)

Golpe? É crime só punível pela deposição pura e simples do Presidente. Atentar contra a Federação é crime de lesa-pátria. Aqui acusamos o Sr. João Goulart de crime de lesa-pátria. Jogou-nos na luta fratricida, desordem social e corrupção generalizada. (Jornal do Brasil — Rio de Janeiro — 1º de abril de 1964)

Ovacionados o governador do estado e chefes militares. O ponto culminante das comemorações que ontem fizeram em Belo Horizonte, pela vitória do movimento pela paz e pela democracia foi, sem dúvida, a concentração popular defronte ao Palácio da Liberdade. Toda área localizada em frente à sede do governo mineiro foi totalmente tomada por enorme multidão, que ali acorreu para festejar o êxito da campanha deflagrada em Minas (...), formando uma das maiores massas humanas já vistas na cidade. (O Estado de Minas — Belo Horizonte — dois de abril de 1964)

Salvos da comunização que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares que os protegeram de seus inimigos. Este não foi um movimento partidário. Dele participaram todos os setores conscientes da vida política brasileira, pois a ninguém escapava o significado das manobras presidenciais. (O Globo — Rio de Janeiro — 2 de Abril de 1964)

A população de Copacabana saiu às ruas, em verdadeiro carnaval, saudando as tropas do Exército. Chuvas de papéis picados caíam das janelas dos edifícios enquanto o povo dava vazão, nas ruas, ao seu contentamento. (O Dia — Rio de Janeiro — 2 de Abril de 1964)

Escorraçado, amordaçado e acovardado, deixou o poder como imperativo de legítima vontade popular o Sr. João Belchior Marques Goulart, infame líder dos comuno-carreiristas-negocistas-sindicalistas. Um dos maiores gatunos que a história brasileira já registrou, o Sr. João Goulart passa outra vez à história, agora também como um dos grandes covardes que ela já conheceu. (Tribuna da Imprensa — Rio de Janeiro — 2 de Abril de 1964)

A vitória da causa democrática abre o País a perspectiva de trabalhar em paz e de vencer as graves dificuldades atuais. Não se pode, evidentemente,

aceitar que essa perspectiva seja toldada, que os ânimos sejam postos a fogo. Assim o querem as Forças Armadas, assim o quer o povo brasileiro e assim deverá ser, pelo bem do Brasil. (Editorial de O Povo — Fortaleza — 3 de Abril de 1964)

Vive a Nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente das vinculações políticas simpáticas ou opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é de essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas que, obedientes a seus chefes, demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições. Como dizíamos, no editorial de anteontem, a legalidade não poderia ter a garantia da subversão, a ancora dos agitadores, o anteparo da desordem. Em nome da legalidade não seria legítimo admitir o assassínio das instituições, como se vinha fazendo, diante da Nação horrorizada. (O Globo — Rio de Janeiro — 4 de Abril de 1964)

Sabíamos, todos que estávamos na lista negra dos apátridas — que se eles consumassem os seus planos, seríamos mortos. Sobre os democratas brasileiros não pairava a mais leve esperança, se vencidos. Uma razzia de sangue vermelha como eles, atravessaria o Brasil de ponta a ponta, liquidando os últimos soldados da democracia, os últimos paisanos da liberdade. (Editorial com o título "Saber ganhar, autoria de David Nasser — O Cruzeiro Extra — 10 de Abril de 1964 — Edição Histórica da Revolução)

Milhares de pessoas compareceram, ontem, às solenidades que marcaram a posse do marechal Humberto Castelo Branco na Presidência da República... O ato de posse do presidente Castelo Branco revestiu-se do mais alto sentido democrático, tal o apoio que obteve. (Correio Braziliense — Brasília — 16 de Abril de 1964)

Vibrante manifestação sem precedentes na história de Santa Maria para homenagear as Forças Armadas. Cinquenta mil pessoas na Marcha Cívica do Agradecimento. (A Razão — Santa Maria-RS — 17 de Abril de 1964)

Em casa, depois de rever, na mente, a poesia de Augusto Frederico

Schmidt, e os fatos de 1964, alguns casos, graças a papéis guardados, voltei meu pensamento para quatro anos depois. Nesse meio tempo, eu havia voltado para São Paulo, em 1965 e 1966, estudado novamente em Vitória em 1967, e feito minha última experiência paulista, em 1968, antes de me radicar definitivamente no lugar onde havia nascido.

E foi nessa última estada na capital paulista que se deram os fatos geradores do que viveria logo depois, ao começar meu tratamento contra o câncer linfático. Mas, por enquanto, eu ainda não sabia disso.

Capítulo 3

Muita coisa havia acontecido entre 1964 e 1968, e esses apenas quatro anos eram o que eu passava em revista enquanto via os estudantes se reunindo no final da Avenida Angélica, quase Avenida São João, para o maior protesto que a ditadura militar havia visto nos quatro anos de tomada do poder. Ao mesmo tempo em que os secundaristas e universitários se reuniam, a Polícia dava mostras de que atacaria para terminar com a passeata.

O Governo mostrava 64 como um ano de enfrentamentos e, por causa dele, a "Revolução" havia sido necessária. Efetivamente, a ditadura militar nascera ali. Desde a Lei 1.131, da remessa de lucros ao exterior, passando pelas arruaças da Liga da Mulher Democrática no mês seguinte, e tendo talvez como ponto alto o comício da Central do Brasil, em 13 de março. A eles se seguiram várias manifestações e o ovo da serpente chocou.

Em maio, a repressão, iniciada um mês antes, se intensificou. Vários comunistas foram presos, como Carlos Marighella, ferido ao resistir à prisão no Rio de Janeiro, e Gregório Bezerra, no Quartel de Casa Forte, no Recife. O Brasil rompeu relações diplomáticas com Cuba e o general Assis Brasil, chefe do Gabinete Militar de Goulart, chegou a ser detido.

Enquanto a turba engrossava e a passeata estava para começar, em vários cartazes era mostrado o nome "Édson Luís". No dia 28 de março, no Restaurante do Calabouço, no Rio de Janeiro, esse estudante foi assassinado. Em 1º de abril, mais duas centenas de estudantes foram presos: 99 ficaram feridos e José Aprígio de Paulo, além do escriturário David de Souza Neiva, acabaram mortos. Lembrados esses episódios, um estudante gritou ao meu lado: "Agora é hora de eles enterrarem os deles!"

Junho foi marcado por protestos contra o aumento do preço das refeições na Universidade de São Paulo. Em julho uma greve de metalúrgicos provocou a tomada da fábrica Cobrasma e mais repressão. Operários foram presos em massa. No Rio de Janeiro, estudantes se reuniram em frente ao Ministério da Educação, seguindo depois para a Embaixada dos Estados Unidos. A Polícia foi enfrentada, mais prisões aconteceram e houve pelo menos uma morte. Outro inocente vitimado!

Tudo isso, a gente ia ouvindo enquanto o mar de gente aumentava. Primeiro em plano pequeno, mas, depois subindo o tom, o grito dos estudantes ecoava: "Abaixo a ditadura! Abaixo a ditadura!" Ao menos um jovem suspeito de fazer parte do Comando de Caça aos Comunistas, o CCC, apanhou muito. Eles haviam invadido o Teatro Ruth Escobar e espancado os artistas que apresentavam a peça "Roda Viva", de Chico Buarque de Holanda.

No dia 13 de setembro, cresceu a reação contra os que ainda se opunham à ditadura. Os ministros militares protestaram contra o pronunciamento do deputado Márcio Moreira Alves e o jornal "Voz Operária" manifestou sua solidariedade ao Pacto de Varsóvia, na Polônia. Estava claro que o fosso do Brasil se aprofundava na crise pós-golpe de Estado. E que o enfrentamento estava por vir.

Enquanto os estudantes começavam a subir a Avenida São João, em direção ao cruzamento com a Ipiranga, os conflitos de 2 de outubro foram lembrados. Naquele dia, em um tumulto entre os estudantes da USP, Universidade de São Paulo, e os da Universidade Mackenzie, morreu o estu-

dante José Guimarães. A Mackenzie, tradicional reduto direitista, era onde mais havia militantes do CCC.

No dia 9 do mesmo mês, em Ibiúna, interior de São Paulo, a ditadura conseguiu impedir a realização do XXX Congresso da UNE, União Nacional dos Estudantes, e prendeu quase mil estudantes. Muitos eram do Partidão, e estavam lá no dia dessa passeata. Meu namoro com o partido fundado em 1922 tinha virado casamento. Todo isso era lembrado pela turba que engrossava. Também o atentado contra a Editora Civilização Brasileira, do dia 14 no Rio de Janeiro.

Com a chegada do mês de novembro, veio, no dia 22, a criação do Conselho Superior de Censura, órgão através do qual a ditadura decidiria o que nós poderíamos ler, ver, ouvir ou saber. E seria saber quase nada. No mesmo dia dessa criação, o professor Alberto da Rocha Barros, da USP, e antigo militante comunista, foi espancado pelo CCC. Dias depois, ele morreria em consequência do barbarismo das agressões.

Finalmente, no dia 2 de dezembro, o CCC destruiu, com bombas, a bilheteria do Teatro Opinião, no Rio de Janeiro. Conseguiu, pelo menos por algum tempo, impedir a apresentação de "Para não dizer que não falei das flores", de Geraldo Vandré. E, 11 dias depois o Governo baixou o Ato Institucional nº 5, o AI-5. Desse momento em diante, não haveria mais conversa entre Governo e oposição ou entre Governo e estudantes.

O mar de gente ocupava agora boa parte da São João e o trânsito se tornava caótico. Se, dias antes, a população dos prédios comerciais havia saudado a turba jogando papel picado e sendo saudada com gritos de "Desce! Desce!", agora o caso se repetia. E novamente os trabalhadores da região eram convidados e engrossar fileiras com os estudantes contra o regime militar. Por medo de represálias ou de perder o emprego, poucos desceram.

Mas a garotada seguiu, no movimento que também tinha o acompanhamento de muitas pessoas de segunda e terceira idades. Alguns paravam, pelo caminho, em bares ou lanchonetes e comiam ou bebiam alguma coisa. Muitos estavam consumindo bebidas alcoólicas e os gritos contra a

repressão política do Governo engrossava.

No cruzamento da São João com a Ipiranga, as duas avenidas estavam tomadas. Então, tropas de choque da Polícia Militar e de unidades do Exército, além de policiais civis, foram se aproximando. Os estudantes avançavam. Cartazes eram agitados com mais força, faixas também. Entre os protestos contra a violência, voltavam à cena aqueles que pediam redução dos preços de alimentos no Restaurante Universitário, lembravam o professor Alberto da Rocha Barros e acusavam o CCC de matar pessoas inocentes.

Das janelas das residências e salas comerciais, aumentava o número de pessoas que acompanhavam a passeata. O trânsito já estava totalmente parado e, de onde nos encontrávamos, era possível ver tropas que se reuniam nas proximidades do Vale do Anhangabaú e do Largo do Paissandu. Mas o movimento avançava. Muitos dos garotos e garotas estavam de braços dados, formando linhas ou correntes em direção ao final da São João.

Um barulho forte de motor marcou a chegada do Brucutu. Chamado de Veículo de Dispersão de Tumultos, era um blindado pesado largamente usado contra manifestações, estudantis ou não. Com um canhão montado sobre a blindagem dianteira, podia lançar jatos de água ou de areia, com alta pressão, contra os manifestantes. Seus ocupantes estavam sempre armados e utilizavam-se também de bombas de gás lacrimogênio ou de efeito moral.

Esse último, quando aspirado, abria todas as "válvulas" do organismo. O indivíduo urinava e defecava sem qualquer controle. Também, a exemplo do gás lacrimogênio, atingia os olhos e provocava ardor, lacrimejamento e até mesmo lesões mais sérias quando a vista era muito atingida.

O Brucutu parou na junção do Largo do Paissandu com a São João. De onde estava, não bloqueava a passagem dos estudantes, mas mostrava sua disposição para o ataque. No final da avenida, saindo do Anhangabaú, a cavalaria das tropas de choque se posicionava para atacar.

Enquanto tudo isso acontecia, ao meu lado, alguns estudantes

abriam as jaquetas e tiravam delas garrafas cheias de gasolina vedadas com rolhas traspassadas por mechas de pano. O Coquetel Molotov, já nas mãos, ficava ao alcance do isqueiro. Bastava acender a mecha e arremessar. Muitos outros estudantes, dentre eles eu, metia as mãos nos bolsos e tirava de lá grandes porções de bolas de gude.

Os comerciantes que vendiam esse material não faziam ideia do motivo que levara os estudantes, alguns dias antes, a comprar toneladas de bolinhas a ponto de elas se esgotarem nos pontos de venda. "Seria algum campeonato?" — poderiam ter perguntado alguns. Não! Eram armas contra a cavalaria. Lançadas de cima para baixo, contra o declive do final da São João, derrubariam muitos dos cavalos das tropas de choque. As ferraduras derrapavam sobre as esferas de vidro e os animais se desequilibravam. Efeito colateral indesejável não podia ser evitado: alguns equinos quebravam as pernas, e tinham de ser sacrificados.

Colocado à esquerda da passeata, contra a esquina do Largo do Paissandu, fiz o que muitos estavam fazendo. Escorreguei para fora e entrei no bar e lanchonete Ponto Chic. Enquanto o confronto se aproximava, fui ao balcão e pedi uma cerveja. Fui servido e o homem que me atendeu olhou para mim com um sorriso que podia ser tanto de admiração quanto de comiseração. Ele olhava também para fora e conferia a posição da passeata em relação à repressão. Quando notou que o ponto era de ebulição, me disse:

— Ainda dá para recuar.

— Não dá mais — respondi enquanto recolhia o troco, depois de pagar o preço cobrado pela bebida.

O Brucutu lançou água. Os policiais militares ao lado dele passaram a bater os cassetetes contra os escudos, ao mesmo tempo em que se deslocavam devagar. Do final da Avenida São João, a cavalaria avançou. Lentamente, mas em velocidade constante, assumiu formação em fecha e invadiu a turba pelo meio, afastando violentamente as pessoas contra as laterais da avenida e dividindo o grupo em dois.

No Cine Paissandu, muita gente procurava se abrigar. Logo após minha saída, as portas do Ponto Chic começaram a se fechar. Em outros estabelecimentos comerciais acontecia o mesmo. Uma estudante ao meu lado disse, com um sorriso nos lábios: "Agora quem bebeu, bebeu. Quem não bebeu não bebe mais!" Corri atravessando a rua, para o lado direito. De lá era mais fácil ver o tumulto que se aproximava e, ao mesmo tempo, havia uma rota de fuga pela Rua Conselheiro Crispiniano. Podia-se chegar ao Teatro Municipal, ao Cine Marrocos ou ao Anhangabaú, evitando o final da São João. Com as bolas de gude nas mãos, fui em frente.

Quando estava justamente entre a São João e a Conselheiro Crispiniano, o barulho aumentou. O motor diesel do Brucutu falou alto e o blindado avançou. De sua torre, um jato de água gelada, disparado com força inaudita, batia contra as pessoas. Essas caíam ao chão como garrafas de boliche. Uma garota atingida no rosto levantou-se quatro ou cinco metros distante de onde estava na hora do impacto. Seu rosto estava vermelho de sangue e ela urrava de dor.

Dois ou três estudantes perto do local do ataque a pegaram e levaram para a parte de trás da passeata. Isso seria repetido daí em diante, e cada vez com mais frequência. Os feridos, quando possível, eram levados para a retaguarda. Aqueles que tinham juízo iam embora depois disso, pois as prisões não haviam começado. A solidariedade era grande entre os populares, moradores e trabalhadores da região. Nunca mais na vida vi a moça do rosto ensanguentado.

Com o avanço das tropas, sobretudo as que vinham a cavalo, procurei a "linha de frente". Enchi a mão esquerda o mais que pude, canhoto que sou, e lancei as bolinhas de vidro. Muitos outros fizeram o mesmo. Os primeiros cavalos que pisaram nas esferas que rolavam ladeira abaixo quicando no asfalto cheio de ressaltos e buracos relincharam. Alguns estacaram.

Animais que iam à frente caíram pesadamente contra o chão soltando relinchos de dor. Os militares procuravam se levantar rapidamente

e ajudar as montarias. Corriam para conferir em que estado haviam ficado os animais e passavam as mãos pelas pernas deles, sobretudo pelas patas dianteiras, mais susceptíveis de sofrer fraturas.

Durante uns tempos, eu havia morado próximo à Faculdade de Medicina Veterinária da USP. O local que mais me chamou a atenção foi justamente a sala de cirurgias para os cavalos. Ao lado da mesa de procedimentos havia uma área com areia a um guindaste.

Os animais eram sedados com drogas colocadas na água e, quando começavam a fraquejar, tinham a região do abdome sustentada por correias. Içados pelo guindaste até a mesa de cirurgia, eram anestesiados para as cirurgias. Patas dianteiras partidas não tinham solução. Nesses casos cavalos eram — e são até hoje — sacrificados com injeções.

Eu pensava nisso quando ouvi um forte relincho. Um cavalo grande, baio, rodou de lado ao pisar em algumas bolas de gude e caiu pesadamente no chão. O oficial que o montava, um tenente, desabou junto. Por instantes, o cavalo ficou em parte sobre ele e o PM gritou de dor. Mas em seguida, o bicho se debateu e o montador conseguiu sair. Mas coxeava e de sua testa um filete de sangue marcava a parte superior da farda.

O homem correu para examinar o cavalo que se debatia no chão tentando ficar em pé. Ajudou-o a se erguer e pareceu mais tranquilo ao notar que ele não estava ferido, como seria de esperar. Ainda assim, ficou possesso. Com o sangue escorrendo pela testa, sacou de um revólver negro e que reluzia sob o sol. Olhou em torno, como que procurando quem havia lançado as bolas responsáveis pela queda de sua montaria e também a dele. O dedo no gatilho estava pronto para pressioná-lo.

De onde eu estava, fiz uma cara de "não fui eu". Encostei-me a um poste, como estavam fazendo as pessoas que não participavam da passeata e não tinham para onde ir, e esperei pelo final do episódio. O oficial correu o olhar por tudo. Parou em algumas pessoas e viu onde estava a primeira linha da passeata, quase ao meu lado.

Sem conseguir identificar um suspeito mais forte, ergueu a arma

para cima e a disparou várias vezes. O barulho dos tiros, naquele instante, foi o único som mais forte do que o "Abaixo a ditadura" que os estudantes continuavam bradando. Ele continuou a olhar, a procurar quem o havia feito cair, quem o machucara.

Um grito nasceu de seu peito: "Filhos da puta, safados!" Mas depois pareceu se acalmar. Ordenou a um subordinado que levasse o cavalo para trás, sacou de seu cassetete e começou a bater em todos os que via pela frente, com cara de estudantes. Indiscriminadamente, barbaramente, cirurgicamente...

Uma das cacetadas passou ao lado do meu rosto, quando eu procurava me afastar do local. O homem seguiu em frente. Um rapaz e uma garota, abraçados e carregando cartazes, foram os alvos maiores do ódio dele. Apanharam muito até que outros estudantes pudessem intervir e escondê-los da vista do tenente. Mas ele continuou batendo sem dó.

A essa altura, a multidão estava dividida. Mesmo com cavalos caídos no chão, com militares sangrando, a ponta de lança do avanço da tropa havia invadido o grosso da primeira linha da passeata. O Brucutu fazia o trabalho de rescaldo, ferindo, derrubando ou nocauteando os que ainda teimavam em atacar. Policiais mais fortes, das tropas que chegavam depois, pegaram os que podiam alcançar e iniciaram o trabalho de prender. Atrás deles havia vários carros de presos, portas abertas, para receber quem era detido.

A violência era a tônica a essa altura. Percebi que, aos poucos, toda a região da São João estava sendo cercada. Por trás, policiais também avançavam. Eles haviam cortado a passeata em duas pela parte de trás, vindos dos dois lados da Avenida Ipiranga. Agora, uma parte pressionava os estudantes para o lado contrário ao Anhangabaú, enquanto a outra espremia os que estavam entre a Ipiranga e o Paissandu.

Vi quando muitos estudantes entraram na igreja católica do Largo. Os padres, até não mais poderem, haviam deixada a porta principal aberta para recolher quem estava sendo agredido. Mas certo momento a PM ten-

tou entrar para prender as pessoas. Então, a porta foi fechada e trancada por dentro.

O cerco estava feito. As pessoas que ficaram na parte da São João que ia em direção ao final da avenida, tinham para onde correr. Um amigo meu, por exemplo, disse-me, no dia seguinte, que fugiu pela Alameda Barão de Limeira, passando diante do prédio onde era editado o jornal Folha de São Paulo, indo embora. Parou quando viu que não era mais perseguido.

Como muitos outros escaparam. Nós, comprimidos entre a Avenida Ipiranga e o Anhangabaú, com o Largo do Paissandu bloqueado, iríamos correr para onde? Para a Rua Conselheiro Crispiniano que, no meu caso, estava a poucos passos de distância. Corri para lá e vi ao menos duas dúzias de pessoas fazendo o mesmo.

Mas entre o cerco e a saída, havia um obstáculo. No meio do caminho, onde hoje existe uma bucólica pracinha na Rua desse Centro Velho de São Paulo, chamada Monteiro Lobato, havia um pequeno quartel do Corpo de Bombeiros, da brigada responsável pela região. Não notei enquanto corria, mas vários militares revoltados com a passeata saíram do local para deter os estudantes que fugiam. Um vulto imenso, gordo, fardado, incapaz de subir numa escada Magirus, surgiu à minha frente de repente, vindo do nada, riso sarcástico aflorando.

Senti como se um coice houvesse me atingido. Rodopiei e caí ao chão, urrando de dor. Na queda ralei o cotovelo mas na hora nem percebi. Sentia a dor lancinante na altura do rim esquerdo atingido por um chute violento dado pelo paquiderme em plena corrida. Rolei no chão, vista embaçada, enquanto procurava me situar, ver o que seria possível fazer para sair dali. O mais rapidamente possível.

— Deixe esse. Está todo fodido. A gente pega depois.

As palavras chegaram aos meus ouvidos nitidamente. Não sei se ditas pelo gordo ou se por outra pessoa interessada em prender mais estudantes. Sei apenas que fiquei mais um tempo caído no chão, enquanto a dor se mantinha forte. A vista aos poucos voltou a ficar nítida e tudo o que eu

via era prédio suntuoso e conhecido, grandes colunas à frente, a escadaria e a placa com os dizeres: Cine Marrocos.

Era para lá que eu iria. Não sei de onde tirei forças para me erguer do chão, nem como consegui ir, trôpego, rua acima, em direção àquelas escadas, e por que sorte bendita da vida o sargentão não me viu fugindo. Deve se sentir um incapaz até hoje, o coitado... Aos trancos e barrancos, subi a escada cambaleando a cada degrau e passei ao lado da bilheteria, esquecendo-me de pagar o ingresso. O rapaz na entrada fez sinal para que eu saltasse a roleta e, com um gesto de mão tipo "vá rápido", disse:

— Entre logo, senão me estrepo junto com você!

Quem era ele? Qual seria o seu nome? Como é a fisionomia dele hoje, caso ainda vivo? Onde mora? Arrastei-me para dentro do cinema, contendo os gemidos, suportando a dor e entrei na sala de exibições. Escolhi uma poltrona bem no meio das filas, do lado direito, próximo de onde havia a placa de banheiro masculino.

Jamais vou saber o nome do filme que passava, pois não me recordo mais em que dia de dezembro esses fatos se deram. Apenas fiquei quieto no escuro do cinema, contendo-me. Mas uma senhora da fileira de trás, a certa altura, perguntou se eu estava passado mal. Disse que não e saí rápido em direção ao banheiro.

Com as mãos, procurei limpar a calça suja pela queda na rua. Coloquei o cotovelo debaixo da água da torneira e senti um ardor forte ao limpar o ferimento da queda. Urinei e notei que a urina tinha a cor normal. Mas a dor era ainda muito forte. Com esforço, voltei à sala de exibições e decidi que ficaria lá, acontecesse o que acontecesse, até o término da sessão. Antes disso, seria muito perigoso sair novamente e enfrentar as ruas. Até porque, com o cotovelo ralado, a Polícia facilmente me identificaria.

Procurei me ajeitar bem para ficar lá. Ninguém mais notou minha presença, de modo que vi a metade daquele filme no conforto do Marrocos. Em 1968, era uma referência. Ao final da exibição, deixei que os espectadores saíssem primeiro e os da sessão seguinte começassem a entrar. No

saguão do cinema, olhei para a rua e tudo parecia relativamente em calma.

Ao lado, no quartel dos Bombeiros, decerto, o tumulto havia acabado. Saí à calçada e andei no sentido contrário da São João, não sem antes olhar para lá e ver que ainda havia muito papel no meio da rua, veículos policiais e PMs andando de um lado para o outro, recolhendo cartazes e faixas. O Brucutu não estava mais lá. Os veículos de transporte de presos, também.

Passei por trás do Teatro Municipal. Desci as escadas e cheguei ao Anhangabaú sem problemas. Lá ainda era possível ver estudantes separados entre si, olhar desconfiado, nos poucos bares ou lanchonetes da região. Mesmo com dores fortes, matei um pouco da fome comendo um churrasco grego de um vendedor de porta de botequim.

Fui até um dos táxis parado no ponto e pedi ao motorista que me levasse para casa. Dei o endereço e sentei-me no banco de trás. Tinha dinheiro comigo e isso me deixava um pouco mais tranquilo. Andamos numa São Paulo com trânsito fácil até chegarmos à Rua Maestro Cardin, pois queria ir ao Pronto Socorro do Hospital da Beneficência Portuguesa, parar e tirar todas as minhas dúvidas. Paguei o táxi.

Não precisei esperar muito para ser atendido e à médica, uma linda morena, contei a história toda. Ela parecia se deliciar. Mandou-me tirar a camisa, abaixar um pouco a calça. Examinou o local do chute e disse que estava tudo roxo. Também, pudera! Passei por uma radiografia, que ela olhou demoradamente. Em seguida, mandou aplicar uma injeção, mistura de analgésico com antinflamatório. Deu-me duas caixas de amostras grátis de remédio preventivo de inflamação, analgésico ou coisa parecida e se despediu com um "Mais sorte e juízo da próxima vez".

Fiz sinal para outro táxi e disse para tocarmos até a Aclimação. Ali, numa das travessas da Avenida Aclimação, onde as ruas todas têm nomes de pedras preciosas, entrei na Safira e parei em frente à casa dos meus pais. Entrei sem deixar minha mãe ou meu pai preocupados e fui para o quarto que ocupava, fora da casa e sobre a garagem, nos fundos. Originariamente,

deveria ser o quarto da empregada.

Deitei-me na cama e comecei a pensar no que havia acontecido e como tinha conseguido sair de tudo aquilo com vida e, melhor ainda, sem ter sido preso, espancado ou torturado. Então, percebi que a injeção dada havia feito efeito e a dor passara. Virei-me para o lado para dormir sem remoer mais os fatos, pelo menos naquele final de dia.

Nessas horas, você não tem sonhos tranquilos: tem pesadelos e geralmente fantásticos. Acordei umas duas vezes durante a noite atormentado por esses sonhos, mas logo procurei voltar a adormecer. Queria ver se acordava mais disposto, com menos dores, para enfrentar o que viria depois da passeata, das correrias, da agressão e de todos os medos vividos.

Capítulo 4

Câncer é doença e, ao mesmo tempo, condenação. Hoje sei disso.

Depois de passar horas recordando o passado, sobretudo aquele final de ano de 1968, talvez o período de 12 meses mais emblemático da história brasileira, estou cansado. Principalmente porque, amanhã bem cedo, deveria marcar o início da parte dura do tratamento. A consulta com o especialista em quimioterapia e radioterapia e o começa da via-crúcis das injeções endovenosas que prometem (?) acabar com a doença.

Já conversei com amigos sobre isso. Um deles teve câncer e curou. Outro vivenciou o problema em sua família e viveu para ver o parente morrer sofrendo, apesar de todos os esforços. A pessoa faleceu no hospital depois de ser operada para ganhar uma sobrevida e definhar. Por último, teve que ser levada ao hospital e se internar na ala destinada aos que sofrem desse mal.

No início, a pessoa ficou no quarto, sempre com uma veia puncionada e recebendo drogas por via endovenosa. Depois, às drogas que combatem o câncer, foi acrescentado analgésico. Depois, morfina pura: não deixa de ser algo para combater a dor, mas é também o último dos recursos.

Por fim a transferência para a UTI, a semiconsciência, a inconsci-

ência toporosa e o coma. A morte viria logo a seguir. É sempre dessa forma que os não curados morrem, na maioria esmagadora dos casos. Terei eu coragem ou disposição para enfrentar isso? Decidi deixar para pensar no assunto depois de começar o tratamento e conversar com o médico.

Mas antes havia um fato a mais a lembrar. O complemento do que, em minha mente, ficou sendo conhecido como "o dia dos sonhos desfeitos". Sim, porque, àquela altura, a ditadura ganhava. E a nós cabia recolher os cacos dos nossos sonhos ou os restos dos companheiros, dos nossos camaradas, que a repressão prendia.

Tínhamos ideia, já naquele ano de 1968, quatro depois do golpe de Estado, do que se passava com eles. Como algumas pessoas haviam simplesmente desaparecido nos últimos tempos, andávamos todos com um pé atrás. Era virtualmente impossível resistir à ditadura. Então, cada um de nós sabia o estritamente necessário. Nada além disso.

A coisa funcionava dessa forma simples: sempre que um "subversivo" era preso, começava a ser espancado de forma brutal no carro que o levava à Delegacia ou instalação militar. Chegando lá a força dos golpes e das torturas crescia de maneira absurda. Os membros do sistema de repressão sabiam que era preciso obter rapidamente, ao menos, os nomes das pessoas com as quais o preso iria se encontrar em seguida. Caso contrário, aquele que estava num "ponto", aguardando o camarada chegar, logo desconfiaria de uma "queda" e iria embora. Isso cortava um elo da cadeia e era tudo o que o aparato repressivo menos queria e mais temia.

Recostei-me mais uma vez. Queria lembrar o dia seguinte à passeata, porque ele marcava o meu último capítulo paulista da luta contra a ditadura. Logo depois eu retornaria para Vitória, onde estou até agora. Agora ele era passado como mais um filme em minha mente. Até porque, ele havia começado logo pela manhã, quando acordei ainda com um pouco de dor na altura do rim esquerdo e um hematoma grande no costado.

Havia dormido pesadamente, mesmo com interrupções. Tanto que minha mãe precisou bater com força na porta para que eu acordasse. Um

amigo estava parado à frente da casa, esperando por mim. Ele era namorado de Leonor, uma amiga do curso de metalurgia da Escola Técnica Oswaldo Cruz, onde eu também estudava. Junto com ele um senhor de meia idade num bonito Ford Galaxie. O homem parecia nervoso.

— Amigo, coma alguma coisa do seu café da manhã, para a gente conversar. A Leonor sumiu desde ontem e não sabemos o que fazer.

Fui ao banheiro, tomei banho, mudei de roupa e desci as escadas da rampa da garagem, em passo acelerado, respondendo com um "Não é nada, não!" à pergunta de minha mãe sobre do que se tratava. Menos de 10 minutos após o chamado, estava diante dos dois. Meu amigo falou:

— Esse senhor é o pai da Leonor. Ela saiu ontem da escola junto com mais um monte de gente, inclusive você, para participar da passeata. E não voltou mais para casa. Ontem mesmo, à noite, o pai e a mãe dela percorreram todos os endereços conhecidos para tentar saber onde estava. Nada. Telefonamos para hospitais, refizemos a rota de vocês, passamos até mesmo no IML, o Instituto Médico Legal e não conseguimos pista alguma. Resta saber se vocês saíram juntos da escola na hora em que a passeava começava. Você sabe de alguma coisa?

Meu amigo tinha ciúmes de mim. Um ano antes, eu havia ensaiado um namoro com a Leonor. Nós nos gostávamos, mas saí da linha. Ela recebeu uma dica de certa amiga e me surpreendeu com outra, num boliche da Rua Augusta. Terminou comigo. Durante algum tempo, ficamos sem nos falar. Algum tempo depois voltamos a ser amigos. Logo ela começaria a namorar com meu interlocutor daquele episódio mas ele sempre desconfiou de mim. Ou dela, sei lá!

No dia anterior, o da passeata, quando todos saímos praticamente juntos do Oswaldo Cruz para engrossar as fileiras do movimento capitaneado tanto pela UNE quanto por partidos de oposição à ditadura, como o PCB, eu não a havia visto. Nem na saída e nem no curso do percorrer a Avenida São João, em direção ao Vale do Anhangabaú jamais alcançado.

Falei sobre isso com os dois. Expliquei que não havia visto minha

ex-namorada, nem sombra dela. Geralmente, entrávamos no colégio no mesmo horário, mas não naquele dia. Os dois pensativos, um olhando para o rosto do outro. De repente tive uma ideia:

— Olhe, amigos, muitos estudantes foram presos ontem. Eu mesmo vi quando a PM cercou a gente nas proximidades do Largo do Paissandu, uma grande quantidade de estudantes sendo espancados e colocados em carros de presos. Os que vinham atrás, também foram atacados por policiais que os isolaram na altura da Ipiranga. Foi um tumulto geral. Se a Leonor sumiu e talvez esteja presa junto com os outros. Vale a pena ver isso.

O pai da Leonor colocou a mão no queixo e pensou um pouco. Em seguida, voltou-se para o namorado da filha, disse que aquilo poderia ser uma boa pista e o chamou para irem embora. Agradeceu-me e ambos entraram no carro para sair. Sei lá por que razão mas, de repente, antes de o veículo arrancar, gritei que queria ir com eles. O pai da menina fez sinal para que eu entrasse. Meu amigo olhou-me com ar desconfiado. Em instantes, o veículo corria por São Paulo, enquanto o pai de minha amiga de escola explicava que era um advogado criminalista e, assim, ficaria mais fácil achar a filha.

Ele, por sinal, conhecia bem um dos comandantes da Polícia Militar de São Paulo: haviam sido colegas de escola secundária. Na véspera, não o havia procurado porque, preocupado em excesso, simplesmente tinha se esquecido do vínculo com o antigo companheiro. Mas agora, depois de localizar seu endereço com outros amigos comuns, estava indo para lá. Nem sequer havia tido o cuidado de agendar a visita, tamanha sua preocupação.

Não foi difícil chegar à casa do oficial, um coronel em vias de ser reformado, comandante de uma Divisão de Trânsito e morador de uma casa de dois andares, numa pequena vila do Ipiranga. Para sorte nossa, foi ele mesmo quem abriu a porta e, com ela, um vasto sorriso de alegria pelo reencontro, depois de tantos anos de afastamento ditado pela vida.

Mandou-nos entrar. A esposa, também simpática, serviu-nos logo um café com biscoitos de nata. Comemos enquanto falávamos sobre ame-

nidades e o coronel logo perguntou qual era a razão da visita, pois conversa fiada não seria. O advogado explicou tudo, tentando não ser demasiadamente longo e, ao mesmo tempo, também não esquecer nada.

Seu amigo ouviu em silêncio enquanto sorvia mais café. O rosto foi ficando sério à medida que o relato era feito. Ao final esticou as pernas para frente e levou os braços atrás das costas, como se espreguiçasse. Olhou-nos bem dentro dos olhos, principalmente a mim, que agora ele sabia ser parte da passeata, e disse:

— Não estamos vivendo dias de bonança. Os militares agora no poder derrubaram um presidente eleito porque ele conspirava e deixava com que a insubordinação tomasse conta das Forças Armadas. Se, um dia, você quiser ser apeado do poder, basta seguir essa receita.

— Nós sabemos — disse o advogado, logo interrompido por um gesto de mão do amigo, que retomou seu relato.

— O AI-5, editado recentemente, é a face legal da repressão que está por vir. Ela ainda não mostrou a cara, embora já tenha aparecido nas ruas, como aconteceu nessa passeata. Surgiu também na dissolução do congresso da UNE e vai ser a cada dia mais violenta à medida que a contestação ao regime subir de tom. Os militares têm fuzis, tanques de guerra e os meios de comunicação nas mãos. Ninguém vai querer enfrentá-los. E a classe política sabe que, se resistir, o Congresso será fechado quantas vezes isso for necessário.

Então, pediu alguns minutos e saiu para telefonar de outro cômodo. A esposa dele ficou na sala. Olhou para mim e me disse para deixar disso. "Não participe mais dessas coisas, meu filho" — enfatizou. Limitei-me a ficar calado. Ela então serviu outra rodada de café e biscoitos para nós, pediu licença e saiu da sala, deixando-nos sós, à espera de seu marido. Ele voltou logo.

— Sua filha, caro amigo, foi presa e levada por uma guarnição nossa para a sede do DOPS, Departamento de Ordem Política e Social. Eram ordens e tiveram que ser seguidas. Deve estar lá até agora, respondendo a

interrogatórios e talvez sendo indiciada por algum crime. Faça um favor a você mesmo e a ela: vá lá, localize-a e saia. Mesmo se ela estiver machucada, não proteste e, sobretudo, evite ameaças. Sei que você é membro da OAB, a Ordem dos Advogados do Brasil, mas vou dizer que isso agora nada significa.

Fez uma pequena pausa, respirou e soltou o resto:

— O Brasil não é mais um Estado de direito e pode demorar muito a voltar a ser. No DOPS, procure pelo delegado Júlio, que está lá. Liberte sua filha, se for possível, ou tente diminuir o número de dias que ela vai passar presa. É tudo o que posso fazer. Infelizmente, não sei em que situação ela se encontra. Meus homens apenas a entregaram junto a vários outros estudantes presos durante a passeata. Eles seguiram para dentro em corredor polonês. Vá em paz.

Saímos da casa e pegamos o carro para ir até o DOPS. Era um trajeto relativamente longo, cortando parte de São Paulo e eu, por coincidência, como tarefa do Partido, havia lido recentemente sobre aquele prédio antigo. Tinha sido concluído em 1914, com projeto de Ramos de Azevedo, figura ilustre da arquitetura da época, para servir como armazém da Companhia Sorocabana, uma antiga empresa ferroviária paulista.

Havia se transformado em sede do DOPS, durante o ano de 1924, o órgão do Governo Brasileiro, utilizado principalmente durante o Estado Novo, e mais tarde na ditadura militar de 1964, com o objetivo de controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários aos governantes no poder. Seguia o esquema fielmente. E friamente.

De início, eram subordinados aos governos estaduais — os DOPS's existiam em outros Estados além de São Paulo —, e chegaram a receber outras denominações, dependendo de época e local. Foram, por exemplo, DEOPS, Departamento Estadual de Ordem Política e Social, e DELOPS, Delegacia de Ordem Política e Social.

No caso do de São Paulo, criado em 1924, teve várias denominações até ser extinto em 1983 e serviu como delegacia e superintendência.

No período final da existência, o nome oficial era DEOPS, Departamento Estadual de Ordem Política e Social, como consta nos arquivos. Mas foi como DOPS que eu o conhecia na época e ficou assim conhecido por todos. Esses pensamentos ocupavam minha mente enquanto o carro percorria São Paulo. Nós estávamos indo para lá e a apreensão era geral.

Depois de o pai da Leonor manobrar seu carro e estacionar nas proximidades do prédio já à nossa vista, ele se virou para conversar conosco. Era nítida nele a preocupação, sobretudo comigo. Sabia que eu havia estado na passeata e isso o preocupava enormemente.

— Meu caro — disse, olhando para mim —, a gente precisa tomar cuidados daqui para frente. No seu caso em particular, você é apenas um colega de escola da Leonor. Nada mais. Não tem vinculação política, não participa de movimentos estudantis, não faz parte da UNE e, em nome de Deus, jamais foi sequer simpatizante do Partidão. Eu digo isso porque eles não colocaram as mãos em você. Se tivessem colocado, você não estaria nessa situação.

Falou isso me encarando e prosseguiu:

— Certamente vão fazer perguntas a todos nós. Como ontem foi dia de passeata, e a Leonor foi presa lá, não há como negar a participação dela. Os policiais, então, vão concentrar a atenção em vocês dois. Em você e no meu amigo aqui ao lado, candidato a meu genro. Vocês dois são apolíticos. Não participam de nada. Só se dedicam aos seus cursos nas escolas. Parece claro?

Disse que sim. Meu colega ao lado, também. Ainda dentro do carro, ficamos algum tempo olhando para o prédio do DOPS. Tinha um ar um tanto demodée e estava visivelmente mal cuidado. Parece estranho, mas as delegacias de Polícia do Brasil geralmente são assim.

Alguns carros com a sigla do DOPS escrita nas laterais também estavam estacionados ali: peruas Chevrolet de um modelo usado em praticamente todas as delegacias. De uma delas, saiu um preso tão logo a parte traseira foi aberta. Em vez de andar e se dirigir à portaria indicada, parou

e olhou em torno.

Poderia estar apenas se despedindo da paisagem de São Paulo ou do brilho do Sol, sabe-se lá... Mas, aquela parada de instantes foi o suficiente para que levasse um safanão violento. Cambaleou um pouco, quase caiu ao chão, conseguiu se levantar e andou em direção a tal portaria. Era um homem bem vestido, com cerca de 40 anos. O que teria feito?

Saímos e fechamos as portas. O advogado tirou um lenço do bolso e enxugou um pouco de suor que descia por sua testa. Muito provalmente, provocado pelo nervosismo, pois o tempo estava frio e um vento suave soprava. Ele se virou para nós dois e, com um claro e alto "lembrem-se de tudo o que falei", marchou firme em direção ao prédio. Nós dois seguimos atrás. Era nítida em nós a tensão e a preocupação. Iríamos entrar na toca do lobo. E de que lobo...

Capítulo 5

Não sei se isso acontece com todo mundo, mas comigo sim. Sempre que tenho uma decisão difícil a tomar, e principalmente quando envolve assuntos de suma importância, reluto. E reluto muito. Naquele instante, na sala de casa, enquanto me preparava para ir ao médico e mostrar todos os exames que indicavam meu câncer linfático, decidi que ainda faria uma última, uma derradeira recordação.

Na minha mente, decidi dividir aqueles "recuerdos" da juventude em dois. E o instante da saída do carro e do ingresso no prédio do DOPS constituía o ato final. Eu queria vivê-lo, por um derradeiro momento, agora, sozinho comigo mesmo.

Endireitei-me o melhor que pude. Queria ficar confortável, ainda sem preocupações com injeções de quimioterapia ou sessões de radioterapia. Na estante de casa, bem próximo de mim, estava o livro "Autópsia do Medo — Vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury", do jornalista Percival de Souza. Mais de 600 páginas enfocando a tétrica figura que eu jamais conhecera, mas que, naquele momento de tensão no andar em direção ao prédio policial em 1968, temia encontrar pela frente. E ser interrogado por ele.

Durante o regime militar, pelo menos em São Paulo, o delegado mais conhecido foi Sérgio Paranhos Fleury, e isso devido às inúmeras acusações de "linha dura" feita pelos presos. Na verdade, ele era um assassino frio e capaz de eliminar inocentes para que estes não pudessem sair da cadeia e depor contra ele e seus subordinados. Isso aconteceu em mais de uma oportunidade, quando prisões foram feitas por engano.

Muito sofrimento esperava quem fosse fichado no DOPS por qualquer motivo. Um candidato a emprego, em quaisquer dos períodos da ditadura militar, precisava apresentar o Atestado de Antecedentes Políticos e Sociais, também conhecido como Atestado Ideológico fornecido pelo DOPS a quem não tinha ficha lá: caso contrário não o recebia. Quando se tratava de emprego privado, em muitos casos, o empregador não levava isso em considerção. Mas, para efeito de emprego público, não possuir antecedentes atestados pelo regime, fechava portas. E definitivamente.

O DOPS sobreviveu e hoje ainda existe em alguns Estados brasileiros. No passado, além da repressão política, o Departamento da Polícia Federal tinha a atribuição de censurar os meios de comunicação, através da Divisão de Censura e Diversões Públicas. A partir de 2001, passou a fazer o controle das armas de fogo. Atualmente, a Divisão de Ordem Política e Social não consta mais do organograma da Polícia Federal, mantendo esta, entretanto, a competência para apurar as "infrações penais contra a ordem política e social", nos termos do inciso I, do § 1º, do artigo 144, da Constituição Federal.

Mas, nos tempos passados, naqueles dias que marcaram nossa marcha em direção à portaria principal da delegacia, a situação policial era negra. Inclusive no que tange à censura, as autoridades chegaram a patrocinar alguns episódios que seriam hilariantes caso não fossem tão tristes.

Os agentes, certa feita, invadiram a casa do poeata Ferreira Gullar e apreenderam um livro sobre cubismo como "material subversivo". Eles o

imaginaram propaganda comunista importada de Cuba. O livro se chamava "Em Cima da Hora", de autoria de uma intelectual francesa de militância anticomunista e prefaciado pelo ex-governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda — o "Abutre", um opositor ferrenho e inconsequente dos pensamentos de esquerda — também acabou apreendido pela Polícia política em quase todo o País, porque sua capa ostentava um desenho da foice e do martelo.

Tudo isso daria carvão para a fogueira de sarcasmo de Sérgio Porto, o jornalista Stanislaw Ponte Preta, que criou o FEBEAPÁ, também conhecico como o "Festival de Besteiras que Assola o País", driblando a ditadura e vendendo seus examplares quase subterraneamente. Em um dos episódios mais hilários, a ditadura proibiu a divulgação de uma entrevista do então ministro da Justiça, Armando Falcão, na qual este afirmava que não havia censura no Brasil talvez porque fosse hipocrisia demais.

Chegamos à porta principal do prédio do DOPS um tanto nervosos. O pai da Leonor fez um último gesto de "calma" dirigido a nós e pisamos no chão da ditadura. Melhor dizendo, de um dos endereços conhecidos, oficiais, não camuflados, onde funcionava um dos órgãos encarregados da repressão política no Brasil. O funcionário daportaria, que anotava qualquer coisa numa folha de papel de rascunho com um lápis desgastado, nem ao menos se dignou a olhar para nós. Dois outros, sentados nas proximidades, da mesma forma.

Quando o advogado começou a falar um dos que estavam sentados ao largo apontou para um sofá rasgado e encostado à parede. Nós nos sentamos lá, cruzamos as pernas e ficamos esperando pela boa vontade daquele que parecia ser a pessoa indicada a nos atender. E ele continuava com suas anotações feitas com lápis enquanto várias pessoas desfilavam pela portaria do prédio, entrando ou saindo de lá.

Uma senhora de meia idade, olhos vermelhos de choro, passou pela porta principal com um cidadão atrás dela. Pelo revólver na cintura, claramente se tratava de um policial. Entregou um documento à mulher,

dentro de um envelope. Com má vontade, disse, rispidamente:

— Isso, a senhora tem que entregar ao delegado. Ele decide se solta ou não o vagabundo do seu filho. Por mim, metalúrgico envolvido em greve tomava era muita porrada; mais do que seu filhinho já tomou. Mas o delegado é quem resolve. E ele tem coração mole, dona! Se seu filho tivesse caído nas mãos do doutor Fleury aí a senhora ia ver a cor do pecado.

Os outros policiais da recepção riram. O que estava anotando coisas no papel de rascunho, também. E foi nesse momento que ensaiou nos ver sentados, virados para ele. Levantou-se, pegou um copo de café numa garrafa térmica e sorveu o conteúdo com vagar. Lavou o copo na torneira da pia ao lado e só então fez sinal para nos aproximarmos. Com um abrir de braços, sem dizer nada, como que perguntou qual era o assunto, permanecendo na cadeira onde estava até então para esperar por uma resposta, ar enfadonho e um longo bocejo de expectativa.

O advogado aproximou-se dele. Tirou o documento da OAB de São Paulo e mostrou. A reação do policial foi nenhuma. Nem ao menos se dignou a ler o que estava escrito no documento. Parado e com ar de esfinge estava, parado e com ar de esfinge ficou. Então o advogado falou:

— Tenho uma filha de nome Leonor. Ontem, ela participou de uma passeata no Centro da cidade, mais ou menos entre o final da Avenida São João e o Vale do Anhangabaú. Ela é estudante secundarista, de um colégio da Avenida Angélica. Depois da pesseata, não voltou para casa. Ficamos muito preocupados, todos da família.

— É o que acontece com quem se mete em bandalheira contra o Governo - interrompeu o policial, para falar depois: "Prossiga."

O advogado engoliu em seco, fez como se não tivesse ouvido aquelas palavras e continuou:

— Como eu dizia, ficamos muito preocupados com a ausência dela e passamos a procurá-la. Não estava em lugar nenhum. Então, fui até a casa de um amigo, oficial da Polícia Militar, e pedi a ele para me dar alguma orientação, já que foi a PM quem efetuou a maioria das prisões de ontem.

Ele, depois de algumas consultas, me disse que a Leonor foi entregue aqui pelo pessoal dele, depois de ser detida no Largo do Paissandu.

O policial continuava aparentemente sem emoção alguma. Passou a limpar as unhas com um palito e perguntou:

— Qual é o nome desse seu amigo da PM?

— Não tem nome — respondeu o advogado.

Então, como se um raio tivesse caído no lugar, todos os que estavam próximos se levantaram. Olharam firme para o pai da desaparecida e, depois, para o policial que havia feito a pergunta. Este, fez sinal aos demais para voltarem a se sentar e riu um riso de deboche.

— Uma coisa eu admiro no senhor, advogadozinho. O senhor tem coragem. São raras as pessoas que chegam aqui no meu balcão, na delegacia do doutor Fleury, para dizer que não vão fornecer algum nome. A maioria dá nome, endereço, número de Identidade, time do coração, tudo. Bastam uns dez minutos de conversa em particular. Mas com o senhor não vai acontecer isso.

Prosseguiu:

— Se eu sei quem é a sua filha, e se eu me lembro dos nomes das que foram trazidas para cá ontem, posso lhe assegurar que ela já disse tudo o que a gente queria saber. Quanto ao seu amigo da PM, ele é um bosta! A gente aqui caga e anda para a Polícia Militar. Eles são apenas os motoristas dos carros que trazem para nós os subversivos que temos de interrogar. Mais nada. Agora, sente o rabo na cadeira que vou localizar sua filha antes de mandá-lo entrar.

Enquanto o policial entrou e sumiu corredor afora, fez-se silêncio pela primeira vez desde que ingressamos naquele prédio antigo, mal cuidado e com ar de sofrimento. E é possível ouvir perfeitamente os sons do silêncio, sobretudo e principalmente num lugar como aquele, onde todos os barulhos que não os da comunicação formal, ou são camuflados ou estridentes, desesperados.

Com o ouvido aguçado, passamos a ouvi-los. De longe, vinha

um lamento. Mais distante ainda, uma espécie de choro. Alguém gritava, próximo de nós, que estava com fome. Outro, com sede. O indisfarçável som de alguns tapas, possivelmente no rosto, foi ouvido em seguida aos pedidos.

Correndo os olhos pelo ambiente, notei que ele não era suficientemente claro. Ao contrário: tudo naquela antessala de delegacia-presídio era mostrado em penumbra. Em certos pontos, sombras marcavam o chão, as paredes, outros pontos da construção ou do mobiliário. Até mesmo o fato das pessoas não encararem os que vinham até elas, ficarem caladas, cismando ou olhando com desconfiança, gerava desconforto.

O pouco caso do policial para com o documento do advogado era um exemplo. Aquela carteira da OAB, que em muitos lugares representava status e dava ao portador o direito a acesso, ali só gerou pouco caso. Nem sequer foi olhada, conferida.

Ficamos esperando por longo tempo. O policial demorou a voltar. Enquanto isso acontecia, ninguém se dirigia a nós. Como o advogado permaneceu sentado sem reclamar, optamos por fazer o mesmo. Éramos três pessoas estáticas num lugar estranho, hostil, aguardando algo que nos dava medo. Um sentimento que logo em seguida se justificaria.

O policial voltou acompanhado de outro. Simplesmente foi até sua mesa e se sentou sem se dirigir a nós. O segundo, o que veio com ele, parou na entrada da sala. Vestia um jeans surrado, camisa quadriculada, cigarro no canto da boca, ar de deboche e um distintivo pendurado no bolso. Tinha nariz adunco e testa larga. Fez um simples gesto com o dedo, daqueles que a gente faz para chamar o cachorro, mandando que o acompanhássemos e nos deu as costas.

Nós nos levantamos e o seguimos naquele corredor cheio de portas, abertas e fechadas, dos dois lados. Num canto, um policial, que mais parecia carcereiro, guardava uma porta de aço, totalmente fechada, e que certamente daria acesso ao local onde estavam os presos do dia anterior. Ou, quem sabe, parte deles.

Fomos orientados, novamente com um simples gesto de dedo, a entrar em uma sala maior. Ela tinha uma espécie de vestíbulo com um sofá e uma poltrona. Ao fundo, sentado a uma grande mesa cheia de papéis, carimbos, máquina de escrever e um revólver estava um homem de meia idade. À frente de nós, uma placa metálica, reluzente, talvez a única peça bem cuidada do embiente identificava: Delegado Edmundo. Edmundo de que? A placa não dizia e nem nós ousamos perguntar.

Enquanto o delegado nos apontava o sofá onde nos sentamos, o policial que nos havia levado até lá permaneceu ao lado. Então, o doutor Edmundo, como seria chamado por todos os demais dali para frente, olhou-nos no rosto. Levantou-se para se sentar diante de nós numa poltrona. Depois se voltou para o policial ao lado, o dos gestos com o dedo e que nos havia trazido até lá:

— Faxineiro, vou conversar com eles e depois você os leva até onde está a menina. E explica a eles que procedimentos devem adotar. O homem chamado de Faxineiro apenas fez que sim com a cabeça e nada disse.

O delegado se ajeitou mais uma vez de maneira confortável e começou a falar, dirigindo-se apenas ao advogado, o pai da moça:

— Não tenho boas notícias. Sua filha foi presa ontem, juntamente com mais um bando de baderneiros, creio que uma centena deles, numa passeata no Centro de São Paulo. Até aí, acredito que o senhor já saiba. Quando a trouxemos para cá, ela e um rapaz eram os mais exaltados. Sua filha virou-se para o policial encarregado de fichá-la e tomar suas impressões digitais e falou uma série de impropérios. Chamou-o de tudo. Xingou a mãe do policial. Disse que exigia um telefone para falar com o senhor, que é advogado e conselheiro da OAB.

Parou Um pouco, como se esperasse que nós absorvêssemos o que tinha sido ouvido até aquele momento. Depois continuou:

— Quando o policial deu-lhe um tapa no rosto, para que se calasse, ela avançou para ele e o chutou nos testículos. Ainda por cima, mordeu a mão dele. Então, os que estavam ao lado voaram em cima dela. Ela foi es-

pancada até se calar e parar de se debater. Foi isso o que aconteceu com a sua filha Leonor, que se meteu onde não devia.

O advogado espumava de ódio. Fez que ia se levantar do sofá, mas logo sentiu o aço frio do revólver do Faxineiro contra sua têmpora. O homem havia se deslocado de onde estava e se posicionado atrás enquanto o delegado falava, temendo uma reação. O doutor Edmundo, por sua vez, permaneceu estático, sem esboçar gesta algum, principalmente sem mostrar emoção. Parecia uma esfinge e balançava as pernas sem parar, aguardando que o ambiente se acalmasse.

Tomado de fúria, o advogado disse:

— Seu bandido! Corja de bandidos! Mostrem-me onde está minha filha agora. Eu quero minha menina. Vocês não vão viver a vida toda num mundo sem leis. Vocês vão parar na cadeia mais cedo do que imaginam. E eu vou ligar para a OAB agora.

— Quer que eu algeme o cara, doutor? — perguntou o Faxineiro levando a mão à cintura onde um par de algemas brilhava.

O advogado levantou-se de um salto e avançou sobre o policial. Foi agredido com um soco e caiu ao chão. Imediatamente, as algemas foram passadas em seus pulsos e ele ficou no solo, arfando de dor e ódio. O namorado da Leonor também se levantou e recebeu outro soco. Da mesma forma, caiu.

O policial responsável pela segurança do delegado era incrivemente forte. Vou passar o resto de minha vida me lamentando por não ter feito nada; não ter tido um momento de fúria, uma tentativa de reação sequer. Fiquei apenas sentado, covardemente, com o delegado olhando para mim com um sorriso debochado nos lábios.

— Você vai sobreviver, menino — disse ele se dirigindo a mim ao final das agressões, sorrindo de maneira sarcástica.

Então, se levantou e andou em direção à sua mesa. Sentou-se na cadeira diante dela e pegou o telefone. Calmamente, se dirigiu ao advogado que estava prostrado no chão, rosto inchado, um filete de sangue escorren-

do da boca em direção ao pescoço:

— Estou ligando para a OAB e alguém deverá vir buscá-lo. Agora, o meu auxiliar vai levar o senhor até onde está sua filha e lhe dar as orientações sobre como retirá-la daqui. Só um derradeiro conselho: se o senhor tentar aguma violência, algum gesto tresloucado, vai acabar na mesa e ao lado da dela. Aqui não adianta tentar bancar o herói. Aqui, os heróis somos nós. Os valentes do lado comunista estão todos mortos.

O Faxineiro abriu a porta. Do lado de fora, mais dois homens nos esperavam. Eles ajudaram a suster o advogado, ainda trôpego, e nos levaram corredor adiante. Passamos novamente por várias salas, algumas com portas abertas, outras com portas fechadas. Mais uma vez sons de lamentos, gente gritando, passoas passando correndo e homens com pastas parecendo advogados.

Viramos à direita em uma parte do corredor. Diante de uma sala fechada, com um policial à frente, paramos. O Faxineiro falou com o guarda da porta que tinha ordens do delegado para entrar e mostrar um dos corpos às pessoas com ele. O advogado gemeu e soltou um grito de desespero.

O namorado da menina também, ao mesmo tempo em que xingava a todos. Uma forte bofetada no rosto o calou. Fomos colocados para dentro do lugar. Era amplo, com uma grande mesa do lado esquerdo, onde um homem estava senado diante de papéis e fotos. Encaixado em três paredes que circundavam o ambiente ficava um imenso "armário" de aço com portas e gavetas também muito grandes.

Pelo frio que deixava escapar tratava-se de refrigeradores para guardar corpos humanos. Não todos inteiros. Em alguns casos, pedaços deles. Estavam em sacos de tecidos que iam sendo retirados do local por policiais. Via-se claramente as formas de cabeças, braços e pernas, além de troncos, naqueles monturos de algodão, pingadores de sangue.

No corredor, duas pequenas portas estavam abertas davam a salas de poucos metros quadrados, para não comportarem presos deitados. As paredes eram pintadas de preto e não havia janelas, nada que ventilasse ou

permitisse luz entrando.

Na área central do ambiente, seis mesas se sobressaíam. Ao lado de cada uma delas, outras, menores, com instrumentos cirúrgicos ou de necropsia colocados ao alcance das mãos. Quatro das seis mesas estavam vazias. Somente em duas delas havia corpos cobertos com lençóis brancos, manchados de sangue em vários lugares. Quando um dos funcionários do setor o chamou de Passos, com um berro, o Faxineiro o fez se calar. E o homem se calou em sinal obsequioso.

Os policiais, que nos empurravam daqui para ali, levaram o advogado até ao lado de uma das mesas. Com um gesto brusco, um deles tirou o lençol de sobre o corpo. E então Leonor apareceu. Estava morta, como havia sido dito. Nua, apresentava diversas marcas de espancamento.

Um olho, de tão inchado, simplesmente se tornara uma grande mancha roxa. Havia um ferimento imenso na testa. Tórax, abdome, pernas, enfim, tudo marcado por pancadas. O quadro era tétrico. Olhei por um breve instante e depois desviei o olhar. Para mim, era um quadro de terror.

O advogado voltou a urrar de dor. Voltou a se debater e foi novamente contido com mais socos. O namorado da menina gritou:

— Parem de bater nele, seus filhos da puta!

Também foi agredido. Foi então que falei pela primeira e única vez naquele lugar, pedindo aos policiais para nos tirarem a todos dali. Preferíamos ter orientações em outra sala que não naquele palco onde duas vítimas de tortura estavam mortas. A outra, com certeza, era o estudante. Fomos empurrados para fora. O policial de apelido que cheirava a sangue novamente foi o único a falar no corredor.

— Uma pessoa da OAB já está chegando para levar os senhores embora daqui. O delegado não vai indiciar nem o senhor advogado nem esses dois meninos. Vocês simplesmente vão embora daqui, para suas casas, e espero que não voltem mais. Caso contrário, vão me dar trabalho. Quando acontecem essas coisas, o pessoal me pede para limpar os lugares. Como tenho estômago bom, acabo tendo que fazer as faxinas. Senão, fica

tudo sujo e o diretor geral daqui, o doutor Fleury, não gosta. Amanhã bem cedo, a gente libera o corpo da puta comunista para vocês levarem embora. O lugar onde ela bancou a valente, já limpei e confesso que foi uma das minhas melhores atuações.

Ele parou por instantes. Pareceu degustar aqueles momentos como se fossem de glória, de vitória incontestável. Andou novamente na direção oposta de onde estávamos, no sentido da saída do prédio. Dois outros advogados, certamente enviados pela Ordem, nos aguardavam. Pegaram o pai da Leonor pelos braços e disseram a ele para ir embora.

— Nós vamos tomar as providências que o caso requer. Mas não resta nada a fazer aqui agora. A OAB vai providenciar a retirada do corpo de sua filha e você a verá novamente no cemitério, para o velório. Confie em nós: isso não vai ficar assim.

Àquela altura, o advogado parecia um autômato. Foi levado para seu carro sem esboçar reação. Um dos colegas dele tomou o volante e saiu. O namorado de Leonor entrou junto e eu fiz que não quando me ofereceram um lugar no banco de trás. "Então suma daqui" — disse um dos membros da OAB.

Quase à força, me levou até o ponto de ônibus e me fez entrar no primeiro que passava, sem nem sequer olhar para a placa e saber para onde iria. Quando o Galaxie se preparava para sair, um segundo veículo, cantando pneu, parou ao lado dele. De lá, desceu a figura descabelada da esposa do homem, a mãe da Leonor que, avisada pela OAB, gritava desesperadamente. O ônibus virou a esquima e não consegui ver mais nada.

Desci na Praça da República. Fui andando como um morto-vivo até a Salada Paulista. No banheiro, urinei e vomitei. Depois, pedi um lanche, uma coalhada síria e tentei me controlar. Paguei a conta e peguei outro ônibus, desta feita um elétrico, para onde morava. Cheguei em casa tarde da noite. Só então notei que havia anoitecido e eu passara esse tempo todo envolvido com a tragédia que acabara de viver.

Meu pai estava preocupado. Minha mãe, desesperada. Só tive con-

dições de pedir a eles para no dia seguinte passarmos numa agência de viagem, ou no balcão de uma empresa aérea, e comprar uma passagem para Vitória. Eu queria sair de São Paulo o mais depressa possível.

Foi o que fizemos. Mas, antes, no dia seguinte, ainda fui ao Cemitério da Consolação. O quadro era uma das coisas mais tristes que jamais verei na vida. Uma familia arrasada, à custa de medicamentos, sentada ao lado do caixão lacrado, de onde somente parte do rosto maquiado de Leonor podia ser visto.

Homens de terno, policiais, ocupavam-se do ambiente. Era tarefa deles impedir que o caixão fosse aberto. Os parentes e amigos evitavam até chegar perto de quaisquer daqueles indivíduos. Havia pressa entre eles e a missa de corpo presente foi oficiada em clima de grande comoção. Quando o caixão foi erguido para ser levado ao jazigo da família, fui embora. Estava tão transtornado que não dei um abraço final no advogado. E nem no manorado da Leonor e demais pessoas que, salvo uma, jamais voltaria a ver na vida.

No dia seguinte, acordei bem cedo e fiz minhas malas. Tomei café da manhã com meus familiares e meu pai me levou para o Aeroporto de Congonhas. Deu-me um beijo de despedida, disse a inevitável palavra "juízo" e logo me vi no avião. Quando o Electra da Varig que fazia um dos voos da Ponte Aérea decolou, despedi-me longamente de São Paulo. Não porque jamais voltaria lá. Mas porque sabia, naquele instante, que meus tempos de morador da cidade haviam passado, tinham se esgotado.

Ainda fiquei por um bom tempo com o rosto colado à janela. Olhei tudo pelos minutos que pretendi naquela manhã ensolarada, pensando nos dias, meses e anos tempestuosos pelos quais passávamos. Logo os quatro motores turbo-hélice do Electra deixaram São Paulo para trás. A comissária, que chamávamos de aeromoça, veio com o serviço de bordo. Ocupei-me dele. Não adiantaria nada ficar sem comer ou remoendo os fatos da véspera. Haviam acontecido e isso era definitivo. Desgraçadamente claro e real, diante de mim.

Só quando vi o Cristo Redentor me dei conta de que estava a meio caminho para Vitória. A senhora ao meu lado se benzeu e disse um "Glória ao Senhor!" Também fitei aquele monumento soberbo, no cume da montanha, e disse, como quem acredita: "Onde estavas, Senhor?"

Capítulo 6

Acordei ainda sentado no sofá da sala. Nem ao menos fui para o quarto dormir, pois emendei as recordações de São Paulo em 1968 com o sono. Ao menos sei agora qual foi o limite entre um e outro. Meu corpo doía, tinha um torcicolo desconfortável por causa da posição do pescoço durante a noite, mas era outro dia e, pior do que tudo, o dia de ir ao médico, de levar todos os exames e marcar o início da quimioterapia.

Um amigo que passara por tudo aquilo me explicou para, se um dia tivesse de fazer, não criar fantasmas em torno da coisa. Para ele, a sala era apenas um lugar para onde as pessoas iam e tomavam injeção. Nada mais. Saber quem estava começando, no meio do tratamento ou no final, era fácil. Bastava olhar para a cabeça. Totalmente careca significava que o indivíduo estava adiantado nas sessões. Os efeitos colaterais haviam chegado rápido.

Fui para a cozinha preparar o café da manhã. Como sempre gostava de fazer, peguei o pão de sal integral da véspera e o abri para passar margarina. O de véspera é melhor porque começa a ficar meio durinho e a gente come com mais prazer. Caso fique duro demais, problema nenhum, pois, tendo café com leite na caneca, basta ir mergulhando os pedaços no líquido quente e os comendo em seguida. Fica molinho e delicioso.

De repente um torpedo chegou ao celular. Era do consultório médico, para avisar que a consulta havia sido transferida para mais tarde, quase no início da noite, porque o médico teria de passar boa parte do dia no hospital onde também atendia seus pacientes. Entendi: aqueles eram os que já estavam perto do fim e ele precisava ver nas enfermarias ou UTIs de tratamento de oncologia. Coisas que, segundo meu outro médico, com o tempo, o profissional passa a ter como normais. Afinal, se o médico tiver de sofrer com cada paciente que perder, quem morrerá logo será ele.

Agora, com a maior parte do dia disponível, precisava ocupar meu tempo de alguma forma. Trabalhar estava fora de questão, antes de saber em que ponto estava meu câncer. Ninguém iria querer ter como companheiro de trabalho um doente com o corpo num lugar e a cabeça em outro, na sala das injeções dos com e sem cabelos.

Voltei a me sentar na sala e liguei a TV. Era hora dos noticiários da manhã e os fui acompanhando para me inteirar dos últimos acontecimentos. Agora na democracia, a forma de se fazer notícia era diferente daquela que vivemos na ditadura. Antes, a gente via e ouvia imaginando o que o repórter não podia falar, o que estaria subentendido ou então suprimido pelos censores.

Agora, no máximo, imaginava-se porque um ou outro assunto não era veiculado aqui e sim ali. Ou quais são os interesses empresariais determinam a importância de uma informação jornalística em tempos de liberdade. Sempre gostei de dizer que toda liberdade é relativa. No comunismo, termina onde começa o interesse do Estado. Na democracia republicana, quando começa o interesse do empresário.

Mas, ao final de tudo, pode-se mesmo, sem o risco de ser preconceituoso, chamar uma sociedade de democrática e outra não? Como, ou em que ponto, se coloca o limite entre uma coisa e outra? O conceito de democracia, obviamente, tem a ver com a forma como imaginamos a sociedade ideal, aquela que, para nós, está voltada aos interesses da população, e não aos de uma pequena elite dirigente.

Por sinal, a elite dirigente existe em todas as formas de sociedade humana, de modo que o julgamento final sempre será ideológico. Mesmo num Brasil de partidos políticos corporativos, defensores de interesses intestinos e envolvidos, dia sim, dia não, em escândalos de troca de apoio político por diversos cargos de primeiro, segundo ou terceiro escalões, nos três níveis de Governo.

Surpreendi-me pensando nessas coisas quando a manhã avançava. Estava na hora de trocar de roupa e sair de casa para fazer alguma coisa antes do horário do médico. E, ainda por cima, definir um lugar mais ou menos tranquilo onde almoçar sem ter que encontrar muitas pessoas. Nesse tipo de dia, a gente precisa mesmo é viver consigo próprio e fazer planos.

Resolvi pegar o carro e sair passeando. Como havia acontecido anteriormente, poucas horas antes de a doença me ser revelada pelo médico de longa data, decidi-me por ir rever a antiga casa de meus avós. Parei diante dela, um imóvel já totalmente diferente do que havia sido 45 anos passados, e recordei-me da infância e juventude. Ali estavam todos os meus primeiros amigos, os amores juvenis, as brigas, os sonhos, as fugidas da família.

Na rua abaixo, os casarões ainda existiam, mas nada que lembrasse o que era feito nos antigos endereços, os números 78, 92, 120 e 130. Nas décadas de 1950, 1960 e parte da de 1970, alguma das melhores casas de prostituição de Vitória estavam ali. A gente ia escondido dos pais e outros familiares. Em alguns casos, levados por parentes mais liberais. Foi lá que peguei minha primeira e única gonorreia, tratada com uma dose cavalar de penicilina injetável, o Penbensil 2.400 unidades — procaína, como estava na embalagem. Doía como o diabo quando aplicada no músculo.

Por ter voltado à "zona" um dia, acordei com coceira nos pelos pubianos. Antes de ir ao médico, decidi mostrar o local a um amigo. "É chato!" — ele diagnosticou. Disse que estava indo à farmácia para ver o que o farmacêutico receitava quando meu amigo me interrompeu.

— Compre Neocid em pó. Bote uma cueca fechada e jogue o "re-

médio" no lugar antes de dormir. Amanhã, você vai ver o que acontece. Não vai sobrar um.

Comprei o Neocid e o levei para casa escondido. À noite, durante o banho, dava para ver os piolhos me infestando. Peguei a única cueca com elástico nas pernas que tinha então e vesti. Em seguida, pulverizei tudo com o inseticida e fui dormir. No dia seguinte, acordei e fui direto para o banheiro. Tirei a cueca e ela veio cheia de chatos mortos. Morreram todos. Não sobrou um único. Bendito aquele "remédio"!

Comecei a rir sozinho e pensei que, se alguém cruzasse comigo naquele momento, ia me considerar um louco. Voltei para o carro procurando rever tudo o que havia acontecido e decidindo o que fazer em seguida, antes da consulta. De repente, tive uma ideia: liguei o motor do carro e toquei rápido para casa. Um projeto que se desenvolvia na minha mente precisava ser explicitado. Precisava virar alguma coisa concreta para, depois, se tornar uma realidade, um depoimento completo, um livro.

Cheguei ao apartamento e fiz o que sempre fazia quando tinha uma ideia que classificava como boa. Corri para o computador e o abri. Antes, ouvi o sinal sonoro de e-mail e fui para lá. Havia várias mensagens, alguns spams, mas uma das mensagens chamou minha atenção. Vinha da empresa onde trabalhava e era assinada pelo diretor imediatamente superior a mim. Tratava-se de comunicação de licença remunerada por tempo indeterminado.

Sem que eu soubesse, os diretores haviam entrado em contato com meu médico de longa data e conseguido um histórico de meu problema. O Setor Jurídico foi consultado e chegou-se à conclusão de que eu tinha direito a esse benefício para poder me concentrar no tratamento e apenas nele.

Fiquei tocado. Em anexo estavam dois documentos por imprimir, assinar e devolver até mesmo pelos Correios. Mais abaixo, num outro e-mail, colegas de trabalho enviavam votos de pronta recuperação. Era um texto singelo, creio que escrito por pessoa dada a fazer poesias, mas assinado por muita gente. Inclusive algumas que, acreditava eu, não davam a

mínima por mim. Nem falavam quando eu passava.

Pelo menos nesse caso específico, haviam tido a consideração de assinar. Passei um bom tempo respondendo aos dois e-mails. Primeiro, agradecendo à diretoria da empresa pela consideração e respeito, pois a iniciativa não havia partido de mim. Depois, mandando vivas a todos aqueles colegas de tantos anos de trabalho. Eles eram merecedores.

Fui até o bar e me servi de uma boa dose de uísque. Alguma coisa me dizia que era a hora de beber, pois muito em breve o médico para o qual estava sendo encaminhado iria me dar um papel com a lista dos "sim" e dos "não". A dos "sim", das coisas que poderia fazer dali em diante, deveria constar de uns cinco ou seis itens. Nos "não", onde estariam listadas as coisas proibidas, já podia imaginar "bebidas alcoólicas".

Sorvi meu uísque com vagar. Lembrei-me de um amigo derrotado pelo câncer poucos anos atrás. Ele se encontrava em estado terminal num hospital, mas ainda podia falar. Fui lá e o vi muito deprimido. Perguntei o que poderia fazer por ele e vi o sinal feito com o polegar e o indicador, mostrando uma dose de bebida. Pedi um tempo e saí do quarto. No corredor, encontrei-me com o médico que havia passado visita a ele momentos antes e perguntei:

— Meu amigo tem chances de sobreviver?

— Lamento, mas não tem. Ele é paciente terminal de câncer de laringe e tem de 48 a 72 horas de vida. Infelizmente é isso, porque o organismo não responde mais ao tratamento e já há indícios claros de início de falência de órgãos vitais.

Agradeci e desci. Próximo ao hospital, havia um bar. Pedi uma garrafa de guaraná e a bebi toda. Em seguida, fiz que com que o dono do bar colocasse duas doses generosas de uísque no lugar onde havia estado o refrigerante. Recoloquei a tampinha de metal de novo no lugar, com cuidado, e voltei ao hospital. Cheguei ao lado dele, certifiquei-me de que nenhum profissional de medicina estava vindo para lá, abri a garrafa e disse:

— Tome, amigo! Tome seu remédio.

Ele bebeu com vontade. Gole a gole, parando alguns segundos entre um e outro, para sentir melhor o sabor. Degustava mais do que bebia. No íntimo, creio, sabia que aquela era sua última dose em toda a vida. Por isso a saboreava daquela forma.

Terminou e ficou com a garrafa nas mãos por algum tempo. Cheirava o gargalo como se não quisesse se esquecer daquele sabor. Finalmente, entregou-me o frasco, deu um beijo em minhas mãos e disse: "Obrigado, amigo." Também beijei a mão dele e respondi: "De nada, Vininha." Fui embora. Dois dias depois, estava no velório e enterro dele. O semblante era tranquilo. Parecia que havia morrido ainda curtindo seus últimos dois uísques.

Quando terminei a bebida abri o Word. Meu projeto era escrever o livro com as histórias que passavam pela minha mente, como se fosse um filme. Queria contar não apenas o drama de ter me sabido paciente de câncer, mas também as recordações de vida, os testemunhos de 1964 e 1968, dois anos que haviam marcado uma existência. Aliás, milhares de existências, na maioria dos casos de gente que jamais conhecera e nem jamais viria a conhecer pessoalmente.

Numa de minhas estantes de livros, os exemplares de "Tortura Nunca Mais", "Brasil: Nunca Mais", "Perfil dos Atingidos" e "Memória dos Vencidos". Separei-os para consultar cada um, se fosse o caso. Seríamos nós mesmos os vencidos? Ou será que os vencidos eram eles, apeados do poder como que corridos, como que varridos do mapa da história? Isso ainda haveria de ser um ponto a considerar.

E foi pensando em tudo que fiquei um pouco triste. Afinal, em 2003, tínhamos a oportunidade de ouro de sepultar o passado, de construir um novo País, fazer um Pacto Federativo mais moderno e inclusivo, mas tudo foi por água abaixo. Corrupção, tráfico de influência, compra de votos de parlamentares sem escrúpulos, ocupação de praticamente todos os cargos importantes do poder pela "companheirada", um imenso rol de atos espúrios, tudo isso desaguou no processo do chamado "Mensalão".

Depois de tudo, o termo político de "esquerda" estava sujo no Brasil junto ao eleitorado de grande massa, junto ao homem comum. Agora seria um trabalho de Hércules recuperar conceitos e mostrar ao País que aqueles indivíduos capazes de trair seus princípios nada mais eram do que prostitutas do poder.

Mas isso seria coisa para mais adiante, talvez. Quem sabe, caso eu sobrevivesse. Por agora, concentrei-me no meu trabalho. Queria esboçar ao menos um pedaço do livro a escrever e me decidi por dividir o tema em capítulos. Tempo haveria para acrescentar mais detalhes, mais divisões, mais fatos. Afinal, a parte decisiva de tudo eu começaria a viver horas mais tarde. Depois de algum tempo pude ler o que havia escrito:

Capítulo 1 – *Eu ando pela cidade, revejo lugares que amo e faço hora para ir ao médico. Quando finalmente ganho coragem, depois de um almoço e um bate-papo com os amigos, além de um uísque, entro no consultório para ouvir o resultado da biópsia enviada pelo laboratório ao médico: câncer linfático.*

Capítulo 2 – *Em casa, como de maneira frugal. Vejo televisão, bebo mais um uísque (acho que estou bebendo demais...) e decido que quero escrever esse livro com a história do lado mais obscuro – ou mais tenebroso de minha vida. Decido voltar a 1968, quando tinha 18 anos. Fecho os olhos e faço com que os fatos comecem a se repetir como num filme.*

Capítulo 3 – *Eu me vejo na Avenida São João, em São Paulo. O mar de gente se concentra nas proximidades da Praça do Ponto Chique e vejo quando a cavalaria da PM sobe a rua com cassetetes e armas, além do Brucutu, para dispersar a multidão (vou até o fim desse relato.).*

Capítulo 5 – *Onde está Leonor? O pai dela, advogado, se desespera. Estava ao meu lado, caramba! O velho me procura e combinamos encontrar a garota no DOPS (daí vou em frente.).*

Capítulo 6 – *Somente ao final da noite somos levados a uma sala. Um delegado e outro policial, que se apresenta como "O Faxineiro", mostram os documentos de Leonor. Sim, é essa! Somos levados a uma sala aos fundos.*

De debaixo de uma coberta suja de sangue, surge Leonor. O que restou dela. Do corpo dela (relato as partes mais duras).

Capítulo 7 – *Quando acordo no dia seguinte, toda aquela história está viva na mente. Devo estruturar o livro em 15 ou 20 capítulos? Devo acrescentar 1964? Devo ir adiante, escrevendo ao mesmo tempo em que os fatos relativos ao meu câncer se passam? Quantas vezes um canceroso descreveu, dia a dia, sua Via Crucis? Gente famosa já fez isso. Hebe Camargo teria feito se pudesse. Decido que isso tudo são coisas a serem decididas mais adiante, com o passar dos dias.*

Em teoria, o prato está servido. Foi colocado diante de mim e, agora que não vou precisar comparecer à empresa até a cura ou a morte, posso me dedicar à quimioterapia e ao projeto. Decido que vou lutar pela vida. Afinal, os meus não me perdoariam se agisse de maneira diferente. A maioria das pessoas colocadas diante da situação na qual me encontro, lutam. Poucas são as que decidem botar um ponto final em tudo por conta própria. De modo que eu seria como a maioria e descartaria a minoria.

Parei um pouco para comer alguma coisa. Fiquei com fome, pois um dia atípico faz com que a gente abandone os hábitos e costumes. Depois, ainda voltei diante do computador para reler o que tinha escrito e ver se havia algo a acrescentar. Não, pelo menos por agora. Decidi deixar o texto dormir na memória da máquina. Sempre haverá a ocasião de acrescentar coisas à medida que forem surgindo. À medida que forem sendo vividas.

De repente, dou-me conta de que está na hora de tomar um banho, pegar minhas coisas, os resultados de exames já feitos e ir para o encontro com o médico encarregado de me dizer como vai ser o tratamento daqui para frente. Decerto estará me esperando com toda a calma porque o outro já se comunicou com ele, disse da minha visita, descreveu meu caso e falou quem sou, quais minhas virtudes, defeitos, hábitos e vícios. O moço deve ter hoje um retrato completo, fechado, do paciente a ser avaliado em seguida.

Nada como um banho bem tomado. Daqueles de água morna, dos

que relaxam a gente e nos preparam para enfrentar os momentos críticos da vida. Visto uma roupa mais sóbria, paletó e gravata, coisa de que não gosto, pois entendo que a ocasião pede. É engraçado, mas nunca faço isso. Na quase totalidade das vezes em que fui ao médico, o fiz vestindo jeans, camiseta, tênis, roupa para lá de informal.

Até nas duas únicas vezes em que tive de ir a um hospital para ser operado, agi dessa forma. Isso até ter de ir a uma saleta, tirar tudo e colocar aquelas ridículas vestimentas que mais parecem camisolas abertas nas costas. Lembro-me particularmente de uma técnica de enfermagem pedindo que me enrolasse numa toalha depois de ter colocado o avental, isso para "esconder o bumbum". Ela usa esse linguaja em casa?

Antes de pensar se teria de fazer isso logo em seguida no consultório, se seria necessário durante as quimioterapias ou em tratamentos futuros e mais sérios, decidi viver um dia de cada vez. Faria as coisas à medida que elas surgissem e decisões tivessem de ser tomadas. Diria também ao médico que durante todo o tempo seria senhor de minha vida, de minhas decisões. Houvesse o que houvesse, a decisão final seria sempre a do doente, de sua vontade pessoal.

Peguei as chaves do carro e desci. Tirei o veículo da garagem e vi que o dia estava indo embora. Naquele lusco-fusco de final de tarde que anuncia a noite por chegar, esperei pela passagem de outro veículo e acelerei. Até o consultório seriam míseros dez minutos.

Pouco, para quem havia vivido tão intensamente as últimas 48 horas de sua vida. Ocupei-me do trânsito, dos demais motoristas que iam para casa depois de um dia inteiro de trabalho e, como num passe de mágica, estava diante do prédio do consultório médico. Entrei na garagem franqueada aos clientes, peguei o elevador e cheguei.

Sabia que, naquele momento, estava entrando em uma nova vida, explorando terreno desconhecido, ingressando numa caverna ou num labirinto onde só conhecia o início, mas não o meio e principalmente o fim. Pior de tudo, como em todo labirinto, sequer podia apostar em encontrar

de novo o caminho de volta.

Nos casos reais, concretos, o explorador leva com ele um rolo de linha. Enquanto anda vai desenrolando o novelo, de modo a marcar o caminho de volta. No meu desafio, não havia linha, novelo a ser recolhido, nada. Apenas uma grande, uma dolorosa interrogação.

Capítulo 7

De repente, estou diante de uma figura simpática. O oncologista indicado recebeu-me exatamente no horário. Até mesmo a entrega do cartão do convênio médico, conferência de Identidade e liberação de consulta por parte da atendente foram rápidos. E gentis. Uma segunda pessoa, auxiliar da atendente, trouxe-me café e água. Perguntou se eu queria açúcar ou adoçante e, quando eu disse "Nada!", perguntou: "Café amargo?" E foi embora sorrindo depois de eu confirmar a opção.

O médico indicou-me o lugar a sentar e disse que havia recebido o telefonema do outro, falando sobre meu encaminhamento. Pediu-me para passar-lhe os exames realizados e, pedindo paciência, examinou tudo minuciosamente. Às vezes, parava para anotar na ficha preparada na Sala de Espera. De vez em quando, consultava uma imagem demoradamente. Seu semblante não demonstrava emoção, apenas apuro e cuidado.

Levou um bom tempo com aquilo. Chamou a auxiliar pelo interfone e pediu água e café. Perguntou se eu também queria e então confirmou que seriam dois. A moça entrou com a bandeja, e sem se preocupar mais com açúcar ou adoçante, colocou o copo e a xícara com pires diante de mim e saiu em seguida, com o sorriso que não parecia forçado.

O médico aguardou que eu terminasse de beber meu café e minha água antes de falar. Quis saber primeiro se o profissional que me havia enviado até ele já tinha comentado alguma coisa sobre o estágio do meu câncer e, ao obter uma resposta negativa, começou a explicar detalhadamente.

— Eu trato o paciente para que ele fique bom. Nunca para outra finalidade. Sei, e o senhor sabe também, que estamos lidando com uma doença grave. Isso não é mistério para ninguém. Mas vou tentar salvar sua vida como faço com a de todos os meus pacientes.

O termo "tentar" ficou martelando em minha cabeça: o que exatamente ele estava dizendo com aquilo? Tentar não era o mesmo que conseguir, curar pura e simplesmente. Interrompi e perguntei o motivo da palavra "tentar", pois havia dito antes que iria me salvar, como a todos os demais. Ele pareceu meio deslocado com a pergunta, mas a impressão foi breve. Logo se recompôs e continuou a falar como se não tivesse sido interrompido. Mas agora media as palavras.

— Existem ocasiões em que a doença de uma pessoa é descoberta logo no início. Em outras, nem tanto. Como o câncer é um mal silencioso, assim costumamos dizer, em grande parte das vezes a gente só o diagnostica depois de um estágio avançado. Então, o tratamento precisa ser mais rigoroso e observar procedimentos que terminam por ser agressivos e desconfortáveis.

— É o meu caso?

— É – respondeu, e acrescentou:

— Mas não significa o fim do mundo. Apenas a gente deve começar a combater logo, com brevidade, fazer um tratamento mais pesado, unindo a quimioterapia com a radioterapia. Vou te passar um impresso didático sobre o assunto, escrito em linguagem leiga, mas gostaria de falar um pouco sobre ele antes de deixá-lo em suas mãos. Está bem assim?

— Está.

— Então, vamos lá!

Ele continuou:

— A terapia primária, que consideramos como padrão para o tratamento dessa doença, é composta por radiação nos estágios iniciais, ou então uma combinação de quimioterapia e radioterapia. Para estágios mais avançados, a gente usa, principalmente, a quimioterapia com a radiação acrescentada para o controle da doença que chamamos de volumosa.

Nova pequena interrupção para prosseguir:

— A terapia biológica, chamada também de imunoterapia, é cada vez mais usada em complemento, ou como alternativa a estas, as padrão e primária. A radioterapia usa raios de alta energia para matar células cancerosas. É usada como terapia local. Isso significa alvejar áreas do corpo envolvidas por massa tumoral, tumor. O oncologista vai planejar e supervisionar a terapia.

Parou de falar e ficou esperando por uma reação minha. Como ela não surgiu, continuou:

— Claro que estou dizendo isso tudo e sua cabeça fica meio confusa. Realmente, não é fácil entender como essa coisa funciona. Mas, com o tempo, o entendimento vem. Importante é compreender que, com o passar do tratamento, reações adversas acontecerão. A que se costuma entender como principal é a perda dos cabelos. Isso acaba identificando o doente. Mas não se apoquente. Os olhares enviesados, as reações de pena e outras, são normais nesses casos. Desconheça-as, OK?

Eu não queria prosseguir com a conversa. Disse que estava tudo OK, para poder ir embora. O médico então me passou algumas páginas com esclarecimentos sobre a doença e o tratamento, antes de se despedir com algumas observações finais, ditas em tom professoral:

— Minha secretária vai marcar as quimioterapias e outros procedimentos. Vai dizer dia, hora e preparação para cada coisa. O senhor sairá daqui totalmente orientado. Mas, não se preocupe, porque, durante todo o tempo, estarei ao seu lado, acompanhando o tratamento, combatendo os efeitos colaterais e dando as informações necessárias. Nada vai ser omitido, tenha certeza. Eu trato para curar. Raramente perco a briga para essa doen-

ça. Aprendi a combater o bom combate.

Ele parecia feliz com o efeito de suas palavras. Mas o "raramente" me incomodava tanto quanto o "tentar" do início da conversa. Levantamo-nos praticamente ao mesmo tempo e nos demos as mãos. Vi que ele continuava com o mesmo ar agradável do início da conversa quando me despedi e saí para a Sala de Espera, onde a recepcionista me pediu para sentar. Ela iria falar sobre os procedimentos futuros, sobre o tratamento.

Dessa vez, fiz que ouvia, mas não ouvia nada. Para mim, aquele final de consulta tornou-se uma ladainha dispensável. Afinal, estava com os impressos no bolso e podia tirar qualquer dúvida com eles mesmos. E depois, caso alguma persistisse, bastaria esperar pela primeira sessão de quimioterapia. Ou então pela segunda, pela terceira, e daí em diante. Esperei pacientemente que a moça terminasse sua fala.

Recebi o encaminhamento para a primeira sessão de "químio", como parecia ser o apelido do procedimento, despedi-me com o sorriso mais aberto que pude encontrar e desci. Deixei o consultório com a decisão de procurar por amigos num bar que sempre frequentava, para batermos um papo e colocarmos as melhores conversas em dia. Era bom, sempre muito bom, tirar da cabeça coisas de doença. Ainda mais da doença com a qual eu convivia.

Parei o carro e lá estava a patota como que esperando por mim. Sentei-me à mesa e nos falamos. As conversas giravam de trabalho a política, passando por aposentadoria complementar, piadas e mulheres. Muitas piadas e também muitas mulheres, como exige um encontro entre homens. Afinal de contas, mulheres falam do sexo oposto quando estão conversando.

Estávamos nós em pleno papo quando aconteceu o que, no futuro, pareceria inevitável, mas não naquele momento: a esposa de um conhecido passou por nós e parou. Olhou para mim e perguntou incisiva:

— O que você estava fazendo, rapaz, saindo do consultório de um oncologista faz menos de uma hora? Algum problema de saúde mais sério?

Por instantes, fiquei parado. Não tinha o que responder e havia interrompido a conversa na mesa. Todos olhavam para mim. Até o colega que contava uma piada, parou pela metade. Se há, em cada mesa de bar, um universo insondável onde pode ser encontrada qualquer coisa, eu me tornara o centro dele, pelo menos por aquele momento. Criei coragem para sorrir em direção à curiosa e responder com calma:

— Não foi nada, não! Havia uma suspeita com relação a mim, mas o exame que fiz mostrou que estava tudo bem, tudo OK.

A mulher deu um sorriso maroto e emendou dizendo que o médico daquele consultório era um oncologista que dirigia quimioterapia. Ela entedia da coisa, a fofoqueira! Se eu fosse apenas fazer exames para tirar dúvidas, não teria ido a ele.

Estava ficando nervoso. Via a hora em que daria uma resposta mais dura àquela mulher intrometida e me preparava para uma nova resposta que ainda não havia me passado pela cabeça quando um dos amigos mais chegados e menos intrusos da vida alheia me socorreu:

— Deixe de ser curiosa. Se ele já respondeu à sua pergunta, acabou. Isso é uma conversa ou um interrogatório, pombas?

A mulher teve um sorriso amarelo e pediu desculpas. Como havia chegado foi embora com um rebolado provocativo. Estava vestida com blusa e calça comprida, branca, justa ao corpo, sob a qual era possível acompanhar a marca da calcinha, minúscula. Fofoqueira, sim! Mas gostosa também e eu só estava notando isso naquele momento, naquela mesa de bar, pela primeira vez.

Os amigos esperaram que ela se distanciasse. Um olhou para a cara do outro, o outro para a cara do um e ninguém falou mais nada. De minha parte, peguei o copo de cerveja e tomei um gole como quem nada tem a declarar. Olhei para o amigo que contava a piada antes da chegada da curiosa e pedi que terminasse o relato. Ele retomou-o, só que, agora, não mais da forma engraçada como estava fazendo antes do incidente. Ao final, fiz questão de rir bastante — aliás, fui o único a rir. Definitivamente,

a intervenção daquela mulher havia tornado o ambiente do encontro uma interrogação.

Foi outro dos amigos quem encerrou tudo:

— Gente, o cara acabou de dizer que foi ao médico tirar uma dúvida e não tem nada. Ponto final. Se ele amanhã ou depois quiser voltar a falar do assunto, sabe onde nos encontrar. Vamos encerrar isso que já está torrando a paciência. Agora, é hora de a gente continuar a conversar como vinha conversando antes.

Como num passe de mágica, o papo foi retomado. Os assuntos passaram a se suceder normalmente e as risadas voltaram a cada piada contada. Mas, para quem era capaz de notar os detalhes, como eu estava fazendo então, o ambiente não era mais o mesmo. Estava pesado como fica uma saída de consultório de oncologista como a de hoje.

Depois de algum tempo, cervejas, vários "como vai você?" e risadas, agora um tanto forçadas, os amigos começam a ir embora do bar. Também paguei minha parte da conta, dei um "Até amanhã!" para todos e fui para casa. Lá, me esperavam o silêncio, a TV e o contato comigo mesmo.

De tudo o que foi dito pelo médico e pela auxiliar dele, relativamente ao meu tratamento, uma coisa ficou em minha mente: a tal terapia biológica. Dediquei-me a pegar os textos fornecidos para ver o que poderia ter pela frente nessa especialidade: parecia mais promissora do que a quimioterapia pura e simples.

O texto sobre isso dizia que esses sistemas "são às vezes referidos como imunoterapia. Aproveitam a imunidade natural do organismo contra agentes patogênicos, doenças. As terapias são atraentes, pois oferecem efeitos anticancerígenos sem alguns efeitos colaterais indesejáveis das terapias padrão. Há muitos tipos diferentes de tratamentos biológicos, como, por exemplo, os anticorpos monoclonais, citocinas, vacinas e Interferon".

Mais adiante explicava o que cada um deles quer dizer: os anticorpos são as substâncias produzidas por linfócitos para combater agentes patogênicos. Cada célula, organismo ou agente patogênico no corpo humano contém

"marcadores" em sua superfície. Os anticorpos podem reconhecê-los.

Os marcadores são chamados de antígenos. Um anticorpo monoclonal é um anticorpo produzido em laboratório com função de encontrar e juntar-se a um antígeno específico. Anticorpos monoclonais podem ser utilizados na ajuda do próprio sistema imunológico. "Mata células tumorais diretamente ou podem entregar terapias como radiação ou quimioterapia diretamente a um antígeno específico encontrado em células cancerosas."

Concluí que esses marcadores são extremamente importantes para os médicos. Recordei-me de que, num passado mais ou menos recente, um deles pediu para que eu fizesse exames de sangue. No resultado, os marcadores de fígado e pâncreas estavam alterados. Tive que passar por ultrassom, tomografia e ressonância magnética até o profissional ficar descansado. Na ocasião, tudo dera negativo, sorte que não dura a vida toda...

O texto explicava também que as citocinas são produtos químicos naturais e produzidos pelo corpo com o intuito de estimular células do sistema imunológico e de outros. Podem ser produzidas artificialmente e usados em pacientes. "Já as vacinas específicas, ao contrário das mais comuns, de doenças infecciosas, não previnem a doença. Ao contrário, são produzidas para estimular o sistema imunológico. Criam 'memória' do câncer, para o sistema imunológico se ativar mais cedo em reincidências, impedindo o desenvolvimento de um novo tumor, mais agressivo."

Por último, dizia o texto que lia com cuidado, vem o Interferon, "usado em câncer linfático de baixo grau ou como tratamento de ajuda a pacientes com hepatite associada a câncer linfático. Fatores estimulantes das colônias podem ser usados para estimular a recuperação dos glóbulos brancos depois da 'químio'. Outras modalidades em desenvolvimento incluem drogas que atingem células do câncer molecular. Essas são as formas conhecidas".

Decidi que bastava. Agora ia dormir, descansar merecidamente, pois pela manhã, antes de retomar a vida, como gosto de dizer, ainda pensava em andar pela praia. Não perguntei ao médico se isso é recomendável,

e tempo não vai faltar, mas pretendo me exercitar de agora em diante. Se possível, reduzir também as idas ao copo com doses de álcool.

Caminhar pela Praia de Camburi é ótimo! Todos os dias, a menos que a chuva impeça, milhares de pessoas fazem isso. Também usam outros espaços, como a Praia da Costa, em Vila Velha, mas a preferida pelos capixabas é mesmo a que utilizo. No Espírito Santo, a maioria dos espírito-santenses nem lembra mais, mas capixaba mesmo é quem nasce em Vitória, Município parte em ilha e parte no continente, na região Norte, que, junto ao mar, engloba os bairros Jardim da Penha, o sítio do Aeroporto e o Bairro de Fátima, este fazendo divisa com o Município de Serra.

As caminhadas pelo calçadão de Camburi guardam surpresas. Quem acorda cedo as vê. Primeiro, porque é lindo esse andar matinal ao mesmo tempo em que o Sol nasce, surgindo por trás do complexo portuário de Tubarão, nosso "calo inflamado" pela grande quantidade de pó de minério de ferro com que premia os moradores da quase totalidade da Região Metropolitana todos os dias.

Pó de minério tem essa característica: é democrático. Os ventos o levam pelos endereços de ricos, pobres e remediados, sem distinção de raça ou outros atributos. Todos devem limpar suas casas, endereços comerciais ou industriais de tempos em tempos. Nem adianta ficar irritado.

Mas é muito bonito quando o Sol surge por trás daquilo tudo, iluminando e mudando a cor na costa, dos navios ancorados ou que aguardam ordem para tal, sempre ao largo. A brisa suave de final de madrugada ajuda a impedir que o caminhante sue muito, principalmente no verão, quando o calor é inclemente. Como Vitória é bem servida por ventos, principalmente os vindos do mar, a brisa suave dos dias que começam ajuda a diminuir a desagradável da sensação térmica. Aliás, o pessoal das competições de vela costuma chamar a cidade de "Ventória".

Passamos por todo tipo de gente nas caminhadas de todos os dias. Há aqueles que andam, os que correm, os que usam roupas simples, os que desfilam tênis de última geração e preços estratosféricos e as garotas e ma-

dames que lançam moda. As últimas, literalmente, desfilam seus modelitos. Duas param enquanto passo e conversam:

— Menina, esse calor mata — diz a primeira.

— Por isso, gosto de me refugiar em Londres — devolve a segunda.

— Não! Não mesmo. Nada se compara a Paris, meu amor — fala de novo a que começou o colóquio.

Não consigo ouvir o prosseguimento da discussão sobre endereços turísticos europeus. Afasto-me das duas, caminhando em direção Norte, como se fosse para o bairro de Jardim Camburi.

Sempre que faço isso, procuro por meus amigos silvestres, principalmente as corujas buraqueiras que vivem nas proximidades de Vitória e das demais cidades. Elas se afastaram, ou foram afastadas, de seus habitats originais e não tiveram outra alternativa senão a de vir para próximo dos humanos, com todos os riscos que isso envolve.

Um belo dia, caminhando e olhando a paisagem, dei com um casal delas. Uma, pousada exatamente na junção das traves superiores do gol de um dos campos de futebol de areia, ou então futebol soçaite, espalhados pela região. Parada, olhava para o entorno. Fiquei alguns minutos vendo-a e admirando sua beleza. Corri para casa e voltei com a máquina fotográfica.

Ela continuava lá, impávido colosso! Aproximei-me como pude e fiz várias fotos. Imaginava que o animal fosse voar, assustado com minha presença, mas não. Como estava, permaneceu. Atrevi-me a chegar mais perto, como que a provocando. Ela olhou-me por uns instantes e virou o rosto em sentido contrário. Desconheceu-me. Esnobou-me. Saí de lá rindo.

Mas já faz algum tempo que não vejo minhas coleguinhas. Caminho no horário coincidente com os encontros anteriores e nada. Um dia, cheguei a avistá-las, ou a avistar colegas delas, nas proximidades da confluência das avenidas Dante Michelini e Adalberto Simão Nader, onde, quem entra à esquerda, vai, dentre outros destinos, para o Aeroporto. Estavam na areia, mais distantes do que nas vezes anteriores. Foi uma visão apenas. Já faz algum tempo que parecem ter mudado de morada.

Geralmente, segundo dizem, ficam na areia, próximo de onde estão seus ninhos com ovos chocando. Vai ver então os filhotes nasceram e elas se mudaram. Quem sabe? Mas ficam por lá outros bichos de asas. Passam em bandos. O anu galego é um habitante da região. Fala alto, grosso. Bandos de outros pássaros costumam passar voando do mar em direção a terra. Usam, ao que parece, uma única rota e, às vezes, parecem disputar o "espaço aéreo" com os aviões que se aproximam para pousar. Ou decolam em direção a vários destinos ao Norte, Sul e Oeste.

Os pilotos costumam dizer que, de toda a fauna voadora da região, temem somente os urubus. Eles se concentram principalmente nas regiões onde os barcos de pesca descarregam pescado. Muita gente joga vísceras no mar, ou as deixam em locais abertos. Essas, os urubus atacam. E voam, sempre perigosamente, para perto das rotas aéreas de pouso e decolagem.

Termino minha caminhada e volto para casa. É gostoso tomar um banho depois disso, antes de começar efetivamente o dia. E agora preciso me concentrar nas ações futuras. Vem por aí a malfadada quimioterapia. Ainda ganharei coragem para perguntar ao médico porque não trocá-la pela tal terapia biológica que ele me fez estudar com tanto interesse. Ainda vou ganhar coragem para tanto. Mas não é a hora. Não agora.

Capítulo 8

Minha vizinha do andar de cima é apaixonada por novelas. Com certeza, por mim também. Em mais de uma oportunidade, me convidou a ver alguns capítulos no apartamento dela. Mas nunca fui. Gosto de mulher, e muito, mas ela parece chata como o diabo. Gostosinha, viuvinha, burrinha e chatinha, acreditava eu até conhecê-la melhor, como acontecerá mais adiante.

Fala pelos cotovelos e fico imaginando minha vida virar um inferno se começar um caso com ela. Ia passar a vigiar meus passos, esperar por mim todos os dias na porta do prédio, querer dividir os apartamentos entre nós dois — pensem eu ouvindo, todos os dias, "Aqui ou aí?" — e ainda usar alianças. Logo eu que jurei jamais voltar a fazer isso.

Sempre fugi dela. Certa vez, meio de fogo, cheguei a marcar um encontro para mostrar a ela a suíte real do melhor motel da cidade. A mulher enlouqueceu. Mas, depois do pileque veio a razão. E fugi durante uns dias. Antes de desistir, ela me perguntou meio, como quem tem algum tipo de dúvida sobre o assunto, "Qual é a sua, amigo?" Não respondi.

Agora pela manhã, ao sair de casa depois do banho, dei com ela na portaria do prédio. Veio o cumprimento e o convite para conversarmos

um pouco. Sentamo-nos no sofá do hall da entrada e ela, displicentemente, como sempre faz, deixou a saia um pouco mais alta do que o recomendável.

— Tenho uma proposta para fazer. Faço?

Cheio de medo, disse que sim. Então ela emendou:

— Quando meu marido era vivo, a gente, às vezes, ia a um bar e lanchonete chamado Juparanã. Lá, fazem carninhas ótimas. A cerveja é muito bem gelada e o cuscuz paulista dá de dez a zero em qualquer outro petisco da cidade. O dono é meio esquisitão, acho que veio de São Paulo, mas, como ele conhece a cozinha que faz, nem ligo. Um dia, melhor dizendo, uma noite, a gente pode passar por lá. O que você acha?

Lembro-me de ter passado algumas vezes em frente ao Juparanã. É uma casa antiga, tem bem algumas décadas de vida, mas nunca entrei. Tem fama de botequim vagabundo, que serve mal, e fujo disso. Fora de casa, vá eu onde for, quero ao menos beber e comer bem. Comentei isso com ela, achando estranha essa fama repentina do lugar. Ela emendou:

— Isso foi no passado. O dono do lugar morreu. Ele era mesmo relaxado e levava aquilo sem cuidados. Meu marido também o conheceu. As filhas, uma dentista e outra médica, venderam o imóvel para um sujeito que estava chegando de São Paulo. Faz uns dez anos. O cara então reformou tudo, manteve o nome, trocou cozinheiro, garçons e reabriu. Aí, veio a qualidade. Consta que o pessoal todo dele, salvo um ou dois, é de São Paulo.

— E como você sabe? — perguntei.

— Fácil como tirar bala da boca de criança. Eles chamam freio de breque, semáforo de farol, têm aquele sotaque carregado inconfundível e, em umas três ocasiões, encontramos um corintiano e um são-paulino discutindo. O dono apenas acompanhava. Quando a discussão engrossou, interrompeu.

Um dia, perguntei a ele porque os auxiliares eram quase todos de São Paulo. Ele respondeu secamente com um "Porque eu quero!" e não deu mais papo. Foi a única vez em que se comportou de maneira descortês. No mais, costuma ser de pouco falar, mas atende bem a todos os que vão lá. E a

comida, como eu disse, é sensacional. Vamos marcar para quando?

Pedi a ela que me desse um tempo. Falei que estava fazendo um check-up geral e que, tão logo terminasse, a gente iria ao lugar. Se for para comer e beber bem, eu aceito. Mas deixei claro que a gente só voltaria ao assunto em sete dias. Ela sorriu, disse que era "paciente", levantou-se me deixando ver uma calcinha branca de relance, e foi embora se requebrando.

Acompanhei-a em seu requebrado até que ele sumisse pelas escadas, em direção à garagem. O porteiro, que havia chegado no meio da nossa conversa, ria enquanto eu a seguia com os olhos. Fez um gesto de mão para mim como a perguntar por que eu não a levava para a cama.

— E aí, comeu? — perguntou sorridente, imitando o título do filme nacional de sucesso.

— Não, amigo. Isso é problema na certa!

— Mas ela não vai desistir. Um dia desses o senhor passou pela portaria e ela estava de conversa com outra moradora. Quando viu o senhor, cutucou a outra e disse que ainda o iria namorar. Usou esse termo mesmo. As duas ficaram rindo um bom tempo — disse ele.

Ri também e fiz um sinal como quem diz que não adiantaria coisa alguma. Fui para a garagem, agora que havia visto o carro dela saindo. Mas, apesar de toda a minha convicção ao dizer isso ao porteiro, fiquei me perguntando se realmente resistiria àquela viúva foguenta caso um dia nos encontrássemos numa situação em que não houvesse ninguém por perto e todas as condições fossem favoráveis. A ocasião faz o ladrão, como se diz.

Concluí então que, mais do que ter medo de ir um dia com ela para a cama, porque ela parecia muito chatinha e pegajosa, o que eu temia mesmo era a "apaixonite" que sempre via nela. Por que as mulheres não podem simplesmente transar, sentir prazer, sem se apaixonar, como acontece com a maioria?

Para mim, isso seria muito fácil e discreto de fazer, caso minha vizinha quisesse. Mas, definitivamente, não confiava na hipótese. E ri enquanto ligava o carro para sair e ir até a clínica onde os doentes de câncer tomavam

suas injeções todos os dias, na esperança da remissão da doença.

Optei por iniciar o tratamento imediatamente. O local era uma sala ampla, com várias poltronas de encosto flexível e apoio para os pés. Ao lado de cada uma delas, suporte para soro e outros medicamentos injetáveis. Uma profissional de enfermagem me atendeu e me levou até uma daquelas poltronas. Sentei-me, procurei ficar o mais confortável possível e depois senti a agulhada dolorosa, pois a mulher foi encontrar minha veia próximo da mão esquerda. Falou meia dúzia de palavras reconfortantes e foi embora.

Fiquei lá, tomando aquela coisa, braço estendido. Olhei em minha volta. A maioria dos pacientes preferia o silêncio. Muitos recebiam a droga com a cabeça baixa, como que falando consigo próprios. Outros de olhos fechados, como se dormissem, mas sem dormir. Uns poucos liam. Uma televisão de tela grande, numa das paredes, servia de consolo para os mais próximos. Nela passava um documentário repetido por emissora de TV fechada. Era sobre oceano, da BBC inglesa, com imagens belíssimas.

Apenas uma senhora idosa, ao meu lado, sorriu gentilmente quando nossos olhares se cruzaram de forma breve. Logo em seguida, ela se virou para o lado e, como outros, passou a ver a TV. Fiz isso também e acompanhei aquela reportagem com interesse. Pelo menos assim não tinha que pensar no que estava fazendo, nem olhar para suportes de soro e monitores, como os que estavam ao lado de algumas das pessoas.

Terminado o procedimento, recebi a orientação de ir embora e voltar para a segunda sessão. Só então percebi que o médico, ao contrário do prometido, não estava presente, acompanhando meu tratamento. Questionei aquilo com a funcionária da portaria, que anotava para mim dia e hora do prosseguimento daquele tratamento.

— O doutor não veio hoje porque seu horário está coincidindo com as consultas dele. Mas pode ficar tranquilo, pois já na segunda sessão estará aqui. Estou marcando seu horário para coincidir com as passadas de visitas dele. Assim, os dois poderão conversar sem pressa e o senhor vai tirar as dúvidas que porventura ainda tenha. Até lá e bons dias!

Fui embora. Não sentia nada depois de tudo aquilo, de modo que procurei levar uma vida normal. Ou próxima disso. Na segunda aparição minha pela clínica, efetivamente, o médico estava lá, com o mesmo sorriso nos lábios e a mesma fala mansa, professoral, da consulta inicial.

Perguntei a ele sobre as terapias biológicas, as imunoterapia, e ele novamente sorriu indulgente. Explicou que isso era uma questão a ser considerada no futuro, mas que, por agora, o indicado era o que eu estava fazendo.

— Necessitamos de um começo pesado para enfrentar o mal com força. Depois que ele ceder, a gente vai pensar outras soluções.

Em seguida perguntou se eu tinha ciência dos efeitos colaterais do tratamento e me passou um papel impresso. Despediu-se marcando uma consulta de consultório e, ao mesmo tempo, confirmando a outra sessão de quimioterapia.

Enquanto a droga era injetada na minha veia, li aquela coisa: "Os efeitos colaterais comuns na quimioterapia envolvem supressão do hemograma, o que resulta no aumento da susceptibilidade a infecções por baixa contagem de células brancas do sangue, anemia por baixa contagem de células vermelhas do sangue, ou problemas de coagulação por causa da queda no número de plaquetas.

Ainda pode haver outros efeitos secundários. Eles incluem náuseas e vômitos, perda de apetite, de cabelo, feridas na boca e aparelho digestivo, fadiga, dores musculares, alterações nos dedos das mãos e dos pés. Drogas específicas causam outros efeitos colaterais específicos."

De tudo aquilo, era o final que me preocupava. Confesso que estava preparado para as náuseas, a fadiga, as dores musculares e tudo o mais. A queda de cabelo, não! Sabia que ela era inevitável e que, quando chegasse, junto com ela, chegaria também o atestado da doença. Daquele momento em diante, todos olhariam para mim como para um condenado.

— É câncer em que lugar? — ouvi certa feita uma senhora, idosa e curiosa, perguntar a um cidadão que provavelmente ela não conhecia.

— Na cabeça do pau — respondeu ele.

A mulher levou a mão à boca, com o que chocada. Virou-se para mim e perguntou se eu havia ouvido aquele "absurdo" e respondi de pronto:

— Mas, minha senhora! Câncer na cabeça do pau deve doer muito!

Ri ao me recordar daquilo. Jurei a mim mesmo que faria igual, caso desconhecidos me abordassem para perguntas indiscretas. A profissional que veio retirar a agulha de minha veia naquele momento, finda a sessão de "químio", como ela dizia, me viu rindo.

— Todos deveriam ser bem humorados como o senhor — falou. Forcei o sorriso olhando para ela, não respondi e me levantei para ir embora. Fui sem olhar para trás.

A quimioterapia continuou. Na véspera de ir ao consultório do médico para avaliação, passei o dia diante do computador tentando dar forma ao tal livro que havia me determinado (será?) a escrever. Não conseguia e decidi que deixaria as coisas acontecerem naturalmente, isso caso elas realmente acontecessem. Almocei e passei parte da tarde em casa.

Como a consulta estava marcada para as 17 horas, cerca de uma hora antes, fui tomar banho. Pouco antes havia sentido náuseas e vomitado. Era a primeira vez que isso acontecia. Decidi que iria falar a esse respeito com o médico e pedir a ele algum medicamento específico para aliviar os sintomas. Não queria ficar sem me alimentar de maneira alguma.

No banho usei shampoo para lavar a cabeça. Esfreguei os cabelos e um chumaço me veio nas mãos. Gelei. Com cuidado, deixei que a água caísse para retirar todo aquele tipo específico de sabão, mas mais cabelo saiu. Quando desliguei o chuveiro, vi os fios escorrendo para o ralo. Era uma quantidade grande. Saí do boxe, joguei no vaso sanitário o que havia caído no chão e passei levemente a toalha na cabeça, apenas para diminuir a quantidade de água, em vez de secar o local.

Enxuguei-me e olhei no espelho. Claramente, meu cabelo estava mais ralo. Nem ao menos me penteei. Deixei que a cabeça secasse naturalmente enquanto me vestia para ir ao consultório. De repente, surpreendi-

me chorando.

Jamais teria imaginado, antes da doença surgir, que choraria justamente por isso, por um detalhe de ordem estética. Mas, talvez isso se devesse ao fato de que a perda dos cabelos, decisiva e definitivamente, havia me colocado de frente com o câncer. Agora me perseguiria diante do espelho todas as vezes que tivesse de olhar para ele.

Coloquei a roupa e desci em direção ao carro. Sem abrir os vidros, porque, isso, fatalmente faria com que o vento agitasse meus cabelos, dirigi para fora da garagem, alcancei a rua e andei para o prédio onde o médico trabalhava. Essa seria a primeira vez em que chegaria lá deprimido. Tentei combater o sentimento, levantar o ânimo, o moral, mas não consegui. Pura e simplesmente estava triste e essa tristeza me dominava.

Entrei na sala pé ante pé. Lá mais uma vez a atendente, com seu indefectível sorriso nos lábios, esperava por mim. Mas ela estava sozinha e eu saberia disso logo em seguida, quando falou:

— O doutor me mandou pedir desculpas a todos os pacientes do final do dia, mas não vai atender hoje. Não liguei para o senhor porque esse comunicado chegou agora e estava falando com o paciente das 16:30. Morreu um grande amigo dele e ele foi ao velório. O doutor está arrasado, mas sua consulta foi remarcada para amanhã, no mesmo horário.

— O amigo morreu de câncer? — perguntei, com raiva.

— Como, senhor? — disse a moça, surpresa.

Fiquei envergonhado e pedi desculpas antes de ir embora. Ainda recebi o papel com a marcação do novo horário das mãos dela antes de sair e me dirigir ao elevador. Continuava irritado, triste e sem a menor intenção de voltar para casa. Decidi que aquela não seria uma boa ocasião para ficar sozinho. Melhor seria me misturar a algum público.

De novo no carro, saí da garagem. Não queria voltar para casa, mas também não tinha a menor ideia de para onde ir. Dessa forma, dirigi como se estivesse indo para onde morava, esperando que me surgisse alguma opção. Caso contrário, deixaria o carro na garagem do prédio e iria me

encontrar com os amigos de sempre, no bar onde costumávamos nos reunir no bairro. Por enquanto, ainda restavam cabelos suficientes para evitar perguntas.

O trânsito estava complicado. Isso era uma coisa que se tornava a cada dia mais irritante em Vitória, sobretudo em bairros com mais veículos circulando, como a Praia do Canto, onde estava naquele momento. Costumava dizer que, um dia, ainda teríamos uma cidade como São Paulo, pelo menos nesse item, que irrita todo mundo, todos os dias. Achei melhor evitar o engarrafamento e entrei à direita, buscando vias alternativas.

Fui pelas ruas secundárias, pois sabia que, fatalmente, chegaria à avenida que me deixaria em casa, em Jardim da Penha, e, naquela região, o trânsito fluía melhor. Num ponto em que precisei parar porque o semáforo estava fechado, ao sair, vi, como que de relance, a placa: Bar e Lanchonete Juparanã.

Já ia embora, seguindo em frente, quando o quadro me veio à mente: era esse o estabelecimento indicado pela viúva do prédio. Ela disse que o cuscuz paulista era imperdível, tentando assim me atrair com a promessa de boas comidas, bebidas e papo. Decidi que aquele seria meu endereço de final de tarde e começo de noite.

Fiz a volta no quarteirão e, na quadra oposta, vi um carro saindo. Estacionei naquela vaga pois, se contornasse de novo, fatalmente não encontraria onde deixar o carro na frente do bar. Melhor um passarinho na mão do que dois voando.

Em menos de dois minutos, estava diante do lugar. Amplo, tinha um grande balcão do lado direito, que ia praticamente até o final, onde ficavam os banheiros. As mesas estavam todas no interior, colocadas do lado esquerdo, em filas duplas. Havia jovens, mas a grande maioria dos frequentadores eram pessoas mais maduras, algumas de terceira idade e quase sempre acompanhadas.

Os garçons percorriam o lugar servindo os clientes ou anotando pedidos, de modo que me sentei numa das mesas vagas. Uma chopeira

colocada no balcão servia chope claro e escuro, de modo que, no que tocava àquele ponto, já havia me decidido. Olhei em torno, procurando por um cardápio quando um deles materializou-se junto com o garçom.

Agradeci, pedi um chope escuro e fiquei com o cardápio nas mãos. Lá estava o cuscuz à paulista do qual a vizinha havia falado e me decidi por ele. Recebi a bebida, a comanda e pedi a comida. Enquanto esperava, dei uma grande golada no chope e senti que precisava ir ao banheiro. Pedi então a um casal idoso da mesa ao lado para olhar minha bolsa, levantei-me e fui.

Quando saí, depois de urinar e lavar as mãos, notei que um grupo grande de homens estava colocado bem ao fundo do ambiente, ao lado dos banheiros, em três mesas juntas. Eles falavam alto, riam e conversavam em tom de quase algazarra. Destoavam do restante do público do local por causa disso. Não dei maior atenção a eles e voltei para minha mesa.

Depois que o garçom trouxe a comida, realmente muito gostosa, reparei melhor no lugar onde estava. O balcão, que percorria toda a extensão interna do ambiente, tinha a parede lateral ao fundo toda ocupada. Sobre prateleiras com garrafas e alguns barris de bebidas, havia várias fotos de São Paulo.

Como sempre, uma delas mostrava o monumento às bandeiras, na outra aparecia o Parque do Ibirapuera, mais adiante havia uma foto antiga do Aeroporto de Congonhas e, dominando todas essas e ainda mais algumas, uma grande, do Vale do Anhangabaú. Havia sido feita de frente para a passagem de nível chamada de "Banheira do Ademar" pelos muitos episódios de enchentes verificados lá em dias ou noites das famosas chuvas fortes na cidade. O escoamento de água era insuficiente.

Diverti-me um pouco vendo a foto. Ela claramente me remetia a um passado saudoso tanto pelos bons quanto pelos maus motivos. Pedi mais um chope escuro, mais um pedaço do delicioso cuscuz e fiquei ali curtindo o ambiente realmente muito bom. De repente, me deu vontade de não voltar para casa cedo, mas sim curtir mais aquele lugar. Só não sabia

ainda se traria ou não minha vizinha para comer e beber lá. O perigo persistia!

Lá pelas tantas, tomei meu terceiro chope escuro. Escolhi também uns quibes para comer, pois constava que eram igualmente muito bons. E eram. Então, me deu vontade de ir ao banheiro novamente e não pude deixar de notar, mais uma vez, a algazarra que o pessoal das três mesas dos fundos fazia.

Como precisei esperar um pouco para que o local ficasse vago, ainda pude pegar carona em um pedaço de conversa, quando um homem idoso, muitas tatuagens espalhadas pelo braço, um enorme cordão de ouro pendurado no pescoço, contava como alguém havia "se borrado todo" ao se ver diante do cano de seu revólver. Olhei melhor para o cidadão, de cima abaixo. E vi perfeitamente, pendendo ao lado do cinto de sua calça, um chaveiro com o inconfundível e assustador símbolo da *Scuderie* Detetive Le Coq.

Cheguei a levar um susto. Isso ainda existe, minha gente? O chaveiro estava lá, pendurado e protegendo algumas das chaves do cidadão. Quem sabe as da casa, do escritório, sabe-se lá de que lugar mais. O homem era dos que mais riam. E ainda parou para, ostensivamente, olhar as pernas de uma garota com cerca de uns 20 anos que entrava no banheiro feminino.

Ingressei no meu, que havia ficado vago, me aliviei e saí rapidamente. Fiquei um pouco do lado de fora lavando as mãos em uma das pias colocadas ali para isso e vi que quando a moça saiu e o sujeito do chaveiro olhou novamente para ela. Ele disse:

— Gostosa!

— Babaca! — levou como resposta.

O sujeito riu. Os que estavam ao lado dele riram também. E voltei para minha mesa. Era neófito no local e tudo o que não podia fazer era arrumar confusão.

À medida que anoite avançava, o Juparanã continuava cheio. Mas o público, antes predominantemente de pessoas maduras, agora ia ficando

de jovens. Um deles parou o carro bem em frente à porta principal e ligou o som em alto volume. Imediatamente, o dono do estabelecimento mandou que abaixasse, "para não incomodar as outras pessoas".

Falou claro, alto e indo em direção ao carro. O som foi imediatamente reduzido a níveis civilizados. E então o proprietário retornou para dentro do balcão, ao lado do caixa, de onde podia controlar praticamente tudo do lado do lugar.

Notei o homem enquanto ele se deslocava de volta a seu posto de trabalho. Tinha cabelos grisalhos, meia altura e usava calça jeans um tanto surrada. A camisa, quadriculada, estava parte dentro do cós da calça e parte fora dele. Era certamente uma pessoa descuidada. Mas, afora isso estava limpo, mostrava ao menos asseio.

E com uma particularidade: lavava as mãos seguidamente ao pegar comidas ou bebidas. Quando tinha que ir ao caixa para manipular dinheiro, calçava luvas de borracha, dessas usadas por médicos, dentistas, enfermeiros e demais profissionais de saúde.

Virou-se de frente para todos nós. Seu olhar percorria o ambiente e parecia que nada deixava passar. Tudo via, tudo sentia. Quando um cliente levantou os braços pedindo algo, antes mesmo que o garçom pudesse reagir, falou, firme: "Mesa sete."

Se acontecia de virar de costas para pegar alguma coisa, era um giro breve. Os pedidos de chope, o empregado de dentro do balão atendia. O dono acompanhava o atendimento com algumas viradas de olhos e nada mais. Podia dizer, por exemplo, "Menos colarinho nesse chope!" — ou o inverso. Mas sempre de forma rápida, autoritária.

Quando o pedido estava finalizado, também rapidamente pegava a bebida, colocava em uma das bandejas e ordenava ao garçom mais próximo que a fosse levar. Ordenava é o termo exato. Naquele homem, a palavra pedir não parecia adequada.

Eu já estava fazia um bom tempo naquele lugar. E ele enchia de gente. Um casal surgiu na minha frente; eram dois pombinhos prestes a

casar, a julgar pelo carinho que se davam e pelas alianças nos dedos da mão direita. Alianças que reluziam, de tão novas que eram. Como estava sozinho, me levantei.

Chamei o profissional que me atendia e disse que estava indo para uma das banquetas do balcão, para desocupar lugar aos novos clientes. Os dois abriram um largo sorriso e me agradeceram. Imediatamente, fui transferido para um local bem ao lado do caixa, o único vago naquela hora, naquele lugar. A comanda foi junto e o dono do bar apenas olhou. Foi-lhe explicado o motivo da mudança e ele simplesmente deu-me as costas.

Como estava na hora do bota-fora, pedi um uísque, pois aquele sempre era meu drinque de despedida nas ocasiões em que o dinheiro para tomar apenas essa bebida era claramente curto. Esse não era o caso de agora, mas temia pelo fato de estar fazendo tratamento quimioterápico. De propósito, até aquele dia, ainda não havia me dirigido aos dois médicos, nem ao das consultas iniciais nem ao de "químio", para perguntar se podia ou não continuar a consumir minhas santas doses de todos os dias.

Essa foi imediatamente anotada na comanda. Olhei para frente e lá estava, diante de mim, a grande foto do Anhangabaú. A "Banheira do Ademar" aparecia em primeiro plano, carros entrando e saindo pela via dupla. Vi então que a maioria dos veículos era antiga. Havia Fuscas, caminhonetes não mais fabricadas, um DKW Vemag e até mesmo algumas Kombis. O dono do Juparanã passava por mim e não pude conter a pergunta:

— Essa foto é de que ano?

Ele não respondeu. Passou direto calçando as luvas e retirando dinheiro do caixa para um troco. Entregou tudo ao garçom enquanto perguntava se os ocupantes de uma mesa tal iriam sair. À resposta positiva, fechou a comanda e colocou-a na gaveta. Para controle, certamente. Ficou por instantes parado onde estava e repeti a pergunta:

— Essa foto é de que ano?

Com ar de enfado, sem tentar nem ao menos demonstrar a menor simpatia para comigo, respondeu rapidamente:

— Final da década de 1960, talvez início da de 1970, meu senhor. Não sei ao certo porque se trata de uma reprodução. Matei sua curiosidade?

Disse que sim e, logo em seguida, ouvi um curto "agora me deixe trabalhar.", antes que se virasse para pegar outro chope e o colocar na bandeja para ser servido ao frequentador. Fiquei me perguntando como uma pessoa de tantos maus bofes podia dirigir com sucesso um negócio no qual o contato humano, o tratar com o cliente, é tão importante. Tão necessário. Vital mesmo, eu diria.

Foi então que ele chupou a barriga para dentro e ajeitou a camisa na calça jeans. Parecia tocado pela má impressão que aquilo provocava. Mas não perdeu muito tempo. De repente, abriu um largo sorriso — o primeiro que eu via — e disse, em tom solene:

— Meu querido amigo já vai embora?

Tocando-me pelo lado esquerdo, chegando bem próximo do balcão onde estava o também amigo, aquele homem das muitas tatuagens, do cordão imenso pendurado no pescoço, estava querendo pagar a conta. Tinha uma barriga imensa, como que de mulher nos momentos finais da gravidez. Estava suado e seu odor denunciava isso. O chaveiro continuava na cintura, agora pendendo de um lado para o outro, por causa do andar de seu dono.

— Está na hora de ir para casa, meu querido amigo. Mas volto depois de amanhã, porque antes não vai ser possível. Você sabe que lugares como esse, com tanta recordação pendurada, não deixo de frequentar.

— E nem poderia — respondeu o dono —, porque eu ficaria ofendido. Quero o pessoal todo por aqui sempre que possível. Essa é a casa de vocês.

Passou a conta ao outro. Esse tirou uma gorda carteira de dinheiro do bolso, reservou as cédulas e as entregou. Imediatamente, estava com o troco nas mãos. Fez um sinal de braço para o garçom que o havia servido e, num gesto rápido, colocou R$ 5,00 em seu bolso. Ouviu um "Obrigado, doutor!", riu gostosamente e se virou para ir embora.

Eu o acompanhei, enquanto ele se dirigia em direção à porta. Vi que outros dois o esperavam. No outro lado, as três mesas juntas haviam ficado com três cadeiras vazias. Conferia aquilo tudo quando uma voz firme, clara, autoritária, interrompeu meus pensamentos.

— Algum interesse no meu amigo?

Como resposta à pergunta daquele que estava diante do caixa, respondi com um claro e rápido "Nada!" Então, sem que eu pedisse, minha comanda com a conta chegou diante de mim. Estava lá para que eu a pagasse. Vi os três chopes, os dois pedaços de cuscuz paulista, o quibe e o uísque ainda nem ao menos terminado. Peguei o copo com a mão esquerda e o mostrei para ele.

— Desculpe-me — disse o homem —. Pensei que já era a hora de ir embora. Fique à vontade, porque a conta já está fechada. Se preferir, a gente abre de novo e o senhor pede mais alguma coisa, OK?

Fiz questão de pedir mais um uísque. Elogiei a dose servida, o gelo em quantidade exata, o guardanapo de papel cuidadosamente colocado envolvendo a parte inferior do copo e o conjunto americano pequeno, tamanho correto para servir drinques, debaixo de tudo.

O homem não reagiu aos elogios. Apenas perguntou se eu queria comer alguma coisa e, à resposta negativa, anotou mais uma dose na comanda, acrescentando-a ao total da conta. Em vez de uma dose de néctar escocês, agora havia duas. No mais, era o meu consumo de antes, sobretudo o da mesa onde estivera sentado.

Como a gente tem, de repente, a impressão de que já viu, de que conhece um desconhecido? Como é possível? O desconhecido também olha, faz ar interrogativo e se volta para o caixa. Conta paga, momentos depois, tive a impressão, enquanto agradecia e me dirigia para a saída, de que era observado. Até mesmo quando virei à esquerda, pois precisava contornar o quarteirão para chegar ao carro, estacionado no sentido contrário.

Andei devagar. Queria receber um pouco do sereno da noite que avançava e tinha temperatura agradável. Cheguei ao lado do carro e olhei

para trás. Pensava haver alguém me seguindo, mas nada. Liguei o motor e dei a volta no quarteirão devagar, passando pela frente do Juparanã. Lá dentro, pelo que pude ver de relance, as coisas continuavam como eram. O dono atendia a um cliente e dava ordens para que uns três ou quatro chopes fossem tirados. Ninguém tinha curiosidade de olhar para o lado de fora.

Fui para casa. Percebi que as bebidas haviam me deixado, como eu gostava de dizer, "de foguinho". Era uma sensação gostosa e, ao mesmo tempo, perigosa. E se uma blitz do "álcool zero" me pegasse? E se me mandassem soprar o bafômetro? Ou o etilômetro, como diziam os policiais de trânsito? Preferi ir rapidamente para casa, sem parar mais em lugar algum. Ao chegar, enquanto vencia a rampa para colocar o carro na garagem, vi que havia começado a chover. Eis aí o motivo do sereno forte da noite.

Capítulo 9

Gosto muito de conversar com meu amigo travesseiro. Somos confidentes de longa data e é com ele que tiro dúvidas, tomo decisões, analiso discursos, formais ou não, antecipo ou transfiro para mais adiante os conflitos e o fazer as pazes. Estive com esse meu companheiro conselheiro durante muitas ocasiões da vida. A ele recorri quando resolvi me casar e consultei quando o casamento terminou. Agora, perguntava quando deveria me comunicar com a ex-mulher e marcar um encontro com ela e nossas filhas para dizer que estou com câncer.

Que reação terá? Não sei. Talvez fique triste porque todo mundo sofre, em maior ou menor grau, quando está diante do semelhante que pode morrer de doença grave. Não vai chorar, sobretudo aos borbotões. Isso posso talvez esperar das filhas. De uma pelo menos, a mais emocional. As outras vão considerar a hipótese de eu sobreviver a esse temporal e viver mais uns trinta anos para morrer bem velho, usando bengala, de diarreia ou queda no banheiro. Como morrem os velhos.

Faria o comunicado, é claro!, mas não logo. Optei por continuar o tratamento por alguns dias, consultar o médico sobre a evolução da doença e somente depois convocar a família. Foi com esse pensamento na mente

que dormi e com ele acordei no dia seguinte. Levantei indo direto para o banheiro. Queria tomar um bom banho, tomar leite de soja, comer pão com manteiga e depois decidir como seria o restante do dia.

Coloquei o chuveiro na máxima vazão de água e me ensaboei. Deixei a espuma do sabonete descer corpo abaixo até o chão e o ralo do boxe. Olhei para baixo e gelei. Junto com ela desciam meus cabelos, grande quantidade, quase todo o restante segundo presumi. Fiquei olhando para aquilo parado. Lívido, acredito. Sem acreditar.

Mais uma vez, enxuguei-me com cuidado. Apenas apertei a toalha contra a cabeça para retirar o excesso de água. Depois sequei o resto do corpo e saí do boxe. Relutei um pouco, mas olhei para o espelho. O que restava de cabelo deveria ser o que estava na minha cabeça quando nasci. Minha mãe me havia dito várias vezes que eu nascera com muito pouca coisa no couro cabeludo. Tão pouco que chamar o tal couro de cabeludo era mera força de expressão. E havia voltado a ser como era.

Entendi que aquilo não teria como ficar da forma como estava. Agora, era a hora de aguardar pela abertura da barbearia, ir até lá e pedir ao meu barbeiro de tantos anos para usar máquina zero no que ainda restava sobre aquele rosto tão conhecido por mim e pelos outros, já havia mais de seis décadas. Um rosto que talvez voltasse a ser o que era. Ou nunca mais.

Consultei o relógio e vi que ainda faltava uma hora para a abertura da barbearia. Também me lembrei de que minha ex-mulher acordava cedo e tomei a decisão que ainda não havia sido tomada. Eu falava tão pouco com ela que, nas poucas vezes em que ligava era atendido. Não de maneira exultante, o que se compreendia. Mas atendia. Mulher alguma gosta de falar com o ex-marido, principalmente quando o pedido de divórcio partiu dele e não dela. Ou seja: quando sua primazia foi roubada. O telefone tocou três vezes antes de ser atendido. E como presumia, com muita má vontade.

— O que você quer a essa hora?

— Preciso marcar uma hora para falarmos nós dois e nossas filhas. Pode ser aqui, aí ou em outra casa. Só não pode ou não deveria ser em local

público. É coisa grave e urgente. Não é bom protelar.

— Veja! A pensão de alimentos já foi cancelada com a maioridade das meninas. O que pode ser agora, por favor?

— Uma questão grave de doença que mata nessa família.

Houve um hiato na ligação. Só alguns segundos de silêncio antes dela dizer:

— Por volta das sete da noite, estarei aqui com as meninas. Viriam outras pessoas, mas vou dizer que não venham. Passe aqui para a gente conversar. Também tenho coisas a dizer sobre meu casamento.

Disse apenas OK e desliguei, não sem antes ouvir uma voz que vinha do fundo perguntando que diabos de vendedor era esse que enchia o saco tão cedo. "É o noivinho" — pensei eu, enquanto ria. Ainda havia motivo para risadas nesse mundo.

Tomei café da manhã. Estava incrivelmente calmo enquanto descia, logo em seguida, para ir até a barbearia que, por sinal, ainda estava abrindo. Aproveitei para dar uma volta ao quarteirão e desenferrujar um pouco as pernas.

Os médicos e preparadores físicos dizem que a gente deve andar ao menos uns cinco quilômetros por dia, qualquer coisa em torno dos 40 minutos, mas não faço isso. Reluto, sinto preguiça e fico em casa. Ando como estou andando agora, para a padaria, para a barbearia, para o supermercado, o restaurante a quilo e outros lugares mais. No que diz respeito ao dia-a-dia, construí um universo de bairro, pois no meu temos tudo.

O barbeiro acabara de abrir seu negócio quando cheguei. Sem falar nada, sentei-me em uma das cadeiras e passei a ler uma revista enquanto esperava. Naquela barbearia, como de resto em todas as demais, só havia Caras, Contigo e outras bobagens mais. E quem não gosta de saber da vida, sexual ou não, de gente famosa, lê o que nesses lugares? O jornal do dia, ou não havia chegado, ou já tinha sido retirado pelo barbeiro mesmo, para ser lido depois com mais calma, com mais vagar.

Fez sinal para que eu ficasse sentado na cadeira e passou a toalha

por meu peito, prendendo-a na gola da camisa. Quando eu disse "máquina zero", apontando para a cabeça, ficou estático. Creio que somente naquela hora notou que meu cabelo estava ralo, quase não existia mais. Permaneceu algum tempo ensaiando uma pergunta, algo como "o que houve com você?", mas preferiu iniciar seu trabalho. A tal máquina era manual. Ele colocou a lâmina que julgava mais adequada e começou.

Tentei ficar concentrado em outra coisa, mas não consegui. Com o espelho diante de mim, foi inevitável ver o aparelho descendo às vezes reto, às vezes curvo, do alto de minha cabeça para abaixo das orelhas, trazendo tudo. Subia e descia, pode-se dizer, em movimento ritmado e rápido. Como num piscar de olhos estava tudo pronto.

O barbeiro passou a mão longamente por minha cabeça, querendo achar algum ponto não feito com a exatidão de quem tem anos de experiência e depois fez também a barba. Ao menos a providência me pouparia esse tipo de trabalho complementar, mais tarde, em casa. Disse o valor dos cortes e esperou meu pagamento. Quem tomou a iniciativa de falar alguma coisa fui eu, enquanto ele ia até a gaveta e selecionava o troco:

— É câncer, amigo.

— Não entendo disso, mas hoje, essas coisas, os médicos curam. Esse câncer apareceu onde? Você nem fuma, caramba!

— Não é só cigarro que provoca isso. Mais coisas também fazem assim. No meu caso, é um câncer linfático. Mas já estou em tratamento.

O barbeiro me passou o troco e, com um "Vou ver no Google o que quer dizer esse tal de câncer linfático", tirou a toalha de sobre meu peito, passou a escova em torno do pescoço para retirar qualquer vestígio de cabelo caído por lá e esperou que me levantasse. Também não quis prorrogar minha estada lá, de modo que deixei por conta dele consultar o computador e tirar as dúvidas que por ventura tivesse no tocante ao que era essa doença estranha, com nome complicado e que eu havia comunicado a ele.

Novamente em casa, liguei para a clínica e perguntei se era possível antecipar a quimioterapia, pois queria fazer outras coisas naquele dia. A

moça pediu alguns minutos, certamente consultou agenda e pessoal. Voltou ao telefone e disse que sim, completando:

— Por sinal, o doutor vai estar aqui em meia hora para passar visita aos pacientes. Como ele quer muito conversar com o senhor, vai ser bom. Assim ele fala de uma vez o que tem de falar.

Disse sim e desliguei o telefone. Nem tive a curiosidade de perguntar pelo assunto. Pouco tempo depois, estava lá. Fui levado para a poltrona de sempre e, como já conhecia o procedimento, fiquei apenas no aguardo de que a técnica de enfermagem fizesse sua parte. Ela foi rápida. Estava recostado e esperando que o remédio fosse totalmente inoculado quando o médico parou diante de mim. Estava solene.

— Meu amigo, vamos passar a ministrar mais de um tipo de droga a você. Quimioterapia é o uso de drogas poderosas para matar as células cancerosas. A quimioterapia é um tratamento sistêmico, e isso significa que circula na corrente sanguínea afetando todas as partes do corpo. O ideal seria que a quimioterapia encontrasse e matasse as células cancerosas em qualquer parte do corpo, mas somente elas, as doentes. Mas não é bem assim e, pelo que estou vendo em sua cabeça, os cabelos já se foram. Sua imunidade também deve estar baixa e minhas auxiliares darão a você recomendações auxiliares e necessárias.

Parou, tomou um copo de água que a técnica havia trazido e continuou:

— Acho também necessário que a gente faça a radioterapia associada, embora esse seja um método para tratamento primário. Nesse caso, vou também optar por ela, porque age de modo mais incisivo diretamente sobre os linfomas. Quero, antes de tudo, provocar uma remissão que não tenha como efeito uma recaída futura. Sua doença ainda não está regredindo como eu gostaria, mas isso vai acontecer. Às vezes, o mal é rebelde. Então, vamos ter um pouco de paciência. Seu tratamento está previsto para oito sessões e não quero falar anda antes que elas acabem. E ainda faltam quatro.

Virou-se de costas e foi embora. Antes, pediu às auxiliares que

marcassem para mim um horário em consultório, para falarmos com mais vagar. Começou a conversar com outros pacientes, já então com o velho sorriso nos lábios. Por que comigo ele não havia aparecido em seu rosto?

Depois de tudo terminado, fiquei algum tempo olhando para meu braço. Uma técnica de enfermagem dizia para um dos pacientes que ele deveria receber um cateter permitindo a administração das drogas sem necessidade de agulhadas. Ficaria internado, segundo ela, por alguns dias. Nada mais do que isso, para uma fase final de tratamento.

O homem, que estava ao meu lado, olhou-me por instantes. Seus olhos denunciavam medo. Não tive reação. Simplesmente me levantei, peguei o papel com o horário da consulta e saí. Iria andar um pouco pela praia, embora já não fosse o horário ideal, e gastar tempo para o almoço. Afinal, depois do fim da tarde, um compromisso mais sério, na casa da minha ex-mulher, me aguardava. E, pela condição da cabeça, a introdução estava decidida.

Durante a caminhada, alguns conhecidos passaram por mim. Dois deles riram como se eu estivesse fazendo alguma graça com aquela cabeça raspada. Pelo menos um ficou sério, cruzou sem dizer nada e fazendo apenas cumprimento de cabeça, bem solene, como se quisesse dizer que estava solidário comigo. Cabeça nua de uma hora para a outra não disfarça. Ao contrário, é mais clara que confissão formal: você não precisa dizer nada.

Na hora do almoço a mesma coisa no self-service onde estava acostumado a ir. Os conhecidos, gente com quem cruzava sempre, olhavam sem dizer nada. Uma senhora abordou-me e fez pergunta de uma única palavra: "Doente?" Respondi que sim com a cabeça e fui me servir. Comi em silêncio. Por sorte, apesar de tudo, continuava com fome. Mas, ao final da refeição, veio um enjoo forte.

Corri para o banheiro e usei o recurso contra vômito que sempre dá certo. Fiquei estático, cabeça para o alto, respirando fundo e compassado, sem abrir a boca, enchendo o pulmão de ar e expelindo em seguida. Depois de algum tempo, o mal estar cedeu e, com ele, a vontade de vomitar.

Mas ela certamente voltaria. Quando?

Em casa, lembrei novamente de que havia me incumbido da intenção de escrever um livro sobre o que estava passando, mas, sobretudo, e principalmente, relacionado com os anos de 1964 e 1968, marcantes na minha vida e na vida de milhares de pessoas. Decidi que estava na hora de pensar mais seriamente no assunto e começar a alinhavar o texto. Sentei-me diante do computador e comecei.

Surpreendentemente, as coisas passaram a fluir sem que precisasse de ajuda. Lá pelas tantas recorri aos arquivos. Eram documentos, recortes de jornais, cartas, livros e revistas, todos guardados ao longo do tempo. De muito tempo. Fui lendo alguma coisa, tirando dúvidas, completando um fato, relembrando outro mais adiante.

Um documento em particular me interessou. Uma carta do amigo de São Paulo, o namorado da Leonor, agradecendo pela ajuda dada quando da morte dela. Dizia que havia resolvido fazer Direito e já tinha estagiado no escritório daquele que quase fora seu sogro. Agora, trabalhava por conta própria e tinha clientela razoável em duas cidades.

Guardei aquela carta reservada, com todo carinho. Resolvi que citaria tudo no livro e depois, numa revisão final, tiraria o que não tivesse razão para permanecer, seja porque era coisa sem importância, seja porque poderia ferir pessoas.

Fiz café, coloquei a garrafa térmica ao meu lado e fui em frente. Lembrei-me que Honoré de Balzac fazia isso para passar noites insones escrevendo suas obras primas. Nem me passou pela cabeça uma comparação com ele, mas nada impedia a cópia do método. Só que não era noite, ainda faltava muito para tal e, de repente, vi o tempo passando e chegando a hora de tomar um banho, fazer a barba e me preparar para ir à casa de minha ex-mulher. Há quanto tempo não entrava lá? Nem ideia tinha.

Mas precisava ir. Era necessário dar um relato de tudo, principalmente para minhas filhas. E a ela também, por que não? Faria tudo para as coisas serem rápidas e, posteriormente, estaria sempre ao dispor das

descendentes. Tomei coragem, peguei as chaves do carro e desci para a garagem.

É estranho chegar onde mora a ex-mulher tanto tempo depois. No nosso divórcio, "amistoso" — assim mesmo, com aspas —, decidimos, depois de muitas brigas, que ela ficaria com a moradia, na verdade um apartamento, e eu com um imóvel comercial. Tudo acertado, tirei minhas coisas de lá e fui cuidar da vida. Daí em diante, nossos contatos sempre foram extremamente esporádicos e frios, sobretudo depois de ela engatar um romance, hoje já de bom tempo, com o sujeito com o qual, parece, ela iria se casar.

Peguei o elevador e parei diante da porta. Não era mais a que estava lá quando me separei, mas outra, mais solene e trabalhada, com entalhes que considerei cafonas. Olhei no relógio, vi que se passavam três minutos das 19 horas e toquei a campainha. Fiquei aguardando enquanto uma voz lá de dentro mandava que alguém a abrisse. Chegou uma senhora de meia idade, vestida com uniforme doméstico e autorizou minha entrada, mostrando-me uma poltrona. Disse que, tanto a dona da casa quanto as meninas, estavam se trocando, e logo viriam.

Empurrou para perto de mim uma bandeja com café e biscoitos, perguntando se queria que ela me servisse. Disse que não educadamente e ela saiu. Servi-me de café e olhei em torno. Não reconhecia mais nada. Tudo o que havia existido naquela casa, quando eu ali havia morado tinha sido trocado.

Até mesmo alguns quadros de pouco valor não estavam mais lá. Aliás, essa havia sido a razão de uma de nossas brigas. No dia em que ela me perguntou se eu iria levar embora "toda a hipoteca", soltei uma sonora gargalhada antes de dizer: "É pinacoteca, sua anta!" Saí de casa sendo xingado de grosso, safado e outras palavras que omito por respeito à mamãe.

Comecei a rir só para mim e para me conter. Quase que em comissão, as quatro entravam na sala. Também quase instantaneamente, no que me levantei, as quatro pararam. Eu disse: "Boa noite!" E fiquei esperando

por uma resposta que não veio enquanto elas continuavam lá, como estátuas, imobilizadas pela visão de minha cabeça totalmente nua.

Esperei alguns segundos e voltei a me sentar. Devagar, sentou-se a primeira, a segunda, a terceira e a quarta. A mais nova, carinha de anjo em corpo de mulher, virou-se para mim e perguntou:

— Isso que estou vendo é o que estou pensando?

Arrumei-me devagar na poltrona e disse que iria contar toda a história, depois de me servir de outro café. Servi-me e falei olhando para todas as três filhas. Contei sobre a descoberta da doença, consultas médicas, tratamento com quimioterapia, queda de cabelos, náuseas que agora se avolumavam e a decisão de vir contar tudo, porque não havia mais o que esconder e nem como fazer isso.

— Mas, por que não nos contou antes? — perguntou novamente ela.

Então, expliquei que sou uma pessoa tímida, embora não pareça. Sou capaz de piadas, de sorrisos maliciosos, de encontros informais e de uma vida quase toda de calças jeans, como estava agora, mas, com relação à minha saúde, era diferente. E o câncer marca, mostra tudo muito abertamente.

Minha ex-mulher, até aquele momento calada, logo quis saber com quem eu estava me tratando. Falei dos nomes dos médicos, dos endereços de consultórios, clínicas etc. E também que ainda não tinha como afirmar se o câncer iria sofrer ou não uma regressão. Era coisa de esperar. Completei dizendo que o responsável pela quimioterapia tinha algumas esperanças, embora houvesse mudado o tratamento justamente naquele dia.

A empregada veio perguntar se poderia servir alguns salgadinhos e ouviu que sim. Minha ex-mulher, então, disse que estaria às ordens para qualquer ajuda. Minhas filhas, da mesma forma, ficariam ao meu lado sempre que eu precisasse. Se dependesse delas quatro — e falou enfatizando bem o número —, eu teria de tudo até a minha cura. Respondi com um "Muito obrigado!" sincero e notei que as filhas estavam de cabeça baixa, somente ouvindo. A mais nova deixava lágrimas descerem pelo rosto de anjo,

o mesmo acontecendo com as demais. Depois que a empregada trouxe os salgadinhos, a mãe voltou a falar.

— Não posso deixar de dizer que vou me casar. Trata-se de um amor maduro, que passou por vários testes e foi aprovado em todos. Então, nós dois entendemos que temos o direito de passar nossas vidas juntos, o que restar delas, numa comunhão legal, pois isso é uma exigência dos pais dele e também dos meus, esses últimos bem conhecidos de você.

Eu disse que sim, que os conhecia bem, e ela continuou.

— Nós só entendemos que não devemos continuar vivendo aqui. Esse apartamento foi o lugar onde vivi com você, meu primeiro marido, e, embora móveis e utensílios tenham sido mudados com o tempo, até porque as coisas têm vida útil, o endereço o lembra. Meu marido, e eu já o chamo assim, não quer. Como, na nossa separação, o imóvel passou a ter usufruto meu, minhas filhas concordaram que fosse depois vendido e o dinheiro servisse para a compra do outro, salvaguardados os direitos de herança delas. Ficou faltando perguntar se você tem alguma coisa contra, pois não quero, a essa altura da minha e da sua vida, ter pendências judiciais além das que tivemos.

Dei um sorriso de compreensão — ou pelo menos me pareceu assim —, e disse que não deveria se preocupar com nada. Poderia fazer negócio e ser feliz em seu novo casamento. Levantei-me para dar um abraço nas filhas e disse que iria embora para devolver a todos a privacidade maculada com minha presença.

Na porta voltei a abraçar novamente minhas filhas, que correram até onde eu estava. As três disseram que queriam me ver sempre, de agora em diante, e me passaram, uma a uma, seus telefones celulares. Dois, eu já tinha; um, não. Ainda fiquei um pouco abraçado a elas, depois as fui soltando e me voltei para ir embora. Da outra porta, a do elevador, tive uma última visão da que se fechava enquanto três meninas sofriam.

Na garagem, aguardei um pouco pela manobra de um carro, antes de sair. Ganhei a rua e, novamente, vi que não tinha para onde ir. Olhei para

o relógio, iriam dar 20 horas, e dirigi o carro, naturalmente, em direção à minha casa. O trânsito não estava tão engarrafado como das vezes anteriores, mas, mesmo assim, dobrei à direita. Sabia que fazia um caminho mais longo, mas segui por ele. Dirigia como um autômato e, de repente, vi uma vaga que se abria, com a saída de um veículo. Era a única na rua e parecia ter se apresentado a mim como uma cortina de teatro se abrindo.

Desliguei o motor, peguei a pasta sobre a poltrona do carona e saí. Uma brisa gostosa soprava enquanto eu olhava para cima, para a placa do Bar e Lanchonete Juparanã. Calmamente, andei para lá e entrei no mesmo ambiente da outra vez. Busquei com os olhos e, coincidentemente, a mesma mesa estava vaga, como que esperando por seu cliente.

Capítulo 10

No horário em que eu havia chegado, o público mais idoso começava a dar lugar ao mais novo. Eram os jovens ocupando os espaços daqueles que iam para suas casas ver novelas ou dormir. Os notívagos, coisa que, em menor ou maior grau, todos fomos um dia na vida, ocupavam suas cadeiras para as conversas de sempre. Até planos para o futuro são tratados em mesas de bar pela maioria de nós em início de vida adulta.

O garçom que se apresentou não era o mesmo da primeira vez. Dessa feita, pedi um uísque de entrada, um "Joninho", e um cuscuz paulista. Temia me tornar habitué nesse tipo de comida, mas ela me lembrava de fatos passados. Em São Paulo, não foram poucas as vezes em que me vi diante do prato. E em todas elas era muito bom degustar essa iguaria.

Um conhecido de velha data, sentado em mesa próxima, me viu e me convidou para sentar-me lá. Também estava sozinho e próximo aos banheiros, na parte de trás da lanchonete. Fui para o lugar, cumprimentei-o e me acomodei. Ele disse que não deixava de passar no bar ao menos um dia por semana, pois adorava o serviço. A qualidade das comidas e a forma correta como eram servidas as bebidas, principalmente o chope, comum em várias cidades brasileiras, mas ainda pouco servido em Vitória e no

restante dos Municípios do Espírito Santo talvez por uma questão cultural.

Enquanto conversávamos, o dono do lugar passou por nós. Corria os olhos por tudo e parou alguns instantes olhando para mim. Logo, deu um sorriso torto, moveu a cabeça para baixo, num cumprimento meramente protocolar e seguiu em frente. Poucos passos adiante, parou em frente ao conjunto de mesas novamente formado ao lado dos dois banheiros e das pias.

Lá estavam os homens da primeira oportunidade. Não era possível saber se exatamente todos, mas pelo menos dois ou três se repetiam, principalmente o que deu um forte abraço no proprietário. Estava com roupa diferente, um pouco mais formal, mas abundavam as tatuagens ao longo dos braços. O chaveiro da *Scuderie* Detetive Le Coq permanecia pendurado ao lado do cós da calça, lado direito. Carregando algumas chaves.

Eu olhava para lá quando o conhecido, da época em que nós frequentávamos o mesmo clube, o Álvares Cabral, percebeu minha atenção desviada da mesa. Apontou para o convescote, porque o reconhecia, e disse que aquelas pessoas vinham sempre ali. Davam-se muito bem com o dono do estabelecimento e eram servidas com muita atenção em todas as ocasiões.

Não raro eram atendidos antes dos outros, o que já havia gerado reclamações que, por sinal, a direção da casa ignorava solenemente. Afinal, os outros também eram tratados com atenção e o tempo de serviço nunca excedia o tolerável. E informou que as três mesas reuniam policiais aposentados. Pelo menos era o que se dizia.

— Você sabe alguma coisa sobre eles? — perguntou.

— Saber sobre eles, não sei. Mas um deles carrega um chaveiro de uma organização policial criminosa chamada *Scuderie* Le Coq. Eu imaginava que, hoje em dia, as pessoas receassem ostentar essas coisas. Mas vejo que estava enganado. Ainda existem os saudosistas...

— O que é essa organização? — perguntou meu conhecido.

— Vou falar o que sei — respondi. — Ela nasceu, segundo se conta,

a partir do momento em que um policial, Milton Le Coq, foi morto por um criminoso de apelido Cara de Cavalo. Os amigos, e mesmo policiais que não o conheciam, formaram essa organização. E começaram a matar assaltantes, sequestradores, homicidas e até mesmo ladrões de galinhas.

— Que horror! — disse o companheiro de mesa. — Mas aqui no Espírito Santo isso não existe, certo? Ou pelo menos não existiu, correto?

— Não é correto — disse eu. — E vou contar o que sei. Perdoe se minha memória me trair. Esse pessoal se organizou por aqui também. Acredito, desde a época em que foi descoberto na Barra do Jucu, lá em Vila Velha, em 1969, um cemitério clandestino para onde delegados, investigadores e outros membros da Polícia Civil levavam os corpos de criminosos mortos por eles. Na maioria dos casos, eram bandidinhos comuns. Não havia vínculo com ações políticas, muito comuns naquela época de ditadura militar.

Tomei um gole de meu uísque e continuei:

— Eu me recordo de ter ido pelo menos umas duas vezes ao Clube Náutico Brasil, lá na Volta de Caratoíra, para participar de reuniões do Partido Comunista Brasileiro, o Partidão. A gente fazia reuniões e gincanas para arrecadar dinheiro em vários lugares, inclusive lá. Então, um belo dia, estourou nos jornais a notícia de que a *Scuderie* estava se reunindo no Náutico também. É que o clube tinha pouca renda, passava por dificuldades e alugava o salão a quem pudesse pagar. Até bailes funk, com farta distribuição de drogas e cenas filmadas de sexo explícito, já houve por lá. O clube chegou a ser fechado por uns tempos.

— Só tinha "gente boa" lá e o PCB não podia encontrar pior lugar para se reunir — disse meu companheiro de mesa, sorriso maroto nos lábios.

— Eu sei — emendei —. Naquela época, a gente não tinha ainda noção disso, e nem partido político clandestino podia se reunir em cerimonial. Mas a história capixaba desses caras é mais ou menos essa. Um belo dia, houve uma busca no lugar e acabaram sendo apreendidos fichários de

sócios, coletes à prova de balas e chaveiros, como aquele ali, com o emblema deles e duas tíbias cruzadas com as iniciais "E.M." Eles sempre negaram isso, mas essas iniciais querem dizer claramente "Esquadrão da Morte". Eles diziam que seria 'Esquadrão Motorizado', imagine...

— Que horror! — disse meu ouvinte.

Com outro gole de uísque, prossegui:

— O delegado de Polícia que deu o bote e apreendeu o material todo tinha o nome de Francisco Badenes, e era um sujeito meio complicado. Não sei dele hoje. Mas conseguiu botar as mãos até mesmo em sistema de rádio, rádios de comunicação e computadores. Com base nisso, ficou claro que o grupo tinha até tribunal próprio para aplicar medidas punitivas a integrantes e outras pessoas. Na prática era uma organização paramilitar, embora composta por civis com uma hierarquia toda sua. Por ela, um investigador de Polícia podia até mesmo comandar informalmente uma Delegacia, acima do delegado, se fosse mais graduado que ele na *Scuderie*. Funcionava dessa forma.

Como meu ouvinte estava absorto com a explicação, decidi continuar:

— Houve uma época em que o Espírito Santo era campeão em crimes de mando. Isso teve início já faz muito tempo, com raízes no campo, onde disputas por terra motivaram muitos crimes. Muitos fazendeiros, que eram ao mesmo tempo pistoleiros, ficaram famosos: José Scárdua, Antônio Pinto, Josélio de Barros, Orlando Cavalcanti e alguns outros fizeram época no Estado. Poucos viveram para morrer de velhice.

E segui adiante cada vez mais empolgado:

— Para se defender, os membros da *Scuderie* se valiam de brilhantes criminalistas. Os advogados criaram artifícios jurídicos para camuflar fatos. Por exemplo: quando uma pessoa era assassinada por pistoleiro, o advogado apresentava outra para assumir aquele homicídio e livrar o verdadeiro criminoso do processo.

— Isso é crime organizado, acrescentou o conhecido.

— É sim! E, no nosso caso, deve ter sido a raiz de organizações criminosas que ainda existem. Os que assumiam os crimes de outros não sabiam que estavam assinando sentenças de morte. Depois de confessarem e irem para a cadeia, passavam pouco tempo vivas. Às vezes, em menos de um mês, começavam a ser mortas. Quase ninguém viveu para ser julgado. Houve um rastro de mortes no Espírito Santo. Muitos crimes são atribuídos a essa gente, mas isso era difícil de ser provado. Provou-se, por exemplo, o assassinato de um advogado, Marcelo Denadai, mas o responsável levou dez anos para ser julgado e condenado. E só um o foi.

Pedi um novo uísque para continuar. Dessa vez, quem me serviu foi o garçom da primeira visita. E ele me olhou firmemente antes de anotar a bebida na comanda e perguntar se era só. Quis também mais um cuscuz, igualmente anotado. E o rapaz foi embora pedindo para ser notado. Pior: agindo de modo a que eu soubesse que também estava sendo reparado. Mas o companheiro ao lado, de tão absorto, nada percebeu. Continuei.

— O maior problema é que a *Scuderie* tinha braços dentro da Polícia. Tanto que as investigações eram dificultadas ao máximo. Os inquéritos continham falhas, provas desapareciam e documentos entregues nunca mais eram encontrados e não figuravam nos autos quando esses eram remetidos à Justiça. Dessa forma, outras pessoas acabaram sumindo. O esquema envolvia a eliminação de políticos, como prefeitos, deputados e vereadores. Em 1990, o prefeito da Serra, José Maria Feu Rosa, foi assassinado, possivelmente por não concordar com um esquema de superfaturamento de obras. Outro advogado, Carlos Batista, membro da *Scuderie*, desapareceu em 1992. Não se pode provar, mas ele teria sido eliminado como queima de arquivo, porque sabia muito de eliminações como a do prefeito de quem falei. Eu disse: você se lembra de que havia tribunais para julgar os membros e outras pessoas?

— Lembro — disse o colega —. Mas continue.

— Os membros da *Scuderie* se tratavam como "irmãozinhos", uma forma de unir o grupo como uma entidade mafiosa. Muita gente já foi presa

por causa desses sujeitos. Ex-prefeitos e empresários terminaram na cadeia como mandantes do crime de Feu Rosa. Mas muitos corpos, inclusive o dele, jamais foram encontrados para serem enterrados. Embora a pessoa jurídica da Le Coq tenha sido extinta em novembro de 2004 por uma decisão judicial, você pode ver, pelas mesas ao fundo, que ela continua existindo em teoria. No mínimo, para que saudosistas se reúnam em alguns lugares, embora até mesmo a divulgação de símbolos dessa escuderia tenha sido proibida e hoje tenham tido pouca influência. Afinal, se as pessoas desconfiam de que até mesmo promotores e juízes faziam parte do grupo, fica muito difícil cortar todas as pernas desse polvo para ele morrer de uma vez por todas.

Meu conhecido estava pasmo. Ouviu tudo sem tirar os olhos de mim. E continuava assim quando o celular tocou e ele o atendeu mais ou menos na mesma hora em que o garçom trouxe meu pedido, colocou-o na mesa e ficou parado, olhando para mim. Eu disse a ele que estava tudo OK, e que poderia ir. Então, o amigo de mesa me disse que a esposa o estava chamando em casa. Estendeu a mão, despediu-se de mim, mas não sem antes me passar seu cartão — fiz o mesmo com o meu — e pedir para nos vermos mais vezes. Antes de sair, virou-se para trás e perguntou, meio sem jeito:

— Essa sua cabeça? Esse seu cabelo? Quero dizer, você está careca e é por causa de alguma doença? De algum tratamento que faz?

— Estou com câncer!

Ele abaixou a cabeça como quem pede desculpas e foi embora andando lentamente. "O que eu havia feito com a cabeça daquele homem?" — pensei comigo mesmo. Então, me deu vontade de urinar e comecei a me levantar para ir ao banheiro. Nesse mesmo momento, outro homem, atrás de mim, se levantou mais depressa ainda, deu um encontrão contra minhas costas e, sem nem ao menos pedir desculpas, andou em direção ao grupo de três mesas, onde se sentou. Avaliei o fato e me dei conta de que, durante todo aquele tempo, ele havia acompanhado a "aula" sobre a Le Coq. Mas

não havia nada que eu pudesse fazer. Fui ao banheiro, que estava aberto, e entrei.

Quando, poucos minutos depois saí para lavar as mãos, todos os olhos do conjunto de três mesas se voltou para mim. O homem do chaveiro da escuderia, mais do que os outros. Ninguém falava nada, mas os olhares e o ambiente eram francamente intimidatórios. Qualquer pessoa que estivesse no meu lugar veria hostilidade naqueles olhares. Muita hostilidade.

Como quem não nota nada, voltei para a mesa onde estava e me sentei para continuar a tomar o uísque. Notei então que o prato com o cuscuz havia sumido. Ou sido recolhido. Fiz sinal para o garçom, que veio até a mim. Disse então não saber onde tinha ido parar o prato e ele respondeu, com um ar estranho e um tom que não deixava dúvidas:

— Desculpe-me, mas pensei que já fosse a hora do senhor ir embora.

— Não, não é! A menos que um freguês esteja sendo convidado a sair de seu estabelecimento. É esse o caso? — perguntei.

— Claro que não! — exclamou. — E, em poucos segundos, o prato com o antepasto estava novamente sobre a mesa. Não com um pedaço novo, como seria de esperar, mas com o cuscuz que eu comia antes de ir ao banheiro e com o qual não sabia o que teria sido feito. Como fiquei olhando fixamente para a comida, o garçom perguntou:

— Quer que eu troque, senhor?

— Não, deixe como está.

Continuei a beber, olhando em torno. Não havia um único conhecido daquele estranho ao ambiente, eu, naquele horário. No grupo de mesas de ex-policiais, os membros haviam voltado à conversa habitual e nenhum deles se incomodava mais comigo. O garçom estava servindo outras pessoas e o dono do local, como sempre, ocupava-se do caixa e da qualidade do chope servido aos clientes pelo profissional encarregado de tirá-lo.

Aproveitei o fato de que quem me servia estava distante, recolhendo pedidos e entregando comidas e bebidas, e me levantei. Comi o último

pedaço que estava no prato, bebi o último gole do copo e fui em direção ao balcão. Uma banqueta próxima ao caixa estava vaga e me sentei nela. De início, o proprietário fez que não me tivesse visto. Mas isso por pouco tempo. Logo, fixou o olhar em mim e perguntou, em um claro sinal de troça:

— Estou vendo que o senhor raspou a cabeça. Promessa?

— Não. É que sou muito calorento, e estava ficando suado na cabeça. Por isso, resolvi cortar os cabeços. Muitas mulheres gostam desse ar de Yul **Brynner** que possuo agora. Ao menos algumas que conheço.

— Esse seu problema de calor não seria resultado de excesso de curiosidade? Eu tinha um amigo que era assim. Suava muito. Mas um dia ele morreu e fiquei muito triste.

— Imagino – disse eu. — E lamento por seu amigo. Mas vim até aqui para inverter meu último pedido. Quando estive pela primeira vez, comecei com chope e terminei com uísque. Agora, quero fazer o contrário, e estou muito interessado nesse seu maravilhoso chope escuro. Na sua lanchonete, ele sai muito bem feito. Parecem os chopes fantásticos do Bar Brahma, ou então do Bar Leo. Você os conhece? Os dois são lá de São Paulo.

O homem virou-se para o auxiliar e fez o pedido da bebida. Pediu a ele também para caprichar e deixar no copo a quantidade certa de colarinho. "Vamos fazer a coisa correta," — disse ele terminando sua ladainha com o ajudante — "porque o cliente aqui ao lado conhece os lugares onde se serve bem. Ele é muito curioso, mas tem bom gosto".

Tomei meu chope com vagar. Estava realmente bom. Fiquei ainda algum tempo naquele lugar antes de pedir a conta, conferir a comanda e pagar. Dei uma passada de olhos pelo ambiente, para me certificar de que não haveria nenhum conhecido por lá. Saí após um protocolar "Muito obrigado!" ao homem do caixa e fui embora. No carro, ainda olhei para dentro e ele estava lá, vigiando a chopeira e o dinheiro.

Cheguei em casa cansado. Tudo aquilo havia me esgotado ou era efeito da quimioterapia? O cansaço é um dos sintomas que os médicos diziam serem inevitáveis, mais cedo ou mais tarde. Fiquei por algum tempo

pensando na conversa com o velho conhecido do Clube Álvares Cabral e me surpreendi por ter tão boa memória para fatos passados, sobretudo passados havia muito tempo.

Só não lembrava bem dos primórdios da *Scuderie* Le Coq, essa que tanta saudade provocava naqueles homens aposentados de várias lides policiais e, com toda a certeza, muita violência e alguns crimes também. Afinal, o Espírito Santo chegou a ser um campeão em crimes de mando. E um dos melhores colocados no item de casos não solucionados.

Tomei meu banho e fui para a cama. Entre ligar a televisão e consultar papéis antigos, optei pela segunda ação. Tirei de minhas prateleiras de livros e documentos a pasta onde sabia que estaria um resumo da Le Coq. Servi-me de um copo de café para tirar o gosto de álcool da boca e li aquilo tudo:

*"A Scuderie Detetive Le Cocq foi criada como forma de vingar a morte de Milton Le Cocq, detetive de Polícia do então Estado da Guanabara, antigo Distrito Federal (*hoje, o Município do Rio de Janeiro), *morto em serviço e integrante da guarda pessoal de Getúlio Vargas. Ele foi assassinado por Manoel Moreira, conhecido como "Cara de Cavalo", um marginal que atuava na Favela do Esqueleto (*Situada ao lado do Estádio do Maracanã, nos pavimentos sem paredes de um edifício cuja construção tinha sido interrompida, tendo sido todo ocupado por sem teto, que ali viveram durante anos, sem as mínimas condições de moradia. Mais tarde, eles foram transferidos para um conjunto habitacional popular. Terminada a obra, lá foi estabelecida a UEG (Universidade do Estado da Guanabara). Com a extinção deste Estado, ali se encontra atualmente a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *Isso ainda na década de 1960, tempos de muitos crimes e de marginais com nomes criados pelos meios de comunicação ou então pela própria Polícia, através de criminosos menores, delatores ou que assumiam homicídios de outros.*

A escuderia foi se transformando e virou associação, chegando a reunir sete mil integrantes e admiradores dos mais diversos tipos. Seu objetivo

oficial era a repressão ao crime. O grupo foi liderado pelos chamados "Doze Homens de Ouro", os policiais escolhidos na força de elite da Polícia pelo secretário de Segurança Pública do Estado, Luís França, para "limpar" a cidade. Limpar mesmo, na mais pura acepção da palavra.

Um dos integrantes selecionados logo de início foi Guilherme Godinho Ferreira, conhecido como "Sivuca", e que, mais tarde, se elegeu deputado estadual com o bordão "Bandido bom é bandido morto!" — cópia de um axioma norte-americano criado a partir de palavras do general Sheridan, na época do combate aos índios e da conquista do Oeste nos Estados Unidos.

Segundo o próprio Sivuca, "o grupo foi criado para dar satisfação à sociedade." Era formado por agentes especiais, treinados, corajosos e aplaudidos por terem eliminado alguns dos criminosos da época, a começar por "Cara de Cavalo", depois "Mineirinho", Lúcio Flávio — este, um capixaba, residente no Rio de Janeiro, e que se tornou fora da lei por lá, sendo morto na prisão — e muitos outros "famosos" dos anos 50 e 60. Todos, como "Tião Medonho", assaltante de trem pagador, foram mortos em suas próprias comunidades. "Zé Pretinho", por exemplo, foi assassinado na porta de seu barraco, no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. "Bidá", eliminado no Morro do Querosene, no Catumbi. E "Passo Errado", no Morro do Tuiuti, São Cristóvão, onde se escondia da Polícia.

O presidente de honra da Scuderie foi o ex-delegado de Polícia e deputado estadual Sivuca, à época no PSC (Partido Social Cristão). Segundo ele, as iniciais "E.M." no brasão da Scuderie Le Cocq significariam mesmo "Esquadrão dos Motociclistas", a divisão à qual pertencia o detetive Milton Le Cocq, e que protegia o presidente Getúlio Vargas, e não "Esquadrão da Morte" . As tíbias cruzadas logo abaixo das letras, ele jamais tentou esclarecer.

Com o tempo, a organizaçao caiu definitivamente em decadência. Não suportou, principalmente, a volta da democracia no Brasil, com o aumento das possibilidades de descoberta de crimes, inclusive os cometidos por policiais. Mariel Mariscott de Mattos, que, durante muito tempo, havia sido

um dos bambas da escuderia, um de seus últimos "homens de ouro", terminaria defenestrado e morto. Hoje, tudo o que sobrou do talvez sonho de impunidade foi um terreno na Ilha do Governador e saudosistas que vivem, conforme dizem, de doações e proximidade com as comunidades do entorno de onde ainda transitam. Possivelmente, também com negócios ligados a milícias das regiões pobres".

Depois de ler todas aquelas coisas, coloquei os papés de lado. Estava começando a sentir sono e não queria passar a noite em claro com aquelas recordações na cabeça. Fiquei pensando, esperando o sono chegar e me derrubar, quando os pensamentos voltaram ao dono do Juparanã. Tive a impressão de que conhecia aquele indivíduo. De onde? Quando? Em que circunstâncias? E com que nome na ocasião?

Ele tinha o que a gente chama de nariz em forma de gancho, curvo, recurvado ou aquilino. Era adunco, como me disse certa época uma professora mais cuidadosa com o idioma. Tinha também a testa larga, meio proeminente. De quem seriam esses detalhes anatômicos? De repente, dei um pulo na cama: será? Será o Benedito? Não com o nome Benedito, mas com o nome Passos? Não queria acreditar, mas podia ser. Decidi que, no dia seguinte, encontraria a carta do namorado da Leonor, que havia diligentemente guardado depois de localizar na espécie de arquivo morto que eu mantinha. Daí até ele, seria um caminho a percorrer. E eu queria percorrê-lo, claro!

Capítulo 11

Acordei com aquele gosto de rolha na boca, característico do dia seguinte às noites de bebidas mais fortes, ou mais intensas. Fui direto para debaixo do chuveiro. Usei o banheiro, escovei os dentes e peguei o jornal para dar uma passada de olhos antes nele do café que resolvi fazer eu mesmo. De um salto, ganhei a rua. O relógio marcava exatamente seis horas, horário de abertura da padaria e tencionava comprar pão antes de qualquer outra coisa. De preferência, o famoso pão de sal, mas integral.

Levei o pacote para casa. Junto com o pão, um pastel de queijo que estava na bandeja das promoções. Na prática, são pães e outros produtos do gênero, mas do dia anterior, dormidos. E pastel com 24 horas, depois de quente, é tão ou mais gostoso do que o comido na véspera. Ao menos para mim.

Li o jornal enquanto a cafeteira esquentava o café e me vi diante do crescimento da violência urbana em minha cidade. Assim como em todo o Brasil, esses dados eram extremamente preocupantes. Ainda mais porque eu já havia tomado um grande susto com isso, no dia em que minha filha mais nova foi abordada e assaltada por dois criminosos, praticamente em frente de casa.

Terminei de tomar o café com pão, margarina e queijo branco, ao mesmo tempo em que o enjoo chegou. Veio forte. Fiz o que havia feito na primeira vez, respirando somente pelo nariz e mantendo a boca fechada, cabeça erguida. Em princípio, pareceu que a técnica iria funcionar novamente. Mas o enjoo, após diminuir alguma coisa, voltou a crescer. Virou náusea.

Em dado momento, não suportei mais e fui para o banheiro. Vomitei todo o café da manhã. Talvez alguma coisa comida na véspera e que ainda poderia estar no estômago. Foi um vômito forte, de provocar sudorese. Tanto que, depois de tudo, senti uma enorme fraqueza. Com custo, entrei debaixo do chuveiro e tomei nova e demorada chuveirada, para ver se conseguia me recuperar, ao menos em parte, para enfrentar o dia que ainda estava por vir.

Preferi não telefonar para o médico. No armário dos remédios, havia uma caixa de Plasil. Tomei dois comprimidos com um único gole de água e me sentei para esperar o efeito. Nesse meio tempo, fui até a pasta dos documentos antigos e a peguei. A carta do namorado da Leonor esperava por mim bem à mostra, da forma como eu a havia deixado.

O nome dele era Sílvio, e o último sobrenome, Ribeiro. Como havia se formado em Direito, não seria tão difícil assim rastreá-lo, mesmo sem que eu tivesse seu telefone. Em último caso, poderia consultar o site da OAB, ou então ligar diretamente para lá e pedir informações. Como eu realmente o conhecia, isso não seria problema.

Cutuquei os outros papéis. Separei tudo o que dizia respeito diretamente ao ano de 1968 — ou poderia ter relação. Com calma, fui lendo algumas coisas. Encontrei até mesmo um boletim do Colégio Comercial Oswaldo Cruz, o último que havia frequentado antes de me mudar definitivamente para Vitória. A imagem da Avenida Angélica voltou à minha mente. E com ela, as recordações de muitas passeatas.

Um recorte de jornal antigo sobre as prisões durante o Congresso da UNE, em Ibiúna, também estava entre as coisas descobertas. Tão antigo

que para mim ele estava perdido. Era um recorte da Folha de S. Paulo de 13 de outubro de 1968. Peguei o texto para recordar os fatos de tantos anos:

"Cerca de mil estudantes que participavam do XXX Congresso da UNE, iniciado clandestinamente num sítio, em Ibiúna, no Sul do Estado, foram presos ontem de manhã por soldados da Força Pública e policiais do DOPS. Estes chegaram sem serem pressentidos e não encontraram resistência. Toda a liderança do movimento universitário foi presa: José Dirceu, presidente da UEE; Luís Travassos, presidente da UNE; Vladimir Palmeira, presidente da União Metropolitana de Estudantes; e, Antônio Guilherme Ribeiro Ribas, presidente da União Paulista de Estudantes Secundários, entre outros. Eles foram levados diretamente ao DOPS. Os demais estão recolhidos ao presídio Tiradentes.

Desde segunda-feira, os habitantes de Ibiúna notaram a presença de jovens desconhecidos, que iam à cidade comprar pão, carne, escovas e pasta de dentes, despertando suspeitas ao adquirir mais de NCr$ 200,00 (duzentos cruzeiros novos, o padrão monetário daquele tempo) *de pão de uma só vez. Essas informações foram transmitidas ao DOPS e à Força Pública, que, desde quinta-feira. já conheciam, segundo afirmaram, o local exato do Congresso. A denúncia de um caboclo, que fora barrado ao tentar chegar até o Sítio Muduru, onde estavam os estudantes, fortaleceu a convicção da Polícia de que o Congresso seria realizado ali.*

Depois de avançar alguns quilômetros de carro e outro trecho a pé, por causa da lama da estrada, 215 policiais chegaram ao local às 7h15 de ontem, organizaram o cerco aos estudantes e dispararam algumas rajadas de metralhadora para o ar, para intimidá-los. Sem resistir, os congressistas foram colocados em fila e levados aos ônibus requisitados para transportá-los para a capital. O governador Abreu Sodré, ao ser homenageado por trabalhadores do DAE (Departamento de Águas e Esgotos), *no Horto Florestal, referiu-se ao episódio e reafirmou sua disposição de "manter a paz e a tranquilidade para a população que deseja trabalhar." E acrescentou, referindo-se à prisão dos participantes do congresso da UNE: "Agi com energia para re-*

primir a agitação e a subversão quando determinei, após horas de angústia e apreensão, a prisão de estudantes subversivos que participavam do congresso da UNE".

Faltava pouco para o AI-5, pensei enquanto terminava de reler aquilo. O governador Abreu Sodré, de quem falava o texto, era um dos mais empedernidos defensores da ditadura. Havia ganhado o Governo de São Paulo de presente e queria fazer jus a ele. Queria que Brasília soubesse ter colocado ali o homem certo, na hora certa, para prender e matar estudantes.

Separei tudo e fui novamente à cozinha. Esqueci o café, que poderia provocar novo vômito, optando por um copo de leite de soja. Comi um novo pão integral, agora somente com margarina, e procurei ficar sentado e quieto depois de me alimentar, para não voltar a vomitar. Enquanto aguardava, liguei o computador e entrei na Internet. Primeiro, procurei por meu antigo amigo, através do Telelistas. Nada. Depois dei uma busca no site da OAB de São Paulo, pois lá poderiam estar o telefone e o endereço de trabalho dele.

Cheguei rápido onde queria. Por intermédio do "Consulta de Inscritos" e do nome completo, lá estava meu amigo de tantos anos. O interessante é que ele trabalhava em um escritório de Jundiaí, e não da Capital. No envelope enviado a mim com a carta, o endereço ainda era o antigo. Peguei todos os dados disponíveis e os guardei. Queria tratar disso mais tarde, depois de descansar um pouco e ver na TV o noticiário da manhã.

O enjoo chegou de novo. Forte. Mais uma vez, procurei evitar o vômito respirando fundo, boca fechada, cabeça voltada para cima e tentando me manter calmo, quase indiferente. Mais uma vez a técnica resolveu de início mas não depois. Em pouco tempo, precisei correr novamente para o banheiro e botar tudo para fora. Tive que me deixar ficar outra vez por alguns minutos sob o chuveiro tépido para melhorar, pois a fraqueza era grande. Voltei a me sentar na poltrona e olhei para a TV. Sentia um cansaço muito grande e que se tornava ainda maior por causa do sono. Peguei o

controle remoto, desliguei o aparelho e procurei me desligar também.

Acordei perto da hora do almoço. O tempo havia passado... Tirei o telefone do gancho e pedi um marmitex no restaurante mais próximo. Dentre as opções, busquei as mais leves. Tinha em mente que, se não conseguisse melhorar, e manter a comida no estômago, iria ao consultório do médico, mesmo sem consulta marcada, e tentaria ser atendido.

Fiquei o mais quieto que pude, aguardando pelo motoboy e com o dinheiro trocado em mãos. Como ele chegou rápido, nem tive tempo de arrumar a mesa do almoço. Limitei-me a pegar garfo e faca, colocar uma toalha americana sobre as pernas e comer sentado na poltrona, a mesma do meu longo cochilo matinal. A comida, devorada aos poucos, com mastigação intensa, desceu bem.

Tive a impressão de que o alimento ficaria no estômago e procurei não fazer nada que pudesse me levar ao vômito. Quieto, liguei a televisão e olhei para as anotações referentes ao endereço de trabalho de meu amigo. Seria fácil ligar para a "Ribeiro & Dantas Advocacia Cível" e faria isso depois do horário do almoço. Agora, muito provavelmente, o escritório estava fechado. Era em horário de intervalo.

Depois de algum tempo sem enjoo ou ânsia de vômito, comecei a ficar mais tranquilo. Liguei a televisão e vi o que estava passando. Controle remoto nas mãos, percorri as opções das estações em HD, buscando algo que pudesse me satisfazer. O tempo que passava também me ajudava a esperar pelas 14 horas, quando poderia telefonar para Jundiaí e localizar o Sílvio.

De repente, o telefone tocou. Olhei para o smartphone e era uma ligação da clínica à qual deveria ter comparecido para fazer quimioterapia. Somente naquele momento e de aparelho na mão me dei conta do fato. Decidi atender porque tinha como me justificar. Quando a técnica de enfermagem que me atendia falou da ausência, expliquei a ela meus enjoos, os vômitos da manhã toda e o fato não de ter ido lá por causa desses problemas. Pedi a ela para marcar um novo dia e também uma conversa, ainda

que rápida, com o médico. Queria que ele me orientasse para que esses episódios ao menos diminuíssem de intensidade.

— Olha, o doutor não tem como atender o senhor no consultório. Os horários estão todos tomados e os dois encaixes do dia também. Mas venha aqui na clínica por volta das 16 horas e ele conversa com o senhor. Vai ser até melhor, porque, na hora mesmo, ele decide se marca a nova "químio" para amanhã ou depois. Ou se o senhor faz hoje mesmo, à tarde.

Achei boa a solução. E como o enjoo não havia voltado, comecei a me sentir melhor. Ao menos o almoço estava no estômago e diminuía a sensação de mal-estar e de cansaço que haviam me acompanhado o dia todo. Fiquei olhando seguidamente o relógio e, à chegada das 14 horas, tirei o fone do gancho, conferi o número e liguei para Jundiaí.

A mulher que me atendeu perguntou do que se tratava, logo depois de identificar a empresa de advocacia. Disse quem era, que conhecia o Sílvio desde antes de 1968, havia estado com ele numa passeata no final daquele ano e localizado o telefone dele depois de tantos anos porque precisava conversar com o velho conhecido, matar saudades, tirar umas dúvidas.

— Meu caro, conheço toda essa história. Inclusive seu nome e o caso da moça Leonor com quem meu marido, o Sílvio, fatalmente se casaria se ela não tivesse sido morta. Nós, Silvio e eu, somos casados já faz 20 anos. Temos dois filhos e sei que ele gostará muito de revê-lo. Agora ele está no Fórum, mas deixe-me seus telefones porque, tão logo chegue, passo o recado. Rever os antigos amigos sempre é bom.

— Que ótimo, até porque, não esperava encontrá-lo tão rapidamente. Vou aguardar com expectativa a ligação dele. Somente uma coisa: conversamos tão rapidamente que eu, olhe que falta de educação, nem sequer perguntei seu nome. Perdoe-me.

— Quem pede desculpas sou eu, Cristina. Tenho a certeza de que vou conhecê-lo pessoalmente, se o senhor vier até aqui. Aliás, já estou no aguardo. Tenha uma boa tarde e pode esperar, pois até o final da tarde, dependendo do andamento da audiência o Sílvio vai telefonar. Gentilmente

desligou o telefone. Fiquei feliz pela primeira vez nesse dia.

Abri o computador e comecei a escrever meu livro com mais vigor, aproveitando o fato de que o almoço havia me deixado bem disposto. Fui em frente até terminar o primeiro capítulo, quando então notei que o tempo avançava. Como havia passado meu celular para a Cristina, fui para o banheiro, tomei banho e me preparei para ir à clínica. A experiência diz à gente para não ficar estressado nessas horas. Não adianta.

Quando cheguei a atendente me esperava. Lamentou a falta à quimioterapia, enfatizando que, na minha situação, era vital não perder a sequência do tratamento. Muitas vezes, disse ela, o sucesso ou o fracasso dependem dessas coisas. E a eficiência da medicação também tem a ver com o fato de ela ser inoculada no organismo no espaço de tempo programado.

Ouvi aquilo tudo com toda a paciência do mundo. Repeti que havia sido um fato isolado o não comparecimento e me sentei para esperar pelo médico. Os sons vindos da sala onde eram administrados os remédios mostraram que ele estava lá. Sua voz era difícil de ser confundida.

Minha atenção ficou então dividida entre o celular, que não tocava, e o oncologista, que não me chamava para conversarmos. Tentei me distrair lendo uma revista — por sinal, de duas semanas passadas! — enquanto as coisas não aconteciam. À minha volta, como sempre, cinco ou seis pessoas estavam caladas. Uma senhora sentada ao meu lado, e que logo foi convidada a entrar, usava uma touca totalmente enterrada na cabeça, para esconder a calvície.

Passados alguns minutos, a atendente me pediu para entrar numa sala de exames e aguardar o médico ali. "O doutor não vai demorar mais de dois minutos", disse enquanto saía e fechava a porta. Agradeci formalmente e me recostei melhor na poltrona quando, naquele exato momento, o celular tocou. Do outro lado da linha, a voz suave da Cristina me cumprimentou e pediu um minuto, pois Sílvio logo atenderia. Um minuto para ele atender. Um minuto passado, dos dois que a atendente do oncologista havia dito para o médico chegar. Não pude deixar de rir nervoso com a

infeliz coincidência.

Efetivamente, no exato momento em que o advogado entrou na linha e me cumprimentou com um efusivo "Como vai meu querido desaparecido político?", a porta se abriu e o oncologista entrou, pegando-me com o telefone no ouvido. Pedi um segundo de tempo ao Sílvio e disse ao médico que me perdoasse, mas era um telefonema importante. Talvez demorasse um pouco e eu havia sido surpreendido naquele momento. Ele abriu a porta da recepção, mandou-me voltar para lá e me anunciar de novo quando pudesse. Estava frio e aquela era a primeira vez que o via dessa forma.

Novamente na Sala de Espera, alvo da curiosidade dos demais pacientes, além do olhar reprovador da atendente, pude enfim conversar. Respondi à saudação do meu colega de tantos anos e entrei no assunto:

— Prezado, tente me desculpar por procurar você depois de tanto tempo. Os fatos de 68 nunca saíram da minha mente, tão graves foram. Estou falando de Vitória, como você sabe, e gostaria de marcar um dia, hora e lugar para conversarmos. Não tem problema algum ser em São Paulo, até porque me agradaria voltar aí. Já faz cinco anos que fui até essa megalópole pela última vez, e estou com saudades. Só não gostaria de tratar do assunto por telefone, porque essas coisas são mais seguras pessoalmente. Mas posso adiantar que ele nos remete àquele dia da passeata e ao dia seguinte, quando encontramos o corpo da Leonor no prédio do DOPS. O que você me diz?

— Digo, inicialmente, que esse tipo de assunto, mesmo nos dias de hoje, fica melhor no tête-à-tête. Mais seguro, acho eu. Pois bem: toda segunda-feira, estou em São Paulo, porque atendo clientes lá e passo as manhãs num escritório alugado. Podemos marcar para essa segunda. Como hoje é sexta-feira, serão apenas três dias até lá. O que você acha?

— Ótimo! Considere o trato combinado. Agora só falta a gente definir em que lugar e em que horário. O resto fica fácil.

Sílvio então disse para nos encontrarmos às 13 horas, no Filé do Moraes, no Centro. Lá, a gente comeria uma carne e depois iria para o Bar

Léo, que fica na Rua Aurora. Uma coisa perto da outra. Então, teríamos toda a tarde da segunda-feira para matar a saudade, conversar sobre os assuntos comuns e tirar as dúvidas. Ao final, se fosse o caso, poderia me deixar no aeroporto, ou num hotel, pois, à noite, como sempre faz às segundas-feiras, voltaria a Jundiaí. "Terça-feira é dia de batalha" — completou.

Como estava tudo ótimo para mim disse OK, mas ainda passamos alguns minutos falando sobre generalidades. Depois me despedi, enviei um abraço para a mulher dele e soube que ela não estaria em São Paulo. "Não vai faltar oportunidade de nos conhecermos", completei sem muita convicção. Em seguida, desliguei o celular.

A atendente do consultório tinha se ausentado para levar pacientes à Sala da Quimioterapia e, quando voltou, disse a ela que agora estava tudo certo. Ela disse que eu teria de aguardar por um encaixe, pois o médico havia se ocupado com pacientes que não podiam esperar. Sem alternativa, peguei novamente a revista de minutos antes da ida para a Sala de Consultas e voltei a folheá-la com pouca atenção.

Acabei me absorvendo com um dos artigos da publicação e nem me dei conta de que o tempo passava. Ou o médico estava realmente muito ocupado, ou eu estava de castigo pela falta à sessão de "químio" e pelo fato de estar ao telefone quando deveria me atender. Olhei para o relógio e eram 17h40m. Muitas pessoas entravam, outras iam embora, a recepcionista atendia telefones, ia até a sala das injeções, voltava de lá, conversava, e eu, nada.

Tomei uma decisão: às 18 horas iria embora, com atendimento ou não. Caso não fosse atendido, procuraria o médico que diagnosticou o câncer e pediria outro encaminhamento. Em último caso, definiria um profissional da área eu mesmo. Busquei uma nova revista no local onde estavam todas e comecei a ler, sempre de olho no relógio, até que ele mostrou 18 horas.

Foi então que me levantei, parei diante da mesa da recepcionista e disse que estava indo embora. Ela se assustou e perguntou por que. Apontei

para o relógio sem falar nada. Ela se levantou e me pediu um minuto. Ia até o médico perguntar se me atenderia mais rapidamente. Voltou rápido e disse que me sentasse por no máximo mais cinco minutos. Seria atendido.

Efetivamente fui. Mas quando entrei não era mais o oncologista alegre, brincalhão e com sorriso nos lábios quem estava me esperando. Ele aguardou que me sentasse e perguntou se queria café e água. À resposta negativa, colocou alguns papéis sobre a mesa e começou a falar:

— Meu caro, eu tento realmente salvar todos os meus clientes. Tenho aqui em mãos diversas fichas de pessoas como o senhor, que tiveram o mesmo problema e estão curadas. Posso mostrar tudo se quiser. Mas não sei fazer milagres e confesso estar ficando preocupado com o seu caso. O senhor não consegue regressão pelo que acompanhamos, e já houve uma falta. Posso compreender que os efeitos colaterais sejam severos, mas seriam menos no seu caso se o doente não estivesse consumindo bebidas alcoólicas.

Levei um susto! Fiquei parado, mas, ao mesmo tempo, levantei a mão direita, como a pedir tempo. Ele se calou, bebeu um gole de seu café e esperou por mim. Tomei fôlego antes de falar:

— Realmente, tenho bebido. Aliás, esse é um hábito de anos e não me recordo de uma instrução sua em sentido contrário. Preocupa-me saber como isso chegou ao seu conhecimento sem ser trazido por mim. E confesso que não me sinto bem tendo a minha vida devassada. O médico não se abalou. Falou vagarosamente e em tom baixo:

— Na última vez em que o senhor esteve aqui, a profissional que o atendeu notou no hálito resquícios de álcool. Não seria possível ser do mesmo dia. Então, era do anterior. E, se estava no seu hálito por um tempo longo, decerto o senhor havia bebido além da conta. Ela me deixou um relato acerca disso e eu iria abordar o assunto quando houve a falta. Então, estou fazendo isso hoje. No mais, quando entrei em minha sala para conversarmos e o vi com o telefone no ouvido, entendi que sua doença talvez não esteja em primeiro lugar em sua lista de prioridades. Fui cuidar dos

outros porque, no caso deles, está. Mas entendo que tudo isso agora é passado. Vamos recomeçar tudo do zero.

Então parou e chamou a funcionária do café e da água novamente. Sem me perguntar nada disse que o paciente agora queria as duas bebidas. Sorveu mais uma vez a sua e voltou a falar, outra vez com o sorriso nos lábios:

— Vou marcar uma sessão de "químio" para o senhor amanhã, às 14 horas. Esqueça esse negócio de que é sábado. No seu caso, não há feriados, dias de folga. Ou a gente ataca sua doença, ou ela nos vence. E, creia, não gosto de perder. Então, se esse esquema não o agradar, dispense-me. Eu mesmo me incumbirei de indicar outro médico, caso isso seja de seu agrado.

Vi a xícara e o copo diante de mim. Tomei os dois o mais rápido que pude, só com cuidado de não me queimar com café quente. Depois, me levantei e cumprimentei o médico de maneira formal antes de sair. Na recepção, a atendente me esperava com um papel nas mãos. Era o horário da consulta programada para o dia seguinte. Disse obrigado e saí.

Dessa vez, ao contrário das anteriores, fui direto para casa. Depois de deixar o carro na garagem, entrei no elevador, que parou na portaria. Minha vizinha viúva entrou e pareceu assustada em me ver sem cabelos. Não disse nada. Fui eu que, ao sair, falei com ela que viajaria por uns dias e, na volta, a procuraria para conhecermos o bar indicado por ela. Ganhei um sorriso.

Entrei em casa, sentei-me na poltrona da sala e liguei para o agente de viagens que resolvia todos os meus problemas do gênero. Quando ele atendeu, disse que me desculpava pelo horário já noturno do contato, mas que queria marcar uma passagem barata para São Paulo, para a segunda-feira, bem cedo. Ele foi rápido e claro na resposta:

— Barata para segunda-feira é impossível. Está muito em cima da hora. Mas, quanto ao horário, problema nenhum porque a Internet não repara...

Pensei um segundo só e disse:

— Então, marque para amanhã mesmo. E, quanto ao retorno, pode ser na quarta-feira, na parte da tarde, porque quero curtir um pouco a Pauliceia. Mas, mesmo sendo em cima da hora, caso você consiga alguma coisa abaixo do preço de tabela, o cliente agradece.

Ele me disse que faria isso, enviaria os dados pela Internet logo em seguida e desliguei. Bastaria, como sempre, imprimir os dados enviados ou apenas anotar o número do voo e chegar uma hora mais cedo ao aeroporto. Tudo o que já era sabido. Saí de onde estava, fui até o bar e me servi de uma dose generosa de uísque. Liguei a televisão e vi que ia começar um filme interessante num canal HD. Espreguicei-me na poltrona para acompanhar.

Só depois das duas horas voltei ao computador. Anotei os dados da viagem, vi que precisaria chegar ao aeroporto por volta das cinco da manhã e me dispus a começar a preparar a mala naquela hora. Mas, sem vontade, anotei em minha mente que faria isso em cinco minutos no dia seguinte.

Fui até o quarto e programei o despertador para as três e meia. Então, voltei à sala. No bar tomei mais uma bela dose de uísque em meu copo, renovei o gelo e me sentei à poltrona. Por alguns instantes, veio-me um pensamento à mente: "Porque você está fazendo isso, rapaz?", mas decidi deixar esse tipo de coisa de lado. É inútil se você mesmo não tem a resposta.

No quarto, colocando o despertador bem ao meu lado, bebi os últimos goles do meu néctar escocês preferido. Então, com a roupa que havia vindo do médico, virei-me de lado para dormir. Antes busquei no bolso o papel com o horário da sessão de quimioterapia. Amassei bem, joguei no chão e me virei para o lado. Queria dormir logo e acordar mais rapidamente ainda.

Capítulo 12

Sentado na poltrona do avião, recostado e com o encosto abaixado desde o apagar dos avisos luminosos, dei uma relaxada. Havia acordado com dificuldade, feito a mala às pressas e tomado banho. O café da manhã foi seguido por novo enjoo, mas contido com um pouco de calma. Peguei dinheiro, cartão de crédito e a pasta com os documentos antigos, inclusive a carta de Sílvio Ribeiro, antes de ir para o aeroporto.

O smartphone deixado carregando na mesinha de cabeceira foi a última coisa que me lembrei de colocar no bolso. Ainda peguei uma jaqueta de couro antes de chamar o táxi e, só ao entrar para o check-in, percebi que havia esquecido o carregador em casa. E a primeira chamada de embarque logo avisou não haver mais tempo de voltar para buscar. Esperava não usar muito o aparelho — aliás, não queria usar nada — para que a bateria sobrevivesse até o meu retorno.

O avião voava no nascer do Sol e a quase onze mil metros de altura a paisagem era linda. Somava-se a isso um dia sem nuvens ou turbulência, deixou-me leve para pensar. Eu simplesmente havia abandonado a quimioterapia. Deixado de lado o tratamento do câncer e a doença que poderia vir a me matar. Por que isso? O que eu tinha, pessoalmente, contra aquele

homem, o tal de Faxineiro, se nem ao menos havia sido uma vítima direta dele? A ditadura militar terminou em 1985 e, embora muita gente ainda continuasse a denunciar publicamente os torturadores, isso tinha pouco efeito prático.

Lembrei a criação da Comissão da Verdade e da forma como havia vibrado com o fato, pelo menos inicialmente. Mas é preciso crer na independência desses grupos, dos seus membros, mesmo ela sendo filha de um Governo, ou então de um esquema que, na época, já era investigado e processado pelo mensalão, o maior esquema de corrupção política da democracia brasileira. É preciso crer!

Tomei um gole de suco e comi o que restava do paupérrimo serviço de bordo. Quando pousasse, se ainda tivesse fome, poderia voltar a fazer um café da manhã reforçado no hotel antes de começar a passear e rever a São Paulo de meus sonhos de criança e adolescente. Notei que o avião começava a perder altura e, olhando o relógio, soube que pousaríamos em Congonhas por volta das 6h15m e daria para me acomodar no hotel em torno das sete horas, com tempo de sobra para programar melhor o dia.

Pouco depois, com o aproximar do pouso, comecei a ver o "Monstro", como chamava São Paulo, pela janela do jato. Senti saudades dos bons tempos de quando era menino ou então já trabalhava em Vitória. Como me deslocava pelo menos uma vez por ano para a capital paulista, onde passava a maior parte de minhas férias, busquei relembrar, costumava programar as viagens de modo a que o voo da Ponte Aérea Rio-São Paulo coincidisse com uma das programações do Electra, da Varig. "Electramaníaco", jamais me esqueci disso. Eu só perdia esse avião quando, fazendo o trecho em direção a São Paulo, deixava a minha cidade com atraso.

É que, naquela época, a dos voos de turbo-hélices, substitutos dos modelos de motor a pistão, não havia ainda viagem direta entre Vitória e São Paulo. A gente precisava fazer uma escala no Rio de Janeiro, fosse em que direção viajasse, para deixar a primeira e pegar a segunda parte da travessia. Era, em síntese, trocar um bi por um quadrimotor. E, se o Electra

partisse antes de mim — saudosa memória — ainda restava o consolo do Viscount, da Vasp, outro belo aparelho turboélice de grandes recordações.

Pensava nessas coisas ao desembarcar, pegar um ônibus até o terminal e aguardar minha mala. Depois, ir até o guichê dos táxis do aeroporto e pedir um cupom para o Centro. Eu tinha reservado hotel do "Centrão", de preferência onde qualquer uma das inúmeras cracolândias da cidade não estivesse, e havia ganhado voucher para um da Avenida São Luís, ainda um bom lugar para ficar e perto de tudo o que eu queria ver. Afinal, estava em frente à Praça Dom José Gaspar, perto da Rua da Consolação, Praça da República, Edifício Itália e tudo o mais. Também do Filé do Moraes, onde almoçaria na segunda-feira, dia do reencontro programado.

Peguei o táxi e curti o trajeto. O trânsito estava bom, a brisa da manhã era bastante confortável e nem sequer precisei tirar a jaqueta para não sentir calor. Só entreguei a mala ao empregado do hotel, preenchi a papelada de sempre e, em pouco tempo, estava no quarto. Depois, no refeitório, onde, guloso, e querendo empurrar o almoço ao máximo para bem tarde, ainda fiz um segundo café da manhã antes de consultar o relógio e ver que já passavam migalhas das oito horas. Era chegado o momento de iniciar meu périplo por São Paulo; pelos lugares dos chamados "Anos de Chumbo".

No lobby do hotel, consegui o mapa do Centro e dei um sorriso quando uma das recepcionistas perguntou o tradicional "primeira vez em São Paulo, senhor?". Devolvi a pergunta querendo saber a partir de que horas funcionava a Estação Pinacoteca. A moça consultou o computador e viu que era a partir das dez. Cedo, portanto. Ainda acrescentou a informação de que, aos sábados, era grátis. "Ótimo!" — disse eu, mantendo o sorriso nos lábios. Quando ela perguntou se era para chamar um táxi, dispensei com o gesto de "agora não!", antes de ganhar a rua. Queria rever o velho "Centrão".

Caminhei. O Centro de São Paulo guarda uma parte importante da história da cidade. Depois de chegar ao Largo do Paissandu, parei diante da igrejinha. Um pouco ao meu lado vi a Rua Conselheiro Crispiniano e o

caminho até os fundos do Teatro Municipal. Sentei-me próximo da igreja e fiquei olhando em volta. Além das passeatas de 1968, a região, na época, era o point da boemia do Baixo Centro. Ali havia boates que reuniam, no mesmo local, peças de humor de nível horrível com prostituição.

Mesmo assim as pessoas frequentavam o lugar porque ele abrigava também bons cinemas. Antes e depois dos eventos do ano da edição do AI-5, o Ponto Chic era o refúgio preferido da malandragem e de quem não podia passar sem um grande sanduíche. O bauru matava e mata a fome de inúmeros paulistanos. Pensava nisso enquanto olhava ao redor. Quando minha vista mirou a parte baixa da São João, e sua chegada ao Largo do Anhangabaú, as milhares de bolas de gude continuavam descendo a ladeira. Céleres! A cavalaria da PM atacava os estudantes e o Brucutu, bem ao meu lado, lançava seus jatos contra a turba de garotos e senhores ou senhoras adeptos de última hora, a maioria gritando slogans enquanto avançavam avenida abaixo.

Eu ainda parecia ver e ouvir aquilo tudo. Os gritos, o cheiro de bombas de efeito moral, os cavalos e as prisões. No lugar onde havia o pequeno quartel dos Bombeiros, e hoje fica a pracinha, revi a agressão contra mim. A fuga no cinema, a solidariedade e a chegada em casa. Evitei pensar no dia seguinte, na Leonor morta e em tudo o que se passou então. Seria inevitável reviver aquilo tudo na segunda-feira, então, por que fazer isso agora?

Ainda pensei em dar uma passada no Ponto Chic para comer um bauru, mas entendi que seria um louco se fizesse isso depois de tudo o que havia comido desde antes, na chegada ao hotel, depois da viagem. Limitei-me a ficar por ali, enquanto as pessoas subiam e desciam dos ônibus sem procurar entender esse aparente desocupado com o olhar perdido em meio ao caos organizado da cidade.

Quando finalmente olhei para o relógio, faltavam menos de dez minutos para as dez horas. Tempo suficiente para que o táxi me recebesse e deixasse em frente à Estação Pinacoteca, o lugar impossível de não

conhecer. Afinal, ele era um dos motivos pelos quais fugi de Vitória e vim reencontrar parte do meu passado.

Enquanto o motorista ligava o taxímetro e começávamos a ir para lá, meu celular tocou. Atendi automaticamente, como sempre fazia, e veio a voz da recepcionista da clínica de quimioterapia:

— É para lembrar o senhor da sessão das 14 horas. O doutor falou que não pode haver falta. Portanto, venha, mesmo se não estiver se sentindo bem. Não se esqueça.

Disse apenas OK, ao mesmo tempo em que desligava o aparelho. Queria, além de tudo, poupá-lo para que ele durasse os quatro dias inteiros e até mais ainda, pois estava sem o carregador.

Parei longamente diante da Estação. É difícil ver nela o porão por onde passou tanta gente, sobretudo durante os anos de ouro da OBAN, a Operação Bandeirantes na qual Sérgio Paranhos Fleury trabalhava, se é que tal termo pode ser usado nesses casos. Não é mais possível saber onde Leonor foi supliciada, embora o Memorial da Resistência esteja lá. Percorri o prédio sem conseguir ver nada que me ligasse àqueles anos de chumbo. Como que em um passe de mágica, os novos tempos, e as reformas efetuadas, conseguiram tirar do lugar o cheiro e o gosto de sangue antes presentes.

Lembro-me bem de tudo, porque li muito sobre esse assunto ao longo da vida. A OBAN foi lançada, ou fundada, oficialmente, em junho de 1969. Teriam participado do ato desse lançamento, no dia 1º de julho daquele ano, em São Paulo, o governador indicado da época, Roberto Costa de Abreu Sodré, o secretário de Segurança Pública, Hely Lopes Meireles, o general José Canavarro Pereira, comandante do II Exército, e os comandantes do VI Distrito Naval e da IVª Zona Aérea. E mais muita gente, sobretudo ligados a organismos policiais ou militares.

Não foi só isso! A OBAN era financiada por doadores privados, tais como o Grupo Ultragás, Ford, General Motors, Grupo Camargo Corrêa, Grupo Objetivo, o empresário Amador Aguiar, do Bradesco e outros mais. Também graças aos bens tomados de vítimas da repressão política. Dentre

os doadores, havia os que apoiavam com entusiasmo a repressão e outros que contribuíam a contragosto, sob pressão. Mas contribuíam.

Nada ficou! Hoje, o espaço de consulta e divertimento, com oito mil metros quadrados, tem condições técnicas ideais para atividades museológicas. O impresso sobre o local, conseguido no hotel, fazia o mesmo efeito que uma visita guiada. Passeei por tudo e vi que um acordo de cooperação técnica com a Fundação Nemirovsky permitiu que a entidade se instalasse na Estação Pinacoteca e a exibição de sua coleção, um dos mais importantes acervos de arte moderna do País, ficasse ao alcance de qualquer um.

Quanto mais andava, mais entusiasmado ficava. A Estação entrega ao público, desde a reforma geral que sofreu o prédio, espaços expositivos e o Gabinete de Gravura Guita e José Mindlin, denominado dessa forma em homenagem ao casal paulista grande colecionador e incentivador da gravura no Brasil. O Gabinete reserva dois espaços expositivos, ateliê de impressão para desenvolvimento de projetos de artistas e conta ainda com consulta pública ao acervo de 2.000 gravuras pertencentes ao museu. Andando por lá, como fiz, vi o centro de memória para a preservação e pesquisa da história da instituição quase centenária e a Biblioteca Walter Wey.

No lugar onde ficavam os presos no antigo prédio do DOPS, parei longamente. Ele deu lugar ao Memorial da Resistência, com quatro celas e um totem multimídia que permite ao público acessar o acervo de fichas e prontuários de pessoas que passaram por lá, como o do escritor Monteiro Lobato e o do ex-governador Mário Covas. Igualmente aqueles que tiveram seus nomes registrados na época da ditadura. São os casos do presidente Fernando Henrique Cardoso e do ator Paulo Autran. O Arquivo do Estado de São Paulo cuida de tudo hoje e faz até capacitação de professores.

Perdi a noção do tempo andando por ali. Só me dei conta de que as horas passam principalmente quando a gente não tem noção delas quando a fome veio. Saí e decidi que iria almoçar no Bar Brahma, pois assim

poderia fazer um périplo gastronômico de necessidade e prazer antes de segunda-feira.

Depois de terminar o almoço, e quando caminhava em direção ao hotel, dois fatos ocorridos praticamente na mesma hora fizeram com que ficasse em sobressalto. Primeiro, o celular tocou e a ligação vinha de Vitória. Em seguida, o enjoo e a quase incontrolável vontade de vomitar.

Andei o mais depressa que pude. Em certo trecho, precisei parar a respirar bem fundo para segurar o alimento no estômago. Sentia a boca seca, ao mesmo tempo em que a vontade de botar a comida para fora era quase insuportável. Um dado momento, uma senhora que passava chegou a parar e me perguntar se eu estava me sentindo mal. Queria telefonar para o SAMU e chamar a ambulância. Já estava com o celular em mãos quando disse a ela que estava melhorando e que não se preocupasse. Voltei a andar.

Quando cheguei ao hotel, peguei logo a chave e subi para o quarto. Estava suado e até mesmo o ascensorista percebeu alguma coisa, embora nada tendo falado. Tirei as roupas e me coloquei debaixo do chuveiro. A vontade de vomitar havia diminuído, mas não totalmente. Cheguei a ficar com medo de ter de ligar para um serviço de socorro de urgência, mas o mal-estar foi passando — menos a sensação de boca seca; essa, persistiu.

Decidi descansar. Iria esperar pelo domingo para decidir se telefonaria ou não para Vitória, na tentativa de falar com o médico. Imaginei inventar uma viagem de urgência e pedir para continuarmos o tratamento ou então indicar-me outro profissional, fosse esse o caso. Deitei-me na cama e a comida ingerida, somada à indisposição, me deu sono. Dormi.

Quando acordei e olhei pela janela, a noite já havia caído sobre São Paulo. Resolvi descer ao lobby do hotel e fazer uma caminhada pelas redondezas. Queria rever o Edifício Itália, o Copan e a Praça da República, embora sabendo que, naquela região, era preciso um pouco de cuidado para passeios na rua à noite.

Então, fiquei onde estava. Vi televisão até não poder mais. Quando o sono chegou, desliguei o aparelho e ainda me debati um pouco até

finalmente apagar. Foi uma noite de pesadelos daqueles em que a gente está em vias de cair num precipício e quando cai, acorda.

Foi assim que me levantei da cama pouco antes das cinco horas. O dia ainda não havia nascido e era preciso me orientar antes de tomar o café da manhã. O que fazer para evitar novos vômitos? Entrei na Internet, obtive as orientações disponíveis e comecei por ficar com tentação por sorvetes. Era recomendado usar gelados. Mas, para meu desgosto, o site também pedia para evitar frituras ou assemelhados e meu plano de uma incursão até as pastelarias mais famosas da cidade estava sepultado.

Tomei um banho e fiquei esperando a hora de ser aberto o serviço de café da manhã ciente do que deveria ou poderia fazer. Sobretudo evitar qualquer coisa quente, a começar pelo café, cujo cheirinho me fez ficar com água na boca. Mas peguei os sucos bem gelados, pão integral e queijo branco. Disse ao garçom que estava proibido de ingerir comidas pesadas e perguntei se não haveria sorvete para mim. Olhando para a meu cocuruto raspado, fez que sim com a cabeça cabeluda dele e foi buscar as opções.

Naquela manhã estava me sentindo surpreendentemente bem. Tanto que passei os olhos pelos jornais da cidade esparramados pelo hotel e fiquei imaginando programas para aproveitar ao máximo o domingo. Procurei saber se o Mercado Municipal funcionava e, ao obter resposta positiva, disse comigo mesmo que não iria, por nada desse mundo, deixar de fazer o que mais gostava. Mais uma vez, resolvi descumprir uma decisão que havia tomado em meu próprio benefício.

Saí do hotel ainda cedo. Peguei um táxi e mandei tocar para lá. O percurso é rápido, de modo que foi fácil. Desci e já encontrei o local cheio de gente, embora de manhã cedo. Andei o mais que pude. Passei em cada ponto, diante de cada banca de permissionário, ante cada atração existente. Lógico, as que mais me agradavam eram claramente as de comida. Mas era cedo. Saí para andar, percorri ruas e matei mais saudades. Depois voltei. Por volta das 11 horas, entendi que era chegado o momento de comer alguma coisa, como costumo dizer sempre.

Fiquei entre o fantástico sanduíche de mortadela, aquele que praticamente deixa o sujeito almoçado, e os pastéis de dar água na boca. Sabe de uma coisa, pensei comigo mesmo, estou bem, não sinto enjoo algum e posso comer o que quiser. Na dúvida, optei pelos dois. E lá estava eu, cabeça raspada, vez ou outra chamando a atenção de alguém, me empanturrando naquela confusão organizada na qual a maior parte das pessoas vinha fazer o mesmo que eu.

Aproveitei também para, pura e simplesmente, observar a arquitetura única, as paisagens que a gente pode curtir ficando no mezanino e olhando para o lado de baixo, onde se sucedem as bancas e as incontáveis ofertas. Preferi não comprar nada que não pudesse colocar na barriga, pois queria evitar voltar para Vitória como turista, com sacolas de compras. Afinal, não estava fazendo aquela viagem como frequentador da Rua 25 de Março.

Só saí de lá quando não me aguentava mais. Peguei um táxi e pedi ao motorista para tocar para o Ibirapuera. Era minha intenção caminhar pelo lugar, curtir aqueles gramados, os lagos, ver se haveria alguma coisa no Planetário Municipal, quando a vontade de vomitar chegou com tudo. Pedi ao motorista para parar e, sem alternativa, vomitei abundantemente, literalmente, tudo o que havia comido no café da manhã e na hora do almoço, ali mesmo, naquela calçada por onde passavam espantados transeuntes.

O motorista desceu e ajudou a conter minha cabeça. Um carro de Polícia Militar parou e rapidamente expliquei que era canceroso e as náuseas são comuns nesse caso, provocadas pelas sessões de quimioterapia. Perguntaram se eu queria ser levado ao médico, mas, quando disse que já estava melhor, e pediria ao táxi para me deixar no hotel, foram embora.

Fiquei um pouco parado por lá até me recuperar completamente, antes de embarcar. Quando o carro saiu de volta para a São Luís, uma senhora, de mãos na cintura, dizia "Muito bonito!" Era dona ou empregada da padaria diante da qual eu havia vomitado minha primeira metade de domingo. E sujado a calçada.

Subi para o quarto. De repente, comecei a passar muito mal novamente. Mas, juízo deixado em casa, abri a geladeira e não segui a orientação da Internet: tomei as duas latas de cerveja bem geladas que havia lá dentro. Vomitei tudo novamente. Só então procurei em minha lista de telefones de emergência e do celular do médico que estava me atendendo.

Sabendo que não seria bem atendido, nem sequer sabendo se seria atendido, liguei. Primeiro, o telefone tocou até a ligação cair e aparecer a conhecida gravação dizendo-me para deixar recado na secretária eletrônica. Não fiz isso. Ao contrário, insisti e liguei mais uma vez. Desta feita, a ligação foi atendida ao primeiro toque e uma voz irritada surgiu do outro lado.

— O que o paciente mais inconsequente que jamais tive quer agora, interrompendo meu almoço de domingo com minha família?

Expliquei rapidamente o que havia acontecido. Ou, melhor dizendo, a minha versão para uma viagem de última hora para São Paulo. Tão rápida que, garanti eu, só no desembarque vi a ligação perdida da clínica registrada. Mas queria deixar para explicar tudo ao chegar. Só não estava fazendo isso por causa dos enjoos e vômitos que me haviam acometido.

— Meu caro — disse o médico do outro lado —, eu vivo de tratar de quem quer viver. De quem quer morrer, não! Vou fazer uma última tentativa com o senhor, antes de encaminhá-lo a outro profissional para não ter que vê-lo morrer sem fazer tratamento. Tão logo desembarque no Aeroporto de Vitória, quarta-feira, pegue um táxi e venha imediatamente para a clínica. Pelo horário, ainda estarei lá. Mas, se o avião atrasar, ou surgir algum problema para mim, deixarei instruções. De agora em diante, faça tudo o que eu disser. Sem enganos, sem esquecimentos, sem viagens de última hora e sem porres. O que está em jogo é a sua vida, não a minha. Estamos entendidos?

Falei que sim e ele me passou o nome de um remédio para conter os efeitos colaterais da quimioterapia. Pediu-me para evitar esforços e seguir suas orientações. Como era eu quem estava sendo problema para ele e não o contrário, pedi desculpas antes de desligar. A ligação foi cortada

imediatamente depois de minha última palavra.

Fui até a portaria do hotel. Lá estava um gentil funcionário que, à minha pergunta sobre onde ficava a farmácia mais próxima, disse que enviaria uma pessoa lá para comprar meu remédio. Entreguei o nome a ele, o dinheiro e, quando me voltava para sentar-me em uma das poltronas do lobby, notei seu smartphone sobre o balcão. Disse que tinha igual e que havia deixado meu carregador em Vitória. Na mesma hora, colocou o meu para carregar. E garantiu:

—Fique tranquilo. Se tocar levo até onde o senhor estiver.

Recebi o remédio e tomei. Aproveitei para ler as revistas noticiosas da semana que estavam nas mesinhas. Li até me enjoar delas e receber o fone já com a bateria carregada. Vi que a TV passaria os jogos do domingo à tarde e fiquei assistindo. No intervalo do primeiro para o segundo tempo, pedi um uísque. Prontamente atendido, comecei a curtir a bebida e me lembrei do médico. "Agora é tarde!" — falei meio alto, mas comigo mesmo.

Segui vendo futebol. Tomei outro drinque e fui para o quarto acompanhar as partidas das seis e meia, não sem antes pedir mais uma dose. Estava meio de foguinho quando toda a rodada terminou. Ainda voltei às emissoras abertas para os programas do domingo à noite e nem ao menos senti que havia apagado. Olhei no relógio, eram quatro horas da manhã e, mais uma vez fui tomar um banho. Agora, para me preparar de verdade, pois logo estaria almoçando com o Sílvio depois de décadas longe um do outro. E comendo um filé fantástico.

Capítulo 13

Sentado em uma das cadeiras das mesas do restaurante, esperando por meu velho conhecido Sílvio, revi mentalmente as últimas horas: depois do banho da manhã, peguei a carta que ele havia me enviado fazia tantos anos e a reli. Também procurei me recordar da figura do delegado Sérgio Fleury. Mesmo ele não estando presente quando da morte da Leonor, era a figura que chefiava o esquema de prisões ilegais, torturas e execuções no DOPS paulista, além de ser membro da Operação Bandeirantes. E ele jamais havia omitido seu orgulho por ser da OBAN.

Um dia, ainda jovem, vi aquele indivíduo dando uma entrevista ao vivo para o programa da Hebe Camargo, na época transmitido pela TV Record de São Paulo. Não essa de hoje, pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus, mas a antiga emissora que criou, além do primeiro programa de entrevistas do Brasil, comandado pela Hebe, ainda o Família Trapo, Jovem Guarda, Capitão Sete, e mais uma grande quantidades de outros menos conhecidos, além dos festivais de Música Popular Brasileira. Também não poderia esquecer o seriado Vigilante Rodoviário, grande sucesso na época e lembrado até hoje.

A Família Trapo lançou o humorismo de qualidade na TV brasilei-

ra. Girava em torno de Carlo Bronco Dinossauro, vivido por Ronald Golias, e tinha, nos papéis principais, Otelo Zeloni (Pepino Trapo, o chefe da família e cunhado de Bronco, que vivia às suas custas), Renata Fronzi (mulher de Pepino), Cidinha Campos (Verinha), Ricardo Corte-Real (Sócrates) e Jô Soares (Gordon). Lembro-me de ter ido uma vez ao Teatro Record para assistir à gravação do programa. Era uma festa completa. Jovem Guarda, também de gravação de teatro, lançou nacionalmente Roberto Carlos, Erasmo Carlos e demais cantores e compositores de sobrenome artístico Carlos, além de Wanderléia, Jerry Adriani, Wanderlei Cardoso e mais gente.

Mas voltando ao Fleury dando entrevista à Hebe. Sentado à poltrona dela, sendo sabatinado pela apresentadora já falecida, contou histórias de prisão. Com cinismo extremo posou de herói, de defensor dos fracos e oprimidos e ainda reforçou seu lado galã, bem vestido, fazendo pose para as mulheres que mandavam beijinhos. Foi delirantemente aplaudido, inclusive pela apresentadora, na hora de ir embora.

Ninguém conhecia então o famoso delegado. Sérgio Fernando Paranhos Fleury nasceu em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, em 19 de maio de 1933, e morreu bêbado, afogado, em Ilhabela, litoral do Estado de São Paulo, em 1º maio de 1979. Ficou conhecido por sua violência na perseguição de opositores do regime militar de 1964. Sofreu diversas acusações formais feitas pelo Ministério Público e geradas pela contumácia na prática de tortura e homicídios nos porões do DOPS, principalmente.

Vários depoimentos, testemunhas e relatos de presos políticos denunciam que ele usava sistematicamente a tortura durante interrogatórios. De acordo com muitas pessoas, alguns militantes capturados pelo delegado não resistiram às torturas e acabaram morrendo. Foi esse o caso de Eduardo Collen Leite, um guerrilheiro muito conhecido, torturado por cerca de quatro meses pelas mãos do delegado, antes de morrer.

Foi ele também um dos responsáveis pela captura e morte de Carlos Mariguella, símbolo da esquerda revolucionária que resistiu à prisão antes de morrer. Fleury também estava presente à Chacina da Lapa e de

outros casos emblemáticos envolvendo combate e assassínio de opositores do regime.

Desde que entrou como investigador no DOPS, em 1956, até chegar a diretor do Departamento Estadual de Investigações Criminais de São Paulo, o DEIC, 22 anos depois, Fleury consolidou a imagem de implacável. Era temido pelos marginais, sobretudo de São Paulo. Aqueles que não se entregavam, sabiam que as chances de escapar com vida eram reduzidas. A expressão "Vamos chamar o Fleury." se tornou ameaça usada nos distritos policiais para assustar bandidos nas delegacias de Polícia ou fora delas.

O delegado comandou o Esquadrão da Morte, grupo responsável por execuções sumárias de inúmeros criminosos comuns. Agia acobertado por tráfico de influência, a exemplo do que aconteceu com a congênere do Espírito Santo. Sua equipe retirava os presos das cadeias para eliminá-los em estradas desertas, durante a noite.

A prática de Fleury, de caçar ladrões, foi usada pelo regime militar para combater integrantes de organizações de esquerda que optaram pela luta armada. Uma ação foi transposta para a outra como transferência de know-how ou savoir-faire, em humor negro. Logo, ele se tornaria senhor da vida e da morte de quem caísse em suas mãos. No DOPS, comandou, em 1969, um ano depois das passeatas de 1968, o cerco a Carlos Marighela, morto com quatro tiros, um deles de seu revólver.

Em 1970, liderou a ação que terminou com a morte de Joaquim Câmara Ferreira. Finalmente, em setembro de 1971, participou da caçada a Carlos Lamarca no sertão do Estado da Bahia. Eles foram três dos maiores líderes da chamada "subversão". Mas, muitos outros, menos ou nada conhecidos, foram perseguidos, presos, torturados e assassinados por ele.

No café da manhã no hotel, depois de meu banho e da leitura dos jornais do dia, optei por comer apenas as coisas que sabidamente não iriam me fazer mal. Havia tomado o remédio receitado na véspera, o que estava fazendo religiosamente desde a conversa com o médico por telefone, e não houve novo episódio de náusea. Vesti minha roupa do dia, do almoço e o

que viesse a acontecer mais, e caminhei um pouco pelo Centro fazendo hora para chegar ao restaurante alguns minutos antes do combinado. É hábito meu fazer isso para não deixar ninguém me esperar.

Quando um dos garçons passou pela segunda vez seguida em frente à mesa onde estava, olhando para mim, não resisti. Pedi o cardápio para "estudar" e, junto com ele, uma dose de uísque. Não iria fazer diferença, pois havia jurado para mim mesmo que, chegando em Vitória, faria tudo o que o médico mandasse a partir daí.

No exato momento em que a bebida chegou, o torpedo bateu no meu aparelho. "Atraso de 40 minutos. Audiência passou da hora. Aguarde que a gente tira a diferença. Sílvio." Segurei o garçom, mostrei o torpedo para ele e pedi um tira-gosto. Se era preciso esperar, que pelo menos fosse uma espera com conforto. Ele concordou em gênero, número e grau, rindo.

Fiquei olhando em torno e lembrei de que o ex-delegado do DOPS, às vezes, vinha a esse restaurante. Ora, se o Filé do Moraes era um prato de excelência, porque o herói da ditadura não podia comer o dele de vez em quando? Olhei em torno e me senti honrado pelo fato de jamais ter dado de cara com uma figura como aquela nos tempos de ditadura. Almoçar ou jantar com o inimigo, sem dúvida alguma, devia ser péssimo.

Fazia um dia bonito em São Paulo, naquela segunda-feira de gente com paletó e gravata passando por mim, então em busca do horário de almoço no dia de trabalho. Como sempre faziam os paulistas, no andar quase correndo em busca do carro, do ônibus, do táxi, ou então apenas e tão somente do restaurante ou lanchonete de preferência, antes de voltar para enfrentar a segunda parte da jornada de trabalho. Sempre foi assim com a maioria.

Aceitei mais um drinque. Seria o último antes do almoço, pois havia muito a conversar com meu amigo. Fiquei reparando os clientes do Moraes, a maioria, àquele horário, também comia com tanta pressa quanto os demais andavam pelas ruas. A rotatividade era grande e, a maior parte dos que se sentavam à mesa, não pedia bebidas alcoólicas, como eu. Apenas se

deliciava com o filé mignon antes de correr de volta para o batente.

Estava passando os olhos pelas mesas do local, olhando para fora e vendo a parte da Avenida São João visível de onde estava, quando um homem de terno risca de giz cinza claro, camisa branca e gravata vermelha, parou na porta e olhou em torno. Estava com os cabelos grisalhos, já com uma tênue calvície nas têmporas, mas os traços eram os mesmos. Levantei-me da cadeira e abri os braços. Sílvio Ribeiro fez o mesmo e nos abraçamos efusivamente.

Sentamo-nos, enquanto meu velho conhecido fazia sinal para o garçom trazer o cardápio novamente. Ele viu o copo de uísque diante de mim e apontou-o para o profissional que nos servia enquanto começava a escolher as comidas. Falou então:

— Já que você está bebendo, vou beber também, porque já liquidei com tudo o que havia a ser feito hoje. Não vou mais voltar ao trabalho e pretendo bater papo com você até o dia terminar. Mas, me diga uma coisa: esse cabelo cortado a zero é moda ou outra coisa como doença, por exemplo? Daquelas que provocam isso?

Disse que sim. Contei toda a história do câncer, somente dele, incluindo aí as faltas à quimioterapia e a bronca do médico no último contato por telefone. Disse que iria voltar ao tratamento, sim, mas somente depois da quarta-feira, quando chegasse a Vitória. Até lá, estava dando um tempo a mim mesmo. Inclusive revendo São Paulo depois de muitos anos.

— Sim! Mas tem de haver outro motivo, inclusive um motivo forte para você deixar sua vidinha capixaba e vir aqui a São Paulo, de repente. Fiquei esses dias pensando nisso, no que você queria falar comigo. Depois de tanto tempo, pensar em que apenas eram detalhes sobre a morte da Leonor, não batia. Eu achava, e acho, que você tem outro motivo. Qual é?

Respeirei fundo e, de um taco só, enquanto cada um de nós pedia um tipo de filé ao garçom, expliquei tudo. Contei a história do Bar e Lanchonete Juparanã, da figura encontrada lá e da quase certeza que tinha de aquele sujeito ser o Faxineiro. Falei das três mesas ao fundo, do clima

pesado com minha curiosidade e da decisão de vir até São Paulo buscar pistas. Por sinal, eu não sabia ainda nada do que havia acontecido por aqui depois da minha ida embora, nem do que o pai da Leonor havia feito. Seria possível falar com ele?

— Ele está morto — disse meu amigo, pois gosto de chamá-lo assim —, e já faz muito tempo. Morreu em 1990. O nome dele era Trajano e, além de ter sido um excelente advogado, por sinal responsável pelo sucesso que faço hoje, era um cara apaixonado pela família. Perdeu a Leonor e nunca se conformou. Só tinha um casal de filhos, ficou arrasado com o assassinato da filha mais velha e, no começo de 1990, quando o filho mais novo e também advogado faleceu num acidente de carro aquilo foi o fim. Estava com o coração em frangalhos, inclusive no plano médico, e morreu meses depois.

Sílvio comeu algumas garfadas de filé. Fiz o mesmo. Juntos, pedimos mais dois uísques. O garçom fez que sim com a cabeça e foi buscar. O ex-namorado da moça morta no DOPS passou algum tempo calado. Parecia tomar forças. Logo em seguida, fez um brinde comigo, sorveu um grande gole de uísque e retomou a narrativa de onde havia parado.

— Depois da morte da Leonor, doutor Trajano jurou para si mesmo que iria até o fim para fazer Justiça à filha. Jamais conseguiu, mas lutou por isso até o último dia de sua vida. Primeiro em conjunto com a OAB. Depois, sozinho. A mulher dele era aquilo que nossos avós chamavam como "do lar", de modo que ele precisou fazer tudo sozinho. E até onde foi possível, fez. Inclusive sendo perseguido e ameaçado pela ditadura.

Fez outra pausa e passou a me contar como as coisas se deram:

— Em 1968, os tempos eram duros. O AI-5 acabara de ser editado, as garantias individuais estavam falidas e era também época de guerrilhas, a do Caparaó e a do Araguaia. De modo que a ditadura estava fortalecida, o Judiciário não tinha força e ninguém podia investigar os porões do regime. O DOPS era apenas um dos endereços da tortura e do assassinato. Havia vários outros.

Sílvio explicou que o doutor Trajano insistiu. Mesmo com todos os obstáculos e ameaças, seguiu em frente. Ainda precisou administrar a crise de pânico de sua esposa, fechada por um carro com placas frias ao se dirigir para casa com sacolas de compras depois de ir à feira. Mas, mesmo assim, ficou com a morte da filha na mente. Os próprios amigos de OAB disseram a ele que não continuasse exposto como estava. De nada adiantou. O que resolveu a questão, dias depois, foi um desmaio no meio da rua. Ele foi levado para o hospital e teve que ficar lá por uns dez dias. Era o começo de seus problemas cardíacos. Os problemas que iriam acabar com sua vida.

E continuou:

— Depois daquilo, sossegou um pouco. Tinha mulher para cuidar. Mas ainda conseguiu que alguém passasse para ele uma ficha do Faxineiro. Foi então que descobriu o nome do sujeito: chamava-se João Carlos Ribeiro Passos. Era natural de Ribeirão Preto, de onde veio para São Paulo. Ao que parece, havia estado no Exército, não conseguiu ficar lá e se mudou para cá. Aqui, começou a carreira de policial, talvez com as credenciais, se é que a gente pode dizer assim, trazidas de lá.

O advogado explicou também que Passos era um dos mais violentos dentre os agentes policiais do DOPS naquela época. Tanto que recebeu o apelido que ostentava. E o doutor Trajano foi mais além. Conseguiu, com um advogado de Ribeirão, toda a ficha do sujeito, desde o nascimento até a mudança para São Paulo. Não sei desses dados, porque ele morreu logo em seguida. As coisas haviam começado a ficar fáceis com a chegada de Figueiredo ao poder na tal "abertura" e, depois, em 1985, como fim da ditadura.

Perguntei como poderia ter acesso aos dados que o advogado Trajano havia conseguido. Sílvio disse que conhecia o colega do interior e poderia telefonar para ele, se preciso. Fiquei matutando naquilo até que me decidi: pedi a ele que telefonasse para o sujeito e tentasse ver se poderíamos nos encontrar no dia seguinte, terça-feira, em Ribeirão Preto.

Sílvio ficou em silêncio. Parecia que estava digerindo aquilo. Mas depois falou:

— Bem, vou fazer isso. Você terá de ir a Ribeirão e voltar no mesmo dia, pois na quarta-feira volta para Vitória. E deve voltar mesmo para fazer seu tratamento. Só ajudo com essa condição. Além do mais, considere o fato de que essa gente é perigosa, ela mata sem qualquer remorso. Não sei como anda a cabeça desse homem, o tal Passos, mas pouco perigoso ele não é.

Prometi ao Sílvio que voltaria a Vitória na quarta-feira sem falta; que ele ficasse tranquilo. E tomaria cuidados quanto o Faxineiro em Vitória. Mas queria ao menos tentar conseguir mais dados sobre aquele homem antes de retornar. Ia dizer que estava fazendo um livro e queria colocar a história nele, mas omiti. Aliás, foi a única coisa que não falei e, depois, fiquei achando que deveria ter dito a quem me ajudava.

O advogado ao meu lado falou por celular com o que estava no interior. Foi fácil localizá-lo, e à primeira chamada. O colega pareceu bem receptivo, mas fez muitas perguntas a meu respeito ao Sílvio. No final, combinou algo com relação a local e o meu amigo se comprometeu em ligar novamente desmarcando, caso eu desistisse ou não houvesse voo com lugar vago a bordo do avião assim tão em cima da hora. Desligaram em seguida.

Sílvio então chamou o garçom e pediu café. Virou-se para mim e disse que teríamos de sair dali e passar numa agência de viagem próxima. Para minha sorte o pessoal era todo amigo, pois marcava os seus voos lá mesmo. E me disse o combinado: o doutor Reinaldo, esse o nome do homem, me esperaria por volta das 13 horas, na Praça XV de Novembro, em frente a uma fonte que costuma ser o centro das atenções.

— É um lugar fácil de achar. Todo mundo conhece. E, depois que vocês se apresentarem, podem ir onde quiserem até o retorno, pois ele não terá almoçado. Vamos à agência agora.

Tentei pagar, mas Sílvio disse um "Essa é minha!" que não deixava campo para discussões. Apenas enfatizei dizendo que a conta do Bar Léo eu pagaria. Em poucos minutos saímos e entramos na agência de turismo. A moça do atendimento, muito gentil, fez um "Aguarde só um momento!"

e, depois de apenas um momento mesmo, me disse que eu poderia viajar num voo que saía de Congonhas por volta das 7h30m, retornando às 22.

Havia outros voos de ida mas para esses só Lista de Espera. Agradeci e disse que queria ir no primeiro mesmo, pagando com cartão de crédito. No início, houve dificuldades de contato, e o procedimento precisou ser refeito algumas vezes. Ficamos aguardando e tomamos mais dois cafés cada, até que a viagem foi confirmada e recebi o número de embarque nos dois percursos.

Sílvio estava feliz por estar me ajudando, mas, ao mesmo tempo, preocupado. Achava que eu estava colocando as mãos em vespeiro. Quando começamos a andar em direção ao bar, me disse uma última coisa:

— Só estou fazendo isso porque, dias antes de morrer, doutor Trajano me disse que daria tudo para denunciar esse tal Passos. Iria ao inferno para tornar públicos os crimes dele. Mas a vida não permitiu.

Eu apenas fiz um sinal de positivo com a cabeça e continuamos andando em direção à Rua Aurora e ao local onde beberíamos mais. Naquele momento, exatamente naquele, eu havia decidido finalmente quem seria o personagem principal de meu livro. Mas, da mesma forma como no caso anterior, preferi guardar para mim.

Fomos andando e conversando até o bar. Praticamente passeando sem pressa. O local estava lotado quando chegamos, mas um garçom logo nos deu uma das mesas em pé do lado de fora e nos prometeu outra lá dentro. Pedimos chope e escolhemos um salgado. Mesmo apenas duas horas depois do almoço, a gente encontrou como comer os salgados e continuar com o papo bom de desde quando houve o encontro na casa de carnes.

Logo, o garçom voltou a anunciou que havia mesa vaga do lado de dentro. Era de quatro lugares e dois deles estavam ocupados por um casal. "Algum problema?" — perguntou. Dissemos que não e passamos para dentro. O ambiente interno era ótimo e encontrei o tempo e a hora de fazer a pergunta que queria: como havia ficado a vida do meu amigo após a estada no DOPS e a constatação da morte da menina que namorava? Ele deu um

longo suspiro de tristeza por voltar ao assunto, mas respondeu:

— Não foi fácil! Minha vida virou de cabeça para baixo. Eu gostava muito dela e foi o doutor Trajano quem me tirou da depressão. Fui convidado a trabalhar com no escritório dele e depois estudei Direito. As coisas foram acontecendo normalmente. Acompanhei toda a luta dele para punir os matadores da filha, sem conseguir. Por último, conheci minha mulher, a única com quem me casei e construí uma vida. Como ela é de Jundiaí, fui para lá. Mas me divido entre aquela cidade e São Paulo. Não é coisa difícil, pois as duas são muito próximas. Com os engarrafamentos daqui, às vezes, ir para lá é mais rápido do que ir para casa, como farei agora.

Ainda conversamos por um bom tempo. Depois, o Sílvio me pediu para ir embora. Teria que se encontrar com um amigo de Jundiaí para viajarem. Chamou um táxi para mim e nos despedimos na porta do bar. Deu-me de presente uma camisa do lugar e, mais uma vez, quando chamei o garçom para pagar a conta, ela já estava paga. "Vamos nos ver outras vezes, OK?", disse ele. Respondi que sim e nos separamos. Fui embora com a impressão de que, apesar da vontade mútua, isso não aconteceria.

Quando cheguei ao hotel, ainda pedi mais um uísque. Tomei todo ele vendo TV e só atentei para o fato de que o pedido havia sido uma grande bobagem com a volta do enjoo. Corri para tomar outra vez o remédio e fiz um esforço desesperado para segurar o vômito. Consegui, embora a sensação de secura houvesse voltado.

Decidir dar um basta. Como as bebidas me tinham deixado meio grogue, aproveitei esse fato para dormir. Afinal, no dia seguinte teria de levantar às 5:30 horas para estar no aeroporto uma hora antes da viagem. Pedir à telefonista para me acordar foi a última coisa que fiz antes de dormir profundamente. Até meu projeto de ver TV um pouco foi por água abaixo.

Ao acordar, vi que de pouco adiantou a luta contra o vômito da véspera. Debaixo do chuveiro, quase não tive tempo para correr até o vaso e vomitar. Muito. Abundantemente. Um vômito mal cheiroso. Pressionado para estar em Congonhas e viajar, nem ao menos pude tomar café da

manhã no hotel. O serviço ainda não estava aberto e fui direto para o aeroporto. Cheguei no horário correto e entrei logo para o check-in. Ainda pensei em passar na cafeteria, ou numa das lanchonetes para comer alguma coisa, mas tive medo de novo enjoo. Assim sendo, embarquei e ponto final.

Mais uma vez no avião, recusei o lanchinho e o café mas, com sede, não resisti ao suco. Fui tomando bem devagar, golinho atrás de golinho, e vendo como meu organismo reagia. Felizmente, consegui chegar ao último gole sem problemas maiores. Encostei o rosto contra a janela do avião, vendo as paisagens do interior paulista, e procurei recordar a minha única ida a Ribeirão Preto, ainda no início da idade adulta, para ver um jogo do Corínthians.

Foi um belo jogo, creio que contra o Botafogo local. Faz muito tempo que esse fato aconteceu. A cidade já era bonita e surgia como um polo de riqueza interiorana da região. A viagem foi de ônibus, ida e volta, muito demorada, e mal deu tempo para conhecer o estádio e partes da cidade por onde passamos, tanto na ida quanto na volta. Como não houve brigas de torcidas, tudo acabou bem apesar do resultado, pois me lembro de que o Corínthians perdeu por 2 a 1.

Vi o Aeroporto Leite Lopes se aproximando e o pouso sendo feito. Não me apressei com coisa alguma. Estava com bagagem de mão para voltar no mesmo dia, de modo que fui direto para o saguão de embarque. O que fazer até a hora de encontrar o homem? O advogado Reinaldo só estaria no ponto de encontro às 13 horas e tudo o que tinha era o telefone dele, que de nada servia. Não iria importunar o cidadão cedo como era.

Entre as visões da lanchonete do aeroporto e da revistaria, preferi a segunda. Embora aromas de comidas me fizessem me contorcer, glutão como sempre fui, o medo de ter de correr para o banheiro era maior. Comprei dois jornais, sentei-me num dos bancos vazios com a pequena mochila de bordo presa entre as pernas e comecei a ler. Sempre viajava com aquela mochilinha dentro da mala porque, vira e volta, acabava sendo útil como agora, na espera pelo horário do encontro.

Li e reli tudo o que me interessava. Quando terminei, vi que o saguão do aeroporto estava bem mais repleto de passageiros, tanto aqueles que chegavam quanto os que embarcavam. Era um movimento, pelo que pude notar, claramente de pessoas em viagens de negócios. Vez ou outra desembarcava uma família em férias ou embarcava outra.

Pelo menos dois motoristas de táxi me abordaram perguntando para onde pretendia ir. Como não queria ser importunado a toda hora, disse que estava esperando por uma pessoa. Deixaram-me em paz. De repente, o smartphone tocou. Atendi e era o Sílvio perguntando se estava tudo bem. Disse que sim, e que fazia hora para encontrar o amigo dele.

Ouvi então que o Reinaldo havia ligado e pedido confirmação de minha ida a Ribeirão Preto. Recebida esta, disse que estaria comigo às 12h30m e não às 13 horas, conforme combinado antes. "Ótimo!", disse eu. Sílvio se despediu e me falou por último que dispusesse dele para qualquer coisa que aparecesse. Qualquer coisa mesmo.

Decidi que o melhor a fazer era ir embora do aeroporto. Antes, passei pelo balcão da empresa aérea e deixei o check-in feito. Na volta, não precisaria entrar em filas. Peguei um táxi e pedi ao motorista para tocar para a Praça XV de Novembro. Perguntei se havia uma boa lanchonete nas proximidades e, ao receber resposta positiva, pedi para ser deixado lá. O trajeto foi relativamente rápido, apesar do trânsito intenso, e logo estava eu perto do local do encontro.

Sentei-me à mesa da lanchonete e, mais uma vez, não comi. Pedi um suco de laranja, por sinal muito gostoso. Não me sentia mal e resolvi fazer um teste bebendo café. O expresso servido saía da máquina com um cheiro maravilhoso. Veio acompanhado de água gasosa e um biscoitinho salgado. Comi o biscoito, bebi o copinho de água e depois o café. Estava delicioso e elogiei com o garçom a competência do barista. Ele perguntou de onde eu era, eu disse e o moço completou:

— Então, o senhor não pode ir embora daqui sem conhecer nosso Museu do Café. É muito bonito, um passeio fantástico e todo mundo que

visita minha cidade gosta dele. Se o senhor é um "cafólatra", como parece — disse, reforçando o termo provavelmente inventado —, vai se sentir bem percorrendo as salas e vendo como essa bebida se desenvolveu em nossa região.

Agradeci e continuei fazendo hora no local, sempre consultando o relógio. Exatamente quando faltavam quinze minutos para a chegada do advogado, pedi a conta. Não queria deixar o homem esperando por mim. Paguei e fui andando em direção à praça e, depois, para a fonte. Quando chegava lá, ao mesmo tempo, vinha um homem de meia idade, calvo, sorrindo gentilmente. Também sorri e ele se dirigiu a mim ao se aproximar:

— O amigo do Sílvio, creio? — perguntou.

— Exatamente ele — devolvi.

Nos demos as mãos e escolhemos um dos bancos da praça. Ele me disse que o Sílvio havia conversado sobre meu interesse em falarmos acerca do indivíduo conhecido como Faxineiro. Perguntou-me o que me havia feito sair de uma cidade distante, chegar a São Paulo, e depois a Ribeirão Preto, com curiosidade sobre um desqualificado.

Disse a ele que a história era meio longa, mas eu contaria. Foi aí que o doutor Reinaldo me interrompeu e disse que o melhor seria fazermos isso num restaurante. Mais precisamente, no de um amigo de infância dele, onde poderíamos ter a privacidade que numa praça seria improvável. Concordei, andamos até o carro dele e saímos. Em pouco tempo, estávamos diante de um restaurante intimista.

O Reinaldo foi logo abordado à entrada e pediu uma das mesas do mezanino, onde teríamos privacidade. Disse que iríamos almoçar, mas antes bateríamos um papo demorado. Escolheu uma das opções do cardápio, depois de me perguntar se eu gostava de filé mignon e fomos para o andar de cima onde nos sentamos confortavelmente.

Com o garçom novamente ao lado, perguntou o que eu queria beber.

— O senhor pode pedir o que quiser, mas vou ficar nos sucos deliciosos daqui, porque não consumo álcool.

Disse que os sucos seriam uma boa pedida e agradeci intimamente àquele homem por me colocar ao menos um dia daquela viagem longe de uísque e assemelhados. Quando bebeu um gole e cruzou os braços sobre a mesa entendi ser hora do meu relato. E o fiz, com todos os detalhes possíveis e imagináveis. Depois do término, e de eu dizer um "É por isso que estou aqui.", ele deu um longo suspiro. Com uma voz meio que conformada, falou que esperava por coisa assim. E iniciou seu relato:

— O sujeito, nosso João Carlos Ribeiro Passos, é daqui. Digo isso sempre acrescentando um "infelizmente" ao que falo. Mas acrescento também um "felizmente". Nossa cidade viu o nascimento dele, o crescimento até perto dos 18 anos. Depois que se alistou no Exército, e pretendia fazer carreira lá, foi para outra cidade, onde sentou praça. Não vou dizer o nome para não ofender a população, mas tudo começou por lá.

O advogado também era filho de outro profissional do ramo. E o pai dele foi amigo do doutor Trajano. Foi a ele, o pai de Reinaldo, que o desesperado homem com a filha assassinada recorreu. Sem que ninguém soubesse, o advogado de Ribeirão passou a seguir os caminhos de Passos.

Descobriu que ele, tão logo entrou para o Exército, onde prestou serviço militar, pediu para ser incorporado. Queria permanecer na Força e chegar, quem sabe, aos órgãos de repressão política da ditadura. Fazia discursos anticomunistas, pregava o combate ao que chamava de subversão e chegou a ser preso pelo comando de sua unidade porque soldado não pode ter atividade política. Mas insistiu e sua incorporação foi negada.

Daquele momento em diante, passou a se envolver em problemas policiais. Um belo dia, foi preso porque estava com uma menor com 12 anos de idade, fazendo sexo anal com ela. Acusado de pedofilia, acabou recolhido, mais uma vez, ao quartel. Foi detido de novo, pela mesma acusação, ficou mais tempo na cadeia e, ao sair, terminou seu período de serviço militar, de onde acabou sendo desligado sem honra. Para qualquer um, seria carreira encerrada. Mas não para ele, efetivamente.

Ainda mais porque duas crianças sumiram na cidade onde morava.

Ambas, meninas de rua. Uma jamais foi encontrada, mas o corpo da outra, localizado, revelou ser da mesma menina pega com ele fazendo sexo, quando da acusação de pedofilia. Mais uma prisão, da qual terminaria solto algum tempo depois, já que não havia provas de que matara a criança.

Então sumiu. Para Ribeirão Preto, jamais voltou. Durante cerca de dois anos, ninguém sabia dele. Nem mesmo a família de origem, que fazia questão de não obter notícias. Começaram a surgir boatos de que ele estaria na Polícia de São Paulo. Logo os fatos se confirmaram, pois nas fotos que os jornais publicavam, de ações policiais da OBAN, lá estava o vulto inconfundível dele. Nem mesmo o nome mudara. Continuava sendo o Passos, como chamado na infância, juventude e no Exército.

Neste ponto, o doutor Reinaldo parou. Respirou fundo e continuou:

— A gente sabe que criminosos ligados à ditadura houve de todos os lugares. Do Espírito Santo também, e as listas oficiais de membros dos antigos órgãos de repressão estão aí mesmo para não me deixar mentir. Então, meu pai foi capaz de seguir aquele homem e passar ao doutor Trajano tudo o que ele precisava. Mas nada havia a fazer durante o período da ditadura, além de ir colecionando fatos e alguns documentos obtidos sorrateiramente.

Quando a ditadura agonizava, depois da morte de Fleury que, por sinal, morreu seis anos antes do término oficial do ciclo, em 1985, Passos havia sumido. Deixou a Polícia, segundo versão oficial, para seguir a vida em lugar não informado. E não era prudente tentar seguir seus caminhos naqueles anos de bombas em bancas de jornal, de atentados contra a OAB, em outros lugares, e até mesmo em locais de reuniões com milhares de pessoas. Mas já dava para colher mais informações, sempre com muito cuidado.

— Foi então que não mais meu pai, mas eu, encontrei o psicopata Passos. Ainda pude mandar algumas informações ao querido Trajano, mas logo depois ele morreu. Como meu velho pai não queria mais se envolver nisso, fui eu quem continuou por conta própria. Mas aí, o que eu queria, era

ajudar meu amigo Sílvio que, mesmo depois de muitos anos, de casamento e filhos, ainda buscava algumas verdades. Ele simplesmente queria saber onde estava o Faxineiro. Ironia do destino essa de agora, pois você lá em Vitória acabou por localizá-lo.

Engoli em seco. Confessei que, desde o primeiro dia em que o vi, tive uma sensação de déjà vu. Mas só com o passar dos dias, das idas ao Juparanã, fui tendo a quase certeza. E o irônico é que, até agora, simplesmente não posso dizer que ele é quem efetivamente é, pois não existe uma prova concreta disso, mesmo apesar de as evidências serem muitas. Pedi ao advogado Reinaldo para explicar melhor a questão da psicopatia.

— Isso começou com o meu pai. Ninguém conseguia entender como uma pessoa aparentemente normal, e ele foi assim durante os anos em que viveu aqui, se torna depois um assassino como ele se acabou sendo, a ponto de ser o responsável pela limpeza de restos humanos num lugar para onde as pessoas eram levadas e, em seguida, supliciadas. Como tenho um irmão médico, casado com uma psicanalista, meu pai passou a ele todos os dados que tinha. E ela chegou a isso sem sequer tê-lo visto. Obviamente, não é um diagnóstico que o médico possa dar, mas uma certeza de muitos anos em atividades tanto com pessoas normais quanto portadoras desse mal.

Eu estava pasmo. E o advogado explicou que, por intermédio da cunhada, havia estudado muito o assunto. Em diversos pontos, o conceito casava com a personalidade do homem chamado Faxineiro. Os psicopatas não sentem, ou não apresentam emoções, compaixão ou culpa pelo que fazem. Jamais! E porque não são afetados por ansiedades, mas, ao contrário, são pura razão, usam a inteligência de forma eficiente, mais do que o resto das pessoas, já que nossas emoções muitas vezes nos levam a fazer coisas pouco espertas.

Por que isso ocorre? A ciência da neurologia sabe que os "circuitos" do cérebro de um psicopata, ao menos dos que cometem crimes, são fisicamente diferentes dos das pessoas tidas como normais. Eles ativam menos

algumas partes cerebrais que têm relação com julgamentos morais. Esse fato explica sua incompetência para saber ou demonstrar o que é certo ou errado.

— Por isso, a pedofilia não é vista como alguma coisa errada por essas pessoas. Por isso também elas podem chegar ao ponto, como possivelmente foi feito com as duas crianças onde o então soldado morava. Ele mata por se sentir ameaçado, ou se achar que esse ato pode levar a mais prazer do que simplesmente praticar o ato sexual. A psicopatia, segundo minha cunhada, é um campo vasto, ainda em parte inexplorado e motivo de muitos livros. Ela inclusive recomenda alguns deles.

O advogado mostrou-me umas páginas do tal livro, reproduzidas para mim. Peguei e guardei na pasta. Falou também que, antes de ir embora, queria me relatar mais algumas coisas, principalmente para que eu tivesse cuidado quando retornasse para Vitória. Já estava estupefato o suficiente, mas, mesmo assim, pedi que fosse em frente.

— Uma das coisas que consegui, e disso nem o Sílvio sabe, foi conversar com um policial já aposentado e que naqueles anos trágicos trabalhava no DOPS de São Paulo. Ele não era torturador nem fazia parte da OBAN, mas gostava da Polícia, estava lá por vocação e não aceitava ser marginalizado por aqueles homens. Durante todo o período da ditadura, ficou simplesmente à margem, fazendo trabalhos burocráticos. Mesmo assim, viu o suficiente.

O narrador chamou o garçom e pediu a ele para trazer a comida e a conta, tudo em cinco minutos. Queria também café para dois. Enquanto ela não chegava, e mesmo depois de estar na mesa, fez seu relato final:

— O policial que conheci, e que concordou em falar comigo depois de muita insistência, disse que o Passos era, dos torturadores do DOPS e OBAN, um dos mais violentos. Não tem dúvidas de que ele se aproveitou da ditadura para matar também fora de serviço. Quando não estava trabalhando, procurava ser gentil com as pessoas, posava de bom moço, mas isso encobria seus atos fora das delegacias, em dias de folga. Julgava que, ao

menos duas pessoas inocentes, tinham sido mortas por encomenda dele.

— Estou dizendo tudo isso para que você tenha cuidado, muito cuidado. Quando voltar para Vitória, estará perto da jaula do leão. E é o leão quem tem as chaves da jaula dele. Tente não fazer com que ele se sinta ameaçado. Afora no dia-a-dia da vida como torturador, homicida e limpador de restos humanos naqueles tempos, sempre que voltou a matar o fez por dinheiro ou por se sentir ameaçado. E esses amigos dele, do grupo de três mesas, podem achar que estão correndo risco também.

Depois disso, comemos. Concentramo-nos na comida. Enquanto meu anfitrião pedia a conta e fazia sinal de que não me deixaria pagar, perguntou onde queria que me deixasse, pois teria de ir para o Fórum depois. Pedi para me deixar no Museu do Café, se fosse possível, e ouvi quando disse "Bela escolha!", antes de nos levantarmos. Fomos em silêncio no carro até o local, nos abraçamos forte e ele me deu um "Felicidades, e boa viagem!", antes de voltar para dentro do veículo e arrancar sem olhar para trás.

Entrei no museu e percorri todas as salas. Por aqueles minutos que passaram de uma hora, não me lembrei de mais nada. Só curti o esplendor daquele acervo dedicado a uma bebida tipicamente brasileira, embora sendo originária do outro lado do mundo e tenha sido trazida para cá como contrabando por um galante que, conquistando a mulher de um governador da Guiana Francesa, conseguiu contrabandear sementes para nós.

O museu foi construído na década de 1950 em um prédio histórico e guarda no seu acervo a mais importante coleção de peças de São Paulo e, quem sabe, do Brasil, sobre a história do café. Lá, pude ver naquele acervo grandes esculturas, carros de boi, troles, máquinas de beneficiar os grãos e fotos, um grande número delas, referentes ao período áureo dessa cultura em toda a região de Ribeirão Preto. A cidade e entorno devem a ele parte de sua riqueza.

Logo deu 16h30m e tive que ir embora. O museu ia fechar. Sem outra alternativa e sem a menor disposição para beber novamente, principalmente agora que estava fazia tanto tempo sem ter náuseas e vômito, preferi

ir direto para o aeroporto. Enfrentaria a espera com calma. Em princípio, senti vontade de pegar os papéis dados pelo advogado Reinaldo para ler, mas preferi fazer isso quando estivesse em Vitória. Claro, se conseguisse vencer a tentação de pegar aquilo antes e devorar com os olhos.

Fiz um voo tranquilo para São Paulo. No hotel, aceitei a oferta do funcionário da portaria para botar meu aparelho de chamadas e Internet para carregar mais uma vez. Não correria o risco de ficar com a bateria zerada de uma hora para a outra. Agora, simplesmente não queria deixar de atender a telefonemas que poderiam ser de grande interesse.

Depois que o "smart" foi devolvido, subi para o quarto. O fatídico enjoo me incomodou, mas consegui segurar o vômito. Tomei um banho reconfortante e, sem sequer olhar para o frigobar, deitei-me na cama. Ainda vi TV por algum tempo e, quando o sono aumentou, rendi-me a ele.

Os funcionários do hotel foram gentilíssimos comigo. Passaram a conta toda em revista e não houve como evitar um preço alto em função de tantas doses tomadas. Simplesmente paguei sem pestanejar, deixei uma gorjeta gorda com o empregado que levou minha mala até o táxi e pedi-lhe que a dividisse com os outros que haviam me servido. Promessa feita, toquei para Congonhas, sem olhar para trás. Havia ganhado uns bombons que fui comendo com gula, pois me faziam muito bem.

Aguardei o avião com paciência. Uma de minhas filhas ligou, preocupada, perguntando por mim. Disse que estava em São Paulo, mas já no aeroporto para voltar. Não, a viagem nada tinha a ver com o câncer. Ela não acreditou e disse que me esperaria em Goiabeiras, no desembarque. De lá me levaria para casa ou para a clínica; para onde eu quisesse. No meu bolso, os papéis dados pelo advogado de Ribeirão Preto ansiavam por leitura. Decidi que faria isso em voo, e me apresentei logo para embarque, quase empurrando os outros.

Capítulo 14

Mais uma vez em voo tranquilo, vejo São Paulo ficando para trás e irem se sucedendo as infindáveis cidades costeiras na rota até o Espírito Santo. Aceito o serviço de bordo módico, como e bebo alguma coisa e, por último, tiro da pasta os documentos dados pelo advogado de Ribeirão Preto. Todos dizem respeito a um livro, "O autor do crime perverso", da francesa Marie-Laure Susini, uma trabalhada edição da Companhia de Freud, destinada a psiquiatras e psicoterapeutas, mas com linguagem simples e capaz de ser entendida por leigos.

Basicamente, explica a existência de pessoas como esse Faxineiro através do relato das histórias de criminosos conhecidos no mundo todo, como "Landru, o incendiário de Pigalle", "Jack, o estripador", Gilles de Rais, o "Canibal", Marquês de Sade e *Monsieur* Bonfils. Para cada um deles uma análise e uma explicação terminando sempre na constatação de que esse tipo de gente não sente remorso, não tem empatia e precisa, desesperadamente, de plateia. Era isso o que a ditadura dava aos seus verdugos. Ainda no prólogo a autora pergunta: "O que têm em comum?". E começa a responder a esse questionamento ao longo do trabalho.

"Mais singularmente, todos provocam no público reações paradoxais:

longe de suscitar apenas o estupor, o nojo, o temor, conseguem ter um lugar de vedete. Podem até gozar de verdadeira popularidade, como Landru em seu tempo. Esses criminosos encontram seu público. Seja qual for a época, manifestam todos um espantoso domínio da comunicação, um sentido agudo da publicidade. Sabem jogar com o silêncio e a revelação retumbante, com a carta aos jornais e a entrevista na televisão. Gerenciam admiravelmente a ambiguidade de uma celebridade escandalosa".

Simples, os conceitos cabem em diversos deles. Uma das personalidades mais demoníacas, se é que se pode usar esse termo, encontrada no livro, é o de Gilles de Rais. Contemporâneo de Joana d'Arc e herói da Batalha de Orleans, foi promovido a marechal aos 25 anos e foi enforcado aos 36. Entre a glória e a desgraça, e ao longo de um julgamento no qual confessou seus crimes, matou cerca de 200 crianças estranguladas e estripadas, cujas cabeças cortadas eram colecionadas nos torreões de seus castelos. Chegou a comandar exércitos. Terminou na forca juntamente com dois ladrões, seus cúmplices em muitos crimes.

De herói a bandido, bastaram as mortes de Joana d'Arc e de seu avô, Jean de Craon, que praticamente o introduziu à violência. E ele aprendeu todas as lições. Assassino em série, esbanjador, não tinha medo de ser confrontado com suas responsabilidades, com as leis, a Justiça. Num determinado trecho de sua vida, fugiu das guerras e iniciou o rosário de crimes. Arruinou muitos, dilapidou sua fortuna e terminou morto.

A autora relata mais:

"(...) após a morte de Joana, após a morte de seu tutor, ele retira, do corpo de suas vítimas, a voz que atribui ao Outro, que ele oferece ao Outro. Ele a extirpa ao dividir o corpo deles (estripação e estrangulação). Reduz a voz a um puro objeto, ao último sopro. A fantasia, em sua fixidez, persiste até o desfecho. E é ele quem oferece, à multidão aglomerada diante da forca e aos ouvidos de Deus, seu último sopro, extraído de seu de seu próprio corpo, por sua própria estrangulação."

Parei um pouco para olhar pela janela e ver que já tínhamos meio

trajeto cumprido. Lembrei de um amigo psicanalista de Vitória. Iria procurar por ele para obter mais dados. Tenho necessidade de dar substância, seja ela qual for, a esse criminoso dono de meu livro, de meus últimos atos, e que se chama Passos: João Carlos Ribeiro Passos. Ou, para os íntimos, os cúmplices, o Faxineiro.

Os exemplos do livro, ao qual voltei para ler até o avião chegar, contêm uma confissão de um dos maiores criminosos da história, Jacques Bonfils, encontrado pela Polícia junto aos restos decapitados da amante, com os quais havia passado os últimos dias dentro de casa: "Fiz apenas o que todo homem tem vontade de fazer". Talvez todos, ou quase todos os torturadores que surgiram ao abrigo da ditadura brasileira, pensassem o mesmo.

Segundo Marie-Laure Susini, "as duas faces de um enfrentamento íntimo à lei, de uma bravata que antecipa o imperativo de coerção, de um desafio que também revela uma determinação secreta em se submeter, decifram-se em todo autor de crime perverso, ao longo de sua vida." Para ela, "o autor do crime perverso é, a um só tempo, louco e nem um pouco louco", porque parte em "busca de uma consagração de seu ato." Ele quer o reconhecimento por seus "feitos". Enquanto a ditadura existiu, os torturadores o tiveram. Sempre!

Lembrei-me novamente, quando o avião começava a fazer aproximação para o pouso em Vitória, de meu amigo psicanalista. Ele certamente já leu esse livro, leitor voraz que é. Prometi que não deixaria de manter contado com ele amanhã, depois da chegada, de ouvir o discurso que minha filha estava para fazer no aeroporto, da ida à clínica, da quimioterapia e também da ladainha — ou ladainhas — que teria de ouvir do médico oncologista.

Efetivamente, a filha esperava pelo pai na porta do Salão de Desembarque. Tão logo a vi, mandei um beijo telegráfico. Nem bem me viu, respondeu. Aguardei pouco tempo para recuperar minha mala e, empurrando carrinho, andei em direção a ela. Foi seca, perguntou por que eu havia sumido e respondi com todo carinho possível. Expliquei que precisei ir

a São Paulo, que se tratava de assunto de foro íntimo e que já estava de volta para prosseguir com o tratamento. E o faria, daqui para frente, sem parar um só instante, realizando tudo o que o médico mandasse.

O ambiente ficou um pouco mais brando e entramos no carro. Pedi a ela para passarmos no prédio onde moro apenas para deixar a mala no porta-malas do carro e, de lá mesmo, da garagem, sem subir ao apartamento, tocar direto para a clínica. Ela reclamou que queria conversar comigo, tinha outras coisas a dizer, mas insisti que não. Havia me comprometido perante o médico em passar lá tão logo desembarcasse para retomar o tratamento. Ela aceitou e nos despedimos com um beijo antes que ela arrancasse com o carro.

Indo para a clínica, não pude deixar de pensar nos últimos dias, na passagem por São Paulo e em tudo o que havia acontecido lá. Era inevitável. Estava disposto a fazer meu livro baseado naquele personagem de "Faxineiro de Ditadura", mas ainda precisava de mais dados sobre ele. Conhecia alguma coisa mais sobre os distúrbios mentais que podem levar uma pessoa a se tornar violenta ou um serial-killer, mas isso era insuficiente. Eu queria, porque precisava conhecer melhor aquela figura de detrás do balcão da lanchonete. Ele era o personagem do relato que estava fazendo.

Dirigi com pressa até chegar ao estacionamento do prédio. Peguei o elevador, como sempre fiz nos últimos tempos, e entrei na Sala de Espera da clínica. No momento em que passei a carteirinha do plano de saúde, a secretária me olhou e entregou um envelope. Em seguida, disse:

— O doutor vai atender o senhor em cinco, dez minutos. Já o estava aguardando e vou comunicar sua chegada por interfone. Apenas leia o que ele deixou, antes de ser atendido. Também precisamos fazer uma biópsia sua de linfoma. Além disso, vou passar outros exame e marcar também uma consulta em laboratório. Ele pediu todas essas providências, OK? Disse que sim. Sentei-me em uma das poltronas vagas e abri o envelope. Um papel impresso dizia:

"O linfoma não-Hodgkin é reconhecidamente derivado de sub-

populações de células brancas do sangue (células B e T), originadas na medula óssea. Avanços na imunologia e na biologia molecular têm auxiliado muito na detecção desses tumores, além de abrir caminhos para novas estratégias de tratamento. Os linfomas não-Hodgkin compreendem um grande grupo heterogêneo de cânceres do sistema linfóide, com diferentes locais de origem, diferentes comportamentos clínicos, e principalmente pelo tipo de tratamento e resposta a esse. É mais frequente nos homens, principalmente naqueles de cor branca. Apesar de se apresentar em todo o mundo, tem algumas variações com maior prevalência de certos tipos histológicos em determinadas áreas geográficas. Como exemplo a forma folicular do linfoma (menos agressivo) é rara na América Latina".

"OK, entendi", pensei comigo mesmo. De forma que estou agora no seleto grupo do ator Reynaldo Gianecchini. Não pude deixar de dar um sorriso amargo com isso. Afinal de contas, havia terminado de voltar justamente da cidade onde fica o Hospital Sírio Libanês, o Hospital do Câncer e o Albert Einstein. Eles têm os melhores recursos para isso, mas o meu plano de saúde não me dá acesso a nenhum deles. Ironias do destino.

Entrei para o Setor de Quimioterapia. O médico havia deixado tudo pronto, de modo que fui logo sendo medicado. Ele passou por mim, deu um boa tarde protocolar e um "depois nos vemos." Chegou a andar uns cinco ou seis passos mas voltou e perguntou se a recepcionista havia me passado o envelope com as "explicações necessárias". Eu disse que sim e ele completou, puxando para perto de si uma cadeira:

— Tinha o projeto de conversar com o senhor com mais vagar sobre o seu tipo de linfoma. Faço essas coisas homeopaticamente, embora sendo alopata. Mas a sequência de fatos em que o senhor se envolveu me obrigou a ser mais enfático, digamos assim. Digo-lhe que sua doença só apresenta cura em cerca de 25 por cento dos casos, quando detectada no estágio em que a sua o foi. E isso se o tratamento for seguido à risca, o que não vem sendo seu caso. Vamos fazer biópsia, exames laboratoriais e continuar o convencional da "químio" e da radioterapia. Depois, avaliaremos

melhor. Essas coisas eu tinha o propósito de falar contigo depois da sessão, mas falo antes. Acredito que todos os cuidados a tomar já sejam de seu inteiro conhecimento. Com licença.

Foi embora. Entendi que a passada pelo consultório estava cancelada, pelo menos naquele dia. Havia procedimentos a cumprir com relação ao tratamento e me convenci de que deveria fazer tudo sem protelações. Decidi também que deixaria a vida me levar, como gosta de dizer o Zeca Pagodinho, e ver se o mal seria vencido ou não. No segundo caso, o derrotado seria eu.

Procurei fechar os olhos e me abstrair de tudo. Não havia sequer notado a presença das outras pessoas a meu lado e nem reparado se elas me olhavam ou se, como eu, olhavam para si próprias. Prefiro acreditar na segunda hipótese, que me agrada sobremaneira.

Tão logo a sessão foi encerrada, recebi as informações sobre o prosseguimento. Pedi a biópsia de pronto e fui encaminhado para fazer. Era um procedimento simples. Bastava uma agulha para aspiração, anestesia local e nada mais. O local onde isso era feito ficava numa espécie de anexo da clínica e profissionais cuidadosos executaram o procedimento. Depois, me disseram para ir embora, informando que o resultado seria passado diretamente ao médico. "Ele é quem vai falar a esse respeito com o senhor" — disse um profissional antes de me abrir a porta para que eu fosse embora.

Em pouco tempo, estava na rua de novo. Do carro mesmo, já na garagem do meu prédio, enviei um torpedo para meu amigo psicanalista. Em nota rápida, falei sobre o título do livro que estava lendo e disse queria alguma coisa sobre ele, caso isso não fosse pedir muito. Depois, subi lentamente a escada para a portaria onde veria se alguém havia me procurado, ou não, se outras novidades me aguardavam, quando, ao chegar, vi que pelo menos uma delas estava no saguão de entrada: minha amiga vizinha viúva.

Olhei para ela. Ao contrário da última vez que a vi, não estava sorridente. Parou de ler um livro e apenas me cumprimentou. Eu procurei saber com o porteiro se havia algo para mim e, à resposta negativa, falei com

ela. Disse um "Tudo bem?" e ela respondeu com uma pergunta:

— É verdade que você está doente?

Disse que sim. Mas falei que estava tudo sob controle. Entrei no elevador para subir e ela entrou junto comigo. Conversamos rapidamente sobre generalidades e, quando desembarquei, ela novamente me seguiu. Na porta de casa, pediu para entrar e tomar um copo de água. Ou será que queria algo mais?

Entrei, esperei por ela e fiz sinal para que se ocupasse do sofá. Fui até a cozinha, coloquei água em dois copos, botei os dois na bandeja e voltei para a sala. Servi a minha vizinha, tomei o meu com vontade de beber, grande era a sede e, depois, preferi explicar melhor:

— Meu câncer é um linfoma não-Hodgkin. Você deve saber que é o mesmo mal que atingiu o Reynaldo Gianecchini, e muitas outras pessoas, não apenas de meio artístico. Se fosse um linfoma Hodgkin, seria mais fácil de tratar. Mas, nesse caso, a cura também é possível, só que mais difícil. É assim. Pegou-me de surpresa, me deu um meio-nocaute, mas estou em tratamento. Fui uns dias a São Paulo, descansei a cabeça e, de agora em diante, estou concentrado no tratamento. Espero ficar bom de tudo.

Ela apenas me ouvia. De repente, pegou minha mão e me disse que estaria torcendo por mim o tempo todo. Perguntou se eu queria que ela rezasse mas, ao ouvir que era agnóstico, calou-se por alguns segundos e disse que isso não era problema. Ficaria só na torcida, o que já costumava dar certo. De repente, vi que o smartphone assinalava chegada de um torpedo. Era do meu amigo psicanalista. Olhei para ela e disse:

— Olhe, você ouviu o bip do aparelho. Um amigo está me mandando um material que vou precisar abrir agora. Prefiro ficar sozinho para trabalhar. Mas quero combinar uma coisa com você: amanhã, a gente vai dar um passeio naquele bar e lanchonete do qual você me falou. A gente se senta lá, conversa tudo o que tivermos para conversar, até abobrinha, e depois volta. Se a proposta agradar, basta um sorriso enquanto eu a levo até a porta.

Ela abriu não um sorrisinho, mas um sorrisão. Fui com ela até a saída, dei-lhe um beijo tipo selinho e fiquei sozinho comigo mesmo. No torpedo estava a resposta ao enviado pouco antes: "Tenho um artigo escrito sobre esse livro. Ia publicar, mas acabei esquecendo disso. Mandei o texto para você por e-mail. Abra, leia e faça dele o que bem entender. Abs."

Fui ao computador e abri o arquivo. O artigo estava lá, com o título de "Condenado à liberdade", sabe-se lá porque ele havia esquecido de publicar, seja onde fosse. Salvei o texto no "Meus Documentos", em Italic, onde achava haver mais destaque para o caso de meu livro sobre o Faxineiro. E conferi:

"Um livro pode mudar o rumo da vida de uma pessoa. Digo isso por mim e por depoimentos de outros leitores. Se não muda para todos, porque os efeitos das palavras são de ordem particular, o livro vai provocar no leitor mais cético, mais descuidado, mais distraído, o efeito de um ato. Sim, um ato é aquilo que movimenta não apenas a consciência e o conhecimento de um sujeito, mas algo que articula, aquilo que abre — repentinamente — certo conteúdo do tesouro secreto e desconhecido do inconsciente. Um cuidadoso trabalho de pesquisa alimentado pelo desejo determinado de saber.

Ali estão relatados os famosos crimes individuais da história ocidental. Não é um relato jornalístico, é uma narração para alcançar a singularidade do ato. Para isso, a história do criminoso e do crime se intercruzam, se comunicam, fazendo faces. A monstruosidade do crime revelando o inevitável de um destino já escrito. O serial-killer, aquele que faz repetidas vezes, aquele que deixa suas provas, marcas e provas para vir a público e, com isso, a presença da lei é demandada positivamente. Os criminosos dos crimes perversos pedem a intervenção da lei mas não se arrependem de seus crimes, não revelam remorso e nem desejam piedade.

Desejam o público, o reconhecimento público? Sim, desejam esse reconhecimento mesmo que o seja em forma de horror. Essa atração do público pelos feitos criminosos faz fechar o círculo necessário ao ato perverso: o autor, o crime, o público. O público é parte integrante e necessária no crime perverso.

Em cada um desse público também se realiza algo da ordem do inconsciente. Às vezes, como nos mostra o livro, são elementos catárticos que arrastam e mobilizam multidões admiradas. Que fascínio exercem esses autores do crime perverso que conquista público e cúmplices?

A autora vai nos envolvendo na narrativa límpida, ética, contextuada, clara, apesar do labiríntico e obscuro caminho do desejo e do inconsciente humano. Está claro que o que clareia esses mistérios da mente são os conceitos psicanalíticos, não como recurso da explicação reducionista, mas para a reconstrução lógica da escritura apresentada na realização do crime perverso. A contestação acontece e nos enriquece de história da paisagem social da época, dos costumes de cada comunidade onde os crimes perversos eram cometidos. O fetiche e a repetição, o real e a realidade, a ficção e a encenação são aspectos da vida humana em suas dimensões particular e coletiva que são apresentados na crueza indiscutível do ato do crime perverso aqui relatado e descrito. Ítalo Campos".

Para efeito da minha curiosidade, da curiosidade do leigo, já era possível entender o criminoso vivendo dentro do agora dono de lanchonete. O homem, que percorreu alguns pedaços de meu País cometendo crimes sob o abrigo de uma ditadura militar, estava em parte explicado. Ele havia tido seu público, seu reconhecimento, seu prazer pessoal, embora os crimes tenham se manifestado antes mesmo de a engrenagem entrar nele, ou ele nela.

E, claro, o desejo do crime permanece nele, latente, naquele grupo de três mesas ao fundo, quase chegando aos banheiros, longe o suficiente da curiosidade dos outros. Ou não? Claro, para mim ainda era necessário conhecer mais aquele homem.

Mas não naquela hora. Sozinho em casa, fiz questão de passar longe do bar onde estavam as bebidas. Queria ver até quando, ou então até onde, continuaria motivado a me abster de alguns vícios bons para tentar me recuperar da doença. Preferi os livros e a TV. Um novo torpedo me alertou para o fato de que o oncologista queria falar comigo ainda na manhã

seguinte, por volta das 10 ou 11 horas, quando fosse possível para mim.

Respondi que estaria no consultório às 11 horas. Um e-mail em meu computador, notado naquele momento, mostrava que a empresa onde eu trabalhava pedia minha presença lá. O afastamento teria de ser oficializado por motivos médicos. Entendi que a informalidade havia acabado.

Mais um banho. Dessa vez com água tépida pois isso convida ao sono. Recostei-me na cama, coloquei um pufe sob a cabeça e fiquei me dividindo entre as imagens que corriam na televisão e as páginas do livro que relatava a morte de Osama Bin Laden. O sono foi chegando aos poucos, fui-me rendendo a ele e então botei o livro para o lado, desliguei a TV e apaguei a luz da mesinha de cabeceira. Logo estava em sono profundo.

Capítulo 15

Acordei cedo no dia seguinte. Olhei o relógio e reparei que marcava pouco mais de cinco horas. Pela janela, vi que o dia a nascer seria de Sol, com poucas nuvens, sem ameaça de chuva. Tomei um banho e fui para a cozinha fazer café. Aproveitei para preparar dois pães integrais de véspera, ambos com margarina, queijo e presunto. Um no primeiro; outro no segundo. Com o Sol nascendo, estômago acariciado, resolvi fazer o que os últimos dias tinham impedido: uma boa caminhada na praia.

Saí pelo calçadão, como sempre, olhando para o nascer do Sol nos lados do Complexo Portuário de Tubarão, avistado em parte do longo da Praia de Camburi. Na faixa de areia diante de mim, tentei ver se encontrava uma coruja buraqueira ou outro pássaro dos que são comuns naquela região, sobretudo naquela hora. Um bando passou voando do mar em direção a terra. Estavam como que em formação e pareciam — somente pareciam — entrar na rota de aproximação dos aviões que pousam todos os dias no Aeroporto de Vitória, próximos de onde esse tipo de aves voa.

Alguns conhecidos cruzaram comigo. Uns nem, me viram; outros fizeram leve cumprimento de cabeça, dois olharam com os olhos mais abertos. Certamente, notaram minha cabeça raspada e não acharam que se

tratasse de algum lançamento de moda. Uma senhora, que conhecia não sei de onde, colocou as duas mãos no rosto — mas somente por instantes. Ao notar que a estava fitando, rapidamente se empertigou e me cumprimentou.

Virei o corpo 180 graus no limite de até aonde ia, e que marcava dois quilômetros de distância de minha casa. Comecei a retornar, já sentindo algum cansaço, mas disposto a manter o ritmo de passadas até o retorno ou ao menos até o ponto de quase volta, onde estavam os aparelhos de ginástica para idosos. Esses recebiam minha visita de vez em quando.

Um homem caminhando em sentido contrário parecia me olhar fixamente. Não o reconheci, mas fiz um gesto com a cabeça, como que o cumprimentando. Passei por ele e continuei na mesma toada. Estava em cerca de dois terços do caminho quando o mesmo homem ficou parelho comigo. Mas ele não estava indo em na outra direção? Ora, vai ver havia retornado no ponto no qual retorna sempre. Segui adiante e ele andou ao meu lado.

Reparei no desconhecido. Tinha sobrepeso evidente, acusava certo desconforto ou cansaço no andar e levava um palito no canto da boca. Tinha um ar estranho, e carregava um volume por debaixo da camiseta visivelmente maior do que o necessário ao seu manequim GG. Senti-me desconfortável. Em dado momento, ao notar que ele se mantinha ao meu lado propositadamente, andei em direção à lateral dele e, quase o tocando, disse:

— Conheço o senhor de algum lugar? Desculpe-me, mas acho estranho que o senhor ande justamente ao meu lado, acelerando quando acelero e reduzindo quando reduzo. O que é isso? Perdoe-me mais uma vez, mas é alguma curiosidade com relação à minha cabeça? Paixão instantânea?

O sujeito não respondeu. Apenas e tão somente reduziu o passo bruscamente e andou para a direita. Enquanto eu parava para ver aonde ia, atravessou o canteiro, a calçada, ganhou a avenida mesmo com o trânsito em movimento, mas fraco por causa do horário. Passou para o outro lado e ficou naquela calçada. Virou à direita na primeira esquina a foi caminhando

até que eu o perdesse de vista. Voltei a andar sentindo desconforto com aquilo. Quem seria essa estranha figura, pensava eu, ao chegar à área de exercícios de idosos. O aparelho que preferia estava vago e usei-o antes de ir para casa tomar outro banho e me preparar para o restante do dia, que se afigurava como longo.

Quando saía de casa, olhei para o relógio e vi que era possível passar pela empresa antes de ir à clínica. Melhor assim porque trataria pessoalmente da questão envolvendo a licença médica, a ser oficializada. Quando cheguei à garagem para tirar o carro, o porteiro estava descendo, para se encontrar comigo. Estendeu-me um pedaço de papel e piscou o olho. O bilhetinho da viúva dizia apenas: "Hoje, às 19 horas, no Juparanã. Não se esqueça. Se preferir, podemos ir no meu carro."

Guardei o bilhete no bolso e entrei no meu carro. Fui dirigindo devagar, em direção à empresa e pensando em quando entrei pela primeira vez nela, quase trinta anos passados. Recordei-me de minha contratação. Ela foi pedida por um amigo durante muitos anos meu superior imediato. Ao sentar pela primeira vez na cadeira de minha mesa de trabalho, imaginei estar começando, naquele momento, a construir um futuro profissional.

São quase trinta anos passados. Dessa época para cá, muita coisa havia mudado. Até mesmo a empresa, hoje três a quatro vezes maior do que antes e crescendo também em número de empregados. Muita gente nova eu sequer conhecia. Também eles não me conheciam. Aquele clima de aproximação, de quase cumplicidade existente nos pequenos e médios ambientes de trabalho, vai aos poucos sendo substituído por uma distância protocolar excessiva e por competição às vezes acirrada nos ambientes mais corporativos. A luta por postos envolve também as contratações, pois quem está dentro quer colocar outros próximos a ele para trabalharem juntos. Essa é, na visão do emprego moderno, um meio de garantir cargos e ascensão.

Quando entrei e me anunciei, fui imediatamente enviado para o Setor de Recursos Humanos, durante muito tempo chamado de Departamento

de Pessoal. A gerente, contratada fazia pouco tempo, recheada de títulos e "não-me-toques", havia sido anunciada pouco antes da minha licença como uma aquisição importante para a reformulação necessária, agora que a antiga administração familiar se profissionalizava. Pelo menos seria essa a visão dos executivos que a trouxeram.

Ela nem mesmo tirou os olhos dos papéis que avaliava quando entrei. Obviamente, eram todos de minha pasta funcional. Simplesmente perguntou, em tom impessoal, quem eu era. Meu nome, simplificando. Não pude deixar de dar um sorriso irônico e responder de pronto:

— Estou aqui faz três décadas. Ao que parece, quem não a conhece sou eu. E, sobre mim, a senhora tem tudo diante dos olhos.

Ela me olhou surpresa. Será que nunca ninguém havia se dirigido a ela dessa forma? Só ela aos outros? Depois de poucos instantes, recuperou a pose, ajeitou-se na cadeira onde estava sentada e voltou a falar, novamente de forma absolutamente formal e impessoal:

— Nós pedimos sua presença aqui porque seu afastamento por doença precisa ser oficializado. Como o senhor sabe, depois de certo tempo, a responsabilidade pelo pagamento do funcionário em licença médica passa a ser da Previdência. E, mesmo com todos os seus anos de casa, a empresa não pode agir diferente. Está aqui o que o senhor precisa fazer. Por favor, tome essas providências e depois deixe conosco os documentos solicitados.

Levantei-me e abandonei a sala dela. Nem ela me estendeu a mão para me cumprimentar, nem eu a ela. Passei por meu setor de trabalho, e lá estavam todos os companheiros de longa data, na faina diária. Por uns quinze minutos, tudo parou enquanto falavam comigo. A maioria, claramente, evitava o tema da doença, até que uma colega perdeu a timidez e me desejou pronto restabelecimento. Agradeci e disse que o projeto era esse. Notei um clima de constrangimento nesse encontro e, quando me despedi, um dos colegas me acompanhou até a porta. Segurou então meu braço e disse sentido:

— Soubemos que a empresa está fazendo processo de seleção para

a contratação de um profissional que o substitua. Soubemos apenas disso e mais nada. Eles não nos dão a menor satisfação. Acho que você deveria passar na Diretoria e conversar sobre sua situação, pois estamos apostando todos no seu retorno e, nesse caso, cadê o cargo que era seu, a sua mesa de trabalho?

Limitei-me a dar um abraço naquele amigo e nada mais. Saí e cheguei a dar alguns passos em direção à ala da Diretoria, mas logo disse comigo mesmo: "Às favas com tudo..." Passei pela Recepção, cumprimentei todos os conhecidos que estavam à vista e peguei o carro. Olhei para o relógio e vi que dava para chegar sem sustos à clínica. Engatei uma primeira e fui para lá. Tinha certeza de que o endereço de trabalho de trinta anos não era mais meu.

A recepcionista de todos os dias estava à minha espera, como acontecia nas demais consultas, e de sorriso nos lábios, como quase sempre fazia. Faltavam ainda dez minutos para as 11 horas e foi-me pedido para aguardar "um segundinho" porque o médico iria atender em seguida. Disse a ela rapidamente que a empresa onde trabalho queria tornar meu afastamento por doença uma responsabilidade do INSS e ela pegou os papéis que passei, com certa displicência, garantindo: "Pode deixar que providencio tudo."

Escolhi um lugar para sentar e, como sempre, busquei uma revista. Olhei ao redor e, salvo engano, parecia que os doentes na Sala de Espera eram gente nova, ainda em início de tratamento. Não pude evitar fazer humor negro comigo mesmo: "Será que os outros morreram todos?" Não tive tempo para prolongar meu exercício humorístico, nem de folhear mais uma revista da semana retrasada. O médico fez um sinal e mostrou a porta aberta.

— Água e café?, disse eu a ele, antes que perguntasse. E respondi que sim. Ele passou o recado pelo interfone e cruzou os braços enquanto aguardava a chegada do pedido, olhando para mim. Não consegui decifrar o olhar, se de interrogação ou de preparo para entrar num assunto espinhoso, mas deixei a tarefa com ele mesmo. Depois do café e da água servidos

pegou de sobre a mesa os resultados dos exames feitos e falou:

— O senhor não está bem. O que, de certa forma, era esperado, pois o tratamento foi iniciado com o mal um tanto evoluído e, além de tudo, acabou não tendo a sequência que deveria ter. Cheguei a conversar com o senhor, no início de tudo, dizendo que não gosto de perder luta para doença, que combato para ganhar, mas que seria necessária sua ajuda, sua garra, sua determinação, para a gente conseguir lograr sucesso nisso.

Parou um pouco e bebeu o restante da xícara de café, além de um gole de água. Fiz o mesmo enquanto pensava se foi realmente isso o que ele me disse quando de nossa primeira consulta e concluí não valer a pena tocar no assunto. Combinemos que foi e ponto final. Ele continuou:

— Daqui para frente, a gente vai dar um novo tônus a esse tratamento. Quero combinar as ações ambulatoriais com drogas novas, fabricadas no exterior. Elas custam muito caro, mas é possível conseguir todas de graça nas farmácias do Governo. Vou dar receita específica para esse caso e talvez o senhor precise entrar em filas, sobretudo para receber cada dose recomendada. A outra solução é pagar por elas. Não creio que seja o ideal.

Tomou o restante do copo de água, ao notar que a funcionária havia entrado para recolher a bandeja, e fiz o mesmo. Ele esperou que ela saísse e depois retomou a conversa, não sem antes olhar para o relógio e dizer que estava quase na hora de cuidar dos pacientes na "químio". Mas continuou a falar, fitando-me de maneira enfática, um dos dedos levantado:

— Pacientes oncológicos, como é o seu caso, devem se abster do consumo de bebidas alcoólicas, pois o álcool, da mesma forma que a quimioterapia, é metabolizado no fígado. Portanto, esse consumo pode prejudicar a absorção do medicamento, assim como causar toxicidade devido à interação entre os dois. Se você gosta de vinho, por exemplo, o suco de uva integral o substitui com o mesmo valor nutricional. É na casca das uvas pretas e rosadas que estão as substâncias chamadas de flavonoides, poderosos antioxidantes, que agem no combate aos radicais livres promotores de doenças como câncer e o envelhecimento precoce.

Ele deu um sorriso meio que a contragosto e destacou que existe muita propaganda falando sobre os benefícios do consumo do vinho.

— Mas isso só pode ser aplicado a doses moderadas e a pessoas sadias. Eu sempre tenho alguma restrição a essas coisas. O consumo de álcool em homens, e isso só para terminar, pode interferir na função sexual. Causa infertilidade por atrofia de células produtoras de testosterona, prejudica o sexo e causa impotência.

Depois dessa tortura toda, chamou a recepcionista pelo interfone e perguntou a ela se já estava marcada minha próxima sessão de quimioterapia. Falou poucos segundos, agradeceu o desligou.

— Venha cá amanhã, às 14 horas, para continuar o tratamento. Quando o senhor chegar, estarão prontos os documentos para o INSS pedidos por sua empresa. Não fique com raiva dela. Todas são assim. Agora, vou fazer a receita do outro medicamento que, repito, acho melhor ser retirado gratuitamente, pois é garantido pelo Estado.

Pegou o talonário e o preencheu. Carimbou, assinou e me entregou. Perguntou se eu tinha ainda alguma dúvida e, à resposta negativa, estendeu-me a mão e reteve a minha. Ainda tinha uma última coisa para falar antes de me deixar ir embora:

— Eu falei de vinho. Mas álcool também é encontrado em cerveja, cachaça, uísque e qualquer outra bebida. Nenhuma delas é recomendada no seu caso. Podendo, evite-as todas, OK?

Eu disse que sim e ele soltou minha mão. Peguei a receita, coloquei na pasta e saí fazendo um gesto de mão. A recepcionista ainda me entregou a requisição para a quimioterapia do dia seguinte, e deu informações sobre onde retirar o remédio receitado, bem como sobre os documentos que deveriam estar comigo. Agradeci e saí. No carro, fiquei me perguntando para onde ir, quando o estômago me deu uma sugestão. Liguei o motor para almoçar no shopping. Enquanto o salário saísse da empresa, ainda daria.

Por incrível que pudesse parecer, não encontrei conhecidos por lá, nem mesmo aqueles que costumavam aparecer sempre nos horários de

refeições. Resolvi comer uma carne, mas senti algum ardor na boca. Parecia uma afta e disse comigo mesmo que veria isso no dia seguinte, ou tão logo o ardor recomeçasse. Enquanto comia, repensei minhas prioridades e vi que o projeto do livro estava atrasado. Eu simplesmente não o atacava com a mesma disposição das outras coisas. Afinal, a viagem a São Paulo e todos os fatos ocorridos lá me haviam distanciado um pouco dele.

Tão logo paguei a conta, fui para casa. Terminei o roteiro, deixando apenas alguns capítulos de fechamento sem programar. Entrei no computador, criei o nome "Livro" e me fiz acompanhar por uma garrafa térmica de café passado naquele momento. Enchi o pulmão de ar e comecei a dar forma a um texto final. As coisas iam fluindo na minha mente e vi que, quando tudo está organizado com a gente mesmo, escrever não é tão difícil assim. Ainda mais se você já sabe como vai ser o começo e o miolo do seu plano de escrita. O final, esse pode ser decidido no calor do embalo.

Desliguei-me de tudo o mais. Ao meu lado, a maçaroca de anotações e papéis que me reportavam a fatos passados ajudava. O que dizia respeito ao Faxineiro, inclusive os acontecimentos de São Paulo, estava tudo vivo na mente. Não iria escapar nada dela de uma hora para a outra. Fui avançando. Absorvi-me com a escrita e o tempo foi passando sem que eu tivesse consciência disso.

Só quando o cansaço mental começou a provocar erros de digitação, ou então fazer com que o texto não tivesse mais a clareza que julgava necessária, optei por parar. Estava fechando um encadeamento de ações quando o telefone tocou. Deixei que tocasse mais duas vezes antes de atender, mas decidi que poderia ser importante e disse o alô. Do outro lado da linha, a voz da viúva me fez acordar da imersão no livro.

— Oi, desculpe-me se estou atrapalhando alguma coisa importante, mas nós combinamos que eu iria apresentar aquela lanchonete da Praia do Canto a você hoje. Esqueça a chave do carro aí. Vamos estrear o meu, que é novinho.

Pedi a ela cinco minutos para me arrumar. Troquei de roupa, deixei

mesmo a chave do meu carro onde estava e coloquei nos bolsos só dinheiro, cartão de crédito e Carteira de Identidade. Fui até o elevador e cheguei logo à recepção. Ela me esperava como quem iria a uma festa de gala. Estava impecavelmente vestida, muito bonita. Fiquei imaginando se uma produção daquelas poderia ter sido feita em casa ou então num salão de beleza. Mas, definitivamente, não seria delicado perguntar. Disse apenas, e sinceramente um "você está linda!", correspondido com um sorriso singelo.

Entrei no carro com aquele cheirinho de concessionária. Ela tomou o volante e fomos para o happy hour conversando. O novo veículo havia sido adquirido com o antigo sendo dado como entrada. Era a concretização de um sonho de longo tempo, pois sempre ela se imaginara pilotando sem precisar pisar na embreagem.

Falava dele com entusiasmo e ia numerando os recursos à medida que avançávamos. Deixei que falasse à vontade, sem interrompê-la e, ao mesmo tempo, reparei naquela mulher pela primeira vez. Tinha belas pernas e não se furtava a mostrá-las para mim, mesmo dirigindo. Esse, por sinal, era um momento apropriado para as mulheres as exibirem. O exercício permite.

Tivemos que parar em uma rua distante do local, mas isso não foi problema. Quando entramos no Juparanã, notei que o garçom que me servira mais vezes olhou para o dono e fez um sinal de dedo. Este, nem sequer desviou o olhar do chope sendo tirado, mas certamente já sabia da minha presença.

Deixei que a acompanhante dissesse em que mesa queria sentar. Ela apontou para uma como sendo sua preferida e soltou um "que pena! Está ocupada." Perto do fundo, havia outra sem ninguém sentado e nos dirigimos para lá. Ao garçom que se aproximava, ela mostrou a mesa anterior e pediu a ele que a avisasse se ficasse desocupada.

Cardápio nas mãos fez um breve elogio ao chope e pediu um. Eu, por minha vez, solicitei um escuro. Enquanto ele ia providenciar o pedido e consultávamos o cardápio, um segundo garçom apareceu. Era o que me

havia servido na maioria das vezes em que tinha estado lá. Mostrava um sorriso nos lábios, como o daquelas pessoas felizes em rever as outras. Fez um cumprimento rápido à minha acompanhante e se postou diante de nós dois.

— Boa noite, madame! Já faz algum tempo que não a vejo aqui. Sua presença é sempre bem-vinda. Boa noite, senhor. O senhor também sumiu alguns dias. Vai querer o cuscuz paulista de sempre?

Meio desconcertado, porque minha vizinha me olhava, disse que sim. Ela, por sua vez, pediu outro antepasto. Enquanto o segundo garçom saía, e o primeiro chegava com os dois chopes, respondi ao olhar interrogativo dela, dizendo que, no dia mesmo em que ela me havia dito sobre aquele lugar, passei sem querer diante dele na vinda do médico, porque tinha desviado do trânsito lento, e decidi conhecer. Por isso, já era freguês do lugar.

— E, pelo visto, não ficou na primeira vinda. Veio mais vezes e se tornou fã do cuscuz. Bom gosto. E também encontrou alguma companhia agradável por aqui? É difícil os homens frequentarem bares como esse sem paquerar.

Disse que não. Aproveitei a deixa e conversei com ela sobre o assunto inevitável. Falei da doença, de como a havia descoberto, do tratamento que estava sendo feito e, até mesmo do fato de que o mal havia evoluído o suficiente para preocupar. Omiti viagem, quimioterapias abandonadas e tudo o que entendi ser apenas da minha conta. Ela ouvia com grande atenção.

Não tirava o olho de mim em momento algum. Quando terminei, eu havia acabado o chope ao mesmo tempo em que ela. Chamamos o garçom, aquele das vezes anteriores, e pedimos mais dois. Ele aproveitou para nos servir com as comidas e quando se retirou eu disse à viúva que precisava ir ao banheiro. Na hora em que me levantei, dei-me conta de estar bem ao lado daquele grupo conhecido, o das mesas juntas. Três como sempre.

As pessoas pareciam ser as mesmas das idas anteriores. Uma delas olhava para mim com o semblante sério. Era o homem com o qual cruzara

na praia, que me seguira depois, emparelhara comigo e só havia abandonado a calçada, sumindo na rua lateral quando o questionei. Fiz que não o vi ou não o reconheci, e fui ao banheiro. Na volta, lavei as mãos e voltei para a mesa sem olhar em direção ao grupo. Mas era fácil sentir que todos os olhares dali estavam dirigidos a mim.

Minha acompanhante havia saído e deixado um bilhetinho num guardanapo: "Também fui lá." Dei um sorriso, comi um pedaço de cuscuz e dei um gole no chope. Senti a boca arder do lado de dentro e pensei comigo mesmo que precisava cuidar da afta quando chegasse em casa. A mulher logo voltou e se sentou. Serviu-se do que havia pedido e passamos a comer e beber sem falar mais na minha doença. Enquanto batia papo com ela, raciocinei no que era inevitável: mais uma vez, não estava seguindo ordens médicas.

A conversa evoluiu. Falei da minha vida passada, do casamento, do fim dele e da existência de minhas filhas. Ela, por sua vez, contou sobre sua atividade de professora, do casamento sem filhos e da morte do marido em um acidente automobilístico enquanto ambos faziam tratamento para tentar descendentes. Um sonho não realizado por causa disso.

A conversa estava gostosa. Em dado momento, ela me disse que eu a havia agradado já tinha algum tempo. Sempre que chegava ou saía do prédio e cruzava comigo, seu olhar me seguia. Tinha muita vontade de me conhecer mais, mas somente agora tinha surgido a oportunidade. A impressão dela era a de que eu era totalmente indiferente à sua pessoa.

— Não é assim — disse eu. — Apenas saí de um casamento faz alguns anos e jurei a mim mesmo que não me casaria mais. Tive algumas aventuras, mas só isso. Nada sério mesmo. Realmente, notei que chamava a sua atenção, mas não me aproximei porque somos vizinhos e, sendo assim, sabia que seria difícil nos afastarmos caso algum tipo de relacionamento não desse certo. Eu simplesmente me afasto de compromissos. E agora tenho uma forte razão para isso, disse apontando minha cabeça raspada.

A mulher fez que sim com a cabeça. Tocou a minha levemente,

como que a acariciando e falou em seguida:

— Não se preocupe comigo. A morte do meu marido me deixou como que anestesiada. Não tenho a ilusão de voltar a casar e nem quero que uma paixão, seja ela qual for, tire minha tranquilidade nem a de um parceiro. Mas, da mesma forma como acontece com os homens, ocorre com as mulheres. A gente se sente atraída. Sua situação atual só muda, no meu caso, o fato de que agora estou torcendo por você. Acho que vai ser possível pular essa fogueira e, se eu puder ajudar, por que não?

Ficamos os dois felizes com a conversa. E tomamos mais chopes, sempre batendo papos agradáveis. Até uma hora em que ela, cujo nome é Marly, olhou para o relógio e disse que já passava das onze da noite. "Não está na hora de irmos?", perguntou. Disse que sim e pedi a conta. Ficamos ainda conversando e o garçom me disse, ao voltar à mesa, que o dono do Juparanã gostaria de entregar a comanda a mim ele mesmo. Não entendi, mas fui lá. O homem tinha a conta nas mãos e me passou o papel. Ainda sem entender, perguntei a ele porque havia tido de ir até lá.

— Gostou de Ribeirão Preto? — perguntou.

Sem saber como ele tinha conhecimento daquilo, simplesmente conferi a lista dos pedidos, vi que estava tudo certo e estendi o cartão de crédito. Ele pegou, realizou os procedimentos e me passou o recibo para assinar. Assinei e entreguei de volta a ele. O homem voltou a falar:

— Também gosto muito do Filé do Moraes.

— Temos gostos parecidos. Mas somente nesse ponto. No da culinária. No restante são totalmente diferentes, posso garantir ao senhor. Sua lanchonete, por exemplo, serve bem e minha acompanhante vem sempre aqui. Acho que ela tem bom gosto nesse ponto. Mas também só nesse ponto.

— Também acho que só temos isso em comum — continuou ele. — E você talvez me faça lembrar de alguma coisa, ou coisas, mas, infelizmente, não consigo tirar nada da cabeça, nem mesmo algum fato. A vida da gente é feita de muitos episódios, muitas andanças, muitos desafios e,

lembrar de apenas alguns deles, ainda mais passados, é sempre bem difícil.

— Muitos crimes também. No meu caso, procure se lembrar de 1968, de passeatas. E de um advogado que foi um belo dia ao DOPS procurar pela filha de nome Leonor. Ele estava com o namorado da menina e comigo. Viu a coitada morta, trucidada. Perdeu a cabeça e foi, digamos, contido com violência. Esse homem morreu anos depois, inconformado com o que aconteceu. Viveu triste os anos finais. Todos eles.

— Talvez eu me lembre desse fato — disse ele, enquanto chegava para bem junto de mim e quase sussurrava: "Era isso o que acontecia com os metidos a valentes. Não posso ficar mais tempo conversando com o senhor. Sua namorada acaba de se levantar e está vindo para cá. Deve estar preocupada. Vamos disfarçar".

Quando a Marly chegou seu semblante denotava preocupação. Foi o dono da lanchonete quem se dirigiu a ela para "explicar" que, na última vez em que eu havia estado lá, deixei-o pensar que havia morado em São Paulo. Como ele também tinha trabalhado lá, ficou curioso em saber de detalhes e, principalmente, de onde eu gostava de ir para almoçar, jantar, comer um tira-gosto ou simplesmente beber chope ou uísque.

— Mas acho que escolhi uma péssima hora para chamar seu acompanhante até aqui. Como ele estava sempre sozinho ao vir nas vezes anteriores, pensei no mesmo agora. Só depois de chamá-lo vi meu engano. Peço desculpas à senhora. Não foi uma coisa gentil.

Ela já sorria. Disse que também não conhecia meu passado paulista, pois estávamos saindo pela primeira vez naquela noite. Agradeceu a ele, elogiou a comida, a bebida bem tirada e prometeu voltar outras vezes comigo para, dentre outras coisas, me vigiar da "meninada".

Ele agradeceu e permaneceu ao lado do caixa. Quando nos viramos para ir embora, notei que um freguês havia jogado um guardanapo de papel no chão, depois de usar. Estava todo besuntado de molho de tomate. Abaixei-me rápido para pegar, pois o garçom dos antigos serviços havia se virado para fazer o mesmo. Coloquei a sujeira numa lixeirinha e, com

o olhar mais irônico que pude ter no momento, virei-me para o senhor Passos e disse:

— Esse pessoal, às vezes, não tem educação. Melhor contratar um faxineiro. Na maioria dos lugares esse profissional é necessário.

Não virei as costas para sentir a reação do homem. Coloquei o braço em torno do ombro da viúva, que, visivelmente, gostou da intimidade, e fomos para a porta de saída. Antes de ir embora, ainda me voltei para o fundo do bar, onde ficavam as três mesas juntas. Todos os olhares, absolutamente todos, estavam direcionados a nós dois. Fingi não ter notado nada e fomos embora.

Capítulo 16

Permanecemos em silêncio a maior parte da viagem até nosso prédio. Notei isso, perguntei o que havia acontecido e ela me confessou ter ficado preocupada com o fato envolvendo o dono do Juparanã. Disse à Marly que esquecesse, pois não tinha havido nada demais. Ela pareceu mais relaxada e, depois de estacionar o carro na garagem, perguntou:

— No meu apartamento ou no seu?

Estudei um pouco a situação e entendi que não havia mais porque recuar. Tínhamos falado das regras do jogo, minha agora quase namorada havia concordado e respondi simplesmente com um "no seu".

Era um apartamento aconchegante. Ela tinha bom gosto em tudo e por tudo. A sala, com ar refrigerado, TV de LED, poltronas aconchegantes, com estofado de couro e outros confortos mais. Havia sido deixada ligada com luz indireta. Obviamente, de propósito. A mulher colocou música clássica no sistema de som e olhou para mim com ar interrogativo:

— Isso mesmo. Prefiro a música à TV — respondi.

Da cozinha trouxe copos, gelo e canapés em uma bandeja. Tudo rigorosamente bem servido. Sentou-se a meu lado e colocou um quibe em minha boca. Depois, se serviu de uísque e me serviu também. Quando to-

mei o primeiro gole, senti como um queimar na boca. Parecia afta. Deixei para lá.

Falamos meia dúzia de palavras e vi que ela tinha uma boca absolutamente sensual. Com carinho, puxei-a em direção a mim e a beijei. Primeiro um beijo suave, quase respeitoso. Depois cresceu de intensidade. Aos poucos, fomos nos deitando no sofá, mas ela protestou levemente.

— Amoreco, prefiro na cama.

Levantamo-nos e peguei a bandeja. O quarto também estava à meia luz e a cama, perfeitamente coberta. Havia um perfume suave tomando todo o ambiente. Na parede, atrás da guarda, um quadro óleo sobre tela mostrava um nu de mulher bem bonita.

Voltamos a nos beijar e senti novamente o ardor na boca. Preferi esquecer porque era perfeitamente suportável. Ao mesmo tempo em que comecei a desabotoar sua blusa, procurei o abajur com a outra mão para acender e ela protestou com um suave "não!"

— E quem vai guiar o ceguinho, Marly? — perguntei, fazendo troça.

Ela riu gostosamente e respondeu com um "eu mesma!" que era, todo malícia. Terminei de tirar as roupas dela. Mesmo à meia luz, tinha diante de mim um belo corpo de mulher balzaquiana. Então, ela se virou por cima de meu corpo e começou a tirar minha roupa peça por peça.

Enquanto fazia isso e nos excitávamos na cama, disse séria: "Olhe, eu sou a mulher mais confiável do mundo, pois nada de promiscuidade existe na minha vida. Podemos os dois dispensar a camisinha ou não?" Quando eu disse que sim e ela retirou minha última peça de roupa, estávamos muito excitados. Tanto que fizemos amor naquela posição mesmo, com meu corpo por baixo.

Tentei segurar a excitação o mais que pude, mas notei que havia ejaculado depressa. Ela me agarrou contra seu corpo e disse um "não pare!" que era uma ordem. Então, prossegui como era possível até que a senti quase desfalecendo, rolando para o lado até ficar deitada ao meu lado. Estava

ofegante, suada, mas mesmo assim cheirosa.

— Guiei bem o ceguinho? — perguntou em seguida.

— Tão bem que ele vai agradecer a gentileza muitas vezes — disse.

Então, ela bateu palmas. Parecia uma criança que havia ganhado um presente há muito tempo desejado. Ficamos deitados na cama e terminando de tomar o uísque. Havia um clima de paz entre nós. Olhei o relógio e vi que era tarde. Perguntei se ela teria que trabalhar naquele dia, pois já passava de uma hora da manhã. Marly disse que sim e decidi ir-me embora. Ela se levantou em direção ao banheiro e eu senti que não estava bem. Consegui segurar o enjoo, um novo vômito, mas precisei dizer a ela que estava na hora de voltar para casa, pois teria exame médico logo pela manhã.

Ela aceitou muito a contragosto, mas não fez força. Também eu não queria acordar tarde para não chegar atrasada ao trabalho. Pegou-me pelas mãos como se fôssemos dois namorados e andamos até a porta do apartamento. Então, me beijou de novo e disse:

— Conforme o combinado, vamos continuar nos encontrando só para sentir prazer um com o outro. Mas não me peça para não me apaixonar por você, pois a gente não é dono de certos sentimentos. Eles apenas afloram.

— Você ainda sente a ausência de seu marido, Marly? — perguntei.

— De início, muito. Nós nos dávamos muito bem, embora não tendo filhos. Depois você compreende que a morte não tem retorno e que, no fundo, a pessoa que morreu, caso pudesse, diria a você para seguir adiante e encontrar outro companheiro. Demorei muito a fazer isso. Sofri uma decepção inicialmente mas, depois, conheci você aqui no prédio, me senti atraída e decidi tentar novamente. Foi assim que aconteceu.

Beijei-a de novo e virei as costas. Fui para meu apartamento sem sequer olhar para trás porque, ainda que viesse a gostar muito daquela mulher, não queria que nada acontecesse depressa. Era dar tempo ao tempo. Entrei em casa, acendi a luz e havia um envelope debaixo da porta. O que seria? Abaixei-me, peguei-o, abri e dentro havia uma única folha de papel

A4 com apenas uma palavra impressa em letras imensas: "CUIDADO".

Fiquei fulo. Tentando segurar a vontade de vomitar, que aumentou com a raiva, peguei o interfone e contatei o porteiro da noite. Expliquei que havia recebido um envelope sem remetente, sem selos ou marcas de Correio, e queria saber quem o havia deixado aqui.

O homem falou que um veículo parou diante do prédio logo depois da minha chegada e o motorista entregou o envelope. Disse que era urgente, assunto de trabalho pedido por mim e foi embora. Como ninguém atendia no meu apartamento, o porteiro o tinha colocado por baixo da porta. Só uma coisa estranha: segundo esse funcionário, parecia que o vidro de trás do veículo ostentava um adesivo da Polícia Civil.

Fui para o quarto com a intenção de tomar banho. Ao chegar ao banheiro o vômito veio. Não era possível controlar. Abaixei-me no vaso sanitário e coloquei para fora tudo, rigorosamente tudo, o que havia comido e bebido. Senti também um pouco de tremor. Fui até o espelho e parecia haver um ferimento dentro da minha boca. E aquela sensação de fraqueza que se combinou com febre: quase 39 graus. Tomei um antifebril, vi que o horário se aproximava das duas horas e fui dormir. Fazer alguma coisa, só mesmo no dia seguinte, telefonando para o médico e relatando os sintomas.

Foi uma noite horrível. Virei-me na cama para um lado e para o outro, sem encontrar uma posição que me desse paz. Suava. Levantei-me e fui novamente ao banheiro. Tomei um segundo banho e notei que o mal-estar diminuía. Mas o sono não voltava de maneira alguma. No quarto, preferi ligar a televisão e ficar vendo um filme. Entre lutar pelo sono e esperar o dia raiar, tomei a segunda decisão até o Sol nascer e sua luz invadir meu quarto.

Levantei-me com dificuldade. Troquei de roupas e saí pelo corredor até o elevador. Eram pouco mais de nove horas e Marly já havia descido. Incrível como agora eu pensava nela, se já descera, se estava em casa, etc. Fui até o saguão do edifício e o síndico queria falar comigo. Era um homem idoso, educado e preocupado com o condomínio. Esperei avisado que havia sido pelo porteiro que assumira pela manhã e ele veio logo. Abriu

os braços como quem fazia gesto de desânimo e falou comigo:

— Canso de dizer aos servidores do prédio que nada seja entregue sem remetente. O rapaz da noite procurou por mim preocupado porque um envelope nessas condições chegou aqui e foi colocado por baixo de sua porta. Isso está errado. O trabalhador procurou-me para contar inquieto com uma reação sua, de se queixar a mim. O senhor quer que eu o advirta?

Balancei a cabeça em sinal negativo:

— O rapaz pensou que estivesse agindo corretamente. Era um bilhete banal, assunto de trabalho, entregue aqui porque estou doente. Não faça nada, pois se trata de um bom funcionário e que nos presta serviços faz bastante tempo, sempre com cortesia.

Ele balançou a cabeça afirmativamente e disse que sim. Mas, depois, olhou para mim e falou:

— Não sei se devo perguntar isso, mas vejo que o senhor está mesmo doente. Seria alguma coisa grave?

— Câncer linfático.

— Mas o senhor vai se curar e certamente já está em tratamento. Vamos torcer pela sua pronta recuperação. Precisando de alguma coisa, pode entrar em contato comigo a qualquer hora, pois sou aposentado. Aqui, a gente precisa se ajudar uns aos outros, já que isso faz o ambiente do condomínio ser o melhor possível. Estou, repito, às ordens para o que der e vier.

Agradeci ao homem. Desci e peguei o carro na garagem. Dei de cara com um dia lindo e fui em busca do remédio que o médico havia me receitado na véspera. Foi difícil encontrar e já estava disposto a pagar por ele quando foi localizado. Receita aviada, decidi sair pela cidade. Novamente no shopping, li aquele receituário e vi como usar a medicação. E somente aí me lembrei de que não havia tomado o café da manhã. Quer seja pelos problemas da véspera, quer seja por esquecimento, estava em jejum.

Geralmente, não gosto de comer em fast foods. Mas resolvi abrir uma exceção não sem antes ingerir dois comprimidos de Dramin. Esperei

um pouco tomando sorvete e depois pedi o sanduíche. O médico havia pedido para que eu evitasse comidas gordurosas, de modo que solicitei, do cardápio, o que havia de mais light. De repente, o telefone tocou e era Marly:

— Desculpe-me ligar a essa hora, sem saber como você está, mas ontem tive a impressão de que você não havia saído lá de casa muito bem. Se isso era correto, quero saber se você precisa de alguma coisa de minha parte.

Falei que passei mal sim. Disse que estava no shopping e que iria fazer um lanche. Se ela pudesse vir, seria muito melhor. Visivelmente ficou feliz com o convite. Pediu uns minutos e depois voltou ao telefone para dizer que "fugiria" por uns momentos para me fazer companhia. Eu disse onde estava e fiquei esperando por ela, que não demorou muito a chegar.

Conversamos enquanto comíamos os sanduíches solicitados e, quando estávamos quase terminando, a vontade de vomitar voltou de novo. Pedi uns minutos e fiquei sentado, olhando para cima e respirando fundo para ver se o mal-estar passava. Ela somente me olhava. Quando recuperei o controle, expliquei o que havia acontecido e que, às 14 horas, estaria no médico para ser medicado. Não havia motivo para maiores preocupações.

— Essa doença é assim mesmo e, quem está cuidando de mim, pediu-me, sobretudo, paciência.

Despedimo-nos e fui embora. Ainda faltava um bom tempo para a chegada à clínica, de modo que optei por uma sessão de cinema. Não sei por que, mas me deu a impressão de estar sendo seguido. Parei, olhei para trás e um homem parou também, ficando a olhar para um cartaz de filme. Como não o conhecia, fui em frente. Entrei para passar duas horas vendo um filme de ação, gênero preferido por mim desde a mais tenra idade.

Teria sido ótimo se, ao longo daquele tempo todo, não tivesse que, vez ou outra, lutar contra a náusea. Era uma sensação que levava a uma espécie de arfar, de sensação de falta de ar. O cinema não estava lotado, mas um senhor à minha frente chegou a perceber que eu estava com sensação

de agonia e me perguntou o que estava acontecendo.

— Caso o senhor queira, posso chamar o funcionário da lanterninha para levá-lo embora, ofereceu ele.

Agradeci, disse que não e continuei vendo o filme. Quando tudo terminou vi que faltavam pouco mais de vinte minutos para chegar ao médico. Tempo suficiente. Desci e peguei o carro. Somente agora, depois de já algum tempo lutando contra essa doença me convencia de que não gostava da clínica, daquele médico, do tratamento, de nada dali ou daquilo.

Sabia que os sintomas de mal-estar iriam se intensificar com o tempo, mas, da mesma forma, tinha pouca ou nenhuma esperança de que tal não acontecesse. O câncer havia sido descoberto já num estágio de grande perigo e eu, convenhamos, não era um bom paciente.

Cheguei à clínica quando a recepcionista retornava da Sala de Quimioterapia. Ela me pediu para ir entrando e me submeter ao procedimento enquanto o médico chegava para que nós pudéssemos conversar. Fui para o local e me submeti a mais essa injeção. Então, notei que, em um espelho num dos cantos da sala, meu rosto aparecia. E, em alguns pontos da cabeça, fios de cabeço teimosos insistiam em nascer, contrariando a vontade daquele monte de drogas pesadas.

Disse a mim mesmo que passaria na barbearia para cuidar daquilo e procurei me abstrair de tudo em volta. Do ambiente, das pessoas que passavam, dos demais doentes e do trânsito de médicos. Uma médica que sempre estava lá jamais havia se dirigido a mim. E justo quando ela passou a náusea voltou forte. Fiz sinal para ela duas vezes, a profissional não viu ou fez que não notou o chamado. Quando ela enfim se voltou, eu havia vomitado no chão. Lá se foi o sanduíche light e o refresco. Ou ao menos parte deles.

A mulher parou do meu lado com ar de contrariedade e me perguntou por que eu não havia segurado o vômito até poder ir ao banheiro. Vi a pergunta como tão inoportuna que respondi de pronto:

— Poderia ter feito isso, mas gosto de sacanear com a senhora.

Ela parou um instante, mas logo se recuperou e pediu a outra pessoa para limpar o chão. Em seguida, virou-se para mim e disse para não me preocupar. A pergunta feita não tinha sentido, havia sido indelicada e, por esse motivo, eu respondera da mesma forma.

Prossegui no tratamento até a droga terminar de ser injetada e logo voltei para a Sala de Espera. O médico não havia chegado, mas queria falar comigo. Dei de ombros, recostei-me na cadeira e fiquei lá pensando na vida e em porque eu havia imaginado que alguém me seguia na entrada do cinema. Seria aquilo verdade ou os acontecimentos estavam me deixando nervoso, criando em mim suposições absurdas ou desconexas.

Foi enquanto pensava nisso que alguém tocou meu ombro. "Vamos?", perguntou o médico enquanto me levantava e o acompanhava. Ele havia chegado e nem sequer fora ao consultório, antes de mandar entrar. Sentei-me e, por instantes, como já havia feito em outras ocasiões, ele ficou olhando para mim. Então, empurrou para frente um envelope, dizendo que continha os documentos que eu precisava entregar na empresa para justificar minhas ausências perante a Previdência Social. Ali estaria tudo.

— Eu poderia dizer-lhe, senhor, que seu tratamento vai durar "X" dias ou "X" meses. Mas não posso. Infelizmente, as coisas não estão evoluindo como gostaria e, nesses casos, opto por não arriscar prognósticos. Mas tenho como garantir ao senhor hoje que seu caso não é tão simples assim. Posso lhe dizer que talvez precise interná-lo para que seu acompanhamento seja melhor.

— Não, eu não vou me internar — disse, de pronto.

O médico abriu os braços como quem se rende. Falou em tom pesaroso:

— Com o senhor longe de mim, fico com a impressão de que nada do que mando fazer está sendo feito. Pelo menos não está sendo feito corretamente. E esse é o motivo pelo qual o tratamento não deu, até agora, os resultados que achava possíveis. Entenda que procedimento desse tipo de doença é caro. Está certo que os planos de saúde têm por objetivo curar as

pessoas, mas isso só pode ser feito com a colaboração delas. Não é justo continuar assim. Lute por sua vida, caro paciente. Ou vou ter que pedir a internação e, se o senhor se recusar, vai ter que se explicar com o plano, dizer os motivos que o levam a não seguir conselhos. Vamos ficar dessa forma?

Respondi "OK! Como quiser," e ele perguntou se o remédio receitado, o de via oral, havia sido encontrado. Como respondi que sim, o homem completou:

— Então, como todas as orientações estão dadas, vamos em frente. Boa sorte e espero vê-lo melhor na próxima oportunidade.

Interrompi-o e falei das aftas na minha boce. Ele examinou o local e completou dizendo que tudo aquilo era consequência da doença. Receitou-me outra droga, "desta vez barata" e me pediu para usar, além de seguir as orientações já dadas.

O médico insistiu comigo dizendo:

— Esses vômitos associados às feridas na boca e à febre que o senhor teve, embora sendo episódios ainda leves, podem se agravar, e muito, com o relaxamento de seu tratamento. Tenha isso em mente. Acho-o muito tenso, muito descontrolado e não sei se o fato tem a ver com a tensão provocada pela doença ou com outra coisa. Se o senhor quiser, posso encaminhá-lo a um psicoterapeuta. Aliás, já deveria ter feito isso antes. Concorda com esse tratamento.

Fui sincero:

— Doutor, não vai adiantar. Não tenho medo de morrer e gostaria imensamente de fazer tudo corretamente. Aliás, vou tentar agir de forma diferente mais uma vez. O que acontece agora é que tenho uma questão para resolver e ela surgiu logo com a doença. Mas vai dar tudo certo.

Ele sorriu para mim enquanto se levantava da cadeira e me estendia a mão. Eu o cumprimentei e, ao sair da sala, ainda o ouvi dizer, talvez para si próprio:

— Resolva logo. Senão sua doença resolve o caso dela antes de você.

Saí e olhei para o quase final de tarde. Resolvi que passaria na portaria da empresa onde trabalho, deixaria os documentos lá e só então iria para casa. Efetivamente, fiz isso. Era sempre difícil parar na portaria do prédio e não tinha a menor intenção de entrar lá. Por sorte, um porteiro amigo meu estava por perto, me viu e veio correndo.

Olhou para mim como quem olha para um cadáver ou quase isso e recebeu o envelope que eu portava. Disse a ele que deixasse nos Recursos Humanos e ele assinalou que sim com a cabeça. Quando fui acelerar o carro, estendeu-me uma das mãos e disse "boa sorte", acompanhando as palavras com lágrimas que rolavam por seu rosto.

Fui em frente. Como um autômato que passa por um engarrafamento inexistente, de repente, me dei conta de que entrava na rua do Bar e Lanchonete Juparanã. Como logo ali? Essa deveria ser a primeira vez na vida que errava um caminho numa circunstância em que nem eu mesmo deixava de acreditar. Aquele erro teria vindo de meu subconsciente.

Reduzi a velocidade para passar em frente. Como nunca havia feito aquilo àquela hora, notei que o garçom que me servia costumeiramente ainda arrumava as mesas próximas da porta de entrada. Ao fundo era possível ver, ainda não havia ninguém sentado às cadeiras das três mesas colocadas rigorosamente no mesmo lugar de sempre, próximas aos banheiros.

O dono do estabelecimento, que estava na parte de dentro, preparando-se para chegar ao caixa, me viu, certamente alertado pelo garçom. Foi uma fração de segundos, mas notei que ele colocava as mãos nas cadeiras e olhava fixamente para mim. Virei-me para frente, como quem passava de passagem, e fui adiante. Ia para minha casa com a certeza de que, para todos, naquele estabelecimento, eu havia transitado diante da entrada de propósito.

Quando cheguei ao apartamento, notei que tinha fome. E também que, durante as últimas horas, sobretudo depois dos remédios, o mal-estar havia desaparecido. Assim, era provável que alguma coisa pudesse se manter no meu estômago zangado já fazia alguns dias. Fui à cozinha e preparei

um macarrão instantâneo. Não era das minhas comidas preferidas, mas, naquelas circunstâncias, algo me dizia que não podia escolher muito.

Coloquei o prato na mesa quando o telefone tocou. Do outro lado da linha, a voz suave de Marly me perguntava se podia conhecer meu "ap", usando esse termo mesmo. Afinal, como havia estado no dela na véspera, entendi que seria falta de educação dizer não. Pedi 20 minutos. Enquanto a aguardava e me preparava, esqueci ligado o computador no qual escrevia o texto do Faxineiro, o livro ainda sem forma, sem um título sequer.

Nesse meio tempo, terminei de comer, tomei um banho e tive o cuidado de deixar as bebidas alcóolicas bem longe. Liguei a TV sem saber se estava fazendo o certo e me preparei para dizer que havia passado um péssimo dia quando a campainha tocou. Fui até a porta de entrada, abri-a e dei de cara com ela. Estava incrivelmente linda, mais do que na véspera e disse um "posso?" olhando para dentro enquanto eu a deixava entrar em casa.

Sentamo-nos na sala. Antes que ela começasse a falar, disse-lhe tudo o que se referia ao meu estado de saúde, sem omitir coisa alguma, sobretudo, e principalmente, o fato de que eram as bebidas alcoólicas o que talvez estivesse prejudicando meu tratamento até o momento. Ela disse então que não me convidaria mais a beber enquanto os médicos não tivessem me liberado para isso. Fui até a cozinha buscar dois refrescos. Esperei que ela bebesse, admirei aquele pedaço de mulher enquanto isso e perguntei:

— Por que você se interessou por mim? Digo, qual foi o motivo, já que estou doente e posso até, embora isso não seja desejo meu, não viver o suficiente para termos juntos grandes momentos de alegria, de felicidade?

— Por que, desde o início, senti um clima em relação a você. Não gosto de repetir clichês, mas dizem que existe uma química entre homem e mulher. É claro que, quando o vi sem os cabelos, e isso foi depois de eu ter passado a gostar de você, meu sentimento não iria embora por causa disso ou por conta disso, pois as coisas não acontecem assim com as mulheres. É diferente. Fiquei chocada, é certo, mas disse para mim mesmo um "vá

em frente". Sou independente, meu coração está livre e o mesmo acontece com você. Quando conversamos e combinamos que não haveria um compromisso formal, também aceitei porque, depois de perder um marido, e ter uma desilusão amorosa, seria no mínimo temerário fazer diferente. É assim! Mas, se não pudermos construir uma história juntos por causa de doença, vou sofrer muito mais. Perder para a doença dói mais do que por qualquer outro motivo.

— Você, claro, não gostaria de falar sobre essa desilusão amorosa.

— Nem sob tortura. Essa é uma condição que imponho a mim mesma. Aquilo passou, foi um mau passo e acabou. Nem o nome quero lembrar mais.

Peguei-a pelo braço e a levei para meu quarto. Ao contrário do dela, não estava tão arrumado assim e nem me sentia completamente bem. Mas fizemos amor com tanto ou mais carinho do que no dia anterior. Ao menos foi o que senti nela. Terminamos, ficamos na cama por alguns instantes e ela me pediu para demorarmos mais, antes que fosse embora. Nesse exato momento, o interfone tocou. Xinguei um palavrão para comigo mesmo e fui até a sala, onde o peguei e procurei saber o que era.

— Perdoe-me, senhor, mas uma pessoa de Ribeirão Preto, um advogado chamado Reinaldo, pede para falar contigo. Como ainda não se trata de um horário proibitivo, resolvi ligar para saber se o senhor o conhece.

— Sim, conheço! Diga a ele que, se veio de longe, vou recebê-lo. Mas estou com minha namorada em casa e preciso de um tempo. Peça a ele para ficar na portaria aguardando um OK de minha parte. Dê a ele jornal para ler ou sirva um café até que eu converse com ela e explique tudo.

Quando me voltei, Marly, que havia ouvido a conversa, colocava a roupa. Ainda me perguntou de quem se tratava e prometi que não era nada demais. Na próxima vez que saíssemos, contaria também essa história. Nos beijamos, perguntei se ela havia ficado zangada com aquilo, recebi resposta negativa e a levei até a porta. Em seguida, dei uma arrumada básica na sala, coloquei algumas garrafas para fora do bar, vi o que havia de bom na cozi-

nha e, pelo interfone, disse que o doutor Reinaldo podia subir.

Passaram-se poucos minutos antes de a campainha tocar e eu abrir a porta. Do lado de fora, com um sorriso enigmático nos lábios, que jamais iria conseguir decifrar pelo resto da vida, falando um "Surpresa!" bem alto, estava de pé, frente a mim, nada mais nada menos do que João Carlos Ribeiro Passos, o Faxineiro, em carne e osso!

Capítulo 17

Por instantes, fiquei parado. Olhava para a porta e não acreditava no que via. Diante de mim estava um criminoso e, pior de tudo, alguém que havia escolhido Vitória para viver. Uma pessoa provavelmente capaz de ainda matar e, também provavelmente, com vinculação a outros criminosos.

Os instantes em que fiquei parado foram suficientes para que ele desse alguns passos adiante e entrasse em minha sala. Ainda sem saber se estava fazendo a coisa certa, fechei a porta da casa e apontei um sofá para ele. O homem se sentou e esperou que me sentasse também. Fiz isso e, num gesto muito mais instintivo do que qualquer coisa, perguntei a ele se queria alguma bebida ou algo para comer. "Posso servi-lo" — completei.

O homem abriu um sorriso e disse ser uma honra para ele inverter a situação com um dos clientes de seu "estabelecimento". Pediu uma dose de uísque e o que houvesse para comer. Trouxe a bebida e canapés que havia aquecido e comido em parte com a Marly. Começou a mastigar e perguntei pelo motivo da visita, pois, como a lanchonete dele tinha milhares de frequentadores, não era possível que visitasse a todos. Também queria saber como havia localizado meu endereço. Ele sorriu, tomou um grande gole do

uísque, comeu um dos salgados e falou:

— A gente vai aprendendo a lidar com pessoas ao longo da vida. Vai descobrindo quem pode e quem não pode representar risco. No seu caso, desde o dia em que o vi pela primeira vez, sentado a uma das minhas mesas, achei que tinha algum tipo de problema ali. Tenho amigos que frequentam outras mesas, aquelas próximas dos banheiros e pias, e eles também sempre o acharam estranho. Mais do que isso, incômodo. Antes, não conheciam motivos. Mas, depois, fomos aos poucos decifrando algumas xaradas.

— Por exemplo?

— Vivo aqui em Vitória já faz algum tempo. Escolhi essa cidade por sugestão de uma das pessoas que o senhor vê sempre naquele conjunto de mesas. Vim para cá, olhei tudo, me enturmei, gostei e juntei todo o dinheiro que tinha para montar um negócio. Então, surgiu o comércio que o senhor conhece e que frequenta de vez em quando, na última vez com sua namorada.

— É uma amiga.

— Chamemos assim, se agrada ao senhor. E, como já deve ser perfeitamente sabido, temos o hábito da investigação. Hábito esse nascido desde o início de nossas vidas. Achamos estranha uma de suas viagens, encontros e juntamos as peças de um quebra-cabeças que, para nós, é fácil de ser montado. O que me preocupa sobremaneira é a sua passagem por Ribeirão Preto. Caso tenha perguntas a fazer, respondo depois. Mas aquela passagem pode me trazer problemas e a meus amigos também.

Ele tomou mais um gole da bebida e continuou:

— Quando saí de Ribeirão, pois sou de lá, deixei amigos e inimigos. Entrei para a Polícia e isso é de seu conhecimento. Era uma época dura em São Paulo e combatíamos os comunistas que, por seu lado, nos combatiam. Muita gente morreu e, se não estou enganado, alguém ligado ao senhor. São riscos que corremos quando tomamos parte em contestações aos regimes vigentes no País da gente. Esse foi o caminho escolhido pelos senhores e,

bem, deu no que deu.

Comeu um último canapé e voltou a falar:

— Depois que tudo passou, em 1979, houve a Lei da Anistia. Da mesma forma como seus companheiros puderam andar livremente para cima e para baixo, muitos dos quais moravam no exterior, nós também fomos beneficiados. E olhe que éramos a ordem e vocês, a desordem. De lá para cá, muitos livros foram feitos por vocês. Até um projeto chamado "Tortura Nunca Mais" deu o que falar. A gente não reagia e não reage porque, além de escrever, vocês nada podem fazer. Agora, vem a tal de Comissão da Verdade e ataques como ao militar Brilhante Ustra, um dos homens que combateram a subversão durante o regime militar.

Levantei os dois braços e o interrompi. Ele se calou e fez sinal para que eu falasse. Mas pedi um tempo e primeiro fui até a cozinha pegar gelo. Havia decidido beber também, acontecesse o que acontecesse, porque queria ver aquela conversa fluir. Voltei e ele se sentava naquele momento. Perguntei por que havia se levantado e o Faxineiro falou que para se ajeitar onde estava sentado. Então, eu o servi, servi-me também e passei a discorrer:

— Nós estamos falando sobre os mesmos fatos, mas temos versões diferentes. Cada lado tem a sua, evidentemente. De minha parte, perdi uma amiga, namorada de um amigo, e isso durante o ano de 1968, época do AI-5, quando havia passeatas. O resto o senhor já sabe. Brilhante Ustra, para mim, foi um criminoso. O foi também para uma série de outras pessoas, muitas delas mortas por ele ou a mando dele. Da mesma forma que muitas morreram a mando de Fleury e de subordinados dele. Creio que esse é o seu caso. Passou? Para muitos, não! O pai daquela moça morta em 1968, faleceu de desgosto. Muitas pessoas que viveram aqueles anos, aqueles fatos, igualmente não os esquecem. Aqui mesmo houve um Esquadrão da Morte, descoberto em 1968, por aí. Era formado por criminosos comuns, não tinha nada a ver com combate a contestadores do regime militar, como vocês dizem.

Respirei fundo antes de continuar.

— Sou sua nêmese. E deve haver outros mais. Caso o senhor não conheça o termo, vem de Nêmeses, uma figura da mitologia. No nosso caso, quer dizer "alguém que exige ou inflige retaliação" ou "rival ou adversário temível e geralmente vitorioso". Não creio que, no seu caso, eu possa usar o termo de "vitória".

— Conte-me um pouco dessa história, como o senhor a conhece, por favor. Como não sou daqui, pode ser que não esteja a par de alguns detalhes. Quanto à nêmese, entendo o motivo das explicações. É que policial, para vocês, é sempre ignorante. E precisa ser explicado das coisas mais, digamos, intelectuais. Portanto, a explicação, nesse caso, foi exemplar.

— Então, vou contar-lhe um pouco da história dos seus amigos das três mesas, ou dos pais ou outros parentes deles. Um dos governadores do regime militar aqui no Espírito Santo chamava-se Christiano Dias Lopes Filho. Ele governou durante um período em que Vitória e o restante do Espírito Santo eram regiões muito mais violentas do que são agora. Então, pegou um irmão, José Dias Lopes, e deu-lhe a incumbência de acabar com o chamado Sindicato do Crime. Ou crime organizado, se preferir.

Respirei e continuei:

— Ele, o José Dias Lopes, tinha uma virtude: era valente. Praticamente todo mundo no Espírito Santo temia fazendeiros pistoleiros como Antônio Pinto, por exemplo. Ele, não. Os que pode encontrar, prendeu. Em Vitória, ao lado do Parque Moscoso, havia uma loja chamada Magazin Lojas Helal. As armas foram todas expostas lá, nas vitrines. Era para mostrar que não havia mais valentes no Estado. Mas quando tiveram que ser recolhidas para a Superintendência de Polícia, 90 delas sumiram. Paralelamente a isso, alguns criminosos começaram a desaparecer. Dois eram mais conhecidos, como "Mosquito" e "Índio". Um belo dia, seus cadáveres foram encontrados perto do balneário de Barra do Jucu. Haviam sido enterrados superficialmente, afloraram, se é que se pode dizer assim, e os cachorros começaram a comer os corpos já em decomposição. Isso, em 1968, no mesmo

ano em que a gente fazia passeatas contra a ditadura militar.

O Faxineiro riu. Eu continuei:

— Esses dois morreram, segundo se sabe, porque haviam atirado na Polícia. Mas, com o prosseguimento das buscas, 11 cadáveres foram encontrados enterrados lá. Então, para evitar serem presos, inclusive pelo secretário de Segurança, policiais civis envolvidos com o Esquadrão se apresentaram ao 3º Batalhão de Caçadores, hoje 38º Batalhão de Infantaria, para denunciar os fatos. Acabaram presos. Dentre eles, o delegado Oswaldo Simões Sales, o "Quito", comandante do grupo, além de Hélido Rocha, Nenir Costa, Ernani Barcellos e Jair Leão Borges. Outros mais acabaram sendo envolvidos, como Jessé Burns, mas não tinham o envolvimento que se apregoava.

Naquele momento, fiz uma pausa para mim mesmo. Ele se calou enquanto me lembrava, sem dizer nada, do dia em que havia estado na antiga Delegacia de Polícia da Rua Sete de Setembro, no Centro de Vitória. Numa parede próxima da entrada da sala do delegado Quito, uma placa com erro de português dizia: "O que você *ver* aqui; o que você ouvir aqui; quando sair daqui; deixe ficar aqui." Sorri comigo mesmo e retomei a narrativa:

— Eles foram presos porque deram azar. Quiseram entregar dois cadáveres, mas, quando foram interrogados, terminaram mostrando nove. Dois outros seriam achados em seguida. E todos de pessoas mortas por eles. O oficial que os interrogou, Wilson Brandi Romão, era o responsável pelo S2 no Espírito Santo, e não se deixou enganar pelos denunciadores. Os policiais presos foram levados para a Penitenciária. Muitas das armas que sumiram terminaram sendo encontradas em Linhares, aqui no Norte do Estado.

— Esse nome, Esquadrão da Morte, acabou sendo adotado aqui porque já era usado em outros Estados, como no Rio de Janeiro. E aí entra outro fato, pois um bandidinho conhecido como "Camiseta" também foi levado para a Barra do Jucu, onde seria executado. O local da desova ficava

na chamada Estrada Velha, que faz muito tempo não é usada. Ele, esse bandidinho, chegou a levar dois tiros e se fingiu de morto. Quando os policiais foram embora, conseguiu se esgueirar e, mesmo ferido, chegou ao Rio de Janeiro, onde o fato ficou conhecido. Então, o grupo daqui virou uma espécie de sucursal do Rio. Sucursal com os mesmos requintes de crueldade.

— Incompetentes! — reagiu Passos.

— Concordo! Mas falta dizer uma coisa. O Sindicato do Crime acabou. Dos famosos, Orlando Cavalcanti, major da Polícia Militar, foi morto por três pistoleiros em Jacaraípe [*antigo balneário, hoje bairro do Município de Serra, localizado ao Norte de Vitória*]. Algum tempo antes ele, como delegado de Polícia de Colatina, aqui no Noroeste, prendeu um homem de lá e o deixou pendurado na grade da cadeia com um cachorro bravo embaixo. O preso não esqueceu. Um belo dia, quando Orlando esteve em Jacaraípe querendo comprar um imóvel desse cidadão e não o reconheceu, ele deu a dica para os pistoleiros. O major foi morto quando entrou no bar para beber. Era o bar do antigo preso, que só teve tempo de se esconder no balcão.

Segui em frente:

— José Scardua era tenente também da Polícia Militar. Um belo dia, foi fazer a barba numa barbearia da Vila Rubim, aqui em Vitória, e um pistoleiro fantasiado de mendigo descarregou uma espingarda de caça calibre 12 nele. Antônio Pinto contratou um empregado que ganhou sua confiança. Certa manhã, saiu com o patrão portando outra espingarda, também calibre 12, sob a alegação de que iria matar passarinhos. O passarinho era o fazendeiro. Este chegou a ser levado para o hospital, mas não resistiu. Só um dos grandes membros do Sindicato do Crime, Renato Paiva, morreu de velhice mas passou o restante da vida escondido na casa onde vivia em Cariacica, uma verdadeira fortaleza. Consta que não saía para nada.

Respirei e disse mais:

— Não havia somente esses. Alguns dos outros que sobreviveram sem serem presos, foram embora do Estado. O matador de Orlando Cavalcanti, por exemplo, cujo nome era Rosélio de Barros, se tornou, depois,

fazendeiro na Amazônia onde costumava resolver disputas por posse de terra serrando as pessoas ao meio com motosserra. Pelo que acabo de relatar, o prezado pode ver que, de herói, essa gente não tinha nada.

Passos pediu outro uísque. Notei, então, que olhava para o computador e, enquanto colocava gelo e bebida no copo, fui até onde estava o aparelho e o desliguei direto na tomada. Também servi outra dose para mim e peguei o restante dos canapés na cozinha. Sentei-me novamente e ele recomeçou a falar. Agora estava mais entusiasmado:

— Esses caras podiam ser merda. Mas nós não! Tenho orgulho e vou repetir: orgulho de ter sido membro da OBAN. Nós representávamos o Governo, a revolução de 31 de março, contra a subversão comunista. Adorava prender estudantes que se metiam em badernas e os membros da UNE. Não tinha pena deles, não. E, quando se tratava de arrancar alguma coisa, arrancava mesmo, ainda que viessem unhas junto. Vocês não mereciam outra coisa.

— E vocês, por tudo o que sei, eram financiados por grandes empresas, inclusive por algumas multinacionais, com interesses exteriores.

— Verdade. Imagina-se que foi apenas o ex-governador Sodré quem criou a Operação. Mas não. O também ex-prefeito Paulo Maluf deu grande ajuda, asfaltando a rua onde ficava a sede, trocando rede elétrica etc. Todos colaboraram. A OBAN ficava na esquina das ruas Tomás Carvalhal e Tutóia, a cinco minutos do QG do Ibirapuera. A gente trabalhava muito...

Ele tomou mais um gole e começou a se entusiasmar. O uísque estava fazendo efeito e o discurso ganhava corpo:

— A sede, como falei, ficava no número 1.030 da Carvalhal, nos fundos do 36° Distrito Policial. O primeiro comandante foi o tenente-coronel do Exército Waldyr Coelho. Pode-se dizer que, a partir daí, o Exército entrou de corpo inteiro no combate às forças de esquerda, naquele momento às que se propunham desenvolver a luta armada para a implantação de um Governo marxista no Brasil. Mas não apenas estas: professores universitários eram vigiados e frequentemente abordados por agentes da

organização. Sem vínculos formais ou legais, a OBAN era, em essência, uma formação paramilitar de ação direta e de ação violenta, à margem da lei, o que lhe dava agilidade e brutal eficácia. Era isso o que buscávamos.

Fiquei olhando para aquele homem quando ele parou mais uma vez, estava entorpecido pelas próprias palavras. Seu discurso parecia não mais dirigido somente a mim, mas a uma grande platéia. Se essa grande platéia o ouvisse, diria que essa "palestra" havia sido repetida várias vezes, em diversas oportunidades, principalmente durante a ditadura militar. Aliás, àquela altura ele parecia ainda estar nela, falando com seus próximos.

— Você já ouviu falar na "Pianola de Boilisen"? — perguntou em seguida.

Quando respondi que não, emendou:

— Entre nossos doadores, havia um dinamarquês naturalizado brasileiro, chamado Henning Albert Boilesen. Era diretor do Grupo Ultra. Segundo versões, contestadas pela família dele, participou de sessões de tortura e inventou essa ferramenta, que levou seu nome. Nunca o vi em ação, portanto, não sei. Mas a pianola era uma espécie de teclado que dava choques elétricos em quem o tocasse. Sensacional, não? Também há a suposição de que fosse colaborador da CIA, (*a Central Inteligence Agency, órgão oficial dos Estados Unidos)*, mas disso a gente também não sabe. Em 15 de abril de 1971, ele foi morto em São Paulo por militantes da Vanguarda Popular Revolucionária, a VPR, comandada pelo ex-capitão Carlos Lamarca. Investigações nossas revelam que Lamarca planejava executar ainda os empresários Pery Igel e Sebastião Camargo, que também davam suporte financeiro à repressão aos grupos armados de esquerda. De tudo isso eu sei, senhor. Vivi isso. Vivi e curti muito.

Deixei-o beber mais um pouco. Dessa vez, pegou a garrafa de uísque e se serviu generosamente. Fiquei apenas olhando. Depois, perguntei se ele sabia exatamente como o ex-delegado Fleury havia morrido. Pela primeira vez ficou realmente sério. Seus olhos faiscaram. Havia um misto de revolta e admiração nas palavras que se seguiram:

— Sérgio Fleury fez o que era esperado dele. Era um policial que atuava em quaisquer circunstâncias, sem medo de nada. Desde que ingressou como investigador no DOPS em 1956, até chegar a diretor do Departamento Estadual de Investigações Criminais de São Paulo, o DEIC, 22 anos depois consolidou aos poucos a imagem de implacável. Chegou a ser temido pelos marginais de São Paulo. Criminosos que não se entregassem sabiam que as chances de escapar com vida eram reduzidas. A expressão "vamos chamar o Fleury", que a gente usava muito, se tornou uma ameaça utilizada nos distritos policiais para assustar bandidos.

Continuou:

— O delegado comandou, sim, o Esquadrão da Morte, grupo responsável pela execução sumária de centenas de criminosos comuns e que agia protegida de diversas maneiras. Sua equipe, muitas vezes, retirou os presos das cadeias para eliminá-los em estradas durante a noite. Era necessário. A prática de Fleury em caçar ladrões acabou utilizada pelos militares para combater os integrantes das organizações de esquerda que optaram pela luta armada. Logo, ele se tornou senhor da vida e da morte de quem caísse em suas mãos. À frente do DOPS, comandou, em 1969, o cerco ao subversivo Carlos Marighela. No ano seguinte, liderou a ação que terminou com a morte de Joaquim Câmara Ferreira. Em setembro de 1971, participou da caçada a Carlos Lamarca, no sertão da Bahia. Esses foram três dos maiores líderes da subversão política e esse grande delegado acabou com eles. Lembro-me de tudo como se um filme estivesse passando agora.

O Faxineiro chegou a arfar quando terminou de falar. Olhava para mim e só então, naquela hora, notei que não se tratava de um olhar amistoso. Aliás, jamais fora. Eu simplesmente devia estar impedindo que ele entrasse no assunto que queria, com tantas perguntas. Resolvi fazer um último teste de paciência antes de, finalmente, permitir a ele tomar as redes da conversa. Já havia notado como o assunto Fleury o tocava e fui fundo:

— Como o delegado Fleury morreu?

— Ora, você não é bobo! Da mesma forma que nós, ele gostava

muito de um bom uísque. Um dia, tomou um pileque e, quando foi pular de um barco para o outro que tinha, caiu no mar. Bebeu muita água e se afogou. Ainda foi retirado com vida, chegou a vomitar, botar grande quantidade de água para fora, mas teve uma depressão respiratória por causa do alcóol e aquilo o matou. Tentaram reanimar o meu amigo, mas sem sucesso.

— Alguns livros falam...

— Vou interromper você para a gente não perder tempo com bobagens. Ele não foi assassinado. O jornalista e escritor que fez a biografia dele investigou tudo o que era possível investigar. E sustenta que foi acidente. Aqui no Espírito Santo, um idiota deu entrevista falando em assassinato. Esse cara, um tal de Guerra, nunca teve importância nenhuma. Não em plano nacional! E um último argumento para você colocar no seu caderninho ou naquele computador: você acha que, se ele tivesse sido assassinado, o assassino ou assassinos iriam viver mais quanto tempo? A gente ainda estava na ditadura, tinha as armas e muita gente querendo vingança. A suposição do crime de mando não passa de bobagem. Que ele era um arquivo vivo todo mundo sabia. Mas nem bêbado o delegado Fleury abriria o bico. Para ninguém.

Senti que o momento crucial havia chegado. Havia, na garrafa de uísque, cerca de duas doses e meia. Peguei o que restava de gelo e vi que era pouco. Fui até a cozinha e consegui a última cumbuca. Servi uma dose para mim e uma e meia para o Passos. Deixei que ele se servisse de gelo e esperei pelo primeiro gole que, no caso dele, era sempre longo, generoso. De minha parte, como começava a ficar enjoado e a boca ardia, bebi devagar. Então, entrei direto no assunto da vinda dele até minha casa.

— Vamos combinar que não somos amigos. Apenas frequento sua lanchonete faz algum tempo. Por que você veio até aqui hoje à noite para conversar comigo? Está claro que não quer ser meu amigo.

Ele ficou olhando para mim durante algum tempo. Mediu-me de cima abaixo, talvez pensando em que reação eu teria quando ele entrasse no assunto. Só então tomou mais um gole de uísque e, com voz de quem ainda

não havia ficado bêbado, falou de maneira incisiva. Muito incisiva:

— Apenas ouça! Desde que você chegou a meu bar da primeira vez, eu o achei estranho. A única pessoa estranha desde que vim para Vitória morar aqui. Na segunda vez, tive a impressão de já tê-lo visto em algum tempo de minha vida e senti que, no seu caso, também. Perguntei aos meus amigos, os daquele grupo de mesas, se alguém o conhecia. Um deles sabia de seus vínculos com o Partido Comunista, o Partidão, no passado. Então, entendi que a gente deveria ter cruzado os bigodes em São Paulo.

Bebeu mais um gole moderado e continuou:

— Comecei a movimentar meus pauzinhos e seguir seus passos. Para o Passos, seguir passos não é difícil. Vi que você estava em busca de descobrir coisas e minha preocupação começou quando houve sua viagem a São Paulo. O pessoal foi discreto e esteve sempre no seu encalço. Nós o vimos com o advogado com passado em movimentos de esquerda e depois na viagem a Ribeirão Preto. Quando você embarcou, vi que coisas desagradáveis da minha vida poderiam vir à tona. E me coloquei de sobreaviso. Você esteve com outro advogado e foi filmado à distância. Um especialista em leitura labial passou a mim grande parte da conversa de vocês dois. Talvez o principal de todo o papo.

Ficou esperando por uma reação minha, mas ela não aconteceu. Então, terminou toda a bebida de uma golada só e apontou o dedo para o computador ao fundo. Ficou praticamente como que o espetando com o indicador, como se apontasse uma arma para lá.

— Já falei que a Lei da Anistia colocou um ponto final em tudo. Mas há coisas que estão acima dela. No seu computador, havia um trecho de texto que falava de uma passeata na São João e lembrava do DOPS de São Paulo. Só pode ter coisas ligadas também a mim. Lógico que a outras pessoas também, mas a mim é o mais perigoso. Principalmente se essa bosta desse pasquim de final de vida sair com duas coisas: meu endereço aqui em Vitória e uma certa história sobre pedofilia, que me fez vir de São Paulo para cá.

Ficou de novo esperando por uma reação minha, que não houve. Refestelou-se no sofá, olhou em torno de si mesmo, pareceu admirar meu apartamento e voltou a seu discurso, agora bem pausado.

— Proponho a você lutar pela vida junto a seus médicos. Ou então, morrer de câncer. Seria bem mais fácil. Com alguns dados que você já tem, esse livro, cujo título nem sei qual é, sepulta minha vida em Vitória. Acaba comigo. E aí eu teria de acabar com você. Vivo de um comércio e as pessoas vão se afastar dele. Falido a essa altura, o que vou fazer? Deixe a ditadura para trás, esqueça o passado. A menina que você conheceu e morreu nem era porra nenhuma sua. Até direito de se vingar de mim você não tem.

— Mas, se eu vou morrer mesmo, qual é a diferença entre o câncer e um confronto com você. É morte de qualquer maneira.

Ele balançou o dedo em sinal de negativo. Balançou como se fosse tocar meu nariz, a ponto de eu ter de me afastar. Só depois de estudar esse efeito, voltou novamente a falar, enquanto, praticamente, se preparava para deixar o sofá, como que encerrando sua missão.

— Não estamos falando apenas de você morrer. Estamos falando de esse texto ou livro nem sair, caso eu consiga fazer isso. Ou então, caso não seja possível evitar, estamos falando de muito, mas muito sofrimento mesmo, junto com a sua morte. Tanto que você ia preferir voltar no tempo, esquecer tudo e nem sequer aparecer na minha lanchonete para comer aquele cuscuz paulista maravilhoso que, confesso, é o único gosto seu que admiro. Estamos falando em dor, em desespero, em mais do que o pai daquela menininha do DOPS sentiu quando mostrei a filha mortinha da silva a ele.

O Faxineiro já estava de pé quando terminou. Eu, de minha parte, simplesmente balancei a cabeça como quem se recusa a concordar, a ceder, a dar o braço a torcer, a renunciar a um projeto iniciado. Ele andou em direção à porta, virou a chave abrindo-a, colocou os pés para fora e se voltou como quem iria me dar um tiro. Mas apenas voltou a balançar o dedo em minha direção e a sorrir de maneira má. Disse raivoso:

— Nunca pensei que teria de fazer faxina de corpo outra vez!

Bateu a porta e saiu. Eu suava frio com tudo aquilo e fiquei um pouco mais de tempo sentado. Apenas alguns instantes. Então, notei que alguns envelopes haviam caído do bolso traseiro da calça dele. Fui ao interfone e pedi ao porteiro para mandar que ele voltasse, assim que passasse pela portaria, pois havia esquecido documentos em meu apartamento.

Enquanto aguardava, olhei nos versos. Dois eram provavelmente de cobranças e traziam o endereço do Juparanã. Um terceiro, com envelope manuscrito, tinha outro endereço, de Jacaraípe. Peguei uma caneta e o copiei rapidamente, colocando o papel na gaveta da mesa onde ficava o computador, junto com os dados do livro.

Quando a campainha tocou, abri a porta e ele estava novamente em pé diante de mim. Disse um "o senhor deixou isso cair ao se levantar". Ele respondeu apenas com "erros acontecem.". Virou as costas, indo embora outra vez. Tranquei a porta com todo o cuidado, liguei para o porteiro, deixando o recado de que aquele homem jamais poderia voltar à minha casa e depois simplesmente desabei na cama. Estava tão esgotado emocionalmente que só notei o mar de vômito deixado no leito durante o sono quando acordei ensopado, de manhã bem cedo. Corri ao banheiro para tomar um banho e me livrar do cheiro insuportável de azedume.

Tinha de ser assim. O estresse da véspera, unido à bebida consumida e às reações do tratamento de minha doença, não poderiam chegar a nada diferente. Quase literalmente desmaiado na minha cama, e esse é o termo correto, havia vomitado sem parar e sem sentir, sei lá eu, a que altura da noite ou madrugada. Nem me lembro se sonhei alguma coisa durante aquele sono profundo. E nem faria qualquer diferença ter sonhado.

Capítulo 18

Até levantar foi difícil. Praticamente, me arrastei até o banheiro, onde fiquei um bom tempo debaixo do chuveiro tépido, deixando a água cair sobre o corpo até que o efeito fosse notado. Novamente, e quase me arrastando, cheguei até o armário dos remédios e tirei não apenas o receitado pelo médico mas dois outros, contra náuseas e vômitos. Tomei todos e, sentado na poltrona, fiquei bebendo leite, gole após gole, até que as forças aos poucos retornassem.

Lembrei-me de que não era dia da faxineira. Pelo interfone expliquei alguma coisa ao porteiro, confirmei a ele que o Passos não deveria ser mais admitido no prédio, nem qualquer outra pessoa não expressamente autorizada por mim poderia ter acesso ao apartamento. Ouvi dele que seria possível conseguir uma funcionária de folga que viesse à minha casa dar um jeito na bagunça que eu havia feito.

Até que ela chegasse, liguei o computador e, com vagar, fazendo o possível para escrever corretamente, terminei de resumir todos os capítulos do livro, exceto os dois últimos. Esses, iriam depender do que acontecesse daquele ponto em que eu estava para frente. Com a chegada da faxineira, mostrei a ela o que deveria ser feito, combinei o preço e mostrei-lhe o

armário de vassouras, esfregões e demais produtos de limpeza.

De novo fiquei diante do computador e retomei a escrita. Fazia isso com vagar, tentando não cometer erros de digitação, mas tal coisa era praticamente impossível no estado em que me encontrava. Com a ajuda do nosso amigo de sempre, o corretor ortográfico, a maior parte das falhas foi sendo eliminada. Mas o mal-estar voltou. A cabeça rodava e o corpo suava mesmo sem eu fazer esforço algum para tanto.

Optei por tomar outro banho e mas estava tonto enquanto debaixo do chuveiro. Desabei no boxe e bati com as costas pesadamente contra o chão e, como fez barulho, a faxineira veio me perguntar se estava passando mal ou coisa parecida. Disse a ela que não e que ficasse tranquila, concentrando-se apenas no seu trabalho.

Voltei para a sala, momentaneamente recuperado, e peguei minhas anotações. A pasta era bem recheada e, revolvendo os papéis, encontrei um que poderia caber como uma luva no desenrolar do texto, justamente onde me encontrava. Tratava-se de uma palestra feita por mim apenas uns anos depois do fim da ditadura, em 1988, para estudantes de Comunicação.

Como eu lera muito sobre o período dos chamados "Anos de Chumbo", os 21 anos entre 1964 e 1985, estava lá o relato obtido com amigos de São Paulo sobre os principais métodos de tortura usados contra os presos políticos — notadamente, membros de movimentos subterrâneos ou aqueles que pregavam a luta armada contra o regime ditatorial. Seguem as anotações, com algumas atualizações:

Durante o regime ou ditadura militar, que no Brasil durou de 1964 a 1985, vários tipos de torturas físicas foram cometidos contra os chamados subversivos ou contestadores da "Revolução de 1964". Esses métodos de sofrimento físico foram amplamente denunciados depois do término daquela época e podem ser consultados em inúmeras publicações reconhecidamente idôneas.

De todos os modelos praticados então, pode-se dizer que dez se destacavam. Nenhum deles foi criado no Brasil — a tortura como método de

obtenção de provas, punição ou simplesmente para prazer do torturador existe há milênios —, mas pode-se dizer que os empregados ou colaboradores da ditadura foram ótimos alunos. E tiveram também grandes professores, principalmente os enviados pelo Governo dos Estados Unidos.

E, para que vocês entendam como se davam os castigos corporais no País durante aqueles tempos, explico, com base em relatos, os mais conhecidos métodos de tortura, fazendo votos de que não os vejamos mais no plano político, embora saibamos que sobrevivem no dia-a-dia dos interrogatórios em delegacias, presídios e outros estabelecimentos policiais do Brasil.

Pau-de-arara — *Trata-se de uma barra de ferro atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho do preso, com o conjunto colocado entre duas mesas. O corpo então fica pendurado de 20 a 30 centímetros do solo. Esse método não era utilizado isoladamente, mas combinado com eletrochoques, palmatória e afogamento, dentre outros.*

Choque Elétrico — *Foi, e é, um dos métodos de tortura mais cruéis usados durante a ditadura. Na maioria das vezes, o choque era dado através de telefones de campanha do Exército, com dois fios longos ligados ao corpo nu do supliciado, normalmente nas partes genitais, ouvidos, dentes, língua e dedos. O acusado recebia descargas sucessivas, a ponto de cair no chão e se contorcer.* (Acrescentei a partir do relato do Faxineiro na noite anterior: a Pianola de Boilisen era outra forma de aplicar choques elétricos).

Pimentinha — *Caixa de madeira tendo no interior um ímã permanente, no campo do qual girava um rotor, de cujos terminais uma escova recolhia corrente elétrica conduzida através de fios. Dava choques seguidos de qualquer intensidade em torno de 100 Volts. Muitos quebravam os dentes na tortura, ao tremerem descontroladamente.*

Afogamento — *Nesse caso, os torturadores obstruíam as narinas do preso e colocavam uma mangueira, toalha molhada ou tubo de borracha dentro da sua boca, para obrigá-lo a engolir água. Outro método era mergulhar a cabeça do torturado num balde, tanque ou tambor cheio de água (ou até fezes), forçando sua nuca para baixo até o limite do afogamento. Os*

norte-americanos usaram muitos métodos assim durante a conquista de países asiáticos, no final do Século XIX e início do Século XX. Na maioria das vezes, com o preso amarrado e a cabeça virada para cima, era jogada água contra sua cabeça. Como ele não podia ficar indefinidamente sem respirar, aspirava o líquido jogado e chegava até à perda de consciência. Era o "afogamento simulado" ou "afogamento no seco".

Cadeira do Dragão — *A preferida dos militares. Uma espécie de cadeira elétrica na qual os presos, nus, ficam sentados num assento revestido de zinco e ligado a terminais elétricos. Quando ligado na eletricidade, o zinco transmite choques violentos a todo o corpo. Às vezes, o torturador enfia na cabeça da vítima um balde de metal, onde também são aplicados choques elétricos, aumentando a tortura.*

Geladeira — *Nesse caso, os presos ficam totalmente nus numa cela baixa e pequena, impedidos de ficar de pé. Os torturadores alternam refrigeração com frio intenso e aquecimento, produzindo calor insuportável, enquanto alto-falantes emitiam sons irritantes, capazes de enlouquecer. Os presos, vez ou outra, ficavam nessa geladeira por vários dias, sem água ou comida. Alguns jamais se recuperaram.*

Palmatória — *Método antigo, a palmatória é uma raquete de madeira, bem pesada. O instrumento é usado em conjunto com outras formas de tortura, para aumentar o sofrimento do acusado. Com a palmatória, as vítimas são agredidas em várias partes do corpo, sobretudo órgãos genitais e mãos, com golpes violentos produzindo inchaços e dores lancinantes, além de incapacitantes.*

Produtos Químicos — *Há vários deles e eram comprovadamente utilizados como método de tortura. Para fazer o acusado confessar, ele pode receber um soro de Pentotal, substância que leva a pessoa falar em estado de sonolência. Em alguns casos, ácido é jogado no rosto da vítima, o que causa inchaço ou deformação permanente. Sequelas existem até hoje em sobreviventes, mesmo após cirurgias plásticas.*

Agressões Físicas — *Vários tipos são combinados a outras formas*

de tortura. Uma dos mais cruéis é o "telefone", que consiste em bater ao mesmo tempo com as duas mãos em forma de concha contra os dois ouvidos do preso. A técnica, brutal, pode romper — e rompe — os tímpanos, provocando surdez permanente. Além disso, o preso encontrado num "ponto", enquanto era levado para uma Delegacia ia sendo brutalmente agredido durante todo o tempo, no veículo policial, para denunciar onde iria encontrar um comparsa. Isso era feito para que outros "caíssem" junto com ele porque, na corrente de elos dos movimentos clandestinos, quando alguém faltava a um encontro, o que o esperava ia embora depois de alguns minutos. Faltar ao encontro marcado era sinal de que muito provavelmente o camarada havia sido pego pelos organismos de segurança do Estado.

Tortura Psicológica — *Falar de Tortura Psicológica, último método comentado, é redundância, considerando-se que todo tipo de suplício deixa marcas emocionais pela vida inteira. Mas há métodos com o objetivo específico de provocar medo, como ameaças e perseguições — inclusive a parentes e amigos —, com efeito duplo: fazer a vítima confessar e delatar conhecidos. Em alguns casos, familiares dos presos — mães, pais, filhos, irmãos, cônjuges e outros — são torturados diante deles.*

Terminei o texto que fazia tempo não via e o acrescentei ao relato, depois de fazer algumas correções. Ele caía como luva no livro e sequer eu me recordava mais das fontes consultadas para obtê-lo, sobretudo em uma época em que a Internet não era ainda o repositório de dados de hoje, obrigando o pesquisador a ler livros, viajar ou entrevistar pessoas, muito mais do que entrar no computador para confirmar dados.

O mal-estar voltou. Durante segundos, quase um minuto, fiquei novamente com a cabeça virada para cima, respirando pausadamente e pelo nariz, até que a vontade de vomitar passasse. Simplesmente não queria que todo o leite consumido pouco mais cedo fosse parar no vaso sanitário. Decidi, então, que seria preciso fazer alguma coisa e optei por ir até o Pronto Socorro do hospital mais próximo. Na minha agenda, a quimioterapia seguinte estava marcada para dentro de 24 horas.

Peguei a pasta com todos os documentos e as chaves do carro. Chamei a faxineira e deixei o dinheiro da limpeza com ela. Disse que teria de ir ao médico e, caso demorasse, ela deveria deixar as chaves de casa com o porteiro. Ainda me perguntou se eu precisava de ajuda, mas repeti que não.

No elevador, vi que não estava nada bem. Enquanto a cabine descia, minha cabeça rodava. Olhei-me no espelho e me vi um tanto pálido. Um passageiro que entrou em andar abaixo do meu notou meu estado e perguntou se precisava de ajuda. Disse que não e ele se colocou à minha disposição para qualquer coisa. Agradeci e, tão logo a porta se abriu, no térreo, Marly estava em pé diante dela. Não sorria, mas pegou minha mão e me levou com carinho até as poltronas, onde nos sentamos.

— O que você tem, paixão?

Respondi que não estava conseguindo me alimentar direito e que iria tomar soro para melhorar. Ela se mostrou preocupada e se prontificou a me acompanhar, chegando a tirar o celular da bolsa para telefonar ao trabalho e dizer que não iria na parte da tarde. Eu segurei o aparelho.

— Marly, posso fazer isso sozinho. Fique tranquila. Estou apenas sentindo fome e só não como em casa com medo de vomitar. Mas o médico me disse que esse soro melhoraria meu estado e traria de volta a possibilidade de me alimentar sem sentir náuseas. Como amanhã tenho outra quimioterapia, ele vai voltar a me avaliar por inteiro. Vá para o seu trabalho, faça o que você precisa fazer e não se prejudique por minha causa. Prometo que, se sentir necessidade de ajuda telefono na mesma hora. Não procuro por ninguém antes de você. Palavra de escoteiro!

Ela não sorriu. Em vez disso, sem soltar minha mão perguntou quem era a pessoa de Ribeirão Preto que havia me procurado na véspera, quando ela saiu do meu apartamento para voltar ao dela. Disse que era um advogado e que, tão logo pudesse, contaria toda a história a ela.

— E quando você vai poder?

— Façamos o seguinte: quando você chegar hoje à noite do trabalho, bata à minha porta. Se eu estiver bem, a gente sai para comer alguma

coisa lá no Juparanã. Caso contrário, a gente come o que quer que seja aqui em casa mesmo. E, aí, eu conto a você tudo o que há para ser contado. Mas não precisa se preocupar, porque não se trata de nada demais.

Senti que ela havia ficado menos preocupada. Dei-lhe um beijinho na boca, gênero selinho, e a acompanhei de volta ao elevador. Ela ia subir para almoçar e voltar para o trabalho. Fui até a garagem e peguei o carro. Estava visivelmente tonto e procurei dirigir com todo o cuidado, para não me envolver em qualquer tipo de acidente, sobretudo para não provocar danos a terceiros. Consegui chegar rapidamente ao Pronto Socorro.

Minha palidez e a cabeça raspada fizeram com que fosse logo chamado. Expliquei a situação e me vi diante de uma médica jovem, provavelmente com poucos anos de experiência, e que me perguntou o que estava sentindo. Fiz um rápido relato da situação, falando do câncer, do tratamento, das náuseas e do mal-estar, não omitindo sequer o fato de que havia bebido na véspera, "mas só um pouquinho, em uma festa".

Ela me levou a outra sala e entregou um receituário a uma técnica de enfermagem, que puncionou uma veia para injetar medicamentos. A médica sentou-se ao meu lado e me perguntou por que eu não havia procurado por meu médico, em vez de ir a um Pronto Socorro. Expliquei que já iria lá no dia seguinte. Então, preferi um atendimento ambulatorial.

Ela saiu e fiquei lá. Junto comigo estavam mais duas pessoas. Uma delas recebia medicamento na veia enquanto lia uma revista semanal. A outra tinha o ventre dilatado, parecia um tanto toporoso e um técnico em enfermagem perfurou aquela carne com uma agulha ligada a uma imensa seringa, de lá tirando grande quantidade de líquido escuro, aparentemente sanguinolento.

Uma senhora de meia idade, aparentando ter a mesma dele, e outra bem jovem, acompanhavam chorando. O homem estava praticamente nu e o técnico em enfermagem disse que ele seria levado dali provavelmente para o Centro Cirúrgico. Pelo estado, fiquei imaginando que se tratava de um paciente oncológico em estado quase terminal.

Olhei para outro lado. Procurei não me concentrar no paciente e lembrei-me da propaganda que dizia "Eu sou você amanhã." Intimamente, dei um sorriso amargo e, quando percebi, a médica estava novamente ao meu lado. Procurou ver como estava indo a administração do medicamento endovenoso e depois disse, olhando fixamente para mim:

— Conversei com seu médico agora pelo telefone. Ele me pareceu muito preocupado. Pediu-me para providenciar sua internação depois de terminado esse procedimento, pois não quer que o senhor saia do hospital. Por volta das 19 horas, estará aqui para fazer uma avaliação sobre seu estado, determinar se mantém a internação e que procedimentos tomar. Estou dizendo isso para comunicar, pois não posso, profissionalmente, nem deixar de comunicar isso ao médico do paciente, nem discutir orientações dele.

Apenas balancei a cabeça e disse que havia entendido. Fiquei olhando o nível do remédio baixar, até que, cerca de meia hora depois terminou. Uma profissional retirou a agulha de minha veia e me disse que ficasse ali, porque outra pessoa viria me procurar para providenciar a internação. Falei que estava com vontade de ir ao banheiro e, como não me encontrava em estado grave, poderia fazer isso por meus meios.

— Então vá e volte em seguida, esperando por orientações.

Levantei-me e fui ao banheiro. De lá, sai diretamente para o Setor de Internação do hospital. Uns papéis estavam sobre a mesa de uma atendente e, sobre eles, minha carteirinha de convênio médico. A mulher perguntou o que eu queria e disse que aguardava por alguém. Quando ela se virou para outro lado, peguei a carteirinha e sai de lá.

Andando naturalmente, cheguei ao estacionamento e peguei meu carro. A medicação havia feito bem e dirigi sem problemas até um self-service onde costumava comer sempre que tinha pressa. Servi-me de alimentos leves, almocei normalmente e senti que a recuperação era fácil de sentir. Afora o ardor na boca, nada mais incomodava.

Ganhei a rua novamente quando o celular tocou. Olhei para o visor,

vi que era do consultório do oncologista e não atendi. O aparelho tocou até a ligação cair. Em seguida, a secretária eletrônica avisou com um bip que mensagem havia sido enviada. Não olhei. Dirigindo, voltei para casa e estacionei o carro na garagem. Até a chegada de Marly, iria me dedicar ao livro, apenas a ele e a nada mais.

Pelo telefone encomendei um energético e um sanduíche light a um delivery próximo. Fui para diante do computador e vi onde havia deixado a história parada. Dei um mergulho nela de corpo e alma. O telefone tocou mais uma vez, de novo era do consultório médico, e de novo mensagem foi deixada na caixa postal. Senti ímpetos de atender e dizer que não, que não iria me internar e explicaria tudo no dia seguinte. Mas para quê? Por que fazer isso se, dentro de menos de 24 horas, estaríamos de novo frente a frente, eu e o médico que nunca havia tido paciente pior na vida?

A história avançou. Senti que, pela primeira vez naqueles tempos escrevia com desenvoltura, encadeando fatos, dando vazão aos pensamentos, estruturando um texto de modo a que todos pudessem entender o que estava tentando dizer. Quando a campainha tocou, parei apenas para atender, receber os alimentos solicitados, pagar e ir à mesa para comer. Sentia-me bem e isso me motivou a não ligar para o médico, não atender às ligações. Essas, por sinal, pararam desde então. O celular ficou mudo como eu queria.

Prossegui no texto. As recordações vinham à minha mente com facilidade. Mesmo os fatos mais passados, mesmo as coisas que pensava ter esquecido fazia muito tempo, voltavam como se estivessem sendo colocadas sobre uma bandeja na minha frente, para meu deleite. A pasta com os documentos antigos ficou onde estava, sem serventia desde a hora em que o texto da palestra há tanto proferida tinha sido retirado.

Perdi a noção do tempo. Quando dei uma parada para ir ao banheiro, notei que havia escurecido. Tinha mergulhado no livro a ponto de não sentir isso. Então, olhei para o relógio e já ia dar oito da noite. Decidi parar. Salvei o texto e fui para diante da TV quando me veio à mente que

Marly não havia telefonado ou vindo até minha casa conforme combinado.

Peguei o smartphone e disquei o número dela. Nada. Tocou até cair. Fiz nova tentativa e de novo o aparelho não foi atendido. Na terceira vez, logo de cada, deu aparelho desligado ou fora de área. Gelei. Não havia pensado nisso até aquele momento: "Faxineiro, seu filho da puta!"

Desci pelo elevador direto para a garagem. O carro dela não estava lá. Subi à Portaria e ninguém sabia de nada. Corri de volta ao apartamento, para pegar as chaves do carro e me lembrei de um amigo delegado, mais amigo de meu pai do que meu. Telefonei para ele. Expliquei que minha namorada havia sumido e eu não tinha sinal de nada. Ele me pediu meu endereço e chegou em menos de 15 minutos, com um investigador.

Falei que era minha vizinha, namorávamos fazia pouco tempo, ela não costumava sumir, coisa e tal. Ele notou minha cabeça, falei do câncer, mas implorei que nos concentrássemos nela. Então, resolvi dizer que havíamos combinado ir ao Bar e Lanchonete Juparanã, porque a comida de lá era boa. Gostaria que a gente fosse lá junto, para ver se ela, por engano, tinha resolvido ir direto.

— É o lugar daquele pessoal gente fina — disse o investigador ao delegado.

Ele fez que sim com a cabeça e determinou que descêssemos para pegar o carro policial. "Deixe o seu na garagem e venha comigo" — falou enquanto saíamos correndo. Passei a ele todos os dados que tinha dela e o investigador, no seu linguajar característico, foi passando informações adiante. Por sorte eu havia guardado a placa do carro, por ser o inverso da minha, e tudo foi relatado. O veículo seria bloqueado onde estivesse.

Quando chegamos ao Juparanã, o carro da Polícia parou diante da porta de entrada mas não provocou alvoroço algum. O delegado dirigiu-se ao Passos que, sem demonstrar reação, disse que conhecia a senhora descrita, que também conhecia a mim, íamos sempre lá, mas que, naquela noite, ela não havia aparecido. E ele não tinha ideia de onde pudesse estar.

— Nem buscando muito na memória? — perguntei, para surpresa

do delegado que, mesmo assim, não me questionou. O dono do bar também não respondeu nada. Insisti e pedi a ele para ver se algum cliente a havia visto. Apontei para as mesas do fundo e disse que aqueles ali poderiam ter notado alguma coisa, pois todos os clientes passavam por lá.

Ele deu uma estalada de dedos e logo um deles veio até onde estávamos. Era o que havia me seguido na praia. Balançou a cabeça de um lado para o outro e negou ter visto a senhora embora, sim, lembrava-se bem dela, inclusive junto comigo numa das mesas da frente. O delegado deu o caso por encerrado no lugar.

— Qualquer coisa, nos avisem — disse ele.

— Sem dúvida! Faremos isso na mesma hora — retrucou o Faxineiro.

Quando ouvi um "Vamos embora!", deixei que eles se afastassem primeiro e, olhando para o homem que continuava no caixa, impassível, disse baixinho para somente nós dois ouvirmos:

— Se ela não aparecer, nenhum de nós dois morre de câncer. Mas quem vai primeiro, não sei.

Saí de lá. No carro, o delegado questionou as perguntas que eu havia feito e quis saber se havia algo que não tinha sido explicado. Falei que não. Então fui deixado em casa com ordens para só sair de lá a mando dele. Todos os recursos da Polícia estavam mobilizados naquela busca:

— Devo muito a seu pai e vou virar a cidade de cabeça para baixo. Mas a Polícia sou eu. Não é você. Portanto, espere sem querer se intrometer.

Prometi que faria isso enquanto desembarcava e via a Portaria do prédio cheia de gente. Uns empurravam os outros. Todos queriam falar ao mesmo tempo. Expliquei, da forma que pude, o sumiço dela e o esforço que estava sendo feito para que fosse encontrada. A gente tinha esperança de que isso acontecesse ainda naquela noite. Mas era preciso esperar. Prometi que daria notícias assim que informado.

Aos poucos, o lugar foi ficando menos lotado, até que esvaziou. Quando vi que estávamos lá o Porteiro e eu, decidi subir. Entrei em casa e

minhas pernas tremiam. Eu encontrava muita dificuldade para concatenar as ideias e, de repente, senti uma vontade quase incontrolável de vomitar.

Novamente, tentei segurar o vômito, mas não consegui. Corri para o banheiro e soltei tudo. Voltei para a sala quase cambaleando. Para diante da TV. Conferi o relógio e eram 23 horas. Liguei a televisão e escolhi um programa de emissora fechada para ver. Queria algo leve, porque, de coisas pesadas, minha mente estava lotada desde a hora da constatação de que Marly havia sumido.

Veio-me à mente que me tornara responsável por ela e o que ela estava vivendo, se viva estivesse, era culpa única e exclusiva minha. Uma pessoa na posição em que eu estava, metida com bandidos, não podia se envolver com outra inocente e indefesa. Mas eu, burro, só havia tido a noção de perigo depois de sair com ela a primeira vez. Ou não?

Perguntei ao porteiro se ele tinha condições de comprar para mim uma garrafa de uísque no posto de combustíveis da esquina. "Claro, senhor!", disse. Subiu, dei o dinheiro e ele desceu rapidamente. Ganhou uma gorjeta mas não quis receber porque era proibido. Rapidamente estava eu novamente com o copo na mão tomando uma grande talagada. Foi quando o telefone tocou. Eu olhei o número, não reconheci e atendi. Era o delegado.

— Encontramos sua namorada. Estava dentro do carro, fora da cidade e na Rodovia do Contorno (*trecho da BR 101 que contorna o Município de Vitória, conhecido como "Rodovia da Morte", pelo número de acidentes que ali ocorrem).* Não apresenta ferimentos, mas está desconectada. Achamos que foi drogada. Nós a estamos levando para o hospital. Se quiser, venha junto e, se for possível, fique com ela. Vamos falar sobre isso com os médicos. Amanhã, ela vai ter que ser ouvida e, se falar alguma coisa com você, guarde para nós. Mas não a pressione, não a interrogue. Ainda não sabemos se sofreu violência sexual ou teve algo roubado. Aparentemente, não. Mas tudo isso vai ser esclarecido. Venha normalmente, sem correr.

Desliguei o telefone imediatamente. Tomei o restante do uísque de outro gole só. Vomitei tudo imediatamente. Lavei o rosto, escovei os dentes

e, cambaleando, pernas trêmulas, dores na boca e febre aparente, desci pelo elevador. Dei a notícia ao porteiro e, ato contínuo, estava no carro acelerando imoderadamente com destino ao mesmo hospital para onde havia ido mais cedo e onde deveria estar, caso tivesse atendido ao meu médico.

Além do pânico pela situação, no caminho só tive tempo de pensar em mais uma coisa: estava dirigindo seguidamente sob o efeito de álcool. Ainda não havia sido parado por uma blitz, mas precisava evitar que isso acontecesse caso ainda fosse possível!

Capítulo 19

Marly estava sendo "avaliada", termo que os médicos usam, quando cheguei. Como o delegado disse na Recepção que eu era o "marido" da paciente, indicaram-me o quarto para onde seria levada e me pediram um pouco de paciência. O carro dela havia sido trazido para o pátio do hospital, juntamente com ela, e estava sendo vistoriado naquele momento.

Não havia amassados, sujeira excessiva, depredações, nada! Até mesmo o porta-luvas, que, no caso de carros de mulheres, guarda uma boa centena de itens de maquiagem, parecia não ter sido tocado. E nada tinha sido subtraído. Voltei ao hospital e fui para o Setor de Internações.

Minha querida chegou logo depois. Estava numa maca e foi transferida para o leito com o suporte de soro colocado a seu lado. O médico que a havia atendido acompanhou-a e disse ao delegado que, aparentemente, ela havia sido forçada a tomar grande dose de algum psicotrópico, que a deixou em estado semiconsciente. Por pouco, não havia tido uma parada cardiorrespiratória. Em dado momento, a paciente, que parecia dormir, falou de forma meio pastosa:

— Estou ouvindo vocês.

Então, o delegado se aproximou dela e perguntou se queria falar alguma coisa. Ela abriu os olhos e percorreu o quarto com eles. Em seguida, apontou para mim com um dedo que tremia e disse para todos:

— Quero ficar só com ele.

O médico perguntou, para se certificar de que ela sabia o que falava:

— Ficar a sós com seu marido, a senhora diz?

— Ficar a sós com meu "namorido", digo eu.

O médico saiu em seguida, dizendo que, ao raiar do dia, a direção do hospital avisaria ao médico dela, de sua confiança, sobre o ocorrido. Ela havia declinado um nome ao ser questionada, e se tratava do ginecologista. O delegado levantou-se em seguida e fez sinal para mim, uma espécie de "compartilhe comigo o que ela disser", ao que respondi balançando a cabeça afirmativamente. Ficamos então os dois sozinhos após uma profissional de enfermagem ter checado a medicação e visto que estava tudo conforme havia sido prescrito durante o atendimento de urgência feito.

— Meu querido, não compreendo o que aconteceu. Estou com muito sono e vou dormir um pouco. Por favor, acorde-me quando começarem a servir o café da manhã. Aí, a gente conversa e você também me dá algumas orientações. Por falar nisso, como você está passando?

Disse a ela que estava tudo bem e que não se preocupasse. Ela então se virou para o lado e dormiu. Respirava de forma um tanto acelerada, mas parecia bem. Fui até o banheiro e descarreguei minha tensão da forma como vinha fazendo sempre: vomitei o que ainda havia no estômago. Sentia-me novamente fraco e suava quando voltei a me sentar na poltrona.

Em vez de ligar a TV ou andar pelo corredor — sempre detestei corredores de hospitais —, preferi baixar o encosto e procurar dormir um pouco mesmo desconfortavelmente. Consegui e dormitei por pelo menos duas horas até notar luz entrando pela janela e ouvir o inconfundível barulho dos carrinhos com café da manhã percorrendo os corredores. Olhei para o lado e Marly estava voltada para mim.

— Acordei antes de você — disse ela.

Levantei-me e me sentei a seu lado. Mesmo pálida, mesmo com roupa de hospital ela se mantinha bonita. Fiquei avaliando o tipo de mulherão aquele marido havia perdido num acidente. E que mulherão eu perderia para o câncer. Quem a ganharia depois e definitivamente? Decerto, não seria um homem parecido com aquele capaz de decepcioná-la. E nem, creio, um com doença incurável. Mas ela tinha tudo para ser feliz. E merecia. Passei as mãos levemente em seus cabelos e ela suspirou fundo, antes de falar:

— Estava voltando do trabalho. Parei num semáforo e dois homens numa moto pararam ao meu lado. Um deles se virou para mim, mostrando uma arma, e me mandou destravar as portas do carro. Fiz isso quase como um reflexo. Pensei: estou sendo assaltada! Quando tentei sair do carro, dois outros indivíduos entraram pelo outro lado e me disseram para ficar onde estava. O que se sentou do meu lado me mandou acelerar. Outro, atrás de mim, encostou uma arma no meu pescoço. Era um negócio frio. Uma ponta de ferro, aço ou coisa parecida. Mandaram que eu entrasse para um lado, para outro e depois pegamos a Rodovia do Contorno. Aí, o de trás me apresentou um vasilhame aberto, de plástico, um squeeze, e disse que eu bebesse tudo.

Ela começou a chorar levemente e perguntei se queria parar para recomeçar depois. Mas, com um balançar leve de cabeça em sinal de não, Marly pareceu recuperar a confiança e voltou a falar:

— Eu não queria beber, mas ele pressionou a arma contra meu pescoço. Com medo de morrer, bebi tudo. Tinha um gosto horroroso, de remédio dissolvido em água ou coisa parecida. Depois de algum tempo mandaram entrar numa estradinha lateral, e comecei a chorar. Pensei: vão me estuprar. Quando me mandaram parar o carro, ficaram sem fazer nada. Um deles me disse alguma coisa como "isso é um aviso e vai ser o último". Ou coisa assim, pois comecei a ficar tonta. A cabeça estava rodando e logo depois desfaleci. Não me lembro de mais nada.

Passei as mãos pelos cabelos dela e disse que se acalmasse, não

pensasse mais em nada, em nada mesmo. E, para não sofrer, quando a Polícia chegasse, dissesse que não se recordava dos acontecimentos, de coisa alguma. Assim, seria mais fácil passar por tudo isso. Logo, iríamos para casa esquecer o que aconteceu.

— Certamente você foi assaltada, mas, por algum motivo, os assaltantes não levaram nada e nem ficaram com o seu carro — falei.

— Sério? Pode ter sido isso? Então, porque a história do "último aviso"? Não entendi essa fala. Só fez me deixar mais assustada.

— Essa era a intenção. O criminoso, o assaltante, o matador, é uma pessoa capaz do crime perverso. De matar e não sentir remorso depois. E uma das coisas que ele gosta de fazer é deixar a vítima com medo, lívida, desesperada. Isso faz com que ele sinta um prazer imenso. Eles devem ter notado o seu pavor e feito isso. Se a Polícia chegar até eles, vão querer se vingar. Se tudo ficar como está não procuram mais por você. Agora, diga uma coisa, caso queira, caso não a deixe constrangida. Eles a violentaram? Bolinaram? Geralmente, procuram fazer isso.

— Não, não fizeram. Sou mulher e saberia se tivesse sido estuprada. Nem nos meus seios colocaram as mãos. Vai ver, não queriam, por algum motivo. Sexualmente, tenho certeza, não aconteceu nada comigo.

— Então, você não se lembra de nada. A alta será dada logo e a gente passa uma borracha nisso. Agora, vou ter que ir fazer minha quimioterapia. Tem problema você ficar sozinha até eu voltar mais tarde?

— Não, de maneira nenhuma.

— Então, estou indo. Caso precise ou receba alta antes da minha volta, basta ligar para mim. Não vou desligar o smartphone hora nenhuma. Até lá, meu amor, procure se cuidar para sair logo desse hospital.

Saí. Passei pelo corredor e, ao final dele, o investigador me esperava. Cumprimentei-o e ele me perguntou se havia conversado com minha namorada, e o que ela havia dito. Quando falei que ela não se recordava de absolutamente nada, ele coçou a cabeça e falou: "Isso realmente acontece quando a vítima é entorpecida. Vou passar a informação para o doutor".

Avisei que estava saindo para minha quimioterapia e peguei o elevador para descer. Sentia-me tonto, com fome, um mal-estar danado. O que me mantinha em pé era a necessidade de passar naquela clínica, nem que fosse pela última vez, nem que fosse para mandar tudo às favas.

Dirigi com dificuldade. Minha cabeça rodava e as pernas tremiam no contato com o acelerador ou freio. Não sabia se isso se devia à doença ou à tensão do sequestro da Marly. Estacionei o carro normalmente, como sempre fazia, e me dirigi à Recepção. A moça de sempre me viu entrar e abaixou a cabeça novamente. Parei diante dela e disse pausadamente:

— Minha namorada foi sequestrada. Fiquei como um louco atrás dela, junto com a Polícia. Estou chegando aqui agora porque posso. Antes, não podia. Não estou bem, quero ver o médico e fazer a quimioterapia de ontem. Acabo de explicar porque não compareci. Somente essa noite no hospital vi as ligações não atendidas de vocês.

A moça continuou com o rosto para baixo. Mais pausadamente ainda, disse a ela:

— Posso ficar aqui em pé enquanto suportar, ou então dar uma porrada na sua cara. Um paciente no meu estado faz qualquer coisa. Mas, como sou um cara bom, legal, vou deixar que você escolha.

Ela disse simplesmente para que eu me sentasse, aguardasse e entrou para a área de medicação. Esperei por pouco tempo e logo surgiu a médica que sempre acompanhava as quimioterapias junto aos pacientes. Ela me pediu que a seguisse e indicou-me uma das posições de medicação para me sentar. Enquanto preparava os medicamentos, falou comigo:

— O doutor havia decidido não cuidar mais do senhor, indicar outro profissional, por conta das suas constantes faltas e outros problemas que não vou nominar. Mas, ao que parece, houve um sequestro na família e, nesses casos, a gente fica mesmo fora de foco. Já passei por algo parecido. Vou dando sua medicação enquanto falo com ele pelo telefone. Espere por favor. E procure não ameaçar mais nossa atendente. Ela apenas cumpre ordens.

Nada falei e a mulher saiu. Mais uma vez, corri os olhos pelo lugar e reparei as pessoas em tratamento. A maioria ficava em silêncio, cismando, como minha avó costumava dizer. Outras procuravam ler qualquer coisa. Algumas acompanhavam a administração das drogas torcendo para tudo acabar logo. Era comum ver gente com náuseas, enjoos, as duas coisas juntas. Ninguém procurava conversar com outro caso não fosse instado a isso. Nesses casos, pareceu-me, cada um respeitava o momento do semelhante. Ninguém invadia espaço ou dor alheia.

Quando a medicação estava para terminar, a médica acrescentou outra droga. Pediu-me para esperar mais um pouco e falou ter conversado com o médico responsável pelo tratamento. Fiquei lá mais tempo do que o normal, esperando que aquilo tudo terminasse. Ao fim, ela voltou a me procurar:

— O doutor ouviu sua história dita por mim e pediu para que, depois de amanhã, o senhor venha aqui novamente, às 14 horas, para avaliação e prosseguimento de seu tratamento. Não falte em hipótese alguma, por favor! Essa medicação de hoje, mais reforçada, vai causar algum mal-estar. Mas o senhor recebeu drogas para evitar o vômito e procure comer pastosos, pratos leves, até depois de amanhã. Ocorrendo imprevistos, ligue para o celular dele. E, caso vá agora ao hospital ver sua parente, evite gastar energias. Fazer força.

Agradeci e saí e passei pela recepção. Parei diante da recepcionista, peguei o papel com o dia e hora da consulta, balbuciei um "desculpe-me, por favor" e fui ao estacionamento buscar o carro. Queria chegar logo ao hospital para levar a Marly para casa. Essa, no momento, era a minha prioridade número um. Máxima! O que eu mais queria fazer.

Mesmo assim, dirigi com cuidado. Estacionei no hospital e, quando cheguei ao quarto que ela ocupava, encontrei-a já com a roupa no corpo e terminando de conversar com um médico que, vim saber logo em seguida, era seu ginecologista. Marly abriu um enorme sorriso ao me ver e, quase implorando, me pediu que a levasse para casa.

Disse que sim. O delegado, que se encontrava no local, cumprimentou-me protocolarmente e me pediu para enviar novidades, caso houvesse. Entendi o que ele queria e me prontifiquei em fazer isso. O ginecologista, por seu turno, recomendou repouso. O delegado falou novamente, dizendo que o carro dela estava em perícia, mas que faria o possível para concluir o procedimento logo, já que o registro de ocorrência fora feito no hospital mesmo, para facilitar a vida da paciente.

Agradeci a todos e saí com ela. Marly andava quase correndo e perguntei qual era a pressa, enquanto a gente assinava os papéis da alta para deixar o hospital. "No carro eu conto", respondeu. No caminho, constrangida, disse que quando os médicos que a atenderam lhe deram a alta, e um embrulho com roupas foi entregue a ela, faltavam as de baixo. Então, a enfermeira explicou que, na Emergência, essas roupas eram cortadas para o paciente ser atendido rapidamente. As roupas de cima não o foram porque foi possível retirar com um pouco de ajuda.

— Então, você está sem calcinha!

— Chato!

Chegamos e entramos no prédio. Cumprimentamos rapidamente os vizinhos na portaria e subimos. Eu a deixei em casa e lembrei-a da orientação de repouso. Disse que, também em função da minha "químio", tinha de dormir um pouco. Beijamo-nos e eu a ajudei a colocar um pijama antes de sair. Beijamo-nos de novo, demoradamente.

Quando bati a porta do meu apartamento, desliguei o celular. Sabia que teria uma tarde e uma noite muito ocupadas. Comi alguma coisa para me sustentar, tomei um banho reparador, engoli um novo comprimido contra náusea e enjoo e fui até a sala. Encontrei na gaveta a anotação do endereço residencial do Faxineiro, que havia anotado do verso de uma das correspondências dele. Em seguida, de uma gaveta que quase não abria, retirei o revólver que pertencera a meu pai. Municiei-o.

Em seguida, entrei no Google Maps e, através dele, localizei o ponto exato da casa do senhor Passos nos arredores de Jacaraípe. Desconectei

o computador da tomada de força, depois de gravar em pendrive o que já havia escrito do meu livro. Envelopei um maço de papéis com os trechos já escritos, e que vinham sendo impressos na minha impressora doméstica, para conferência, à medida que as páginas iam se sucedendo. Tomei uma dose generosa de uísque, consultei o relógio e me preparei para só sair de casa na hora oportuna. Não deveríamos esperar muito um pelo outro.

Olhei para as minhas mãos e as vi firmes. Não tremiam. A TV mostrava um seriado policial e me esparramei um pouco no sofá para ver direito. Trata-se de uma série da qual gostava e que caía bem àquela hora, nas circunstâncias em que me encontrava. Estava tranquilo.

Ainda liguei para Marly e vi que ela estava bem. Disse que continuasse descansando porque, no dia seguinte, a gente conversaria. Dissemos algumas frases de amor um ao outro e, depois, verifiquei que havia um torpedo na minha caixa postal. Era do Recursos Humanos da minha empresa, perguntando se queria sacar meu FGTS, já que a doença me dava esse direito. Eles fariam isso para mim. Respondi dizendo OK, sem pensar, de imediato, no que faria com a quantia. Pelos anos trabalhados, não era pouca coisa..

Desci pelo elevador com a CPU do computador e o envelope de papéis, sem fazer barulho algum. Coloquei tudo no banco do carona do carro e saí da garagem. Dirigi para Jacaraípe curtindo a noite estrelada. Na estrada quase deserta, afora alguns carros que entravam e saiam dos motéis da rodovia, podia curtir o final da luz que o farol emitia e via o negrume adiante. Passei por dois ou três ônibus e nada mais. O caminho estava deserto à noite, mesmo sendo Jacaraípe hoje uma região marcadamente residencial.

Tive dificuldade para encontrar, de cabeça, o lugar da moradia do cidadão, mas acabei localizando. Trafeguei pela rua de casas baixas, umas um pouco afastadas das outras e a maioria tinha todas as luzes apagadas. Naquela região, grande parte dos imóveis serve apenas para veraneio ou para os finais de semana mais prolongados. O Faxineiro deveria ser um dos

poucos moradores regulares daquele lugar afastado, mas bonito.

Na casa dele ainda não havia luz alguma. Como a rua terminava na avenida que dava para a praia, parei nela, a certa distância, em diagonal, o que me permitia ver a garagem com bom ângulo. Quando o carro chegasse para entrar não poderia fazer isso fora do meu campo de visão.

Desliguei o motor e as luzes. Liguei o rádio e fiquei curtindo MPB na programação da madrugada de uma FM. Música bem gostosa, em som estéreo, que me fez esquecer um pouco o mal-estar que estava sentindo desde que havia saído de casa para encontrar esse homem. Nem cogitei mudar de estação e fiquei cerca de 15 minutos embebido pela rádio antes de ver um veículo sair da avenida paralela à minha, virar à direita e entrar na rua.

Ele parou diretamente em frente ao portão, curvando para a esquerda. Apurei o olhar e vi, claramente, Passos saindo do carro, balançando um molho de chaves como quem cantasse, indo abrir o cadeado do portão. Fez isso e colocou o carro para dentro, voltando para fechar. Não olhou em volta e apenas sumiu na escuridão. Uma luz se acendeu e permaneceu acesa. Liguei o motor e rolei suavemente, bem devagar, até parar o carro em frente à porta da garagem. A rua estava deserta e meu veículo fechava a saída do dele.

Desliguei o motor. Abri a porta e peguei tanto a CPU quanto o grande envelope pardo. Fechei o carro, fui até o portão, localizei a campainha e toquei apenas uma curta vez. O homem dentro da casa falou alto "Um momento!" e depois "Quem é?" Respondi que era aquele senhor do livro e que queria falar com ele por alguns momentos. Houve silêncio. Devem ter passado cerca de dois minutos, tempo suficiente para que eu colocasse o revolver pequeno, de cano bulldog, dentro da meia na perna esquerda da calça, voltado para dentro e mais ou menos à mão.

Então, ele saiu. Andava lento, olhando fixamente para mim e num de seus bolsos havia um grande volume. Diria que um volume de alto calibre. Parou diante do portão e disse um "qual é a sua?" provocativo.

Mostrei-lhe a CPU, o envelope e disse que estavam comigo as razões da discórdia. Eu estava renunciando ao livro e queria entregar o material a ele. Estendeu a mão para receber, com o rosto fechado e tenso, mas eu disse que também queria cobrar pelo menos dois dos vários uísques da minha casa.

Mais uma vez ele parou. Ficou por um tempo pensando. Só então meteu a mão no bolso contrário do que levava o grande volume e abriu o portão. Saiu da frente e fez sinal para que eu entrasse. Quando passei por ele, esbarrou propositadamente em mim, checando se havia algo no meu bolso. Depois, na entrada da porta, novo esbarrão do outro lado. Só então me franqueou a entrada e me apontou um lugar para sentar.

Era uma sala de mau gosto. Nada nas paredes, mas uma profusão de poltronas e sofás, como se os colecionasse. Havia uma grande TV presa a uma das paredes e um imenso bar recheado de garrafas de bebidas. Por trás dele, o armário onde ficavam copos, abridores e outros artefatos. Antes mesmo de que eu tivesse tempo de colocar os objetos sobre a mesinha de centro, ele se virou para mim, sempre de forma abrupta, e perguntou:

— Como o senhor descobriu minha casa?

— Liguei para a lanchonete. Disse que precisava entregar um computador ao senhor, algo que o senhor encomendara e que queria em sua residência. Deram-me esse endereço. Parece que chegamos quase juntos.

— E quem foi o imbecil que deu meu endereço ao senhor?

— Não falou o nome.

— Mais tarde eu descubro.

Então, coloquei a CPU e o envelope sobre a mesinha de centro. Ele apenas olhou, mas não tocou em nada. Perguntou somente como poderia acreditar que tudo estava ali, sem ter havido cópia.

— Recebi seu recado. Foi uma mensagem clara. Cheguei à conclusão de que não tenho nada a ganhar com esse livro. Quero continuar vivendo minha vida. Viva o senhor a sua. Os fatos passados não podem ser mudados e, como foi dito, a Lei da Anistia acabou com todas as chances de reparação. O caso Brilhante Ustra mostra isso claramente. Vou encontrar

novo tema para escrever um livro, pois quero ser escritor. Posso tomar um uísque?

Ele foi até o bar. Sempre de frente ou de lado para mim, pegou copos, gelo e serviu dois deles com doses generosas de uma bebida 12 anos. Elogiei o gosto e tentei fazer um brinde tipo tim-tim. Ele se negou a estender o copo e sorveu a bebida. Fiz o mesmo e ele ficou olhando para a CPU. Disse que ligasse e olhasse e ele deu de ombros. "Faço logo mais" — encerrou o assunto.

Olhei para a porta que dava para a cozinha, quando ele tomava o último gole, e perguntei se havia alguma coisa para comer. Passos falou que havia cuscuz paulista sobre a mesa e sugeri que pegasse outra dose enquanto eu ia buscar a comida. Ele se levantou sem responder e andou em direção ao bar. Fui até a cozinha e notei que, dessa vez, ele havia dado as costas para mim. Peguei o cuscuz e trouxe para a sala, colocando na mesinha.

Tomei meu copo, ele o dele e falei então que havíamos, os dois, esquecido de pratos e garfos. Ele fez sinal para que eu ficasse sentado, levantou-se novamente e foi à cozinha. Tirei a arma da meia e a coloquei sob a nádega, praticamente me sentando sobre ela. Quando voltou e me serviu, comi um pedaço daquele cuscuz que era realmente maravilhoso. Disse:

— Vou ser absolutamente sincero: nunca na minha vida comi um cuscuz paulista tão bem feito. Um dia desses, procurei por receita na Internet e vi que há várias versões ou variações, seja lá como se diga. Eu não saberia nunca qual é a usada no Bar e Lanchonete Juparanã.

Ele então riu pela primeira vez desde minha chegada e disse que a receita eu jamais conseguiria. Era de família. Ele preparava em casa mesmo — e apontou para uma segunda cozinha nos fundos. Levava tudo pronto para o trabalho. Lá, só precisavam terminar o preparo e servir.

— É segredo como o Filé do Moraes? — perguntei.

— Parecido. Só que o Moraes é rico e eu não. Mas quero dizer uma coisa: está certo que conseguimos assustar o senhor. Fico feliz em saber que ainda tenho categoria. Bastou um aviso e tudo acabou. Isso me faz ver que

agora posso relaxar melhor.

— Pois é, tudo acabou!

Nesse exato momento, ele deixou cair ao chão um pedaço da comida, já que comia muito depressa. Abaixou-se para pegar e imediatamente peguei a arma. Estava cerca de dois metros distante dele e atirei duas vezes em sequência. Foi tudo tão rápido que ele só se retesou como quem leva um susto. O primeiro tiro perfurou a parede atrás de onde estava. O segundo, atingiu-lhe a têmpora direita

Saiu um grande jato de sangue do lugar perfurado, enquanto o corpo dele caía para o lado contrário. Foram mais dois jatos fortes, um mais fraco que os primeiros, e depois apenas sangue, que corria pelo rosto e molhava o chão onde o cadáver estava estirado. Morreu sem dizer "Ai", ao contrário dos que matava ou mandava matar.

Peguei na cozinha um pano, no qual embrulhei o copo usado. Coloquei nele também o prato de cuscuz e o garfo que utilizara, únicas coisas nas quais minhas mãos haviam tocado além da arma, que voltou para a meia, onde estava antes. Peguei o CPU, o envelope e abri a porta com o pano no qual enrolara as coisas.

Fechei-a atrás de mim, deixando a chave por dentro. Olhei em torno e vi que a rua continuava deserta. Na única casa onde havia uma luz acesa, ninguém chegou à janela. Entrei no carro, liguei o motor e fui embora. As estrelas estavam mais bonitas ainda. Tudo deserto à minha frente.

Dirigi devagar, bem devagar, o tempo todo. Principalmente quando passei pelo posto da Polícia Rodoviária Estadual. Cheguei ao prédio onde morava e estava tudo apagado, menos a Portaria. Fiz um cumprimento de cabeça ao porteiro, botei o carro na garagem e subi o elevador com tudo o que havia dentro do veículo. Preparei-me para dormir.

Ainda procurei ver se alguém havia telefonado para o meu celular. Nada. Coloquei o garfo já lavado junto aos meus, pois tinha alguns do mesmo modelo. Lavei o copo e o separei para descartar, porque não tinha outro igual. Coloquei o envelope no mesmo lugar de onde fora tirado antes

de todos os fatos da noite se sucederem e religuei a CPU do computador.

O revólver era uma arma sem registro, velha, e retornou ao mesmo lugar onde tinha sido largado nos últimos anos. Eu tinha tempo para pensar no que fazer dela. Diante do computador, deixei um bilhete para mim mesmo: "Trabalhar no livro, nem que seja dia e noite, até terminar todo o texto. Não deixar nada de fora".

Tomei outro banho e, literalmente, mergulhei na cama. Dormi quase imediatamente e, por incrível que pareça, a náusea e o enjoo haviam passado. Aliás, eu nunca sabia, com certeza, qual era um ou outro, pois os dois provocavam vômitos. Dessa vez dormi sem vomitar.

Epílogo

Quando acordei, notei claramente que a calma da véspera no meu organismo havia sido somente uma trégua. Fui direto para o banheiro vomitar. Vi que estava com febre forte, mas não queria procurar pelo médico antes da hora da consulta, no dia seguinte. Assim sendo, sem nem sequer tentar tomar café da manhã, sentei-me diante do computador e recomecei a escrever.

Marly apareceu na porta quando eu estava embalando. Parecia bem melhor, mas, como tinha cinco dias de licença médica, pediu para ficar na minha casa enquanto pudesse, porque tinha tido a informação de que a Polícia a procuraria para uma nova investida em busca de informações. Viu que eu estava escrevendo e me disse que continuasse, pois não iria atrapalhar. Pensava em se deitar um pouco na minha cama, com o que concordei.

Continuei a escrever normalmente, durante todo o tempo que pude. Ao notar que o texto havia caído de qualidade em função do esgotamento, parei. Levantei o corpo com dificuldade e vi Marly deitada na cama, com a saia erguida até pouco abaixo da calcinha. Foi então que percebi: ela não usava calça comprida. Pelo menos, que eu já tivesse visto.

Deitei-me ao lado dela e a abracei. Ela aceitou o abraço naturalmente

e ergui a saia dela. Estava cansado, passando mal e creio que, para ela, aquela situação também não era normal. Mas até me ajudou, tirando a própria roupa e a minha. Fizemos amor na minha cama com volúpia, se é que isso pode ser dito de duas pessoas que quase não se aguentavam em pé.

Quando fui tomar banho, depois de tudo, quase não me suportava na vertical. Vesti-me com dificuldades e me preparei para sair. Queria ver algumas coisas e uma era a possível dívida imobiliária da Marly referente ao apartamento dela. Beijei-a, deixei uma das minhas chaves com ela e lhe disse que ficasse lá o tempo que quisesse. Eu faria o possível para voltar logo e fazer companhia a ela. Na portaria, avisei que dona Marly havia ido passar alguns dias com familiares que moravam fora e essa era a informação que deveria ser passada a qualquer pessoa que a procurasse.

Saí mas voltei. Não conseguia dirigir. Deixei o carro na garagem e toquei para uma agência bancária onde o gerente era meu amigo. Contei a ele em rápidas pinceladas que estava muito doente e precisava de ajuda dele. Pelo computador, ficou confirmado que, quando da morte do marido, a minha namorada havia contraído uma dívida para enfrentar dificuldades.

O apartamento foi dado de garantia e o financiamento, embora em dia, continuava. Assinei todos os documentos autorizando a quitação da dívida com o saque do meu FGTS. Não me ocorria poder fazer mais por ela, mas o mínimo dado com amor, tinha certeza, marcaria a vida dela.

Peguei um novo táxi e fui até a gráfica de um amigo meu. Sentei-me com ele, que ficou penalizado em me ver naquele estado. Expliquei rapidamente a doença e disse que as chances de recuperação, talvez por culpa minha, eram remotas. Em seguida completei:

— Pretendo, nas próximas 24 horas, terminar um livro. Não vou parar nem que precise passar a noite em claro escrevendo e tomando remédios para me manter acordado. Terminado o texto, imprimo tudo e coloco num envelope, juntamente com um pendrive. Ele conterá todo esse texto. Vai precisar de revisão profissional, e de que você o termine, colocando nas últimas linhas data, local e horário da minha morte.

Ele tentou me interromper para falar alguma coisa, mas não deixei. Continuei:

— Nesse livro está uma história que vai deixar a você e a todos os que me conhecem estarrecidos. Mas não se julgue no direito de modificar o texto ou não publicar meu trabalho. Faça esse último favor a um amigo. Aliás, favor não, porque você vive disso e, dentro do envelope, estará um cheque capaz de cobrir todas as despesas. Use-o e não se atreva a dizer não.

Saí sem permitir que dissesse qualquer coisa. Quando cheguei em casa Marly estava terminando de fazer nosso almoço. Comemos e, em seguida, ela me pediu para liberá-la, pois precisava se encontrar com parentes que estavam terrivelmente preocupados com o acontecido. Disse a ela que fosse, e prometi que a avisaria de uma ocorrência, caso houvesse.

Tão logo minha namorada saiu vomitei todo o almoço e notei que a febre havia aumentado. Lutei com todas as minhas forças para continuar escrevendo. Encontrei esse ânimo sei lá eu onde, mas consegui praticamente terminar tudo antes de ter um desmaio e só recuperar a consciência quando era tarde da noite. Atendi a um telefonema da Marly anunciando que dormiria na casa de uma irmã. Desejei boa noite a ela e desmaiei na cama. No dia seguinte, terminaria o texto pela manhã e teria consulta médica à tarde.

Acordei tão ruim quanto estava antes. Tentei tomar café da manhã, mas vi que não conseguiria. Fui para baixo do chuveiro buscando retemperar minhas energias. Aproveitei que era cedo e recomecei meu trabalho. Diante do computador, escrevia lutando contra todos os sintomas e todos os efeitos colaterais da doença, aos quais se somavam agora dores.

Mas o trabalho fluía e senti que seria possível deixar tudo num ponto tão terminal quanto o meu com mais um pouco de esforço e graças ao fato de que havia adiantado muito o trabalho nos dias em que ainda tinha condições físicas para escrever sem problemas maiores, desenvolvendo um texto lúcido.

Marly ligou no meio da manhã. Estava com a irmã e iam a um

médico, para fazer um check-up antes de voltar para casa. Disse que estava trabalhando e também teria médico à tarde. Combinamos nos ver à noite na minha ou na casa dela. Rimos ao dizer "Tanto faz!" ao mesmo tempo.

Por volta do meio dia, totalmente esgotado, achei que meu trabalho estava terminado até onde poderia ir. Liguei a impressora, que felizmente tinha tonner e papel e deixei todas as laudas serem impressas normalmente. Passei o arquivo para o pendrive. Coloquei tudo no mesmo envelope pardo da véspera, só que, dessa vez, com um cheque no interior. Fechei com cola e, pela parte de fora, coloquei meus dados em um lado e os do dono da gráfica, bem maiores, do outro, inclusive e principalmente seus telefones, de trabalho, celular e o de casa.

Aos trancos, cheguei à garagem e vi que teria meios, ainda que mínimos, de dirigir. Levei o carro com cuidado. Curioso, passei com ele pela frente do Bar e Lanchonete Juparanã. Na porta principal, fechada, havia uma grande cartolina com um aviso escrito em grandes letras vermelhas. "Fechado por motivo de luto." Tive de rir: em letras vermelhas? Bem feito!

Tranquei o carro na garagem do prédio e peguei o elevador para o consultório do médico. Cheguei lá justamente na hora da consulta, logo eu, que gostava de chegar sempre antes da hora, e parei diante da recepcionista. Quando estendi para ela o papel com dia e hora do atendimento, tudo se apagou para mim, como uma televisão que é desligada.

A gente perde a noção das coisas nesses casos. Estava, quando recobrei a consciência, num ambiente branco, com pessoas de branco e luvas de borracha brancas nas mãos. Uma delas sorriu para mim e me disse para esperar um pouco. Fazer o quê, além de esperar? Meu médico chegou e sentou-se junto de mim. Colocou as mãos nas minhas antes de falar:

— Vamos transferir o senhor para um quarto onde ficará com pessoas das quais gosta. Resolvi suspender seu tratamento quimioterápico porque o organismo não responde mais a ele. Vamos tentar coisas alternativas e não perca as esperanças. Lembra-se de quando me perguntou sobre esses tratamentos? Imunoterapia? Ainda tenho munição para salvar sua

vida. Confie em mim e não entregue os pontos sem lutar!

Você passa pelos corredores com a maca sendo empurrada pelas pessoas. Entra num elevador que mais parece um funil para quem está deitado nela. Uma empregada do hospital, comprimida entre a maca e uma das paredes do elevador, reclamou que ele deveria ser mais largo.

— Tudo na vida deveria ser mais largo — disse eu enquanto ela se calava.

No quarto, fui passado da maca para a cama. Notem: maca e cama têm apenas sílabas invertidas. Uma deve ser prosseguimento da outra. Estavam lá, me esperando, alguns amigos, o delegado, minhas filhas e Marly, que tomou a dianteira. Agradeci a presença de todos, que me cumprimentaram segurando minhas mãos ou passando as mãos deles pela minha cabeça. O dono da gráfica apenas acariciou meu peito e disse um "está comigo". Isso me confortou mais do que tudo. Minha namorada então deu "cinco minutos" ao delegado para falar, porque o doente estava grave e ela queria ficar com ele sozinha o tempo todo.

— Meu caro, lamento vê-lo nessa situação. Mas vim aqui para uma coisa rápida: aquele sujeito que nós visitamos, e aos quais você disse algumas coisas enigmáticas, foi morto. Coisa de amador, que dá dois tiros, erra um a menos de dois metros de distância e, por pouco, não morre no lugar dele. Sabe alguma coisa sobre esse assunto que possa ajudar seu interlocutor?

— Não! Mas faça-me o seguinte: dentro em breve, deverá sair um livro meu. Coisa de memórias de minha vida pregressa porque, em pouco tempo, tudo em nosso caso vira pregresso. Compre um exemplar e leia. Tive uma certa atividade política ao longo dos anos, que gostaria que o senhor conhecesse. É sempre didático ler memórias. Já fez as suas?

Ele apenas agradeceu com a cabeça e, sem responder a nada, virou as costas e foi embora. Marly me disse que também iria gostar de ler o livro, mas depois virou as costas para chorar. Meu braço esquerdo estava tomado por tubos erguidos pelo "poste" que sustenta os soros e demais

medicamentos injetados nos pacientes nos hospitais e, como ela estava do mesmo lado, não pude dar-lhe um aperto de mão como queria. Foi ela quem falou:

— Por que, meu amor, encontrei minha dívida bancária paga?

— Por amor! — respondi.

Então, ela desabou e foi chorar no banheiro do quarto. Olhei em torno de mim e comecei a me lembrar de toda a vida. Uma vida que seria breve, mas tinha sido bem vivida. Quantos ficariam surpresos comigo? Quantos teriam vergonha? Quantos, orgulho? Quantos apenas diriam "Não pode ser verdade uma coisa como essa?" Senti uma incrível vontade de dormir, mas vi que estava desfalecendo. Tentei levantar a cabeça para chamar a Marly e não deu tempo. Foi como as cortinas de um teatro que se fecham. É igual ao fim da peça, ao cumprimento dos atores que então desaparecem.

oOo

Meu amigo da gráfica estava emocionado ao terminar de ler todo o texto. Ao final dele, colocou os dados que eu havia mandado botar quando lhe passei o material. Olhou para o cheque e o colocou na gaveta. Pensou alto:

— Meu Deus do céu! Que história terrível nós vamos contar!

Pelo interfone, chamou à sua sala três empregados. Passou a eles o material. Pediu ao primeiro uma revisão apurada e todo o sigilo do mundo. Ao segundo, o projeto gráfico. Ao terceiro, providências como papel, tintas e disponibilidade de máquina.

— Tenho pressa com isso, mas quero tudo perfeito. Não admitirei um único erro sequer.

Horas mais tarde, voltou do almoço. Sua intenção era chamar os três e perguntar pelo andamento do trabalho. Estavam lá. Cada um fez um

breve relato e, nos três casos, tudo corria bem. Então um, o revisor, falou:

— Chefe, o livro não tem título. O senhor tem ideia de qual coloco?

— O Faxineiro — respondeu sem pestanejar.

FIM

Álvaro José (dos Santos) Silva é capixaba de Vitória, jornalista profissional e escritor. Durante quase três décadas trabalhou em imprensa diária (jornal A Gazeta, Vitória) foi correspondente da revista Placar e da Folha de S. Paulo, além de ter desempenhado trabalhos de assessoria. Durante 12 anos teve, em sociedade com um amigo, empresa de assessoria e consultoria em Comunicação. É membro da Academia Espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Tem várias obras publicadas.

O Faxineiro é história escrita em primeira pessoa e se desenrola em São Paulo e Vitória. Um homem portador de doença mortal anda por Vitória e procura rever lugares onde cresceu. Com o auxílio da memória, documentos e recortes de jornais guardados, relembra o passado, sobretudo 1968 em São Paulo, onde participou de protestos contra a ditadura militar. Suas recordações passam pela morte por tortura de uma ex-namorada e dos horrores vividos por ela.

Um dia, passando sem programar por um bar e lanchonete de Vitória onde a especialidade da casa é o cuscuz paulista, ele repara pessoas estranhas no seu interior. Chaveiros com a marca do Esquadrão da Morte. Nota que o dono, sempre de cara fechada e controlando o caixa por detrás do balcão, tem uma fisionomia que talvez ele já tenha visto. Há quanto tempo? Em que circunstâncias? A resposta talvez esteja em 1968, mais de quatro décadas passadas.

O FAXINEIRO

Romance de
Álvaro José Silva

ISBN 978-85-61-06830-7

BPES
SECRETARIA DA CULTURA
ESPÍRITO SANTO
INSTITUTO SINCADES

Álvaro José Silva
O FAXINEIRO